





# Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

## 13

### **A conversão missionária da catequese**

**Debates e práticas sobre a relação  
entre a fé e o primeiro anúncio na  
Europa**

**Palavra de acolhimento** [13-14]

D. TOMAZ DA SILVA NUNES

**Palavra de abertura** [15-22]

ENZO BIEMMI

**A conversão missionária da catequese. A situação dos  
fiéis e os desafios da missão hoje na europa** [23-31]

D. JOSÉ DA CRUZ POLICARPO

**A conversão missionária da catequese. Uma provocação  
a partir do catecumenato** [33-54]

P. JORDI D'ARQUER I TERRASA

**A conversão missionária da catequese. O «primeiro  
anúncio» na comunidade cristã das origens** [55-71]

CESARE BISSOLI

**Escuta de experiências** [73-133]

GUIDO ERBRICH

JOËL MOLINARIO

MAURIZIO VIVIANI

ANNA KROLIKOWSKA

**Conclusões** [135-151]

SERENA NOCETI

DENIS VILLEPELET

ANDRÉ FOSSION





**Edição e Propriedade**

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Contribuinte: 501104038

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

Telef.: 21 885 12 85 / 21 886 35 11 Fax: 21 885 13 55

E-Mail: educacao-crista@sapo.pt

**Director**

Augusto Manuel Arruda Cabral

**Conselho de Redacção**

Tomaz Silva Nunes, Anacleto Oliveira, António Francisco dos Santos,  
António Marcelino, Maria Helena Pereira, Cristina Sá Carvalho, Jorge Paulo

**Sede da Redacção**

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

**Paginação e Montagem**

Ângela Baptista

**Tiragem**

1000 exemplares

**Condições de assinatura**

Número Avulso: 5 Euros

Assinatura Anual (3 números): 15 Euros

**Ideografia**

Aristides Dourado

**Nº de Registo**

124627

**Impressão**

GRÁFICA ALMONDINA

Zona Industrial

2354-909 Torres Novas

**Depósito legal**

221 724/05

*Esta revista encontra-se à venda em Livrarias Religiosas*

## Editorial

P. AUGUSTO CABRAL (\*)

Neste novo número da nossa Revista oferecemos-vos, cerca de um ano depois da sua realização, um exemplar de volume e idioma duplos, dedicado ao **Congresso da Equipa Europeia de Catequese** realizado entre 28 de Maio e 2 de Junho, em Lisboa, sob o tema: «**A conversão missionária da catequese. Debates e práticas sobre a relação entre a fé e o primeiro anúncio, na Europa.**»

O Congresso teve lugar na CONFHIC, Casa de Retiros das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, em Linda-a-Pastora. Registo este pormenor pois, para a realização dos trabalhos e a extraordinária experiência que pudemos viver durante estes dias, a colaboração desta comunidade, dotada, no seu conjunto e em cada um dos seus elementos, do mais genuíno e profundo espírito de acolhimento e hospitalidade, naquela qualidade suprema e permanente que só a vida no Evangelho outorga, teve um papel absolutamente determinante, que foi colocado à prova em todos os momentos, de todos os dias. Permitam-me, ainda, que siga esta linha de pensamento e, desta vez, mais do que introduzir-vos aos textos aqui contidos, como é costume fazer-se, os deixe falar sozinhos e, assim, me dedique ao registo histórico. Para que conste, como sói dizer-se.

O Congresso, de facto, começou em Setembro, com a visita de programação que nos fez Frei Enzo Biemmi, presidente da Equipa, e que, com o apoio inquestionável e imprescindível da Comissão Episcopal da Educação Cristã, reunindo-se connosco, preparou, com o Pe. Dr. Paulo Malícia e a Dr.<sup>a</sup> Cristina Sá Carvalho – organizadores efectivos – o programa.

Além das conferências e relatos de experiências locais que este volume regista, do Programa destacamos a visita a Fátima, tal como tinha sido sugerido

---

(\*) Director

no anterior Congresso de Graz<sup>1</sup>, em torno da mensagem estética e simbólica da Igreja da Santíssima Trindade, visita em que foi guia de excepção D. Carlos Azevedo, Bispo Auxiliar de Lisboa. O Bispo da diocese, neste caso, o Cardeal Patriarca de Lisboa, recebeu, para uma solene celebração, os membros da Equipa Europeia de Catequese na Igreja de S.Vicente de Fora, adjacente ao Mosteiro do mesmo nome, e onde estão instalados os serviços do Patriarcado de Lisboa. Antes do início da celebração foi-nos facultada uma visita guiada a esta jóia da arquitectura religiosa, dedicada ao Santo padroeiro de Lisboa, assim como ao museu adjacente, guiados pelo Cónego António Marim. Para a organização da celebração pudemos contar com a experiente ajuda do Pe. Alberto Matos Gomes.

Destacamos, igualmente, a hospitalidade dominical proporcionada pela Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes, da diocese de acolhimento, como é tradição, e que, situada num bairro novo de Lisboa, na Expo, e ainda estabelecida nas suas instalações provisórias, desenvolve um projecto ambicioso e inovador de pastoral missionária numa nova zona da grande Cidade e que ilustrou bem a problemática discutida durante o Congresso. Este projecto foi-nos apresentado, na sua vertente da catequese da infância e adolescência, não só pelo seu pároco, Pe. Paulo Franco, mas pelas catequistas responsáveis, sem esquecer as soluções experimentadas ao nível do catecumenado da infância. Também pudemos participar num jantar-arraial, organizado pela comunidade paroquial como instrumento de recolha de fundos para as obras de construção do templo que se avizinham.

Neste volume encontramos os textos das comunicações apresentadas, tanto numa versão em português como numa versão em inglês. Neste momento preparam-se, igualmente, as suas edições em francês, castelhano, italiano, alemão e holandês. O primeiro texto corresponde à palavra de acolhimento do Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã, D. Tomaz Silva Nunes, Bispo Auxiliar da Diocese de Lisboa, seguida da comunicação dos pressupostos e objectivos que levaram à organização desta edição do Congresso da Equipa Europeia de Catequese, dirigida aos participantes e organizadores pelo Presidente da Equipa, Frei Enzo Biemmi.

A primeira conferência, «*A conversão missionária da catequese. A situação e os desafios da missão, hoje, na Europa*» foi proferida por D. José da Cruz Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa, sob a perspectiva de uma abordagem cultural da problemática referida, ancorada na sólida experiência do conferente

---

<sup>1</sup> Revista *Pastoral Catequética*, «A religiosidade popular», nº 10 – Abril de 2008.

e na sua sempre sugestiva perspectiva das realidades, especialmente das que resultam do subtil e complexo confronto da cultura, em geral, com a cultura e mensagem religiosa cristã, em particular. A segunda conferência, «*A conversão missionária da catequese. Uma provocação a partir do catecumenato*», proporcionou-nos uma reflexão catequética, plena de sugestões pedagógicas e críticas reapreciações das práticas correntes, e foi proferida pelo Pe. Jordi d'Arquer i Terraza (Sant Feliu del Llobregat, Barcelona). A terceira conferência esteve a cargo do Pe. Cesare Bissoli (Roma), «*A conversão missionária da catequese. O «primeiro anúncio» na comunidade cristã das origens*», que nos proporcionou uma abordagem bíblica, sólida e inovadoramente alicerçada nos exímios estudos a que se tem dedicado.

Todas estas conferências proporcionaram uma estimulante e profunda troca de impressões entre os conferentes e os participantes do colóquio, diálogos que se reflectem, de algum modo, nas sínteses finais dos três observadores previamente designados, a saber: André Fossion, a quem Enzo Biemmi pediu para permanecer atento, durante o congresso, à questão, teórica, de como é que o estatuto tradicional da catequese é modificado pela exigência do “primeiro anúncio” e em que sentido ocorre essa modificação; Denis Villepelet reflectiu sobre como as práticas do primeiro anúncio estão a modificar o estatuto tradicional da catequese; também procurou identificar, nas práticas, quais as constantes e as diferenças, e aquilo a que as últimas nos convidam a estar atentos; finalmente, a Serena Noceti foi pedido que reflectisse a discussão em termos das condições a realizar para tornar possível esta mudança da catequese num sentido missionário: sobretudo, que visão da Igreja reclama e que reformulação da comunidade eclesial exige um retorno ao primeiro anúncio como epicentro da pastoral catequética.

E, ainda, pudemos ouvir e partilhar quatro grandes relatos de quatro diversificadas e eloquentes experiências locais, aquela particularidade organizativa que os congressos da Equipa sempre colocaram em relevante acção: na Alemanha de Leste (Guido Erbrich), em França (Joël Molinario), em Itália (Maurizio Viviani) e na Polónia (Anna Krolikowska).

A partir de todos estes trabalhos, do convívio informal e da troca de impressões que sempre foram tendo lugar, o convite inicial de Enzo Biemmi, para que procurássemos encarar este encontro “mantendo um equilíbrio entre as suas três dimensões: a das relações, a da reflexão teórica e a da observação da prática e, por fim, – em nada secundária – a da experiência da igreja que nos é dada para viver juntos”, foi plenamente atingido. Realmente, todos os que

participaram puderam experimentar o apreço e a estima mútuas “que reflectem que são em primeiro lugar crentes e que vivem num tempo de graça «in ecclesia»”, pois o desejado equilíbrio entre estas três dimensões foi atingido plenamente e, por isso, os textos que agora vos apresentamos, reflectem que foram encontradas, para as expressivas interrogações teóricas, previamente definidas, “as mais significativas respostas.”

Desde o primeiro momento da preparação e organização deste Congresso me uni, pessoalmente, e com a equipa do Secretariado Nacional da Educação Cristã, ao desejo formulado pela Direcção da Equipa de, “na esperança de que possamos oferecer-nos uma ajuda no dever fundamental que nos interessa e nos motiva: o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo nesta cultura que amamos como nossa, e que aceitamos servir pela nossa contribuição de humanidade e de fé.” Mesmo que não tivesse presenciado a avaliação final, em plenário, realizada por todos os participantes, saberia, pelo que presenciei, ouvi e proferi, que essa grande meta foi, aqui, alcançada.

E termino com as palavras do Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã, proferidas na sessão de abertura, para que estas acompanhem a vossa leitura, que desejo proveitosa e feliz, pois não são palavras úteis, apenas, a catequetas e especialistas de pedagogia e psicologia da educação religiosa, mas para todos os que estão envolvidos na catequese quotidiana: “Creio que a «conversão missionária da Catequese» requererá, à partida e sempre, a conversão a Jesus Cristo e ao Seu Evangelho, dos pais, dos pastores, dos catequistas e dos demais educadores cristãos. E tem de contar, de forma indivisível, por parte de todos eles, com o amor e a fidelidade à Igreja, traduzidos numa vivência de comunhão na oração, na escuta da Palavra, na frequência dos sacramentos e na fidelidade à doutrina.”

Deste Congresso, muito se esperou, da qualidade certa dos conferencistas e da riqueza da partilha de experiências expectável, oportunidade para abrir novos caminhos de uma catequese missionária. E tal como D. Tomaz Nunes nos sugeriu, ele foi, realmente, vivido “com entusiasmo e esperança.”, como uma oportunidade, também, para «dentro do possível, ... conviver e apreciar esta bela cidade de Lisboa e a sua Igreja diocesana, que, sob a orientação lúcida do seu Pastor, o Cardeal-Patriarca D. José Policarpo, quer persistir em “fazer da evangelização a expressão e o anúncio da caridade”». Votos de uma excelente leitura, caras amigas e caros amigos, e que possa ela prolongar-se numa acção missionária válida e criativa, à luz da mensagem, sempre nova, do Cristo que seguimos.







## Palavra de acolhimento

D. TOMAZ DA SILVA NUNES (\*)

Excelentíssimos participantes no Congresso de Lisboa  
da Equipa Europeia de Catequese,  
Senhores e Senhoras,

Portugal, situado na ponta ocidental da Europa e à beira do Atlântico, é uma encruzilhada e um espaço de acolhimento de gentes, em deslocação ou em vista de fixação, movidas por múltiplos interesses: geralmente, em busca de melhores condições de vida ou de realização profissional, para investir ou negociar, e com fins turísticos. Lisboa é um grande centro onde estes cruzamentos se concentram.

Tradicionalmente, país de emigração, Portugal tem sido, nas últimas décadas, um dos países europeus mais afectados pela chegada de um surto de imigrantes, provenientes de todos os continentes, que procura integrar.

O acolhimento dos estrangeiros, o diálogo e a partilha de experiências, e o encontro de diversas culturas constituem, tanto no campo civil, em geral, como na vivência das comunidades cristãs, características marcantes do nosso ser e do nosso agir, da nossa forma de estar no mundo.

É, pois, com muita honra e alegria que, em nome de Sua Eminência o Cardeal-Patriarca de Lisboa, acolhemos a Equipa Europeia de Catequese.

Há, precisamente, dez anos, nesta mesma casa, teve lugar o VIII Fórum Europeu do Ensino Religioso Escolar, promovido por um grupo, também de carácter privado, que envolve representantes das organizações eclesiais do Ensino Religioso Escolar, especialmente das dioceses das capitais europeias, e especialistas de renome.

---

(\*) Bispo auxiliar de Lisboa. Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã.

Hoje, temos connosco, este outro grupo europeu, para tratar da Catequese, uma matéria que, sendo distinta do Ensino Religioso Escolar, lhe é complementar.

A proposta de tema geral para este Congresso – “A conversão missionária da Catequese” –, é da maior oportunidade e acutilância para a Igreja, na Europa de hoje. Na verdade, são múltiplas as dificuldades com que nos deparamos e diante das quais nem sempre conseguimos responder de forma pronta e adequada, por carências de preparação dos agentes de pastoral e de subsídios pastorais adequados.

As mutações culturais de uma Europa profundamente secularizada e os novos desafios que se lançam a uma Igreja que se quer fiel à sua essência missionária; a fragilidade e desresponsabilização de muitas famílias no campo da educação e da transmissão da fé; as múltiplas situações de quem se abeira da Igreja para pedir o Baptismo; a diversidade de caminhadas dos cristãos, na fé, e de necessidades formativas; o abandono de muitos adolescentes e jovens no decurso do itinerário catequético da iniciação cristã; e a ausência de fidelização de muitos dos que celebram os sacramentos da iniciação cristã, são alguns dos desafios que requerem respostas da Igreja, urgentes e inovadoras.

A este propósito, ainda recentemente, o Santo Padre Bento XVI, no discurso aos Bispos portugueses na visita *ad limina*, interrogava-os sobre a oportunidade de verificar “a eficácia dos percursos de iniciação actuais”, face ao crescimento do número “cristãos não praticantes”. É uma questão que ultrapassa largamente as nossas fronteiras e que o Papa já tinha introduzido na Exortação Pós-Sinodal *Sacramentum caritatis* (n. 18).

Creio que a “conversão missionária da Catequese” requererá, à partida e sempre, a conversão a Jesus Cristo e ao Seu Evangelho, dos pais, dos pastores, dos catequistas e dos demais educadores cristãos. E tem de contar, de forma indivisível, por parte de todos eles, com o amor e a fidelidade à Igreja, traduzidos numa vivência de comunhão na oração, na escuta da Palavra, na frequência dos sacramentos e na fidelidade à doutrina.

Deste Congresso, muito se espera, da qualidade dos conferencistas e da riqueza da partilha de experiências que estão já a abrir novos caminhos de uma catequese missionária. Vivei-o com entusiasmo e esperança. E aproveitai, dentro do possível, para conviver e apreciar esta bela cidade de Lisboa e a sua Igreja diocesana, que, sob a orientação lúcida do seu Pastor, o Cardeal-Patriarca D. José Policarpo, quer persistir em “fazer da evangelização a expressão e o anúncio da caridade”.

# Palavra de abertura

ENZO BIEMMI (\*)

É com grande alegria que declaro abertos os trabalhos do congresso EEC. Trata-se de um encontro que conheceu uma longa história, começada em 1950. Durante este tempo, tornou-se a ocasião de encontros entre responsáveis dos Centros e Institutos europeus de catequese e entre os principais representantes das diferentes nações europeias comprometidas na reflexão e na acção catequista.

## **1. O tema do Congresso: uma preocupação comum nas igrejas e na reflexão catequética europeia.**

O nosso Congresso aborda um tema que, na fase de preparação, formulámos desta forma:

«A problemática da «proposta da fé» tornou-se central na reflexão e na prática catequista. Ela diz respeito à mudança de paradigma da catequese. A cultura ocidental saiu definitivamente do regime de cristandade, no interior do qual a fé cristã coincidia com a pertença social: ser um bom cidadão significava ser um bom cristão, e vice-versa. A lógica e o dispositivo da transmissão da fé, em tal contexto, fazia-se por osmose, por uma espécie de «banho sociológico».

No interior de uma cultura pluriétnica e plurireligiosa, que considera a liberdade e a realização pessoal como valores indiscutíveis, a fé cristã já não é uma aquisição. Ela só pode ser da ordem da liberdade e da escolha. A catequese tradicional especializou-se em «alimentar a fé», uma vez que já lá estava. Ela é quase impotente a «propor a fé». A dinâmica da «proposta

---

(\*) Irmão pertencente à Congregação dos Irmãos da Santa Família, licenciado em Pastoral Catequética no ISPC de Paris, doutorado em Teologia no Instituto Católico de Paris e doutorado em História das Religiões e Antropologia religiosa na Sorbonne. É director do Instituto Superior de Ciências Religiosas de Verona e, desde 2006, presidente da Equipa Europeia de Catequese.

de fé» ou do «primeiro anúncio» pede aos cristãos e aos catequistas uma nova lógica, atitudes e competências inéditas.

O novo contexto cultural europeu de liberdade pode constituir uma oportunidade para um novo cristianismo, um cristianismo não de marca sociológica, mas da ordem da graça e da liberdade. Isso pede uma nova capacidade de testemunho e de proposta por parte da comunidade cristã. E pede à catequese para recuperar a sua dimensão missionária originária.

O tema da «proposta de fé» ou do «primeiro anúncio» numa perspectiva missionária está carregado de objetivos teológicos, catequéticos e pedagógicos que merecem uma reflexão vigilante».

O tema da “conversão missionária da catequese” está no centro das preocupações eclesiais e da reflexão catequética actual.

a) Ao nível da Igreja universal, o tema da “nova evangelização”, querido a João Paulo II, teve um momento fundamental no Jubileu do ano 2000 e recebeu um impulso determinante na Carta apostólica *Novo millennio ineunte*, com a seu convite fortemente evocador a “envolver-se” (*Duc in altum*), a comprometer-se por uma nova evangelização e uma inculturação da fé.

Ao nível das Igrejas europeias, podemos referir em particular o grande compromisso do episcopado francês com o conteúdo da *Lettre aux Catholiques de France* (1997)<sup>1</sup> e as orientações inovadoras do *Texte National pour l'orientation de la catéchèse en France* (2006)<sup>2</sup>, texto que pede a formação de comunidades missionárias, que coloca no centro do anúncio o mistério da Páscoa, presente na iniciação cristã como um percurso teológico e pedagógico fundamental.

No mesmo ano de 2008, os Bispos da Bélgica publicam um importante documento para a renovação da catequese: *Devenir adulte dans la foi. La catéchèse dans la vie de l'Eglise*<sup>3</sup>, que coloca o primeiro anúncio como

---

<sup>1</sup> OS BISPOS DA FRANÇA, *Proposer la foi dans la société actuelle. Lettre aux catholiques de France*, Paris, Cerf 1997; trad. it.: I VESCOVI DI FRANCIA, *Proporre la fede nella società attuale. Lettera ai cattolici*, Torino-Leumann, Elledici 1998.

<sup>2</sup> CONFÉRENCIA DOS BISPOS DE FRANÇA, *Texte national pour l'orientation de la catéchèse en France, et principes d'organisation*, prefácio do cardeal Jean-Pierre Ricard, Paris, Bayard – Cerf - Fleurus-Mame 2006.

<sup>3</sup> OS BISPOS DA BÉLGICA, *Devenir adulte dans la foi. La catéchèse dans la vie de l'Eglise*. Série “Déclarations des évêques de Belgique”, n. 34, Bruxelas; ID., *Volwassen worden in geloof. Catechese in het leven van de kerk*. Reeks Verklaringen van de bisschoppen van België, nieuwe reeks, n. 34, Bruxelas, LICAP.

base de toda a acção catequética, seguido do convite a um diálogo positivo com a cultura actual, contido no documento *Ne savez-vous pas interpréter les signes des temps?* (2007)<sup>4</sup>.

Uma inspiração e uma intensidade análogas encontram-se na caminhada do Episcopado italiano, inspirado nas orientações pastorais para a década 2001-2010, reunidos no documento *Comunicare il vangelo in un mondo che cambia* (2001)<sup>5</sup>, concretizados por três notas sobre a iniciação cristã e pelo documento sobre a visão missionária da paróquia, e que finalmente culminam na nota pastoral sobre o primeiro anúncio *Questa è la nostra fede* (2005)<sup>6</sup>.

Os dois últimos planos pastorais do Episcopado espanhol vão na mesma direcção: eles insistem na necessidade do primeiro anúncio e na prioridade que deve ter uma catequese iniciática.

Citemos, para terminar, o documento dos Bispos alemães *A catequese num mundo em mudança (Katechese in veränderter Zeit)*, do ano 2004, que reafirma a necessidade de uma concentração fundamental na dimensão missionária da catequese; ele convida a uma ultrapassagem da distinção clássica entre catequese e primeiro anúncio.

Poderíamos continuar a recensão dos documentos dos diferentes episcopados que nos faria ver entre eles uma inspiração comum de tipo missionária, uma inspiração que vai para além das igrejas europeias e que foi recentemente confirmada pelo Episcopado latino-americano no importante documento de Aparecida.

A reflexão catequética dos últimos anos, sustenta, pela sua parte, e inspira frequentemente as orientações pastorais dos diferentes episcopados. Podemos recordar em particular, o eco notável que tiveram os congressos do ISPC, e, em primeiro lugar, o de 2003, *La catéchèse en pleine mutation*. O centro *Lumen Vitae* festejou recentemente os seus 50 anos de existência num congresso intitulado *A société plurielle, transmission nouvelle*, que se revelou ser um momento estimulante de síntese e de prospectiva para o trabalho catequético actual. A reflexão destes dois centros europeus (ISPC e Lumen Vitae) é certamente a mais significativa hoje na Europa, mas ela não está isolada. O trabalho noutros Institutos de catequética e a reflexão

---

<sup>4</sup> OS BISPOS DA BÉLGICA, *Ne savez-vous donc pas interpréter les signes des temps?* (Cf. Mt. 16, 3b). Bruxelas, LICAP, 2007.

<sup>5</sup> CEI, *Comunicare il Vangelo in un mondo che cambia. Orientamenti pastorali dell'episcopato italiano per il primo decennio del 2000*, 29 giugno 2001.

<sup>6</sup> COMMISSIONE EPISCOPALE CEI PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, *L'ANNUNCIO E LA CATECHESI, Questa è la nostra fede. Nota pastorale sul primo annuncio del Vangelo*, 15 maggio 2005.

de diversas Associações de catequese continuam à volta das mesmas tomadas de consciência fundamentais, que podem resumir-se no tema da conversão missionária da catequese. O tema da “proposta da fé”, da passagem de uma catequese ‘de enquadramento’ a uma catequese ‘de engendramento’, a exigência de uma “mudança de paradigma da catequese”, tornando-o missionário, na catequese e o tema do “primeiro anúncio”, são a partir de agora familiares e tornaram-se na base da nossa gramática de comunicação entre catequetas e responsáveis da catequese.

## **2. A necessidade de uma clarificação teórica: voltar a questionar o estatuto tradicional da catequese**

A reflexão do nosso Congresso insere-se neste vivo quadro de mudança, com a consciência do que exprime Henri Deroitte: “As coisas mudam um pouco por todo o lado. A forma de fazer a catequese ainda não evoluiu de maneira significativa no mundo ocidental, mas constatamos que está a evoluir”.

Queremos, enquanto catequetas e responsáveis da catequese dar a nossa contribuição para a reflexão, em primeiro lugar sobre a necessidade de uma clarificação teórica. Como definimos o termo “primeiro anúncio”?

Para tornar o nosso trabalho mais eficaz, podemos formular, sobre esta interrogação, uma primeira hipótese de trabalho. O *Directório Geral da Catequese* de 1997 distingue três funções no ministério da Palavra: o apelo à fé; a iniciação; a educação permanente da fé. A primeira função de apelo realiza-se, segundo o documento, através do primeiro anúncio (n.51). A catequese é, então, em princípio, distinta do primeiro anúncio, já que “ela desenvolve e leva à maturidade a conversão inicial”. Mas o documento introduz de seguida uma precisão: a catequese, no contexto actual, deve com frequência manter uma tarefa missionária (52). Falamos, então, de “catequese kerigmática” (61). O DGC afirma, em conclusão, que “as fronteiras entre as duas acções não são facilmente definíveis” (62). Para confirmar esta hesitação terminológica, podemos retomar o que dizem os Bispos da Bélgica. No documento *Devenir adulte dans la foi* eles afirmam que «claramente falando, este primeiro anúncio é diferente da catequese», mas um pouco mais abaixo, eles devem admitir que «o que frequentemente na nossa prática pastoral chamamos catequese deveria antes ser chamado primeiro anúncio» (24). Os mesmos Bispos, na sua recente carta pastoral «Grandir dans la foi» (2007) dão mais um passo: «este primeiro anúncio – afirmam – não é apenas importante no início da vida da fé, no seu começo.

Como se o Evangelho, de seguida, não nos devesse tocar mais pela novidade radical!», e eles concluem que catequese e primeiro anúncio permanecem estreitamente ligados entre eles, um supõe o outro e contém-o sempre. Por último, no *Texte National* dos bispos franceses, dizemos que «Este anúncio é chamado “primeiro” porque ele apela à crença e conduz ao começo onde vai ser possível uma conversão».

Podemos, então, formular esta hipótese. A noção de catequese sofreu uma deslocação semântica relativamente à sua função tradicional. Essa deslocação veio seguida de três passagens: a sua distinção do primeiro anúncio, que a situa num tempo posterior; a sua colocação ao lado do primeiro anúncio, que a situa como distinta mas paralela; a sua conotação qualitativa que a situa no interior do primeiro anúncio. Passámos, então, de uma concepção espacial-linear da relação catequese/primeiro anúncio (que a distingue na base do seu tempo de intervenção) a uma concepção qualitativa, circular, que tende a torná-los co-presentes, enquanto que em cada situação e tempo da vida, mesmo após a conversão, ela necessitou de um primeiro anúncio e, logo, de uma catequese que podemos definir globalmente “kerigmática”, ou seja, que mantém como objectivo primário e como finalidade última a proposta da fé e o convite à conversão.

O título do nosso Congresso coloca-se com decisão nesta linha. Queremos compreender, através do aprofundamento do tema do primeiro anúncio, em que sentido a catequese deveria assumir pela sua conta a dimensão missionária. As três conferências de base ajudar-nos-ão neste percurso.

Sua Eminência o Cardeal Policarpo chamar-nos-á a atenção para as condições de evangelização na actual cultura europeia. Jordi d'Arquer dir-nos-á como é que, do seu ponto de vista, o catecumenato pode constituir um interlocutor fecundo da catequese, ajudando-a a assumir uma lógica mais iniciática. Pedimos a Cesare Bissoli para nos ajudar a visitar a prática do primeiro anúncio da comunidade primitiva, como ela nos é apresentada pelos textos do Novo Testamento. A atenção ao contexto cultural em mudança, a visita renovada das fontes bíblicas e a exploração da prática eclesial dos primeiros séculos, parecem-nos ser pistas úteis para o nosso trabalho.

A hipótese formulada pede para clarificar de novo o estatuto da catequese sem a dispersar no nada e tornando-a atenta à nova situação cultural e aos novos desafios.

### 3. A utilidade de uma observação atenta da prática eclesial

Uma segunda contribuição que queremos fazer a esta obra aberta da catequese é aquela que vem da partilha e da observação crítica das experiências de primeiro anúncio que se fazem nos nossos diferentes países.

O tema que abordamos não é apenas e primeiramente teológico: ele diz respeito à prática da evangelização da Igreja. Ora, a prática do “primeiro anúncio” é, sob vários aspectos, inédita numa Europa de cristandade milenar. Estamos convencidos de que quando a Igreja é confrontada com desafios inéditos a propósito do seu dever primário de evangelização, ela não resolve estes desafios sentando-se num escritório, reflectindo e produzindo documentos. Estamos convencidos de que o Espírito tem sempre um passo de avanço sobre ela, e que ele realiza já no tecido cristão muito mais do que ela consegue alcançar com a sua reflexão. Por outras palavras, pensamos que na Europa as práticas de “primeiro anúncio” estão já em acção há um certo tempo, mesmo se falta uma verdadeira monitorização e uma reflexão sistemática sobre elas. Queremos, então, aprender olhando de forma crítica a prática observada: em França (Joël Molinario), na Itália (Maurizio Viviani), na Polónia (Anna Krolikowska), na Alemanha de Leste (Guido Erbrich).

Podemos formular uma segunda hipótese a propósito da prática eclesial. Podemos supor que as práticas de “primeiro anúncio” são diversificadas e que elas procuram soluções e formas diversas segundo as diferentes situações. Poderíamos parafrasear *para a Europa plural, um “primeiro anúncio” plural*. De facto, mesmo num contexto com os elementos transversais comuns, as diferenças ficam bem marcadas entre áreas ainda conotadas com uma forte tradição cristã, áreas onde aparece um processo de «*extraculturação*» da fé, áreas nas quais, durante longos anos a fé cristã ficou em estado de clandestinidade e a ser exposta ao contexto pós-moderno sem ter tido o tempo necessário à meditação.

### 4. Questões que nos podem ajudar a reflectir

Para tornar mais eficaz o trabalho neste congresso e na base de dois objectivos indicados (clarificação teórica e observação crítica da prática), podemos inscrever no tema três questões capazes de nos ajudar a proceder de forma ordenada.



Pedimos a três participantes para nos ajudarem a recolher, no fim dos trabalhos, os problemas e os elementos de resposta à volta destas três questões.

- a) Como é que o estatuto tradicional da catequese é modificado pela exigência do “primeiro anúncio”? O que é que nós somos quando nos colocamos sob este termo? A deslocação semântica indicada acima é real? Em que sentido?

Pedimos a André Fossion para permanecer atento durante o congresso, a este esclarecimento teórico, e para nos dar, na fase de conclusão, algumas das suas reflexões enquanto primeiro de três observadores.

- b) As práticas do primeiro anúncio estão a modificar o estatuto tradicional da catequese. A diferenciação da prática é verdadeira?

Nas práticas, quais são as constantes e as diferenças? A que nos convidam elas a estar atentos?

Pedimos a Denis Villepelet, segundo observador do congresso, para nos devolver, no final dos nossos trabalhos, algumas indicações que se destacam das práticas actuais e que nos convidam a não encerrar as nossas escolhas no interior dos nossos limites territoriais e a aceitar deixarmo-nos instruir pelas experiências do próximo.

- c) A terceira questão diz respeito às condições a realizar para tornar possível esta mudança da catequese num sentido missionário. *Que visão da Igreja exige o “primeiro anúncio”? Porque é que ela reclama uma reformulação da comunidade eclesial, e em que sentido?*

Pedimos a Serena Noceti, eclesiológa, para nos entregar, no final dos trabalhos, enquanto terceiro observador, as suas convicções em consideração à mudança necessária da comunidade eclesial se ela quer verdadeiramente assumir uma prática catequética de primeiro anúncio.

### **Reunião ou Congresso?**

Como devem ter notado, mantive até agora, a denominação tradicional de encontros da EEC, um Congresso.

“Congresso” dito reunião de pessoas que se encontram, se conhecem, trocam as suas experiências. Foi tal o estilo e o objectivo dos encontros da EEC desde os seus inícios. Ao mesmo tempo, nestes últimos anos, aumentou a exigência destes encontros que nos ajudam a aprofundar a nossa reflexão. De facto, os últimos Congressos viram uma passagem em gradação do Congresso tradicional para colóquio, sem perder, no entanto, o sentido e o valor dos ‘reencontros’. O meu convite, que dirijo a todos, é de

### *Palavra de abertura*

encarar este encontro mantendo um equilíbrio entre as suas três dimensões: a das relações, a da reflexão teórica e a da observação da prática e, por fim, – em nada secundária – a da experiência da igreja que nos é dada para viver juntos. Estamos aqui como pessoas que se apreciam e se estimam reciprocamente, que reflectem juntas, que são em primeiro lugar crentes e que vivem num tempo de graça “in ecclesia”. Penso que o equilíbrio entre estas três dimensões constitui a condição para que as nossas interrogações teóricas encontrem as respostas mais significativas.

Esse é o meu desejo, na esperança de que possamos oferecer-nos uma ajuda no dever fundamental que nos interessa e nos motiva: o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo nesta cultura que amamos como nossa, e que aceitamos servir pela nossa contribuição de humanidade e de fé.

# **A conversão missionária da catequese. A situação dos fiéis e os desafios da missão hoje na Europa**

D. JOSÉ DA CRUZ POLICARPO (\*)

## **I – A dimensão missionária da Evangelização**

1. Num sentido geral, toda a acção apostólica da Igreja é missionária, porque é fidelidade à missão recebida do Senhor. João Paulo II, ao propor o desafio de uma nova evangelização, atribui-lhe as grandes características de toda a fidelidade à missão: um novo ardor, criatividade nos métodos, e capacidade de se dirigir aos homens concretos, o homem de hoje, no seu enquadramento cultural.

Mas na evolução semântica da linguagem religiosa, a palavra «missionária» caracteriza o anúncio do Evangelho em quadros culturais e sociais não marcados pela visão cristã do homem e da vida, e onde a adesão ao projecto de Jesus Cristo, em Igreja, não é apoiada pela cultura ambiente, o que supõe rupturas culturais. Este significado da palavra «missionária» resulta de uma visão da sociedade cujo quadro cultural estava fortemente marcado pela visão cristã do homem e da vida humana, e a catequese coincidia espontaneamente com o processo educativo no seu conjunto.

Este quadro cultural da cristandade, se é verdade que existiu na Europa, hoje já não existe. E isso constitui o grande desafio que hoje se apresenta na Europa à evangelização e à catequese: desligar-se de um quadro de cristandade e anunciar a fé e construir a Igreja num quadro cultural cujos valores e compreensão da vida já não se identificam com a perspectiva cristã.

A sociedade já não se identifica com a Igreja e esta não deve ceder à tentação de condenar radicalmente a sociedade. Seria uma manifestação de um poder sobre a sociedade que a Igreja já não possui. Ela deve formar

---

(\*) Cardeal Patriarca de Lisboa.

os cristãos para que eles vivam nesta sociedade de forma construtiva, como o «fermento na massa», acreditando na capacidade transformadora da autenticidade cristã, e atentos à convergência possível entre os valores cristãos e os valores da sociedade concreta. Mais do que isso, deve formá-los para que saibam que as sociedades e as culturas podem evoluir e transformar-se e que o cristianismo vivido é uma força de transformação. Na formação dos cristãos, o desafio que se apresenta à Igreja é o desafio da autenticidade cristã, que não condena a sociedade, nem toma uma atitude que poderia ser interpretada como manifestação de um poder perdido. Uma Igreja viva, que aposta na autenticidade evangélica dos cristãos na vida concreta dos membros da sociedade, é uma força de humanização, e um elemento dinâmico no processo da mutação cultural.

2. Trata-se de retomar e continuar a aprofundar a grande intuição de «l'aggiornamento» do Concílio Vaticano II que, perante as novas exigências da missão num mundo que mudou profundamente, se inspira nas Igrejas Apostólicas do primeiro milénio: uma Igreja identificada com o mistério de Cristo, a verdadeira luz dos povos que deve resplandecer na face da Igreja (LG. nº 1); uma Igreja que é um povo em comunhão, que encontra na força do amor e da comunidade o impulso da sua vitalidade para a missão; uma Igreja que sabe ler os «sinais dos tempo», conseguindo sempre discernir nas linhas de força da sociedade, as aberturas e as oportunidades para o Reino (G.S. nn. 4 e 11); uma Igreja atenta às realidades deste mundo, que as olha com amor, sensível às alegrias e às esperanças, às tristezas e às angústias dos homens deste tempo (G.S. n. 1); uma Igreja que vive e se alimenta da Palavra de Deus e dos sacramentos; uma Igreja ao mesmo tempo ousada e prudente para encontrar novos caminhos para o anúncio de Jesus Cristo.

Da Igreja Apostólica aprendemos que tudo começa, como um novo nascimento, num momento de descoberta de Jesus Cristo, Aquele que vive, e da decisão radical de O seguir, de viver a vida com Ele. Preparamo-nos para celebrar os 2000 anos do nascimento do Apóstolo Paulo. Ele é um exemplo mobilizador da força desta mudança de vida, deixando-se possuir por Cristo. Na sua missão ele terá sempre uma consciência clara de que a catequese como caminho para aprender a conhecer e a viver com o Senhor, supõe este primeiro anúncio, mobilizador e decisivo, do Cristo vivo. Ele compreendeu e ensina-nos que a catequese não se reduz a uma aprendizagem, mas é um longo caminho de descoberta da vida em comunidade e do sabor da vida cristã e, pelo caminho, chegar na densidade

da experiência cristã, a conhecer o Senhor, a conhecer todas as coisas de uma forma nova.

## **II – Evangelizar num quadro cultural marcado pelo secularismo**

3. Uma profunda mutação cultural se verificou na Europa e, a partir da Europa, no conjunto da humanidade que designamos por Ocidente. Esta evolução da cultura ocidental torna-se cada vez mais complexa com o fenómeno da globalização. Os adjectivos desta evolução cultural são vários, mas todos se revelam incapazes de a definir na sua globalidade: referem-se ao secularismo, iluminismo, racionalismo, etc. Adoptamos, aqui, o adjectivo secularista, porque ele tem na sua raiz um conceito aceite pelo pensamento cristão: a dimensão secular. Mas quando, para afirmar a justa autonomia das realidades seculares – que pertencem ao «hoc saeculum» – se as separa de toda a transcendência, tendo em vista uma autonomia total do homem, faz-se do secularismo uma nova fé, uma nova antropologia, uma nova inspiração moral. No que diz respeito à evangelização, o secularismo provocou uma profunda ruptura na transmissão da fé. Num relatório preparado para a Assembleia Plenária do Conselho Pontifício da Cultura, pode ler-se: «A Assembleia Plenária de 2002, ao aprofundar as razões da profunda ruptura na transmissão da fé que as sociedades secularizadas conhecem, mostrou as consequências ruinosas da pressão do secularismo sobre o tecido social elaborado por séculos de culturas tradicionais: ele desmorona-se, deixando o homem entregue a si próprio, desamparado, privado da bússola que lhe permitia orientar a sua vida segundo valores profundamente enraizados no seu ser».

Isso não significa que toda a vida e cultura de hoje estejam secularizadas. Os principais valores têm a sua raiz no cristianismo e os cristãos continuam a ser numerosos no seio destas sociedades. Mas tudo isso não evitou esta ruptura. Citemos, mais uma vez, o relatório já referido: «No entanto, convém notar que o secularismo da sociedade nem sempre está tão difundido quanto o tentam fazer crer os meios de comunicação social e a cultura dominante (...). Paradoxalmente, a cultura popular impregnada de cristianismo está viva em muitos lugares, sobretudo fora das grandes metrópoles, mas é muito pouco activa, escassamente presente na vida social, e por isso pouco capaz de a influenciar. Muitos daqueles que se declaram católicos estão impregnados da cultura ambiente, o seu comportamento é cada vez mais secularizado, e parecem alérgicos a qualquer referência moral.»

Esta ruptura na transmissão da fé, é um elemento preocupante a ter em conta, quando se tenta encontrar novos caminhos de transmissão da fé neste contexto cultural. Apresentaremos a seguir, algumas concretizações desta ruptura e as interpelações daí decorrentes em termos de concepção da evangelização.

### **Ruptura entre racionalidade e inteligibilidade da fé**

4. O elemento chave que desencadeou esta mutação cultural foi certamente, a euforia da razão lógica – que teve uma tão grande explosão em resultado do processo científico – a qual, ao prolongar-se nas técnicas, acabou por transformar o «dia a dia» das pessoas e das sociedades. Este triunfo da razão fez com que o homem tenha acreditado ser capaz de tomar nas próprias mãos o seu destino: ele sente-se capaz de fazer tudo e de tudo resolver, ele sente-se a fonte e o mestre da sua verdade, o juiz da moralidade, o único responsável pela sua realização e pela sua felicidade. Diante deste triunfalismo das capacidades da razão, que garantiria e autonomia total do homem, Deus já não tem lugar, de inexistente passa a inútil sem qualquer papel na vida do homem e na sua história. Porque toda a actividade racional deve ser verificável, Deus já não tem lugar no horizonte da racionalidade, Ele é relegado para a esfera do subjectivo. Citamos um texto de Joseph Ratzinger: «Esta Europa, desde os tempos da Renascença e, ainda mais, desde os tempos do iluminismo, desenvolveu esta racionalidade científica (...) que no presente, muito mais profundamente, graças à cultura técnica que a ciência tornou possível, deixa verdadeiramente a sua marca em tudo e por todo o lado. E, na sequência desta forma de racionalidade, a Europa desenvolveu uma cultura que, de maneira desconhecida da humanidade até ao presente, exclui Deus da consciência pública, seja quando Ele é totalmente negado, seja quando a sua existência é considerada não demonstrável, incerta e, portanto, relativa à esfera das escolhas subjectivas, irrelevante para a vida pública”<sup>1</sup>.

Esta mentalidade racionalista influencia profundamente as pessoas, as famílias, os jovens e torna difícil a comunicação da fé. A fé em Deus e no seu filho Jesus Cristo, não pode fundamentar-se nesta racionalidade, que exige certezas fundadas sobre a evidência. As verdades de fé são facilmente recusadas porque aparecem como irracionais. Mas então devemos classificar

---

<sup>1</sup> J. RATZINGER, **A Europa de Bento na crise de culturas**, pág. 24.

como irracionais todos os outros caminhos humanos para chegar ao conhecimento: o amor, os símbolos, a beleza e a emoção estética. São caminhos para chegar a uma compreensão e a um conhecimento da realidade, aos quais o raciocínio não chega mas que podem ser acolhidos e integrados na racionalidade humana.

A formação cristã deve estabelecer esta inteligibilidade da fé, a qual se não é racional no sentido positivista da palavra, não é, no entanto, irracional. Ela é razoável. A experiência religiosa é verificável e a razão é também uma capacidade de acolhimento dos conhecimentos que não têm nela a sua origem. É mais fácil amar Deus do que compreendê-lo ou justificá-lo, e esta experiência de amor revela-se uma poderosa fonte de conhecimento, de Deus e do homem. A fé tem o seu lugar na dimensão mais global da racionalidade humana. Sem estabelecer esta inteligibilidade da fé, esta não terá lugar no quadro da inteligência e da liberdade do homem.

### **Ruptura entre as capacidades do homem e a consciência da sua fraqueza e da sua necessidade da ajuda de Deus**

5. O triunfalismo da razão e das suas capacidades ilimitadas, conduziu a uma visão da vida como resultado exclusivo das capacidades naturais do homem: o homem apenas pode contar consigo próprio para triunfar na vida: a felicidade e a desgraça são o resultado das suas capacidades e da sua liberdade.

Este optimismo esvazia a cruz de Cristo, como dizia Santo Agostinho na sua polémica com Pelágio. Verdadeiramente, trata-se de um «neo-pelagianismo». Ora a compreensão cristã da vida humana é a de uma vida vivida com Deus, que se tornou Deus connosco no seu Filho Jesus Cristo. Até para realizar plenamente as suas capacidades naturais, o homem tem necessidade da força do Espírito de Deus. A ruptura entre a natureza e a graça, que na história teve expressões opostas, o optimismo pelagiano e o pessimismo luterano, parece estar resolvida na cultura contemporânea, anulando a graça, e centrando a possibilidade de triunfo nas capacidades humanas e na liberdade. Trata-se de uma nova síntese ingénua, que a longa história de sofrimentos e de agressões à dignidade humana põe em questão. O Cristianismo oferece uma outra síntese, a da valorização das capacidades naturais do homem, levadas à plenitude, com a ajuda de Deus que conhece bem a nossa grandeza e as nossas debilidades.

### **Ruptura entre a liberdade e a responsabilidade**

6. Uma das ideias mestras da modernidade é o valor decisivo e absoluto da liberdade individual. Pelo exercício da sua liberdade, aliada à autonomia da razão, o homem escolhe a sua verdade, decide sobre as opções morais, torna-se o centro e o juiz da história. Considerada sobretudo como um direito do indivíduo, esta concepção da liberdade conduz a uma visão individualista da vida que apaga ou relativiza a dimensão comunitária, a única a exigir que a liberdade seja exercida na responsabilidade de cada um para com todos os outros, o enquadramento necessário do amor e da fraternidade.

Isso não é completamente negativo, e tem a vantagem de acentuar a dignidade da liberdade, um dos nossos dinamismos onde se exprime a nossa semelhança com Deus. São Paulo ensina que foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Educar para a liberdade é uma dimensão determinante de toda a formação cristã. Em Cristo, a verdadeira liberdade não é um «faz o que tu quiseres», mas afirma-se como uma capacidade de discernir nos caminhos do bem, aquilo que é melhor, de escutar os outros, sendo o primeiro Jesus Cristo, o Deus conosco na aventura da vida, capacidade de discernimento e de acolhimento da verdade. O exercício da liberdade, mais do que individual é pessoal, enquadrado na comunidade. Esta evolução cultural, que começou por relegar Deus para o campo da subjectividade do indivíduo, procedeu da mesma maneira para a verdade, para a moral, enfim para a liberdade.

### **Ruptura entre mentalidade científica e moral**

7. Uma visão estritamente individual da moral é grave, porque compromete ou acaba mesmo por impedir uma moral comunitária, baseada sobre valores morais válidos para toda a comunidade. Mas há uma questão central ainda mais preocupante: a mentalidade científica, assumida por todos através da revolução técnica, incapaz de definir regras morais para toda a gente, acentua a dimensão subjectiva da moral, contudo incapaz de ser a resposta verdadeiramente humana às ameaças da própria técnica. Cito, mais uma vez, J. Ratzinger: «A força moral não cresceu ao ritmo do desenvolvimento da ciência mas, pelo contrário, diminuiu, porque a mentalidade técnica relegou a moral para a esfera do subjectivo, quando temos necessidade de uma moral pública, de uma moral que saiba responder às ameaças que pairam sobre a existência de todos nós. Neste momento o verdadeiro perigo, o mais grave, encontra-se exactamente no desequilíbrio entre as possibilidades técnicas



e a energia moral. A segurança de que todos nós temos necessidade como condição prévia da nossa liberdade e da nossa dignidade, não pode vir, em última instância, de sistemas técnicos de controle, mas apenas da força moral do homem. Onde esta falta ou se revela insuficiente, o poder que o homem adquiriu transformar-se-á, cada vez mais, num poder de destruição»<sup>2</sup>. A humanidade actual não encontra numa moral subjectiva dos indivíduos a força moral de que necessita para enfrentar as ameaças que pesam sobre ela.

### **Ruptura entre o presente e o futuro definitivo do homem**

8. O drama humano está situado, por esta visão cultural, no horizonte fechado deste tempo e deste mundo (*hoc saeculum*). O horizonte de eternidade, o único que anuncia a plena realização do homem – para nós cristãos inevitavelmente ligado a Jesus Cristo e à sua ressurreição – já não tem lugar. É impressionante: são cada vez mais numerosos os contemporâneos que já não acreditam na vida eterna. Isso priva a nossa existência no tempo da sua profundidade e da sua dignidade, como experiência de esperança.

Se tudo passa e tudo acaba, por quê apostar na perenidade dos valores definitivos? Se o nosso presente não faz uma unidade com o nosso futuro, então vivamos o dia a dia, usufruamos do transitório, mudemos de caminho sempre que isso nos pareça o mais conveniente no presente.

O já citado Relatório do Conselho Pontifício da Cultura resume esta «profunda ruptura na transmissão da fé que as sociedades secularizadas conhecem» afirmando que «a Europa está marcada por uma tríplice ferida: da memória, da imaginação e do sentido de pertença. A memória está ferida, porque a nova geração, que vive no imediato sem ancoragem no passado, tem falta da experiência da fé e do sentido da história. A imaginação está ferida pela invasão de mediócras propostas televisivas, que se juntam à falta de contacto com os grandes artistas cristãos da história. O sentido de pertença está ferido por um verdadeiro desamor de muitos para com a Igreja, sua pátria e também para com a cultura cristã bimilenária do continente».

Todas estas rupturas se exprimem, também, na ruptura entre as instituições responsáveis pela formação: a família, a escola, a Igreja e a sociedade. Estas instituições que enquadram as crianças e os jovens contradizem, na prática, os valores transmitidos pela formação cristã. Por

---

<sup>2</sup> **Ibidem**, pág. 22.

exemplo, quantas famílias daqueles que ainda fazem baptizar os seus filhos bebés, garantem a iniciação cristã das suas crianças?

### **III – A catequese no quadro cultural**

9. Todas estas rupturas provocadas pela mutação cultural exigem a criatividade e a audácia nos caminhos catequéticos. Mais do que nunca, a iniciação na fé deve garantir uma experiência cristã que estabeleça os fundamentos de novas atitudes culturais; mais do que nunca, a fé deve tornar-se cultura, uma nova cultura. A que atrás descrevemos não pode fundar uma existência cristã, no limite ela impede-a e exclui-a.

O **modelo escolar** da catequese, concebido como aprendizagem, seguindo os ritmos da escolarização, já não está adaptado. Muitas crianças e jovens nem mesmo acompanham a catequese com a prática da experiência religiosa, devido à ruptura entre a família e a comunidade crente.

Toda a catequese deve inserir-se no ritmo da nova evangelização, deve fazer parte do processo de iniciação cristã, começando por descobrir a riqueza dos três sacramentos: o baptismo, a confirmação e a Eucaristia. Isso significa um caminho a percorrer, de descoberta e de fidelidade, na alegria de experimentar uma vida nova. Isso só pode fazer-se em comunidade, em grupo que caminha em conjunto, onde se descobre ao mesmo tempo Cristo e a sua Igreja, onde se experimenta a exigência do amor, a força da comunhão, e a alegria de começar a viver uma vida nova, fonte de uma nova compreensão de todas as realidades da vida. O ritmo catecumenal é o mais indicado para a catequese, onde pais e filhos devem aprender a ter momentos em que fazem em conjunto esse caminho. O catequista ganha a dimensão do pastor que conduz o seu rebanho às fontes da vida.

### **A importância do anúncio querigmático**

10. Mas antes de se comprometer num caminho de descoberta da novidade da experiência cristã, é necessário descobrir Jesus Cristo, deixar-se cativar por Ele, estar disponível para mudar tudo a fim de O seguir. É o fruto do testemunho de fé. As testemunhas têm um papel insubstituível. Mas onde estão elas? O Relatório supra-citado afirma: «o secularismo manifesta-se hoje no próprio seio da vida da Igreja, desnaturando assim, a partir do interior e em profundidade, a fé cristã, e por conseguinte, o estilo de vida e os comportamentos dos crentes, enfraquecendo dramaticamente o testemunho de fé».

Uma evangelização missionária deve retomar sistematicamente uma pastoral querigmática, que esquecemos num contexto de cristandade. É uma pastoral da conversão, não apenas uma conversão moral, mas uma conversão a Jesus Cristo, ponto de partida de um caminho cristão.

Um dos aspectos desta criatividade pastoral passa pela conversão da linguagem, que não consiste apenas numa questão de língua, mas de sintonia profunda com os homens e as mulheres concretas deste mundo. E isso aplica-se a uma dimensão mais larga da actividade pastoral da Igreja. «Uma das consequências da secularização é a dificuldade crescente da transmissão da fé através da catequese, a escola, a família e a pregação. Estes canais tradicionais da transmissão da fé têm dificuldade em cumprir o seu papel fundamental, porque a linguagem veio condicionar a substância da mensagem: a “linguagem eclesial” nascida da separação cultural entre o clero e o povo, e a “linguagem secularizada” utilizada por um clero diluído na cultura dominante da conversa vazia, caracterizada pelo subjectivismo e relativismo, são incapazes de dizer a fé e a sua riqueza. Clérigos e leigos, em alguns países, são exímios na utilização de uma linguagem desfasada em relação à linguagem corrente, enquanto que a catequese se reduz por vezes a aprender a “ser bom”, sem referência à experiência da amizade vivida com Cristo fonte de vida cristã, que se reduz então a não ser mais do que uma forma de humanismo secular».

Termino, uma vez mais, com a citação do Relatório do Conselho Pontifício da Cultura : «Sem testemunho de vida cristã, é a prática religiosa que é progressivamente abandonada por uma religião *à la carte*, sem adesão aos dogmas da fé. Não se trata apenas, como noutros tempos, de um simples abandono da prática sacramental, ou de uma falta de vitalidade da fé, mas de qualquer coisa que toca profundamente as suas raízes. Esta passagem da pertença ao ocasional, de praticante regular a hóspede, e, ao nível da convicção, do estável ao pendular, é característica do processo de secularização e requer ser invertida por uma pastoral adaptada».

Este mundo novo representa, sem dúvida, um novo desafio dirigido à Igreja de Cristo: converter-se e deixar-se enviar em missão, como nos dias do Pentecostes.

**NB:** Tradução do original francês da responsabilidade do Secretariado Nacional da Educação Cristã.



# **A conversão missionária da catequese. Um desafio a partir do catecumenato**

JORDI D'ARQUER I TERRASA (\*)

## **1. Introdução**

Trata-se de um tema da maior actualidade em todas as nossas dioceses e igrejas: como renovar a catequese?, como lhe dar um verdadeiro impulso missionário?, como dar uma resposta à fé fraca de tão grande número de baptizados?, como podemos nós ajudar a fazer uma verdadeira iniciação cristã? Estas e tantas outras questões ecoam nos nossos debates, nas nossas análises da realidade. Temos dificuldade em encontrar respostas adequadas. Mas também é verdade que vivemos um momento histórico, um momento capital. Observamos que o catecumenato é uma realidade crescente em toda a Europa e também nas igrejas católicas mais tradicionais, e que será como uma verdadeira bomba que dinamitará toda o nosso edifício catequético e pastoral. Como bem sublinhou o Mons. Walter Ruspì aquando das «Jornadas Interdiocesanas da Catequese» em Barcelona, no ano 2002, o Concílio Vaticano II legou-nos dois tesouros litúrgicos e pastorais: o Missal Romano e o RICA. O primeiro teve uma aplicação muito grande e profunda, mas não sem erros e dúvidas. Pelo contrário, o segundo é ainda hoje demasiado desconhecido; para o confirmar, perguntemos em quantas sacristias podemos encontrar este ritual e daremos conta de que ele é um documento ignorado pela Igreja.

Nesta comunicação, vamos rever a situação da qual partimos, lembrar os elementos fundamentais do catecumenato e procurar assinalar possíveis linhas de acção ou, pelo menos, orientar uma reflexão catequética e pastoral.

---

(\*) Sacerdote da diocese de Sant Feliu de Llobregat (Barcelona), onde é delegado da Catequese e do Catecumenato. Licenciado em Teologia sistemática pela Faculdade de Teologia da Catalunha, prepara a sua tese doutoral em catequese missionária na Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma. Membro do Bureau Europeu de Catecumenato, da Equipa Europeia de Catequese e do Conselho Assessor de Catequese da Subcomissão Episcopal, Espanha.

## **2. De onde vimos e para onde vamos**

Nesta parte da introdução da nossa exposição é necessário, mesmo se conhecemos perfeitamente esta questão, fazer um breve percurso pela história da catequese desde Trento até aos nossos dias. Na verdade, sempre houve catequese na Igreja, porque sempre houve e haverá transmissão de fé de geração em geração, de um crente a um irmão que deseja crescer na vida cristã, tornar-se cristão. Desde o dia do envio missionário de Jesus até aos nossos dias, a acção catequética sempre existiu, ela foi constante mesmo assumindo modelos e formas diferentes.

O modelo actual da catequese é o fruto do contexto de Trento, muito distante do modelo proposto pelo Concílio Vaticano II. Analisemos os traços característicos de um e de outro.

No contexto do Concílio de Trento surgem vários catecismos, isto é, livros para facilitar a acção catequética. Mas porquê? Simplesmente porque se toma consciência da necessidade de instrução, de formação cristã, para lutar contra o grande analfabetismo crescente das populações. A Igreja, e também o poder civil, impulsionam a edição de catecismos dirigidos a todo o tipo de pessoas, para instruir a população. Na base estava a ideia de que era necessário saber mais e melhor, para viver a fé de uma forma firme e autêntica<sup>1</sup>.

A primeira pessoa a tomar consciência disto e a querer encontrar uma solução foi Martinho Lutero, que se apercebeu da fraca formação do clero e impulsionou a redacção de um catecismo (1529) para os párocos e pais, para que tivessem um instrumento útil para a formação dos fiéis ou dos seus filhos.

Também São Pedro Canísio, que por volta de 1555 redigiu vários catecismos por ordem do Imperador, com uma finalidade meramente escolar e assumindo nalguns deles o formato de pergunta-resposta, se preocupou com esta questão. Os seus catecismos são uma espécie de resumo de teologia.

E também São Roberto Belarmino, que escreve em 1597 um catecismo pequeno, para que possa ser aprendido de cor e seguidamente ser explicado para racionalizar a fé. Este catecismo teve um enorme sucesso: teve mais de 300 edições em mais de 50 línguas diferentes.

Mas o catecismo que, na minha opinião, teve maior influência foi o catecismo do Concílio de Trento, de 1566. Este era direccionado para os

---

<sup>1</sup> Cf. LÄPPLÉ, ALFRED, *Breve storia della catechesi*, ed. Queriniana, Brescia 1985.

párocos e pretendia dar um forte impulso à formação catequética, através da instrução e educação religiosas.

Posteriormente, houve diferentes catecismos que foram eficazes e muito difundidos: o do Pe. Gaspar Astete, o do Pe. Jérôme Ripalda, o do Papa Pio X, etc...

Por que motivo fiz este breve percurso histórico? Pela simples razão de que, na minha opinião, o modelo catequético actual é o fruto deste período histórico. O nosso actual modelo catequético é, no fundo, o fruto da vontade manifestada no período após o Concílio de Trento, que visava sobretudo a formação cristã e a educação. Na verdade, quando actualmente nas reuniões com catequistas, agentes ou responsáveis da catequese, se fala de «descolarizar» a catequese, não manifestamos nós a necessidade de ultrapassar um modelo catequético que corresponde a um outro contexto (a contra-reforma) e com outros objectivos (formar pessoas crentes)? Se queremos verdadeiramente evangelizar na Europa, se queremos que as nossas catequese sejam uma verdadeira iniciação cristã, devemos encontrar e desenvolver novos modelos catequéticos.

Mas qual poderá ser a direcção a seguir? Quais são os indicadores do caminho que devemos seguir? Quais são os vectores destas novas coordenadas? Na verdade, sabemos que o Concílio Vaticano II não dedicou muito tempo à reflexão catequética. Provavelmente, o Concílio falou mais de catecumenato que de catequese. Mas creio que as poucas coisas que disse directamente sobre a catequese são demasiado importantes para se pensar que ela ficou para segundo plano. O Concílio referiu-se à catequese no decreto sobre o ministério pastoral dos bispos, «Christus Dominus», concretamente no número 14, onde diz:

*Os bispos vigiarão para que a instrução catequética, cujo objectivo é levar aos homens a fé viva, explícita e activa, iluminando através da doutrina, seja transmitida com um cuidado atento às crianças e aos adolescentes, aos jovens e mesmo aos adultos. Neste ensino, serão adoptados a ordem e o método que mais convierem não apenas à matéria de que se trata mas também à índole, capacidade, idade e condições de vida dos ouvintes ; esta instrução será fundada na Sagrada Escritura, na Tradição, na Liturgia, no Magistérios e na vida da Igreja. Além disso, os bispos estarão atentos à preparação devida dos catequistas: estes deverão conhecer a doutrina da Igreja e aprender teórica e praticamente, as leis da psicologia e as ciências pedagógicas. Os bispos devem, também, esforçar-se por estabelecer ou organizar melhor a formação dos catecúmenos adultos.*

Neste texto há algumas novidades significativas.

Desde logo, o facto de os destinatários não serem apenas as crianças, os adolescentes ou os jovens, mas também os adultos. Todos sabemos que se trata de uma das novidades catequéticas no período pós-conciliar, que foi sublinhada pelo Directório Geral para a Catequese quando, no momento de especificar os destinatários da catequese, no capítulo II da quarta parte, refere os adultos em primeiro lugar. E quando nos relembra que *a catequese dos adultos, uma vez que é dirigida a pessoas capazes de uma adesão e de um empenho realmente responsáveis, deve ser considerada como a principal forma de catequese, para qual todas as demais, não por isso menos necessárias, estão orientadas. Tal implica que a catequese das demais idades deve tê-la como ponto de referência e deve articular-se com ela num projecto catequético de pastoral diocesana que seja coerente.* (DGC 59)

Em segundo lugar, o facto de o objectivo da catequese ser a fé dos destinatários. Isto parece-me de uma novidade extraordinária, da qual ainda não medimos todas as consequências. Com efeito, o Concílio afirma que os bispos *vigiarão para que a instrução catequética, cujo objectivo é levar aos homens a fé viva, explícita e activa, iluminando através da doutrina, seja transmitida com um cuidado atento às crianças e aos adolescentes, aos jovens e mesmo aos adultos.* Prestemos muita atenção ao facto de não apenas a fé dever ser o objectivo da formação catequética, mas também à precisão de que esta fé deve ser viva, explícita e activa. Esta frase exige uma « exegese » mais detalhada.

Efectivamente, o objectivo de toda a acção catequética é a fé e, para atingir este objectivo, é necessária uma formação ou instrução catequética. Ou seja, a fé é o objectivo e a instrução catequética é o meio que ajuda a atingir este objectivo. Esta perspectiva é completamente nova. Até hoje, pensava-se que os destinatários já tinham fé e que apenas era necessário formá-la, com os conteúdos mais apropriados, para dar um fundamento à fé que já existia. Creio que o Concílio faz uma rotação coperniciana que ainda não foi assumida pela Igreja, talvez por causa da inércia dos modelos do passado.

O Directório Geral para a Catequese expressa-o de outra forma quando afirma que *a finalidade definitiva da catequese é a de fazer com que alguém se ponha não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo. Toda a acção evangelizadora tem o objectivo de favorecer a comunhão com Jesus Cristo. A partir da conversão « inicial » de uma pessoa ao Senhor, suscitada pelo Espírito Santo, mediante o primeiro anúncio, a*



*catequese propõe-se a dar um fundamento e a fazer amadurecer esta primeira adesão. Trata-se, pois, de ajudar aquele que acaba de se converter a «...melhor conhecer o mesmo Jesus Cristo ao qual se entregou: conhecer o seu «mistério», o Reino de Deus que Ele anuncia, as exigências e as promessas contidas na Sua mensagem evangélica e os caminhos que Ele traçou para todos aqueles que O querem seguir». (DGC 80). Ou, ainda, que o abandonar-se a Jesus Cristo gera nos crentes o desejo de conhecê-Lo mais profundamente e de se identificar com Ele. A catequese inicia-os no conhecimento da fé e na aprendizagem da vida cristã, favorecendo um caminho espiritual que acarreta uma «progressiva transformação de mentalidade e costumes», feita de renúncias e de lutas, mas também de alegrias que Deus concede sem medida. O discípulo de Jesus Cristo fica, então, preparado para uma profissão de fé viva, explícita e operante. Uma vez mais, é-nos lembrado que o objectivo é uma fé viva, explícita e operante. E que a instrução catequética não é mais do que um meio para atingir este objectivo.*

Mas como pode esta fé ser viva, explícita e activa ? Aprofundemos esta questão. Na minha opinião, **viva** é sinónimo de consciente, de dinâmica, de interiorizada : isto é, ela é o fruto de uma conversão sincera ao Senhor. Penso que, quando o Concílio nos diz que a fé deve ser viva, recorda-nos que devemos agir na catequese de forma a que todos os nossos esforços visem o coração ou o espírito, isto é, a interioridade, promovendo uma espiritualidade cristã. Recordemos, neste contexto, o que diz o decreto sobre a actividade missionária *Ad Gentes*, no seu número 14:

*Aqueles que receberam de Deus, por meio da Igreja, a fé em Cristo (3) devem ser admitidos ao catecumenato, mediante a celebração de cerimónias litúrgicas. O catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação para a vida cristã integral, e uma aprendizagem conduzida de forma conveniente – formação e aprendizagem através das quais os discípulos são unidos a Cristo, seu Mestre. Os catecúmenos devem, pois, ser convenientemente iniciados no mistério da salvação e na prática dos costumes evangélicos e introduzidos com ritos sagrados, celebrados em tempo sucessivo (4), na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus. (AG 14).*

É engraçado que quando o Concílio tem de fazer uma descrição do catecumenato se utilize a palavra e o conceito «noviciado» (pelo menos na versão espanhola), certamente com uma intenção muito clara. Na verdade, quando pensamos num noviciado ou na formação sacerdotal num Seminário pensamos sempre num tempo « longo», num tempo onde não há apenas a

formação doutrinal. Assim também acontece, por exemplo, com um noviço ou noviça, uma vez que não lhe é explicado apenas a vida do fundador, a história ou o carisma da congregação religiosa, ou seja, não há apenas uma transmissão de ideias ou de conceitos, mas deve haver, sobretudo, uma formação espiritual. O facto de se utilizar o conceito de « noviciado » quando falamos de catecumenato dá-nos muitas pistas. Acentuar o facto de não se tratar apenas de *mera exposição de dogmas e preceitos* (Cf. AG 14) diz-nos algo mais. É por isso que esta dimensão de formação espiritual é hoje em dia um desafio, um desafio que se nos coloca na concepção dos nossos dispositivos catequéticos.

Poderíamos também deter-nos agora na leitura e análise do número 19 do RICA (o que faremos mais tarde), onde nos é lembrado que os catecúmenos devem ser *conduzidos não apenas com um conhecimento conveniente dos dogmas e dos mandamentos, mas também no conhecimento íntimo do mistério da salvação*, mas devemos continuar com a análise dos termos sublinhados sobre a modalidade da fé, segundo o Concílio Vaticano II.

Dizia-nos o Concílio que a fé deve ser **explícita**, isto é, clara, bem fundada, com conhecimentos suficientes para a justificar, o que permite proclamar a fé que professamos, seja ela fundada na razão ou racionável. Ou seja, é fundamental construir convenientemente os fundamentos da fé e o Concílio alude a este facto quando diz que *neste ensino, serão adoptados a ordem e o método que mais convierem* (CD 14) e também o Directório Geral para a Catequese, quando afirma que *a catequese é uma formação orgânica e sistemática da fé*. Ou ainda, que *a catequese é uma formação de base essencial, centrada naquilo que constitui o núcleo da experiência cristã* (DGC 67). Isto é bem assumido nos nossos dispositivos catequéticos, porque fazemos um grande esforço para a formação intelectual. Levamos muitos conhecimentos, mas não é fácil ajudar a viver verdadeiramente a fé, talvez em consequência da história, que insistia muito mais no “recto conhecimento” do que na “recta forma de agir”, pensando que o primeiro levaria à segunda. A situação presente diz-nos que talvez isso seja mais difícil hoje do que no passado.

E finalmente, o Concílio lembra-nos que a fé deve ser **activa**, isto é, coerente, prática. A fé deve transformar-se em vida. Se a fé e a vida avançam em caminhos diferentes, tal quererá dizer que essa fé é superficial, que ela não está profundamente enraizada na entidade da pessoa, que não houve verdadeira e profunda conversão. A fé deve ser operante, ela deve projectar-se na vida quotidiana, com o testemunho de vida e com a confissão da fé, como nos lembra o Papa Paulo VI quando afirma que *a Boa Nova proclamada*

*pelo testemunho de vida deve, pois, ser, mais cedo ou mais tarde, proclamada pela palavra de vida* (EN 22). E isto é-nos bastante difícil. É-nos difícil fazer com que as nossas catequese tornem possível uma verdadeira mudança de vida dos nossos destinatários.

Estas três dimensões da fé – viva, explícita e activa – correspondem a três dimensões da pessoa humana que são o coração, a cabeça e as mãos. O coração, que corresponde à fé viva, faz referência à espiritualidade cristã, à capacidade de interiorização, de oração, de amor a Deus e aos irmãos. A cabeça, que corresponde à fé explícita, exprime a capacidade de aprendizagem intelectual, a aquisição de conhecimentos, o exercício da memória, a racionalização. E as mãos, que correspondem à fé activa, manifestam a atitude de serviço, de acção solidária e generosa, o fazer o bem a todos. Estas três partes ou dimensões da pessoa humana correspondem exactamente às três dimensões da formação de catequistas: ser, saber e fazer. (cf. DGC 238).

Esta breve e rápida revisão dos frutos, por assim dizer, do Concílio de Trento e dos arrojos produzidos pelo Concílio Vaticano II, permitiram-nos perceber algumas das chaves que poderiam renovar a catequese, dando-lhe um carácter mais missionário.

### **3. Breve síntese das etapas do processo do catecumenato**

Terminado este percurso histórico, que já nos indica novos caminhos a explorar que poderão renovar a catequese num sentido mais missionário, penso que é necessário dar uma vista de olhos panorâmica sobre o catecumenato, a fim de encontrar outras soluções, outros indicadores e outras pistas do caminho.

Uma pista fundamental, não apenas porque é exigida pelo título desta comunicação mas por fidelidade ao actual Directório Geral para a Catequese, é desde logo a implementação e o desenvolvimento do catecumenato nas nossas dioceses como uma instituição e também como uma proposta fundamental de todo o projecto catequético e pastoral, seguindo-se o aprofundar das características fundamentais do catecumenato. Com efeito, o Directório Geral para a Catequese diz:

O modelo de toda catequese é o catecumenato baptismal, que é formação específica, mediante a qual o adulto convertido à fé é levado à confissão da fé baptismal, durante a vigília pascal. Esta formação catecumenal deve inspirar as outras formas de catequese nos seus objectivos e no seu dinamismo.

A catequese dos adultos, uma vez que é dirigida a pessoas capazes de uma adesão e de um empenho realmente responsáveis, deve ser considerada como a principal forma de catequese, para qual todas as demais, não por isso menos necessárias, estão orientadas. Isso implica que a catequese das demais idades deve tê-la como ponto de referência e deve articular-se com ela, num projecto catequético de pastoral diocesana, que seja coerente. (DGC 59)

É por este motivo que, à luz deste número do Directório Geral para a Catequese, tomamos consciência de que o catecumenato deve ser verdadeiramente o modelo de toda a catequese. Mas o Directório não nos diz apenas isto, diz-nos também que o catecumenato deve inspirar a catequese sobretudo nos seus objectivos e no seu dinamismo. É por isso que encontramos neste número as razões para falar especialmente do catecumenato de adultos.

Vejamos então quais são as etapas do catecumenato.

#### *Pré-catecumenato*

A primeira etapa do catecumenato é o pré-catecumenato<sup>2</sup>, às vezes também denominada «etapa de evangelização». Esta etapa relaciona-se com toda a acção pastoral e com toda a dimensão de testemunho de fé da Igreja. Isto é, faz referência à multiplicidade de acções de evangelização, silenciosas e por vezes imperceptíveis, que a Igreja desenvolve. De facto, nós estamos sempre a evangelizar.

Durante o período do pré-catecumenato, é sempre necessária uma primeira apresentação do mistério cristão a alguém. Apresentar os elementos da fé cristã a esta pessoa – que já escutou o chamamento da fé, proporcionando a multiplicidade de acções de que temos estado a falar –, poderá explicitar uma primeira conversão<sup>3</sup>. Que possa dizer, num determinado momento do processo de formação, «sim, eu quero ser cristão!».

#### *Catecumenato*

A segunda etapa é a etapa do catecumenato propriamente dito<sup>4</sup>. É a etapa de formação desta pessoa. Mas o RICA assinala, no seu número 19, que esta formação deve seguir quatro vias. E eu penso que este número é importante porque nos indica que não devemos seguir apenas um caminho,

---

<sup>2</sup> Cf. RICA Obs. prev. 9-13.

<sup>3</sup> Sobretudo RICA Obs. prev. 10.

<sup>4</sup> Cf. RICA Obs. prev. 14-20.

mas sim quatro caminhos diferentes mas simultâneos. Assim, este número do RICA diz:

O catecumenato é um tempo demorado, durante o qual os candidatos recebem da Igreja uma formação adaptada de maneira a que a sua conversão e a sua fé alcancem a maturidade, o que pode exigir vários anos. Para o fazer, há que accionar quatro meios:

1. Uma catequese apropriada, progressiva e integral, assumida pelos sacerdotes, diáconos, catequistas ou outros leigos, alinhada com o ano litúrgico e sustentada por celebrações da Palavra. Esta catequese condu-los não somente a um bom conhecimento dos dogmas e dos mandamentos, mas também a uma descoberta pessoal do mistério da salvação, do qual eles próprios beneficiam.

2. Uma familiarização com a prática da vida cristã. Apoiados pelo testemunho e pela ajuda daqueles que lhes apresentaram essa prática, pelos seus padrinhos e por toda a comunidade cristã, são iniciados progressivamente e de uma forma mais fácil na oração a Deus, na expressão da sua fé, na vivência permanente na esperança em Cristo, no deixar-se conduzir pelo Espírito Santo e a praticar o amor fraternal até à renúncia. Assim, «os novos convertidos tomam um caminho espiritual pelo qual, comungando já pela fé no mistério da morte e da ressurreição, passam do homem velho para o homem novo que tem a sua perfeição em Cristo. Esta passagem, que acarreta consigo uma modificação progressiva da mentalidade e dos costumes, com consequências sociais, deve manifestar-se e desenvolver-se a pouco e pouco durante o período de catecumenato. Como o Senhor, em quem eles crêem, é sinal de contradição, não é raro que os convertidos experienciem rupturas e separações, mas também alegrias que Deus dá sem medida».

3. Ritos litúrgicos adaptados que, a pouco e pouco, os purifiquem. A Mãe Igreja ajuda-os, assim, no seu caminhar, e a bênção de Deus sustém-los. Além disso, já podem participar na liturgia da Palavra com os fiéis, o que os prepara ainda melhor para a sua futura participação na Eucaristia. Quando se tratar de uma assembleia de fiéis, o costume de praticar o envio dos catecúmenos antes da celebração eucarística será mantido, salvo se tal apresentar dificuldades: eles devem, de facto, esperar pelo baptismo para que, agregados ao povo sacerdotal, tenham missão para participar no culto da Nova Aliança.

4. O testemunho. Porque «sendo a vida de Igreja de carácter apostólico, os catecúmenos devem também aprender a cooperar activamente na evangelização e na construção da Igreja, pelo testemunho da sua vida e

pela expressão da sua fé (cf. *Rituel de l'initiation chrétienne des adultes. Paris Desclée/Mame 1997, RICA 19 / n. 103 na edição francesa*).

Como observamos neste tempo de formação, é necessário que haja uma catequese apropriada, básica, integral, isto é, uma apresentação da fé cristã. Mas a novidade que o catecumenato apresenta é o facto de dever haver mais do que apenas esse momento catequético. É necessário tomar consciência que durante largos anos quando falámos de catequese demos especial relevo à apresentação do mistério cristão e à transmissão de conhecimentos às crianças, jovens e adultos. O catecumenato diz-nos que não é apenas a catequese que é importante, mas que existem três outras vias igualmente importantes. Há um caminho que sempre funcionou, mas os outros três são tão fundamentais e necessários como aquele. Se assim não for, não ajudaremos o indivíduo a tornar-se um verdadeiro discípulo de Cristo.

A segunda via é o *exercício da vida cristã*, aprender a descobrir que ser cristão significa amar o próximo, perdoar, ser solidário, isto é, é necessária uma alteração de atitudes, de maneiras de fazer e de ser. Ser cristão não é apenas uma questão de ideias, mas sobretudo de um estilo de vida que é preciso pôr em prática. Ser discípulo representa «uma modificação progressiva de sentimentos e de hábitos» (cf. RICA 19). Este Evangelho que apresentamos deve ser interiorizado a pouco e pouco por essa pessoa, para que ela adquira uma natureza verdadeiramente evangélica. E isso, vê-lo-ão certamente, é mais complicado. O catecumenato ajuda-nos a descobrir que a formação de um cristão não é tão simples como pensávamos.

A terceira via é *ajudar os catecúmenos no seu caminho com ritos litúrgicos oportunos*, isto é, a participação na liturgia e na oração da Igreja. Não apenas assistir a uma celebração ou a uma oração, mas aprender verdadeiramente a viver em comunhão com o Senhor, aprender a viver esta dimensão espiritual da vida cristã. A oração não deve ser um momento isolado, como acontece por vezes com a catequese, quando fazemos uma oração no início ou no fim da sessão, mas deve ser um verdadeiro encontro com o Senhor, um diálogo sincero com Ele. E que aqueles que seguem a catequese aprendam a fazê-lo no seio da Igreja, que é a comunidade dos baptizados em Cristo, dos discípulos do Senhor. O que queremos provocar é que cada pessoa seja capaz de se apaixonar por Jesus. Jesus conheceu-a – um pouco como os casais que começam a conhecer-se – mas se essa pessoa quer tornar-se um verdadeiro discípulo de Cristo, isto quer dizer que ela deve estar profundamente apaixonada por Ele.

A quarta via proposta pelo RICA é *aprender também a cooperar activamente na evangelização e na construção da Igreja com o testemunho da sua vida*, cooperar com a missão. Ajudar a compreender que ser cristão não é apenas uma coisa para mim, mas também que eu devo ser testemunha da minha fé perante a sociedade, perante as outras pessoas. Este elemento missionário, testemunhal, da vida cristã, não deve ser «aprendido» no fim do processo, mas deve estar presente desde o início.

Para isto acontecer, estas quatro vias devem estar presentes ao longo de todo o catecumenato. Este tempo de catecumenato, logicamente, é o mais longo. Usar as quatro vias implica um longo período.

#### *Purificação e iluminação*

A terceira etapa é aquela a que damos o nome de purificação e iluminação<sup>5</sup>. Esta etapa, sim, está perfeitamente delimitada e tem a duração exacta de uma quaresma. Esta etapa de purificação e iluminação dura exactamente quarenta dias. Trata-se, sobretudo, de uma preparação espiritual. A formação já foi feita durante o catecumenato e no momento em que se aproxima a recepção dos sacramentos de iniciação cristã – baptismo, confirmação e eucaristia – é necessário fazer uma preparação espiritual. E é sobretudo muito importante que haja aí uma verdadeira segunda conversão, da qual fala o RICA<sup>6</sup>. Já tinha havido uma primeira conversão no início do processo, durante o período de pré-catecumenato, quando essa pessoa manifestou o seu desejo sincero de ser cristã. E agora é necessário dar-se uma segunda conversão, uma opção clara e decidida por Cristo e pela Igreja, antes de receber os sacramentos de iniciação cristã.

Para explicar este período, recorro frequentemente à imagem do pintor e do escultor. Se alguma vez viram alguém terminar um quadro ou uma escultura, sabem que temos a sensação que o quadro ou a escultura já estão terminados, estão bonitos, mesmo se os apreciamos segundo o nosso gosto pessoal. Mas quando nos dirigimos ao artista e o felicitamos, vemos que ele pega novamente na paleta e no pincel, ou no martelo e nos seus utensílios para talhar, para regressar a uma nuvem, a uma árvore, a um rosto. O artista volta a esses pormenores para os embelezar na obra de arte que criou. De uma certa maneira, o tempo de purificação e de iluminação representa também o tempo de retocar até aos últimos detalhes. Por este motivo fala-se de purificação, porque certamente, durante a formação dessa

---

<sup>5</sup> Cf. RICA Obs. prev. 21-26.

<sup>6</sup> Cf. RICA Obs. prev. 22-23

pessoa, ela deu-se conta de que para ser um verdadeiro discípulo de Cristo há elementos que não estão de acordo com o que a Igreja acredita e que é necessário ainda polir.

Mas é também um tempo de iluminação para preparar o corpo, o espírito, o coração e todo o ser para acolher a graça de Deus, o dia em que se receberá o batismo, a confirmação e a eucaristia.

### *Mistagogia*

A quarta etapa é a da mistagogia<sup>7</sup>. Esta etapa dura o período do tempo pascal mas pode prolongar-se para lá desse tempo com uma dupla perspectiva.

Por um lado, para saborear os dons recebidos, mas simultaneamente o tempo de mistagogia é um período de aprofundamento. É muito diferente apresentar a fé cristã a um «pagão» ou falar dela a alguém que recebeu a graça de Deus pelo batismo e que já é filho ou filha de Deus. O período da mistagogia é, contudo, um tempo durante o qual é necessário reassumir toda a fé cristã. Não nos dirigimos mais a uma pessoa para lhe explicar o que é ser cristão, mas dirigimo-nos a um irmão, a alguém que faz parte da Igreja, que é um filho ou filha de Deus. O que fazemos com essa pessoa, com esse neófito, é partilhar a nossa fé, que é a fé da Igreja.

Aqui temos as quatro etapas do catecumenato: pré-catecumenato, catecumenato, purificação e iluminação e mistagogia.

Gostaria de extrair todo o conteúdo possível do catecumenato para encontrar diferentes chaves que nos permitam iluminar a catequese, para que ela assuma toda a sua dimensão missionária. Mesmo que não seja mais do que uma ilustração, vejamos agora alguns pontos fortes do catecumenato primitivo para os dias de hoje e, de seguida, as características acordadas pelo catecumenato.

### *Questões sobre o catecumenato primitivo relevantes para os nossos dias*

Em primeiro lugar, a Igreja primitiva entendia que para ser cristão era necessário seguir um processo sério, que não podia ser fraco nem vazio, como se o importante fosse ter um grande número de baptizados, mas que era preciso transmitir a fé de forma significativa e importante.

Em segundo lugar, a fé exigia uma maturidade. Para assegurar esse processo, não se podia diminuir a experiência profunda para participar nas

---

<sup>7</sup> Cf. RICA Obs. prev. 37-40.



celebrações e na vida da comunidade. A queda do catecumenato coincide, paradoxalmente, com a diminuição da exigência eclesial.

Em terceiro lugar, era necessário ser «exclusivo», não se podia administrar o baptismo imediatamente a todos os que batiam à porta para o pedir. Se lermos os textos dos Doutores da Igreja, apercebemo-nos que se chega a dizer que algumas pessoas, por causa da sua profissão ou da sua condição pessoal, não podiam ser admitidas ao catecumenato e, por consequência, não podiam receber o baptismo<sup>8</sup>.

E, finalmente, insistia-se muito no sentido da conversão. Uma conversão profunda, de coração, de atitudes, de carácter, de modo de viver. Uma conversão que implicava o desejo de uma vida nova<sup>9</sup>.

Acredito que estes quatro pontos fulcrais que descobrimos no catecumenato da Igreja primitiva, que assumimos como se estivessem estacionados, encontram todo o seu sentido nos dias de hoje.

#### *Características que o catecumenato desperta*

Depois de ter descrito o catecumenato e de ter sublinhado alguns pontos do antigo catecumenato, procuremos retomar o tema desta comunicação: de que forma pode o catecumenato renovar a catequese? Na minha opinião há alguns traços que podem corresponder aos contributos do catecumenato para a catequese. Elementos que, se os incorporarmos na catequese, poderão permitir pôr em prática aquilo que é ordenado pelo Directório Geral para a Catequese.

#### *Progressivo*

É um dos pontos relevantes que o catecumenato traz à Igreja, o conceito de progressão. O catecumenato estabelecido em etapas põe o acento na progressão, isto é, aprender a falar mais em etapas do que em lições. É necessário «desescolarizar»<sup>10</sup> a catequese. Programar o itinerário em etapas nas quais se passa de uma a outra através de ritos, ao mesmo tempo que cresce progressivamente e amadurece a sua fé. Um itinerário é um processo que acarreta etapas sucessivas e situações de propostas apresentadas a

---

<sup>8</sup> Cf. DUJARIER, MICHEL, *Breve historia del catecumenado*, ed. Desclée de Brouwer, Bilbao, 1986.

<sup>9</sup> Cf. CAVALLOTTO, GIUSEPPE, *Catecumenato antico. Diventari cristiani secondo i padri*, ed. EDB, Bologna, 2005<sup>2</sup>.

<sup>10</sup> DERROITE, HENRI, *Initiation et renouveau catechétique. Critères pour une refonte de la catéchèse paroissiale*, en DERROITE, HENRI, *Catéchèse et initiation*, ed. Lumen Vitae, Bruselas 2005, pp. 57-85.

cada pessoa no grupo<sup>11</sup>. Já a Igreja primitiva adivinhava que para ser cristão era necessário seguir um processo sério, que não podia ser fraco ou vazio, como se quisesse assegurar um aumento importante do número de batizados mas transmitindo a fé de uma forma significativa e importante.

### *Espiritual*

Um quarto ponto seria o acentuar da espiritualidade, que já comentei quando falei das quatro vias. Durante os últimos anos, falou-se muito de catequese e talvez as quatro vias do RICA 19 nos façam ver que nos faltam outras dimensões para sermos cristãos. Talvez já o tenhamos adivinhado, mas precisávamos de dar o passo de nos auto-convencermos. Para iniciar uma pessoa, não podemos dar-lhe um catecismo e ponto final, porque o território da fé não está na nossa cabeça, mas sim no nosso interior, no nosso espírito. Devemos ajudar essa pessoa para que ela faça uma opção clara por Jesus, para que seja envolvida por Ele. A fé não pode ser «ensinada», deve ser «transmitida» para ser vivida e confessada. Devemos «trabalhar» as diferentes dimensões da pessoa humana: cabeça, coração, mãos, mas acima de tudo, o coração, ou mais exactamente, o espírito.

### *Conversão*

O catecumenato baptismal acentua a conversão permanente. Poderíamos dizer que o RICA descreve um processo permanente de conversão<sup>12</sup>. Toda a dimensão de conversão, de espiritualidade, de vida cristã profunda deve ser muito importante. E devemos encontrar a forma de trabalhar este aspecto intensivamente nas nossas igrejas. A fé exige uma maturidade. Para isto, a conversão deve ser profunda, do coração, das atitudes, do modo de vida, da própria personalidade. Para que haja um grande número de batizados não devemos nunca aceitar baixar a profundidade de vida, mas é necessário assegurar uma conversão sincera que torna possível a participação madura nas celebrações e na vida da comunidade. Uma conversão que explicita uma opção clara e nítida pelo Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

---

<sup>11</sup> REICHERT, JEAN-CLAUDE, *Pédagogie d'initiation et pédagogie de l'initiation*, Lumen Vitae 51 (2006) 319-331.

<sup>12</sup> SINWELL, JOSEPH P., *Le catéchuménat baptismal. Pour un renouveau de l'éducation religieuse*, en Lumen Vitae 51 (2006) 245-252.

### *Adaptado*

O Mons. Andrea Fontana diz que o tempo do pronto-a-vestir acabou<sup>13</sup>, e que devemos recuperar os costureiros do passado. O alfaiate fazia o fato exclusivo para cada pessoa. Os catecúmenos que chegam, muitos, permitem-nos fazer isso: adaptarmo-nos às suas circunstâncias pessoais, às suas necessidades, às suas exigências, às suas inquietações, ao seu ritmo<sup>14</sup> e, em consequência, construir esta Igreja que se adapta a cada pessoa. Creio que isto é um elemento importante que poderá ser transcendente depois noutros domínios da acção pastoral. Esta adaptabilidade às circunstâncias de cada pessoa tornar-se-á cada vez mais importante e necessária, e o catecumenato põe-na em evidência.

Comentámos alguns pontos ou critérios que emanam do catecumenato que podem ou devem renovar a catequese. Para isso, e à luz do Concílio Vaticano II e do Directório Geral para a Catequese, é necessário e fundamental que façamos a restauração do catecumenato nas nossas igrejas, para que a acção pastoral, analisada, revista e reflectida, chegue a renovar de uma forma progressiva, real e verdadeira nas nossas catequese.

## **4. Acolhimento, discernimento e acompanhamento**

Penso que estes três termos – acolhimento, discernimento e acompanhamento – nos dizem algo de fundamental em relação aos processos de iniciação cristã e, em consequência, em relação à catequese. É preciso aceitar que existem conceitos chave que devemos ter em consideração nos nossos dispositivos catequéticos.

### *Chamamento e acolhimento*

No caminho da fé, é evidente que há um momento de chamamento, um momento inicial através do qual uma pessoa decide fazer-se ao caminho. Hoje, mais do que nunca, devemos estar atentos a esses momentos. Pensar que já não há «anunciações» ou «visitas de anjos» ou que o Espírito de Deus já não age neste mundo, seria um grave erro. Para isto, os diferentes agentes de pastoral e, em geral, todos os cristãos devem estar muito atentos, ter os ouvidos bem abertos, para apreender o que uma pessoa vive no seu interior.

---

<sup>13</sup> FONTANA, ANDREA, *L'Iniziazione Cristiana degli adulti: urgenze e obiettivi*, (pp. 138-139), en: BENZI, GUIDO e GIUNGI, TARSICIO (eds.), *Diventare Cristiani. L'iniziazione cristiana tra problemi e ricerca di nuove vie*. Ed. Elledici, Turin 2004.

<sup>14</sup> FOSSION, André, *Le catéchuménat, modèle inspirateur de toute catéchèse*, en *Lumen Vitae* 51 (2006) 253-267.

*A conversão missionária da catequese. Um desafio a partir...*

Com muita frequência, interrogamo-nos acerca das razões pelas quais uma pessoa se questiona sobre a fé. Talvez porque um dia ela participou numa celebração e a homilia do celebrante a impressionou ou porque ela leu um determinado livro, ou porque os amigos e colegas são cristãos e o seu estilo de vida colocou-lhe questões enquanto pessoa, etc... Há sempre um acontecimento concreto, um momento inicial que exige uma resposta.

Uma resposta que deve ser feita a partir do acolhimento sincero e amigável, escancarando as portas das nossas comunidades. Mesmo se falamos muito de acolhimento, há ainda muito a fazer. Falta-nos subir muitos degraus na escada do acolhimento, nas nossas igrejas.

E saber acolher exige saber estar atento à vida das pessoas, para que a nossa palavra evangelizadora ressoe no seu interior. E estar atento à sua vida quer dizer *amar*. Só conhecemos bem uma pessoa quando a amamos.

#### *Conversão e discernimento*

Na vida de um indivíduo há um momento de «conversão». Um momento que, como diz Henri Bourgeois quando descreve os meios utilizáveis para descobrir se Deus existe, é também uma «*decisão*», que é quando «*nos pomos, apesar de tudo, apesar do mal e da obscuridade misteriosa, a acreditar*». Noutras ocasiões, Henri Bourgeois dirá que na vida de uma pessoa há uma espécie de «acontecimento fundador». Com efeito, como diz Henri Bourgeois, «*os catecúmenos que se fazem crentes experimentam uma fé como um dom. Esta fórmula clássica corresponde para eles a uma experiência, porque eles não podem justificar exactamente a razão pela qual aderem, mesmo se provam que esta adesão é racional. Deus intervém, é Ele que se torna existente em nós. Ele está em nós sem fazer parte de nós*»<sup>15</sup>.

Para isso será fundamental saber discernir aquilo que o catecúmeno está a viver. É evidente que toda a conversão, pontual ou progressiva, exige um discernimento, isto é, uma sabedoria para estar atento ao que vive o catecúmeno, para o ajudar a crescer e a amadurecer no caminho da fé.

#### *Maturação e acompanhamento*

Para Henri Bourgeois, o catecumenato tem uma característica fundamental: para se ser cristão é necessário tempo, recuperando a

---

<sup>15</sup> BOURGEOIS, Henri, *Teología catecumenal*, col. "Biblioteca litúrgica" nº 31, ed. Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona 2007 [original francês: BOURGEOIS, Henri, *Théologie catéchuménale*, ed. Éditions du Cerf, Paris 2007].

afirmação bem conhecida de Tertúlio que diz «não nascemos cristãos, tornamo-nos cristãos», acentuando a necessidade de articular um processo, com uma «duração limitada», que guia o acreditar do cristão na fé. Este processo exige um acompanhamento. Henri Bourgeois diz que o «*processo de iniciação é guiado e acompanhado, o que supõe um ou mais iniciadores e uma aptidão disponível (modo de conduzir o processo, etapas, etc)*. Dito de outra forma, *não há iniciado sem iniciador*», ou seja «*não existe propriamente uma auto-iniciação*».

Se não o fazemos, apesar de os resultados serem evidentes, o processo de iniciação manifesta-se fraco e submetido a todos os constrangimentos da vida actual. Mas para que se faça, é importante que esteja presente em todo o processo de iniciação aquilo a que Henri Bourgeois chama de «*princípio da repetição*», segundo o qual os elementos essenciais da fé devem ser mostrados muitas vezes, para ficarem bem enraizados no coração do catecúmeno. Se não o fizermos, teremos apenas insignificâncias iniciáticas. É preciso «*passar novamente pelas portas estreitas pelas quais já passámos, entrar novamente numa sequência de experiências que se relacionem umas com as outras, usar de tempo para permitir que a fé se manifeste na sua gratuidade*»<sup>16</sup>, dirá Henri Bourgeois.

## 5. Objectivos pastorais possíveis

Talvez mais do que falar de objectivos pastorais deveríamos falar de sugestões pastorais para um possível renascimento catequético. Gostaria de sublinhar que estas questões pastorais situam-se ao nível das ideias pastorais, ou mais exactamente dos sonhos ou ideais pastorais; mas sabemos que por vezes os sonhos tornam-se realidade. Não há aqui nenhuma ordem de importância; trata-se, antes, de uma chuva de ideias que vos apresento com o desejo, é certo, de que cheguemos a encontrar entre nós a forma de as pôr em prática. Ou formular e articular novos processos catequéticos de iniciação cristã com uma clara presença missionária.

**1. Passar de uma «catequese catecumenal» a um «catecumenato catequético», isto é, impelir verdadeiros processos de iniciação cristã.**

---

<sup>16</sup> BOURGEOIS, Henri, *Teología catecumenal*, col. "Biblioteca litúrgica" nº 31, ed. Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona 2007 [original francês: BOURGEOIS, Henri, *Théologie catéchuménale*, ed. Éditions du Cerf, Paris 2007].

Actualmente, em vários países da Europa, começou-se a aplicar programas diferentes de iniciação cristã. Por exemplo, em Espanha, a partir de 1998, com a publicação pelos bispos do documento «A iniciação cristã. Reflexões e orientações»<sup>17</sup>, quiseram impulsionar a elaboração de itinerários catequéticos que têm por finalidade a iniciação cristã das crianças e também dos adultos. Posteriormente, esta linha pastoral reforçou-se com a publicação de outros dois documentos sobre a iniciação cristã de pessoas não baptizadas, de adultos<sup>18</sup> e também de crianças<sup>19</sup>. Mas esta riqueza de documentos e de magistério não significa que os programas catequéticos incitem uma autêntica e verdadeira iniciação cristã.

Na verdade, Espanha tem uma tradição rica no que respeita ao que nós chamamos de catequese do catecumenato; mas se analisarmos atentamente esses programas catequéticos, damos-nos conta que o adjectivo «catecumenal» não corresponde sempre aos fundamentos do catecumenato. Poderíamos dizer que durante os anos 80 chamávamos «catecumenato» a um modelo de catequese, dirigido principalmente aos adultos, que procurava novas fórmulas de catequese, mais participativas, que implicavam aquele que era o sujeito destinatário, mas que não correspondia realmente a uma inspiração do RICA com todos os seus traços específicos e singulares. Neste período, o processo catecumenal aplicou-se a uma eficaz evangelização dos baptizados e, a pouco e pouco, a todo o tipo de catequese. A denominada inspiração «catecumenal» representa o desejo de fazer da catequese um processo de iniciação cristã integral, isto é, uma iniciação nas dimensões fundamentais da fé cristã: conhecimento do mistério de Cristo, conversão à vida evangélica, descoberta de uma oração e celebração vivas e empenho evangelizador<sup>20</sup>, mesmo se não conseguimos atingir esse objectivo.

Agora estamos perante o mesmo perigo do passado. Podemos falar de catequese de iniciação cristã, podemos programar itinerários catequéticos de iniciação cristã, mas que não o são na realidade. Pode acontecer o mesmo, que a expressão «iniciação cristã» seja somente um adjectivo actual

---

<sup>17</sup> LXX ASAMBLEA PLENARIA DE LA CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *La Iniciación cristiana. Reflexiones y orientaciones*, ed. EDICE, Madrid 1998.

<sup>18</sup> LXXVIII ASAMBLEA PLENARIA DE LA CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *Orientaciones pastorales para el catecumenado*, ed. EDICE, Madrid 2002.

<sup>19</sup> LXXXIII ASAMBLEA PLENARIA DE LA CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *Orientaciones pastorales para la iniciación cristiana de niños no bautizados en su infancia*, ed. EDICE, Madrid 2004.

<sup>20</sup> LOPEZ, Jesús “Catecumenal, catequesi”, en *Diccionario de Catequética*, 143-144.

que não corresponde a nenhuma realidade substancial; que mesmo que haja uma vontade real de renovar a catequese e de promover processos que permitam iniciar na fé as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos, no fundo tudo fique parecido. Devemos questionar-nos se realmente impulsionamos novos modelos de catequese que articulam um processo catequético-litúrgico que permite fazer crescer na fé e tornar alguém num verdadeiro discípulo de Cristo na Igreja para o mundo, de acordo com o RICA.

Devemos encontrar uma forma de falar de iniciação cristã sem lhe juntar um adjectivo: é necessário que se fale de iniciação cristã como uma realidade. É por isso que digo sem hesitar que a restauração do catecumenato é e deve ser o critério fundamental para o desenvolvimento dos processos de iniciação cristã que leva os baptizados e não baptizados à comunhão com Cristo e à plena maturidade da fé, que a iniciação cristã se inspire realmente no catecumenato baptismal, que ela assuma a sua «verdade», o seu método, a sua identidade própria. O catecumenato é e deve ser o ponto de referência para compreender o que é e o que deve ser a iniciação cristã.

As motivações e o sentido da opção catecumenal podem ser de âmbito pastoral – necessidade de uma nova evangelização nos países de cristandade antiga –, de âmbito teológico – contributos no domínio da fé, da eclesiologia ou da missiologia que nos levam a repensar a prática pastoral – e de âmbito sociocultural – como resposta à crescente secularização e pluralismo das nossas sociedades<sup>21</sup>. Mas esta opção catecumenal deve basear-se realmente no catecumenato baptismal, no RICA.

É por isso que a recente e actual restauração do catecumenato deve permitir-nos que, a pouco e pouco, a iniciação cristã seja guiada pelo catecumenato. E é por esta razão que falo de catecumenato catequético, para pôr cada coisa no seu lugar e sublinhar onde é preciso fazê-lo. Henry Bourgeois diz, e muito bem: «*o esquema do catecumenato usado pelos adultos torna-se cada vez mais uma marca para o percurso de iniciação feito pelas crianças* <sup>22</sup>.»

**2. Estruturar a catequese nas etapas próprias do catecumenado**, fazendo com que as famílias as conheçam e sejam conscientes delas. Numa primeira fase tão só se inumerariam as fases com umas referências mínimas ou as

<sup>21</sup> ALBERICH, Emilio “Catecumenat modern”, en *Diccionari de Catequètica*, 147-150.

<sup>22</sup> BOURGEOIS, Henri, *Teologia catecumenal*, col. “Biblioteca litúrgica” nº 31, ed. Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona 2007 [original francès: BOURGEOIS, Henri, *Théologie catéchuménale*, ed. Éditions du Cerf, Paris 2007].

características próprias de cada uma das etapas catecumenais. Mais adiante, num segundo momento, ou numa segunda fase, se introduziria um certo exame de idoneidade, que marcaria a passagem de uma etapa a outra e, portanto, estabeleceria uns itinerários diferenciados e de uma duração variável para cada um dos destinatários. Começar a programar itinerários diferenciados em função do momento em que se encontra o destinatário.

**3. Estruturar a catequese das crianças e adolescentes num programa ternário :** três anos, três trimestres, onde cada trimestre tenha um enfoque concreto. O primeiro trimestre seria consagrado fundamentalmente à formação catequética (cabeça), o segundo trimestre à espiritualidade (coração), e o terceiro trimestre à acção ou serviço (mãos). O primeiro enfoque é aquele que cumprimos habitualmente. O segundo desenvolver-se-ia através de retiros, celebrações, vigílias de oração, etc... O terceiro, através de diferentes serviços e acções de voluntariado e de caridade. Tudo isto repetir-se-ia a cada ano durante um mínimo de três anos. Para isso seria também necessário que as sessões de catequese fossem mais longas, talvez de duas horas, o que permitiria trabalhar as três dimensões da pessoa humana.

**4. Estabelecer uma espécie de informação mensal ou trimestral** para informar os pais. Este boletim informativo mostraria se, realmente, se alcançaram determinados objectivos. Esta informação deveria ser elaborada pelo catequista, de acordo com o sacerdote, e comentado com os pais e os padrinhos. Isso ajudaria os pais a tomar consciência do momento em que se encontram os seus filhos e impediria a “automatização” na recepção dos sacramentos da iniciação cristã.

**5. Potenciar determinadas visitas culturais** potenciando a relação com os outros cristãos de outras comunidades e favorecendo um verdadeiro diálogo. Isso permitiria combinar o trabalho em grupo nas paróquias com o intercambio com outros cristãos e possibilitando a presença de diferentes movimentos eclesiais. Seriam especialmente destacáveis as visitas àquelas paróquias que possuem um notável património cultural e artístico.

**6. Reforçar uma verdadeira catequese familiar,** isto é, uma catequese com os pais e as crianças. Recuperar a responsabilidade dos pais na iniciação cristã dos seus filhos, segundo o seu compromisso realizado no matrimónio e no momento de baptizar os seus filhos. Os pais atribuem à paróquia uma responsabilidade que lhes é devida. Os pais viriam à catequese



e seriam eles que transmitiriam a fé aos seus filhos, estabelecendo para os pais um processo com um claro carácter de catecumenato, com catequeses, celebrações, ritos, seguindo as quatro vias do RICA 19.

7. *Consagrar a Quaresma à preparação dos pais e padrinhos para o baptismo das crianças* com um claro acento catecumenal. Os baptismos celebrar-se-iam somente durante o tempo da Páscoa, nos domingos durante a celebração eucarística ou nas celebrações comunitárias com presença e participação da comunidade cristã. Esta preparação teria as suas catequeses e os seus ritos (com escrutínios e exorcismos), inspirando-se no RICA. Ao mesmo tempo, a catequese ofereceria um tempo de mistagogia aos que o desejassem.

8. *Que a preparação para o casamento tenha um claro e nítido carácter catecumenal*, ajudando os noivos a aprofundar a sua fé no Cristo morto e ressuscitado, fundamento da vida matrimonial. Aproveitar o facto de os noivos determinarem a data do casamento na paróquia numa média de um ano de antecedência. Isto permite que a preparação para o matrimónio não abarque apenas questões matrimoniais, mas que atinja a fé cristã que deve ser renovada e reforçada.

## 6. Conclusão

É difícil tirar conclusões concretas. Esse trabalho deveria ser feito por todos nós. Henri Bourgeois, na sua Teologia Catecumenal, diz: *«apercebemo-nos que a prática do catecumenato tem uma palavra a dizer sobre a catequese, a descoberta da Igreja, a vida ética e a experiência espiritual. É necessário que esse capital recebido e diariamente actualizado se expresse, se modifique, seja discutido e aprofundado»*<sup>23</sup>. E que “a prática do catecumenato é uma das formas de evangelização”.<sup>24</sup> Ressoam, então, novamente as palavras do Directório Geral para a Catequese, quando diz que *a situação actual da evangelização postula que as duas acções, o anúncio missionário e a catequese de iniciação, devem ser concebidas de*

---

<sup>23</sup> BOURGEOIS, Henri, *Teología catecumenal*, col. “Biblioteca litúrgica” nº 31, ed. Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona 2007 [original francês: BOURGEOIS, Henri, *Théologie catéchuménale*, ed. Éditions du Cerf, Paris 2007].

<sup>24</sup> BOURGEOIS, Henri, *Teología catecumenal*, col. “Biblioteca litúrgica” nº 31, ed. Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona 2007 [original francês: BOURGEOIS, Henri, *Théologie catéchuménale*, ed. Éditions du Cerf, Paris 2007], p. 332.

*A conversão missionária da catequese. Um desafio a partir...*

*maneira coordenada e oferecidas na Igreja particular através de um projecto de evangelização simultaneamente missionário e catecumenal. Hoje em dia, a catequese deve ser entendida antes de mais como uma consequência de um anúncio missionário eficaz. A indicação do decreto Ad Gentes – que situa o catecumenato no contexto da acção missionária da Igreja – é um critério de referência muito válido para a catequese (DGC 277).*

Temos os critérios, temos as chaves, temos as pistas. Agora, cabe-nos a todos, padres e catequistas, pôr mãos à obra. Que o Senhor que disse aos seus discípulos : «Ide e fazei discípulos em todas as nações, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinai-os a cumprir tudo quanto vos mandei. E eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos» (Mt 28,19-20), nos acompanhe, enchendo-nos do dom do seu Espírito para sabermos extrair do seu tesouro *o novo e o velho* (cf. Mt 13, 52), mas sobretudo coisas novas e renovadoras.

# **A conversão missionária da catequese. O “primeiro anúncio” na comunidade cristã das origens**

CESARE BISSOLI (\*)

A Igreja precisa de redescobrir continuamente a sua identidade, sobretudo quando a situação histórica constitui para ela um desafio que põe em jogo a sua capacidade de realizar as próprias obrigações e, portanto, a sua legitimidade como Igreja. Neste sentido, para a Igreja, a memória das suas raízes molda-se como uma memória vital. Por conseguinte, a releitura das suas origens não é um acto de luxo, nem de uma pura investigação arqueológica, mas aproxima-se a um acto de memória vital (um memorial), com notáveis repercussões dogmáticas e pastorais. É nesta óptica que se baseia a minha reflexão, que pretende esclarecer as ideias e superar os estereótipos circulantes através de um exame cuidadoso das fontes.

## **1. Indicações Metodológicas para uma correcta sintonia com os tempos do NT**

### *1.1. À procura de um sentido*

a) Devo confessar que o título da relação provoca no exegeta uma certa inquietação, que exige uma clarificação da questão.

Com efeito, a questão sobre o primeiro anúncio no sentido que se dá actualmente é *um problema nascido nos «escritórios» dos catequetas*<sup>1</sup> a

---

(\*) Sacerdote, licenciado em Sagrada Escritura no Pontifício Instituto Bíblico de Roma e doutorado em Teologia pela Università Pontificia Salesiana. Catedrático em Bíblia e Catequese, é consultor da Congregação para o Clero, coordenador do Apostolado Bíblico Italiano, membro da Equipa Europeia de Catequese e do Fórum Europeu para o Ensino Religioso, tendo editado vasta obra, sobretudo na área dos Estudos Bíblicos.

<sup>1</sup> Cfr Gevaert J, *Primera evangelización. Aspectos catequéticos*. Elledici, Leumann (Turim) 1990, 34-37.

partir da reforma "kerigmática" dos anos 30 (J.A. Junhmann) e com o fim de revitalizar uma prática catequista (catecismo) de estilo doutrinário que, com o passar do tempo, se vai mostrando sempre menos eficaz. Talvez hoje, mais do que nunca – pelo menos nos países da antiga cristandade – estamos plenamente convencidos do tema. Daí a obrigação de ir às raízes.<sup>2</sup>

b) Mas, indo às *raízes*, ou seja, aos *tempos do NT*, verificamos de imediato que os apóstolos eram muito conscientes da necessidade de anunciar e, no entanto, se mostravam pouco interessados em elaborar uma teoria sobre o primeiro anúncio; realizando no seu lugar a prática do anúncio com paixão (*parresia*) e entregando-nos globalmente a sua obra nos 27 livros do NT.

Por isso, e estudioso encontra algumas dificuldades no momento de responder com precisão às perguntas habituais da investigação catequética: o que é "o primeiro" (o principal) e o que é o segundo (o secundário) no serviço da fé? O primeiro anúncio entendido, obviamente, em sentido ontológico, assume também uma prioridade cronológica, ou seja, de "o primeiro" em sentido temporal?

Existia uma pré-evangelização antes da evangelização? Como se diferenciava a catequese do primeiro anúncio? Qual era o tipo de não crente ao qual se dirigia a pregação missionária, tratando-se com frequência de hebreus e prosélitos observantes?

c) A razão da dificuldade para uma resposta precisa está no facto da profunda fusão teológico-temporal entre o antes e o depois da Páscoa, entre os tempos históricos dos acontecimentos e a sua elaboração redaccional (isto é particular válido para os Actos dos Apóstolos, considerados tradicionalmente como o documento principal do kerigma primitivo e, por outro lado, fortemente influenciados pela elaboração teológica de Lucas)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Hoje aproximamo-nos à Bíblia com uma perspectiva diversa à da catequese kerigmática. Não se trata de anunciar o kerigma a uns crentes, como são os destinatários da catequese, mas sim de anunciá-lo a pessoas que não são crentes, como passo decisivo para realizar depois o progressivo aprofundamento catequético.

<sup>3</sup> Hoje, nas teologias do NT, são duas as situações que prevalecem sobre a colocação e o desenvolvimento da pregação apostólica: há quem reconheça, na Igreja das origens, um certo perfil orgânico de primeiro anúncio (C.H. Dodd, L. Goppelt, P. Stuhlmacher); para outros não é tão claro, pelo que se limitam a expor unitariamente a pregação pós-pascal de Jesus, examinando-a quer seja no testemunho dos evangélicos como no corpo das Cartas, de Paulo em particular (J.Gnilka, H. Hübner, G. Strecker) (cf. Segalla G., *Teologia bíblica* del NT, Elledici, Leumann (Turim) 2006, 220-221).

Em suma: do NT recebemos um conteúdo global no qual qualquer definição do primeiro anúncio está dentro de um contexto histórico-teológico determinado. Se dizemos, então, que o primeiro anúncio tem como núcleo central a memória de Jesus crucificado e ressuscitado, essa encontra-se em estreita companhia com um conjunto de elementos que a aprofundam e enriquecem. Trata-se, no fundo, da aplicação da lei que rege a compreensão do NT, e dos evangelhos em particular: toda a palavra, toda a narração está estreitamente ligada a um ambiente vital (*Sitz im Leben*) que o sustém e explica.

### 1.2. *Algumas consequências:*

- Apelar ao NT para conhecer o primeiro anúncio significa, antes de mais, aceitar como área de investigação todo o NT como fruto da pregação apostólica, base de qualquer anúncio na Igreja; o qual significa reconhecer as marcas do mesmo nas partes arcaicas dos Actos referentes a Paulo (como se faz habitualmente), mas também nas exposições elaboradas pelo próprio Paulo, Pedro (1ª Carta) e João (Cartas), etc.
- No entanto, é legítima uma leitura mais ajustada do sentido do primeiro anúncio dentro do próprio NT, distinguindo os conteúdos segundo uma «hierarquia das verdades» (não raramente dentro, também, de uma prioridade histórica) que o NT reconhece. Assim, admite-se frequentemente que na pregação dos Actos há um filão arcaico que reflecte de imediato as primeiras origens da Igreja. Trata-se, de qualquer forma, de um distinguir sem reparar e, quando vem diferenciado, entende-se numa rede de elementos que forma o contexto vital.
- Em terceiro lugar, sobre este tema como para qualquer outro no qual interrogamos a Escritura, não há respostas pontuais como receitas preparadas para uso imediato, enquanto motivações e orientações de fundo para *inculturar*, criativamente, na nossa circunstância.
- Assim, abre-se diante de nós, um capítulo de pedagogia da fé que, sabedores do debate actual sobre a formação das primeiras comunidades cristãs entre os anos 30 e 50, nos leva a fixar como primeiro elemento a pregação apostólica, com a sua gama de termos e conteúdos, no seu perfil institucional (II) e a reunir sucessivamente as qualidades deste serviço (III), para concluir com alguma anotação de ordem catequética.

## **II. A Pregação Apostólica: Presença e modalidade do primeiro anúncio**

Num conhecido artigo dos anos 50, o P. Benoit – com ele recordamos igualmente a investigação quase contemporânea de C.H. Dodd sobre a pregação apostólica – ao estudar o que se chama kerigma ou anúncio ideal, depois de um exame dos textos bíblicos, emitia um juízo sintético que ainda hoje vigora: “Mais para além das divergências inevitáveis – e tão fecundas – que caracterizam as elaborações teológicas dos vários autores do NT, existe um dado fundamental (=o kerigma) do qual todos partem, sobre o qual todos constroem e com o qual todos começam a sua pregação quando querem converter o mundo à fé de Cristo. Este dado, nas suas palavras e nos seus escritos, apresenta-se com uma formulação bastante homogénea, que deriva da própria simplicidade da mensagem e da frequência da sua repetição”<sup>4</sup>.

Se a mensagem é, precisamente, simples e unitária, o modo para chegar a expressá-la como merece, retirando-a do âmbito vital da sua igreja e sem convertê-la numa fórmula abstracta de verdade, parece mais complexo. Por outras palavras, essa forma habitual de afirmar que o primeiro anúncio é a proclamação ou o kerigma da morte e ressurreição de Jesus é verdadeira, mas pobre pelo facto de estar separada da sua origem vital.

Mais concretamente, desde Benoit e Dodd em diante, numa maneira sempre mais articulada e profunda, distinguem-se as diversas peças do mosaico global que classificamos nas seguintes: a génese da Igreja das origens (2.1.), os elementos que a constituem (2.2.), a configuração do primeiro anúncio ou kerigma (2.3.; 2.4.) os conteúdos que o expressam (2.5.).

### *2.1. “A Igreja das origens como comunidade da memória viva”<sup>5</sup>*

a) *A memória de Jesus*, marcada pela experiência do Senhor ressuscitado, está *nas origens da Igreja* e nessa Igreja está conservada, cultivada e

---

<sup>4</sup> *Le origini del simbolo degli apostoli nel Nuovo Testamento*, en Esegese e teologia, Paoline, Roma 1964, 476 (orig., *Les origenes del simbolo de los apóstoles*, in Exégèse et théologie, vol. 2, Cerf, Paris 1961, 193-211. V. pure Dodd C.H., *La predicazione apostolica e il suo sviluppo*, Paideia, Brescia 1973 (orig. *The Apostolic Preaching*, Oxford 1935).

<sup>5</sup> É de G. Segalla a formulação da qual seguimos aqui as linhas de pensamento no seu recente e excelente *Teologia bíblica del NT*, cit., 222-270 (aqui 222).

vivida. A Igreja aparece como a comunidade de uma memória viva. A narração idealizada dos seus inícios em Jerusalém e depois na Palestina (Antioquia...), lê-se nos primeiros capítulos dos Actos (1-10) e na mesma encontram-se marcas nas Cartas de Paulo.

b) A primeira comunidade tem como *núcleo central e autorizado* “os Doze” com Pedro à frente: todo ele forma o núcleo histórico-simbólico que tem a função de transmitir o testemunho da ressurreição e de toda a missão pública de Jesus: a sua conduta vital, os seus actos, as suas palavras. “Deve-se encarar seriamente esta intenção originária que une estreitamente a configuração da comunidade à memória do Jesus terreno e ao testemunho da sua ressurreição”<sup>6</sup>. O primeiro discurso de Pedro no dia de Pentecostes – Act 2 –, e depois em casa de Cornélio – Act 10 –, segundo os estratos frequentemente reconhecidos como arcaicos, o manifestam claramente.

c) Esta comunidade cristã mostra uma densa consciência de si própria: auto-define-se “igreja (de Deus)” (Act 5,11) com uma explícita referência à *qahal* do AT (Dt 5,22), e concebe-se como *comunidade de salvação* convocada por Deus por meio do Messias Jesus, núcleo ao qual deverá agregar-se Israel também chamado à salvação escatológica. Esta tensão escatológica sobre o fundo eclesiológico (e conjuntamente hebreu) marca fortemente o kerigma, a espera da vinda do Senhor, e entra na definição do primeiro anúncio, mas a sua intensidade teológica e existencial agora não se percebe bem e é, pelo contrário, um dado estranho.

d) Devemos também referir que desde os inícios tem lugar uma *viragem dramática* que marca de maneira específica a vocação missionária da Igreja e a sua mesma pregação: o judaísmo oficial recusa o objectivo dos Doze, qual traição da Torá e do próprio monoteísmo. Tal aspecto conduz a um processo fundamental de abertura da Igreja aos pagãos, baptizados em nome de Jesus Cristo (Act, 2 39; 10, 48) que chegam assim a formar parte da “Igreja de Deus” tal como os hebreus cristãos. Conhecemos as suas etapas: Pedro com Cornélio, depois os helenistas hebreus da diáspora com sede em Antioquia, onde encontramos Paulo e Barnabé e, finalmente, a incorporação massiva de “gentios”. Isto determinou uma mudança teológica radical e uma determinação pastoral com um destaque fundamental: na medida em que se alcança uma superação progressiva do judaísmo rígido,

---

<sup>6</sup> O.c., 224.

do mesmo modo se afirma a firmeza da memória de Jesus Ressuscitado no património bíblico. Serve de prova o *leitmotiv* “segundo as Escrituras” que se intercala nas fórmulas do primeiro anúncio; depois, no concílio de Jerusalém determinou-se pastoralmente não uma diversidade de anúncios, mas sim duas estratégias distintas na missão: a dos hebreus, reservada a Pedro, Santiago e João; e a dos pagãos, confiada a Paulo (Gl 2.9-10), com uma necessária e diferente modulação do mesmo kerigma.

## *2.2. Os factos que fazem a Igreja*

a) Dentro deste quadro histórico das origens falta mencionar o processo com que a “Igreja de Deus” se constrói: esse ambiente vital é o que estimula e sustém o anúncio. Notamos como primeiro aspecto uma clara *exigência missionária*: assim fez o Mestre, convém então que eu continue a anunciar o seu evangelho, que agora é a mesma pessoa do Senhor. A tensão missionária marca qualquer acto específico referente ao anúncio. É habitualmente chamada nos textos do NT com o termo de ‘evangelizar’ (evangelho, evangelização).<sup>7</sup>

b. Tal evangelização apresenta intimamente unidas estas três realidades: *a Palavra, o sacramento e a vida*. Assegura-o com clareza Act 2: a vinda do Espírito é o acto gerador (2,1-13); a pregação de Pedro, o anúncio solene (kerigma) de Jesus morto e ressuscitado que motiva e convida ao seu seguimento (2, 14-36) (pregação que tem uma continuidade na didaque ou catequese sucessiva); o acolhimento realiza-se através da conversão, ratificada com o baptismo (2,37-41); finalmente, surge uma vida nova, pessoal e comunitária, que se expressa numa nova práxis de amor, capaz de corrigir as desigualdades sociais e as divisões religiosas (2,42-47). “Estas três colunas basilares – pregação, conversão/baptismo, vida nova – remetem para a memória de Jesus e qualificam-se por tal memória”<sup>8</sup>.

Antes de passar directamente para a identidade do anúncio, convém demarcar a estreita interdependência entre estes actos; é como dizer que forma parte do primeiro anúncio quando remete a eventos fundamentais, quando gera atitudes, suscita comportamentos ou estabelece uma continuidade de pertença e de estilo de vida a par com a primeira comunidade.

---

<sup>7</sup> É ainda fundamental o artigo do P.-A. Liégé, *Évangélisation*, in *Catholicisme*, IV, 1954, col 755-764.

<sup>8</sup> Segalla G, *o.c.*, 238.



Orientado na mesma perspectiva e para garantir a sua autenticidade e plenitude, alguns falam hoje de pré-evangelização; retém-se justamente que é necessária, mas observa-se que é difícil separá-la da evangelização – pensemos, por exemplo, no discurso de Paulo em Atenas (Act 17, 16ss.). É melhor dizer que onde se activa um processo pré-evangelizador, se produz uma evangelização *in progress*.

### 2.3. O kerigma, a ‘segunda memória’ de Jesus

a) Actualmente, no momento de estruturar a teologia do NT e relativamente ao eixo central e unificador da galáxia dos 27 livros, muitos propõem o fio condutor de uma memória vital, do que está sujeito à comunidade originária ou apostólica.

Daí que, por baixo da habitual sequência temporal “missão terrena de Jesus-pregação apostólica-redacção dos escritos”, apareça uma interacção vital entre os três momentos, a qual dá lugar a uma tripla forma de memória: a “primeira memória” que é a memória de base referida na missão terrena de Jesus, que se segue após o evento da ressurreição; a “segunda memória”, aquilo a que se chama kerigma pascal, à qual se seguirá a “terceira memória” (as redacções dos 27 livros do NT)<sup>9</sup>.

Tratando-se sempre da memória do mesmo Jesus, dever-se-á dizer que cada nível de memória é indispensável: portanto, não se poderá dizer que a narração do Jesus do evangelho seja mais importante do que o kerigma do Jesus pascal ou da teologia de cada um dos diversos livros; ou que o kerigma converta em secundária a memória do Jesus terreno e secundária a elaboração teológica dos distintos livros; ou, vice-versa, que o sentido que se deve comunicar seja, relativamente ao resto, o da teologia de Marcos, ou de Paulo, ou de João. Em realidade, a evangelização realiza-se com a totalidade dos níveis e o primeiro anúncio, entrelaçado habitualmente com o kerigma, deve integrar-se com os outros.

b) Por outro lado, nestes três níveis de memória, deve-se prestar uma atenção específica à “segunda memória”, à memória do kerigma, porque se trata de um componente de facto que aparece na Igreja apostólica desde o dia de Pentecostes. Ou seja: com o acontecimento da ressurreição de Jesus

---

<sup>9</sup> ID, 73-85.

a Igreja foi envolvida num evento inaudito, mas real, que funda e revela a verdade definitiva sobre a pessoa de Jesus. A ressurreição, então, não deve ser compreendida como um facto que se deve acrescentar à vida e à morte de Jesus, mas sim como critério imperativo que completa historicamente tudo quanto a precede e vem a seguir; para além disso, estimula e influencia na primeira memória (sabe-se que do Jesus histórico se fala à luz da Páscoa) e desta forma é influenciada (o Ressuscitado é Jesus de Nazaré e na sua morte está o segredo da sua ressurreição), pelo que morte e ressurreição formam o kerigma unitário da Páscoa.

c) A primeira pregação recolheu tudo isto em fórmulas espalhadas em vários textos: a fórmula mais antiga é “*Jesus ressuscitou de entre os mortos*” (cf. Mt 28,6; Mc 16,6; Lc 24,6.34; Act 2,24; 3,15; 13,34;17,31; 1Co 15,4; 1Ts 4,14).

A formulação mais relevante, tão antiga como densa, é o conhecido kerigma da 1Co 15,3-8, de origem puramente pré-paulina (“transmiti-vos o que eu também recebi”), na qual estão estreitamente unidos ressurreição, morte pelos pecados, a ligação de ambos às Escrituras, a referência a múltiplos testemunhos (aparições) de ordem histórica, de tudo isto resulta a perspectiva de um futuro escatológico feliz e, conseqüentemente, a validade da opção da fé no Senhor Jesus. Constrói-se uma constelação teológica em torno da memória de Jesus Ressuscitado, dando ao kerigma proclamado uma espessura à qual talvez não se preste suficiente atenção.

d) O *kerigma*, com efeito, é como uma semente que cresce e desenvolve o quanto nela está implícito. Os livros do NT são comentários autorizados de tal afirmação. Assim se explica a passagem da afirmação da ressurreição de Cristo – enquanto vitória sobre a morte ignominiosa levada a cabo pelos judeus (cfr Act 2,23-24), à afirmação da ressurreição graças precisamente à morte de Cristo enquanto reveladora do grande amor que nela manifesta por nós (Gl 2,20; Jn 3,16), pelo que a morte vem incluída como facto essencial no kerigma, não como um desagradável incidente, mas sim como uma manifestação de um amor sem igual.

A crescente referência às Escrituras também permite colocar e compreender sempre melhor o kerigma no grande projecto de salvação de Deus que abrange toda a história. Ele levará a reclamar a acção da Trindade e a explicitar as atitudes requeridas (conversão), concretizadas no rito de

passagem do Baptismo para uma vida nova. Já o mencionámos e vê-lo-emos de novo nas expressões sucessivas.

Enquanto isso, podemos concluir que “a memória da ressurreição de Jesus chega a ser um centro focal e um catalizador de verdades teológicas que relacionam a sua pessoa com o mundo e com a história humana: a morte e a ressurreição como acontecimento unitário e transcendente, a ressurreição como elevação e glorificação de Jesus, a elevação do cristão a nova criatura e, finalmente, a unificação da história na retrospectiva da criação e na perspectiva da parúsia, em função da reconciliação e da paz humana e cósmica”<sup>10</sup>.

Entrar no kerigma, segundo o NT, não é certamente passar por uma porta fácil ou óbvia da fé cristã; mas é sim colocar-se num ponto de vista mais alto, extraordinariamente elevado, que nos permite ver e compreender tudo. Por isso, a evangelização não serve só como etapa do processo para chegar a ser cristãos, mas será luz constante para todo o serviço da Palavra, também da catequese e da formação permanente. Neste sentido, todo o anúncio deve transparecer o primeiro anúncio. O primeiro anúncio (que contribui com o dom da fé), em particular, requer uma fase mistagógica específica (enquanto dom de fé fruto do primeiro anúncio).

#### 2.4. *As expressões da memória de Jesus. As formas do kerigma*

Em realidade, não existe livro algum do NT em que se encontre o kerigma em estado puro. Os autores trataram de circunscrevê-lo nas tradições eclesiásticas ou pré-redaccionais, começando por “O catecismo da cristandade primitiva” de A. Seeberg (1903). A investigação actual conduz a umas orientações significativas, cujos resultados resumimos sinteticamente.

a) Segundo dissemos, o kerigma representa a ‘segunda memória’ do conteúdo de fé, ou seja, a memória de Jesus de Nazaré como Senhor ressuscitado, formulada pela Igreja enquanto realiza a sua missão. O kerigma aparece, então (e é muito importante sublinhá-lo), não como repetição de qualquer verdade revelada, mas como resposta à *memória de Jesus*, uma resposta pensada, formulada com muita atenção, solenemente proclamada,

---

<sup>10</sup> Cfr. Segalla G, *o.c.*, 215; 217.

celebrada devotamente no culto, vivida no cotidiano. Está incluída e é óbvia a implicação existencial da pessoa que o anuncia e da pessoa que o escuta.

b) Por este carácter e resposta vital, o kerigma vem expresso diversamente em cada uma das comunidades, recordando em linhas gerais que na Igreja das origens está vigente um pluralismo *sócio-religioso*, tanto maior quanto o anúncio cristão se vai abrindo às pessoas, ou seja, quando vem marcado mais pelo mundo helenista (de Paulo) do que pelo mundo judeu. Clássica a este propósito é a diferenciação do kerigma para os hebreus e para os gentios. Pedro, que fala em Jerusalém, e Paulo, em Atenas, configuram ícones exemplares. Trata-se de não fazer separações e antagonismos, já que a visão de um judaísmo helenista forma a base comum, já amadurecida num tempo anterior ao de Jesus (M. Hengel), ancorando o mesmo anúncio às diferenças de situação.

c) Uma demonstração deste pluralismo são as múltiplas formas expressivas. As formas principais que se podem completar mediante o método histórico-crítico são quatro: as formas narrativas, as fórmulas breves, as fórmulas de fé, os hinos. Uma palavra sobre todas elas.

\* A *forma narrativa* está concentrada nos Actos dos Apóstolos: ainda reconhecendo a profunda elaboração de Lucas, reconhecem-se em dito livro tradições originárias particularmente emergentes em três narrações emblemáticas: o sucesso de Pentecostes, com o discurso de Pedro (v. ponto 2.2.), Pedro em casa de Cornélio (Act 10,34-43), Paulo em Antioquia de Pisídia (Act 13, 16-41). Adverte-se, especialmente nos primeiros casos, a referência à vida de Jesus como fonte de significado salvífico que exige a decisão da fé. De onde está claro que a segunda memória não pode sequer nutrir-se da primeira memória do Jesus terreno, o qual por isso vem irresistivelmente atraído à órbita do primeiro anúncio. Não existirá um primeiro anúncio integral sem a narração da história de Jesus. É o que farão extensivamente os quatro evangelhos, verdadeiro kerigma prolongado até às mesmas raízes. Precisamente por esta ligação intrínseca, reflectindo hoje sobre a aparente falta no kerigma originário do motivo do Reino de Deus, tão querido por Jesus, procura-se a forma de recuperar a sua presença no significado que se deve dar à ressurreição e à abertura escatológica, sinais decisivos para a vinda do Reino.

\* Em segundo lugar vêm as *fórmulas breves e as fórmulas de fé*. Os estudos registam-nas diversamente, mas todas elas têm um mesmo

conteúdo essencial: Jesus como Senhor e a sua missão salvífica, com um convite implícito à participação pessoal.

*As fórmulas breves (ou fórmulas kerigmáticas)* sintetizam a fé tradicional. Pensa-se que o seu lugar de nascimento tenha sido a celebração litúrgica, em particular o Baptismo. São textos referenciais muito claros 1Co 15, 3-8 (já visto), 1Co 11,23-25 (a propósito da Eucaristia); Rm 1, 1-7 (prólogo à carta); Rm 3,25; 1Ts 1,9-10; 1P 2,22-24. Todos confirmam a vontade de garantir, recebendo-a, uma plena ortodoxia das ideias na conduta de vida.

*As fórmulas de fé (ou fórmulas de confissão)* implicam directamente a pessoa que as pronuncia. A mais breve e antiga é: “Jesus, Senhor (*Kyrios*)” (1Co 12,3) com uma densa ressonância bíblica (Deus como Senhor no AT) e testemunhal (só Jesus é o Senhor, e não o imperador de Roma).<sup>11</sup>

- \* Finalmente, vêm *os hinos cristológicos*. Os três maiores são: Flp 2,6-11; 1Col 1, 15-20; Jn 1,1-18. Hinos breves (doxologias) ou rastos deles que se podem ver em 1Tm 3,16; Hb 1,3; 1 P 1,18; 3,18.22. Hoje são considerados a ‘segunda memória’, com uma carga mais inovadora do que a ‘primeira memória’ de Jesus. Constituem a forma mais elevada e mais comprometedora no momento de celebrar a memória de Jesus, quando a expressam não tanto como crónica de dados, mas recorrendo às maravilhosas obras de Cristo, às quais ‘cantam intensamente’ como “acontecimento inaugural” com a potência que tem o que está a nascer. Enquanto hinos, com canto incluído para ser expresso na assembleia, chegam a ser entusiasmantes, performativos. Supõem a primeira resposta celebrativa unitária na narração e proclamação da memória de Jesus. Em certo sentido, o kerigma encontra aqui a sua melhor representação e permite perceber melhor a sua natureza de reflexão entusiasta da fé, provocando ainda mais a implicação dos participantes.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Outros textos: Act 8,37; 1Ts 4,14; 1Cor 8,4-6; 16,22; Rm 10,91; 1Jn 2,22, 4,15, Hb 13,21, 2P 3, 18, Ef 4,4-5.

<sup>12</sup> Hoje reconhece-se a estes hinos a qualidade de “módulo generativo intra-testamentário”, quando configuram no seu horizonte continuísta e poético (celebração de Cristo como acontecimento inaugural) a estrutura interior dos 27 livros do NT; que é o mesmo que dizer que, sem os hinos, a compreensão do kerigma e dos sucessivos livros mais do que errónea aparece fria, morta, extrínseca. Cfr. E. Haulotte, *Formation du corpus du Nouveau Testament. Recherche d'un 'module' génératif intratextuel*, in C.Theobald (dir.), *Le canon des Écritures...*, Cerf, Paris 1990, 225-439. V. SegallaG., o.c. , 251; 266-8.

### *2.5. O kerigma no seu contexto. Síntese final*

Para sermos completos, reuniremos simplesmente os conteúdos materiais que emergem da múltipla forma do kerigma ou (primeira) evangelização. Trata-se, na verdade, de uma operação em certo modo artificiosa, porque precisamente na fase kerigmática do anúncio o médium (como contexto e como modalidade expressiva) começa a formar parte essencial da mensagem, pelo que remeteremos para o ponto seguinte a sistematização um pouco mais elaborada.<sup>13</sup>

- Faz de porta de entrada o dado, de facto, de um anúncio que comunica algo a alguém.
- Tal anúncio advém do testemunho pessoal directo ou transmitido dentro de uma comunidade de pessoas vivas, com múltiplas formas narrativas, doutrinárias (fórmulas breves) e hínicas, em referência às diferentes situações religiosas e culturais.
- No centro está a pessoa de Jesus Cristo como ressuscitado de entre os mortos (Jesus, o Senhor) por obra de Deus (o Pai), com a acção decisiva do Espírito Santo.
- Representa o acto final de uma história de vida a partir do Baptismo de João.
- Com a abertura a um futuro de cumprimento definitivo ou escatológico da salvação.
- Segundo um projecto querido por Deus (“segundo as Escrituras”) que engloba como profecia permanente a história de Israel.
- O efeito é a libertação da condenação e o dom da salvação da pessoa na sua nova situação de filho de Deus e a caminho da vida eterna.
- Quem recebe o anúncio é chamado a uma decisão que assume o perfil de uma conversão (metanóia) de tudo o que não é Jesus, o Senhor, para ser de Jesus, o Senhor, através do sacramento do Baptismo, a pertença à comunidade e a assunção de um estilo de vida cristã com uma continuidade de aprofundamento catequético, sacramental (eucaristia) e de fraternidade, com o influxo permanente do Espírito Santo.

---

<sup>13</sup> Os estudiosos de catequética trataram de recortar com todo o tipo de detalhes o perfil do primeiro anúncio ou primeira evangelização tendo em conta as citações do NT tidas como paradigmáticas como 1 Tess 1,9-10, considerada a forma textual mais antiga, Act 14,15-17; 17,16-34; Hb 6,1-2: cfr Gevaert J., *Primaera evangelización*, 63-71.

### III. As qualidades do Kerigma no NT: Um caminho para a identidade

3.1. “*Primeiro anúncio*” é um termo dos modernos que – no NT – encontra a sua ligação substancial *no kerigma*. Este tem as suas raízes na pregação apostólica depois da ressurreição de Jesus de entre os mortos, para encontrar depois uma codificação diversificada em todos os livros do NT. Sem o kerigma ou primeiro anúncio, faltaria ao cristão das origens o fundamento do edifício da fé, a chave da sua compreensão, ou seja, a razão do seu ser crente; mas sem a totalidade do edifício recolhido nos 27 livros do NT, o mesmo kerigma permaneceria fragmentário e parcial, inadequado para dizer como devem ser os crentes.

Com efeito, o kerigma, que tem como centro a morte e a ressurreição de Jesus, conhece dois desenvolvimentos interpretativos e totalmente pertinentes.

- O primeiro procede da vida terrena de Jesus com a sua missão do Reino, reconhecido cada vez mais como a ‘causa’ de Jesus que ressurge com Ele e com Ele continua.
- O segundo desenvolvimento vai mais longe, compreende a história de Jesus como profecia, enquanto o futuro é o princípio dos tempos escatológico-messiânicos que asseguram a sua vinda.

“Segundo as Escrituras” é o *logótipo* oficial deste trajecto histórico-teológico do ontem até ao amanhã, dentro do qual se engloba o hoje.

Deve-se ter presente que a conclusão continuísta e expressiva da trajectória do kerigma é o Símbolo dos apóstolos.<sup>14</sup>

O papel atribuído ao dinamismo da ‘memória’ na elaboração dos conteúdos do NT parece explicar melhor o processo complexo e manifestar a sua incidência existencial.

3.2. O kerigma é mais do que um dado fixo, encerrado, ou uma simples constatação de verdade doutrinal; é sobretudo um anúncio solene (kerigma) do Evangelho de Deus que é Jesus Cristo (Evangelho e evangelizar são os termos predominantes), ou seja, *anúncio de um inaudito Acontecimento inaugural, carregado de uma potência dinâmica, como um big bang* do qual

---

<sup>14</sup> É a tese de P. Benoit, a.c., 486-487.

surgem a missão e a vida da comunidade cristã. Isto leva-nos a tomar algumas anotações:

a) No coração da confissão de fé, 'Jesus, o Senhor', ressoa um grito de vitória, vibrante, entusiasta, porque, tal como no cântico de Maria em Ex 14, proclama-se a superação de obstáculos muito graves, como o pecado e a morte, que nos separam de Deus e a afirmação de Jesus como absoluto protagonista para a salvação de cada ser humano.

Existe também uma *ressonância polémica* para quem tentou criar-lhe obstáculos até à morte: o Senhor é um ressuscitado de entre os mortos. Ao mesmo tempo, esta morte, recolhida preferencialmente no NT (Paulo) com a figura da cruz, vem entendida não como um *handicap* terrível e horrível que se deverá esquecer imediatamente, como se fosse um pesadelo, mas sim como uma prova de amor total, da qual provém a ressurreição. Porque o seu amor para com o homem é potente, e até dá a vida por ele, Jesus é o Senhor da vida. A cruz é o fundamento essencial da ressurreição. A ressurreição é a autêntica hermenêutica acabada da cruz.

b) Pela promessa de salvação que leva consigo, o kerigma é, pela sua própria natureza *um anúncio que interpela* e, conseqüentemente, reclama uma eleição livre que vai desde a conversão até à progressiva identificação com o mistério do Senhor Jesus, graças ao Baptismo e à Eucaristia, mediante a adesão à Igreja. O primeiro anúncio tem as suas raízes dentro da vida de uma comunidade à qual conduz e na qual, como acontecimento relativo às pessoas, se configura e se vive. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; num clima de fervor, de gozo, como o Exultet pascal.

c) *O kerigma e a missão da Igreja* estão indissolúvelmente unidos: a Igreja existe pelo anúncio e o anúncio confere à Igreja de Jesus Cristo o seu perfil genuíno. As diversas localizações do anúncio testemunhadas pelo NT, desde Jerusalém a Samaria e até aos confins do mundo (Roma), afirma a verdade histórica deste kerigma, missionário por natureza. O Espírito de Jesus ou Espírito Santo, chega a ser o regente do kerigma e da sua obra.

3.3. *O kerigma reflecte o ambiente de composição* sem o qual a compreensão permanece abstracta e fatalmente manipulável. Isto destaca-se na pluralidade de formas expressivas, com as conotações diversificadas do anúncio (mundo hebreu e mundo pagão), com a progressividade no mesmo processo de anúncio (cf 1Co 3,1-3; Hb 6,1-3).



Os 27 livros do NT não são mais do que codificações ampliadas do kerigma (Marcos com uma conotação especial, qualificado por alguns como o ‘evangelho do catecúmeno’), mas sempre numa circularidade pela qual se passa do Jesus como Senhor, do primeiro anúncio, ao Senhor como Jesus dos evangelhos.

Toda esta variedade expressiva indica, ao mesmo tempo, o “grande mistério” anunciado pelo kerigma, cujo acolhimento sobrevém completamente na iniciação e junto à necessidade de uma adaptação criativa (inculturação) aos tempos, lugares e às pessoas. Pode-se chegar a Jesus por uma só via, mas não se pode indicar de uma só maneira.

#### IV. Reflexões pastorais

4.1. Iniciámos a conferência reconhecendo a inquietação de ter de afrontar ditados pela agenda da modernidade, pelo temor de estar sob a *pressão de ter de retirar das origens cristãs um quadro sistemático bem definido* que responda à nossa pergunta do primeiro anúncio, quase uma espécie de *password* com um resultado garantido. Em realidade, isto não é materialmente possível nos níveis de uma investigação crítica devido, não só à diferença de óptica cultural e pastoral, mas também a uma intrínseca exigência dogmática e pedagógica consistente em deixar à Igreja uma criatividade sã no momento de encontrar as vias mais adequadas. O pluralismo das origens é um indicador precioso. Pode-se correr o risco de ser materialmente fiéis ao NT sem sê-lo existencialmente. A componente contextual torna real o primeiro anúncio. O primeiro anúncio é o que ressoou como tal para aqueles que o receberam e isto percebe-se pelo modo como o receberam. Seria estupendo confrontar agora as formas do primeiro anúncio existentes nas comunidades cristãs de hoje.

4.2. Por outro lado, observa sabiamente Dodd, vem superado *o perigo* de “separar do NT alguns parágrafos que parecem ter um tom ‘moderno’ e proclamar que são o elemento ‘permanente’ pelo seu aparente parentesco com a nossa mentalidade. O compromisso de perseguir sistematicamente o confronto com o evangelho da primeira comunidade cristã, inclusive nas formas e nas posições que combinam menos com a mentalidade moderna, leva inevitavelmente a repensar não só o evangelho, mas também as nossas posições pré-concebidas.”<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> *La predicación apostólica*, 88.

4.3. *Na situação actual* da comunicação da fé, o primeiro anúncio recebe das origens um *input* precioso: a génese da fé manifesta-se graças a uma *relação interpessoal intensa*, entre Jesus e os discípulos, entre os apóstolos (Pedro, Paulo) e os primeiros cristãos. Isto põe em destaque no anúncio, não tanto o primado da informação, quanto o de uma relação radical vital que se pode indicar correctamente como "geração". Em tal processo convém reconhecer que já é efeito do primeiro anúncio quando chama a atenção para ele.<sup>16</sup>

4.4. *No cerne de comunicação catequética*, o kerigma vem proposto não como uma fórmula fechada em si mesma, mas como uma janela aberta à totalidade do Evangelho, oferecendo um princípio hierárquico e articulado, em cuja luz se possa compreender tudo: O Senhor ressuscitou, porque morreu daquela forma..., porque viveu daquela forma..., segundo o grandioso plano de Deus, segundo as Escrituras. Isto requer uma implicação pessoal com uma experiência múltipla: anúncio, liturgia, vida de comunidade sob o signo da comunhão e do serviço, adaptação cultural.

Poder-se-á assim passar, por fim, da exploração do primeiro anúncio na Bíblia a como apresentar a Bíblia para o serviço do primeiro anúncio.<sup>17</sup>

#### *Indicações bibliográficas*

Benoit, *Le origini del simbolo degli apostoli nel Nuovo Testamento*, in *Esegesi e teologia*, Paoline 1964, 476 (orig., *Les origines du symbole des apôtres*, in *Exégèse et théologie*, vol 2, Cerf, Paris 1961, 193-211).

Dodd H.C., *La predicazione apostolica e il suo sviluppo*, Paideia, Brescia 1973 (orig. *The Apostolic Preaching*, Oxford 1935)

Gevaert J., *Prima evangelizzazione. Aspetti catechetici*, Elledici, Leumann (Turim) 1990.

---

<sup>16</sup> Cfr Theobald Ch., *C'est aujourd'hui le "moment favorable". Pour un diagnostic théologique du temps present*, in *Une nouvelle chance pour l'Évangile. Vers une pastorale d'engendrement*, Lumen Viaticum-Notaris, Bruxelles 2004, 47-72.

<sup>17</sup> Bissoli C., *La Biblia en la primera evangelización*, em *Catechesi* 71 (2002) 16-23.

Gnilka J., *I primi cristiani. Origini e inizio della Chiesa*, Paideia , Brescia 2000 (orig. *Die frühen Christen. Ursprünge und Anfang der Kirche*, Herder, Freiburg, 1999).

Liégé P.-A., *Évangélisation*, in *Catholicisme* , IV, 1954, col. 755-764.

Schmitt J., *Prédication apostolique*, in *DBS*, VIII, 1972, col. 246-273.

Segalla G., *Teologia biblica del NT*, Elledici, Leumann (Turim) 2006.



# Modelos de acção evangelizadora na Alemanha de Leste

GUIDO ERBRICH (\*)

## **Nota introdutória**

Não é certamente um acaso se a vossa escolha recaiu sobre quatro conferências relativas às experiências referentes a modelos de acções evangelizadoras com o objectivo de os apresentar a este congresso sobre a Dimensão Missionária da Catequese.

### **a) Variante pessimista: o território das Igrejas em estado de alerta**

O sociólogo protestante das religiões, Erhard Neubert, dá a seguinte resposta quando o interrogamos sobre a situação das Igrejas na ex-RDA:

*«O que nós encontramos na RDA, em 1990, em relação à situação da Igreja, é uma destruição massiva. Isso não me impede de alimentar uma ilusão. Em Berlim, a percentagem de jovens que pertencem à Igreja situa-se abaixo de um por cento. Sabemos também que durante a época da RDA a Igreja se teria afundado, em termos organizacionais, sem as ajudas financeiras do Ocidente: E, mesmo hoje, não teríamos a capacidade de sobreviver. É um território da Igreja em estado de alerta. Porque não percebemos isso? A partir destes estragos, deste sofrimento que sinto, devemos procurar as causas desta situação e encontrar uma via de saída».*<sup>1</sup>

---

(\*) Estudou teologia em Erfurt, Praga e Nova Orleães entre 1990 e 1996. Actualmente é director de estudos na academia da diocese de Dresden-Meiben e director da Educação Católica de adultos da Saxónia.

<sup>1</sup> Ehrhart Neubert na comissão de investigação « Aufarbeitung von Geschichte und Folgen der SED-Diktatur in Deutschland » do German Bundestag sobre a situação da Igreja na antiga Republica Democrática da Alemanha.

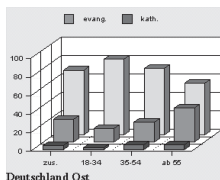
**b) Variante optimista: um campo experimental para a actividade pastoral com um carácter ideal**

Se alguém pergunta na Alemanha de Leste: «crê em Deus» responder-nos-ão: «Não – Eu sou completamente normal», este tipo de pessoa é aquela que os teólogos definem como «irreligiosa». Qualquer um que entende a citação de Dieter Erneis, um teólogo pastoral da Alemanha ocidental, deveria afinar a sua curiosidade considerando que esta situação supostamente pós-comunista, encontra também sentido na parte ocidental. «*Observamos experiências precisas nos novos Estados federais que fazem também sentido nos Estados federais ocidentais...Assim, os Estados federais ocidentais observam com atenção, por exemplo, a introdução na Alemanha de Leste de novas formas litúrgicas...ou ainda de novas ofertas especiais para os não-cristãos...que estão à procura de um sentido para a sua vida e esperam um certo élan para a orientação da sua vida*»<sup>2</sup>.

Esta citação, vista numa perspectiva diferente, é muito expressiva para uma Alemanha de Leste: «Onde nós (os Alemães de Leste) nos encontramos actualmente, vocês (os Alemães Orientais) encontram-se, num futuro previsível. É mesmo possível que isso faça parte das experiências de interesse no contexto europeu, ainda que isso vise sobretudo preparar o fim dos supostos *Volkskirchen* e de certezas religiosas».

Assim, a situação na Alemanha de Leste é um desafio para toda a Alemanha. Apenas a República Checa e a Suécia conhecem cenários comparáveis de ausência de fé. Isso significa que as experiências feitas na ex-RDA podem ajudar a encontrar as hipóteses de aproximação para uma nova acção evangelizadora.<sup>3</sup>

## I. SITUAÇÃO



### **Situação 1: nomes, história, implicação social**

A actual situação na **Alemanha de Leste** é o resultado de um processo que, no contexto histórico, é de certa maneira único. No espaço de apenas 40 anos, uma

<sup>2</sup> Dieter Erneis, entrevista a um jornal, em « Tag des Herrn » 2/2004.

<sup>3</sup> Relatório comparativo de Paul M. Zulehner e Hermann Denz « Wie Europa lebt und glaubt » (Vienna 1993).

sociedade de orientação cristã, consolidada durante muitos séculos, desmoronou-se como um castelo de cartas. De um ponto de vista objectivo expresso em números, observamos que se passou de uma situação de 95% de cristãos, em 1949, a 25% da população total da Alemanha de Leste, em 2008. E é uma avaliação optimista.

Esta situação deve ser distinguida do facto de saber até que ponto um contexto social marcado pela *Volkskirche* seja ou possa ser consubstancial para a realidade cristã<sup>4</sup> e seja tido como «território de religião em estado de alerta», território no qual as igrejas até hoje não se conseguiram restabelecer.

(N.T.: *Volkskirche* é um termo específico para designar em alemão a igreja maioritária e tradicional.)

Actualmente partimos do princípio que há aproximadamente 4% de católicos e 21% de protestantes na Alemanha de Leste. A tendência é decrescente, dado que o número de funerais cristãos é superior ao dos baptismos.<sup>5</sup>

Um estudo que analisa a situação em toda a Alemanha com o nome de «Religiöse und kirchliche Orientierungen in den Sinus-Milieus 2005» (Orientações religiosas e pastorais no contexto social Sinus 2005) constata que a igreja católica é cada vez menos numerosa na sociedade alemã. Na Alemanha, está apenas presente em três dos estratos sociais actuais. Trata-se do estrato social enraizado nas tradições e do estrato social conservador que reagrupa o centro da média burguesia, depois apenas parcialmente o estrato pós-materialista<sup>6</sup>. Com este resultado, está confirmado o que era suposto ao nível de toda a Igreja desde há anos e que se tornou evidente: há uma retirada massiva da Igreja de uma parte substancial da sociedade.<sup>7</sup>

---

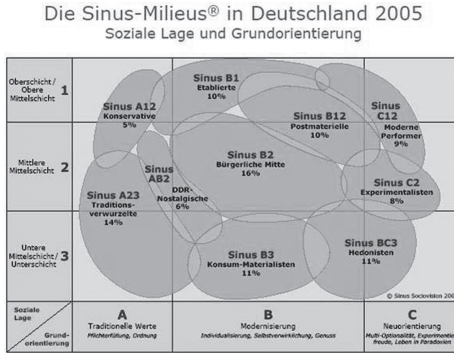
<sup>4</sup> Uma típica anedota da diáspora da Alemanha de Leste sobre os Bávaros e a sua Igreja «Bayern ? Lauter Katholiken, wenig Christen». (Bavaria : cheia de católicos, poucos cristãos). Mostra o ponto de vista da Diáspora: A Igreja não produz necessariamente um ambiente cristão. É localmente compreensível uma vez que a Alemanha de Leste é, hoje, tão irreligiosa como os Bávaros são Católicos.

<sup>5</sup> Para uma impressionante descrição da situação na Alemanha de Leste, ver o artigo: *Gott nach dem Kommunismus* » do Forum Pastoral de Vienna « Religion und Kirchen im Ost (Mitte)Europa. Deutschland-Ost » (Karl Gabriel, inter alia; Ostfildern 2003).

<sup>6</sup> No entanto, a Igreja é um ponto de referência para todas as pessoas que acreditam nos valores tradicionais, tal como cumprir o seu dever, a ordem e a família. A doutrina da Igreja ainda se aplica e a relação com a paróquia é forte. A participação nas Celebrações dominicais nas paróquias é forte e as pessoas desejam uma «Igreja familiar» sociável, não muito moralizante nem politizante.

<sup>7</sup> Muitos dos consultados, de entre a população moderna e jovem, associam a Igreja a algo retrogrado. imóvel e de mente estreita – e têm pouca relação com as celebrações da Igreja e com o compromisso.

## O contexto social Sinus na Alemanha em 2005 A situação de base e a orientação de base



Os resultados positivos do presente estudo relativamente a outras tentativas de análise efectuadas até hoje, fazem sobressair o tipo de indivíduo que se encontra «à distância da Igreja» e quais são as razões, assim como aquelas dos que confessam pertencer à Igreja.<sup>8</sup>

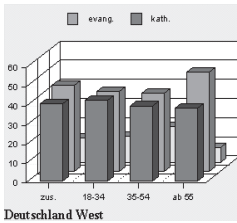
Este princípio, fundado num estudo de mercado, é muito pouco habitual para a parte oriental da Alemanha. No entanto, ninguém ficará surpreendido pelos resultados mostrando que não existem ou praticamente não existem laços entre a Igreja e numerosos estratos sociais. No entanto, «gerações de cristãos» aumentaram nesta parte da Alemanha para os quais esta situação «irreligiosa», praticamente única a nível mundial, está na ordem da normalidade e, no fundo, não surpreende ninguém.

Por outro lado, o Relatório verifica que há potencial nas pessoas com um estilo de vida mais moderno. Num ambiente pós-moderno, parece sempre haver um potencial simpático sob a rudeza das críticas.

Mas, muitos dos questionados desejavam um Igreja que não esteja escondida mas que aparece como auto-confiante e usando métodos modernos. O Relatório recomenda que se tenha em consideração várias prioridades sociais, estilos de vida e atitudes e que se seja capaz de se orientar para várias audiências. Importantes são, também, as “aberturas estilísticas” respeitantes à música, estética e aos formatos de celebração religiosa. Uma perspectiva geral do Relatório em [www.wochenzeitung.paulinus.de/milieu.htm](http://www.wochenzeitung.paulinus.de/milieu.htm). O manual “Religiöse und kirchliche Orientierungen in den Sinus-Milieus 2005” pode ser obtido em MDG, Postfach 201417, D-80014 Munich, also: [www.mdg-online.de](http://www.mdg-online.de).

<sup>8</sup> «O Relatório também ajuda a confirmar uma mudança de perspectiva: os dez estilos de vida questionados focam a sua perspectiva na Igreja Católica e formulam questões e pedidos. Lido deste ponto de vista, o Relatório ajuda a dar um agudo insight e motive novas considerações na planificação da pastoral.» (Resumo entregue à imprensa pelo arcebispo de Colónia).





A título comparativo, aqui está o diagrama relativo à situação da **Alemanha ocidental**: Observamos também um recuo, na parte ocidental, no que diz respeito ao laço com a Igreja, ainda que, até hoje não seja da mesma ordem de crescimento que na Alemanha oriental. Na parte ocidental, aproximadamente 42% são protestantes (20% na Alemanha oriental), 40% católicos (4% na Alemanha oriental) e 13% não professam nenhuma religião (70% na Alemanha oriental).

### **Situação 2: Não há nenhum motivo para ser pessimista – modelos para uma acção evangelizadora**

Paul Michael Zulehner, um teólogo vienense (teologia pastoral) afirma: «A situação na Alemanha oriental é, de um ponto de vista estatístico, tão precária, que ela não tem praticamente nada a perder, ela só pode ganhar assumindo os riscos. Esta pequena Igreja bem unida encontra-se na situação interessante de poder ser pioneira ao tornar-se uma Igreja com uma intensa actividade missionária». Antecipando a questão, Zulehner afirma que a Igreja da Alemanha oriental pretende adquirir direitos de forma muito hesitante. Mas estes princípios existem e serão explicitados na parte dos exemplos. Zulehner continua as suas reflexões – e com elas chegamos, depois da descrição da situação, à fase do começo da acção evangelizadora.

«Ela (a Igreja da Alemanha oriental) pode assumir muitos riscos com o encontro de indivíduos ateus, de analfabetos religiosos, experimentando modelos de integração do Evangelho na vida dos indivíduos que ainda nunca tiveram contactos com este texto, sem intervenção particular, sem nenhuma malícia». A Alemanha de Leste e, similarmente a República Checa, são por assim dizer, biótipos pastorais, em que essas coisas podem ser tentadas, o que pode ser crucial para a sobrevivência da Igreja na Europa.<sup>9</sup>

Na sua perspicaz conferência «Ausência de musicalidade no domínio religioso», o filósofo e sacerdote Eberhard Tiefensee, de Erfurt, formula as consequências no domínio pastoral. Ele descreve a Alemanha oriental como um «território de missão» no qual a pregação das ideias religiosas se encontra

<sup>9</sup> Entrevista na « Tag des Herrn », edition 6/2001 : Project : “Aufbruch” on the religious situation of the former Eastern block

por acaso, pela primeira vez, num ambiente irreligioso estável. O que é lamentável é o facto que ele se tenha mostrado, até ao presente excepcionalmente resistente com relação a todo o esforço missionário. Para além disso, desenvolveu-se, durante décadas, no seio das paróquias cristãs, uma mentalidade que não é propriamente «missionária». «A maior parte dos crentes...sobretudo nos meios da diáspora com as suas estruturas paroquiais idênticas às estruturas familiares, teve tendência a desenvolver uma mentalidade de fortalecimento consagrado o que, no entanto, não excluía obrigatoriamente a implicação pública de cada indivíduo. De forma geral, isso acarretou uma certa impotência: Impotência que, contudo, não significou resignação, ainda que por vezes tenha dado esta impressão.»<sup>10</sup> Tiefensee sublinha «que não é preciso abandonar a ideia que é a missão dos cristãos de mudar, se necessário, o stau quo...»<sup>11</sup>

Relativamente a esta mudança Tiefensee faz referência às premissas que chamam a atenção para um outro modelo de transmissão da boa nova, comparáveis à divisa dos bispos franceses: «Propor a fé na sociedade actual».<sup>12</sup>

Em suma, Tiefensee preconiza o seguinte:

Todas as iniciativas – quer sejam designadas como missão, evangelização ou nova evangelização – deverão ter em consideração

- a) «que não será preciso subestimar o abismo existente entre a mensagem pastoral e os destinatários não cristãos,
- b) que será preciso abster-se de desconsiderar a outra parte,
- c) que será preciso definir os seus objectivos sem se dissimular as fragilidades».<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> Eberhard Tiefensee, « Religiös unmusikalisch » quoted according to [www.uni-erfurt.de/tiefensee/Relig%F6s\\_unmusikalisch.pdf](http://www.uni-erfurt.de/tiefensee/Relig%F6s_unmusikalisch.pdf).

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> («Proposer la foi dans la société actuelle») (“Propor a fé na sociedade actual”) é o título da discussão iniciada pelos bispos franceses, no seu país, em 1994, com a «Carta aos católicos de França.

<sup>13</sup> Eberhard Tiefensee, « Religiös unmusikalisch » citado por [www.uni-erfurt.de/tiefensee/Relig%F6s\\_unmusikalisch.pdf](http://www.uni-erfurt.de/tiefensee/Relig%F6s_unmusikalisch.pdf).

**a. Não subestimar o abismo existente entre a mensagem pastoral e os destinatários não cristãos**

Regra geral, subestimamos este abismo, «dado que as duas partes têm apenas as capacidades para compreender o outro...Muitas experiências deste tipo foram feitas na Alemanha de Leste para assegurar um serviço de evangelização ou simplesmente orientar um grupo de preparação para a primeira comunhão ou a confirmação e eles encontram-se numa situação idêntica: um efeito de aprendizagem, ainda que perceptível é com frequência observado unicamente no destinatário da mensagem». Uma crise relativa à orientação, até a um vazio de sentido que se teme depois do desmoronamento, na Alemanha de Leste, da ideologia marxista-leninista e que «em certos meios tendo intenções missionárias era mesmo desejada», não se confirmou de uma maneira geral. Na Alemanha de Leste, a sociedade mostrou-se em tudo o que diz respeito aos valores de orientação da vida assombrosamente estável e capaz de enfrentar as crises – ela é irreligiosa de forma persistente.<sup>14</sup>

**b. Abster-se de desconsiderar a outra parte**

É necessário admitir que simplesmente devido às características correntemente negativas («irreligiosas», «sem confissão religiosa», «agnósticas», etc.) esta questão é difícil. Devemos sobretudo evitar insinuar que existe um suposto desmoronamento dos valores numa sociedade «irreligiosa».<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Tiefensee continua: «nem as “situações de fronteira” tão enfaticamente invocam um existencialismo teológico, conducente à contemplação religiosa ou o reverso. A Alemanha de Leste é, depois de duas ditaduras ... como uma regra suficientemente treinada para tomar as coisas como elas são, isto é, ajustar-se e ultrapassar o caos. Uma resposta para questões fundamentais de sentido não existe ou não é esperada, tanto na vida quotidiana como em circunstâncias extremas - o que, também, torna a questão supérflua para muitos. À luz da aparição massiva da espécie “homo areligiosus” uma antropologia que define o homem como incuravelmente religioso enfrenta um desafio pesado... Quando, pelo menos, metade da Alemanha de Leste se declara não crente num ser superior ou que não reza numa situação de emergência, então são areligiosos.»

<sup>15</sup> Tiefensee amplifica: Os conceitos morais sociais existentes mostram um quadro. «Neste caso trata-se de um conglomerado inconsciente de conceitos morais que estão, muitas vezes, a milhas da sua implementação, mas os alemães de leste não caem significativamente fora dos padrões do resto da Europa, tal como os estudos Europeus comparativos claramente mostram. A questão é qual o objective destes estudos empíricos dos conceitos morais, que são difíceis de preencher. Sobre tudo, servem provavelmente para valorizar a importância pessoal e para evitar a reflexão auto-crítica sobre as dificuldades pessoais – conhecidas como o núcleo do fenómeno.»

**c. A Igreja deverá definir os seus objectivos sem dissimular as suas próprias fragilidades**

O que é que a Igreja pretende e deve realizar num meio «irreligioso»?  
Onde estão as suas cargas?

*«Com respeito à terceira «confissão» dos indivíduos sem confissão religiosa deveríamos talvez fazer uma tentativa, pondo em prática uma espécie de «actividade ecuménica». É que os indivíduos irreligiosos» não são ateus – uma caracterização que deve ser evitada a todo o custo – dado que ninguém está excluído da vontade salvadora universal de Deus. Mas em primeiro lugar há Deus e apenas de seguida aparece o missionário».*

No entanto, é necessário mostrar uma grande paciência e muita atenção, mas sem agitação, podemos encontrar os vestígios da acção de Deus do lado oposto e segui-los.

É provável que seja necessário, antes de mais, decidir em primeiro lugar se a evangelização é um meio para alcançar novos membros, para impor princípios ou para transmitir o humanitarismo de Deus. Nenhum destes objectivos excluem o outro, mas eles são de certa forma idênticos. «Os indivíduos começarão a entrar mais massivamente no espaço interior da Igreja quando sentirem que os cristãos e as igrejas os tratam sem ter em vista um objectivo preciso (relativamente às instituições das quais eles provêm) e que eles desejam o seu bem-estar, ainda que precisamente eles não integrem a Igreja. A Igreja não deverá, então, deixar-se tentar por dar ordens de «retiro e de consolidação próprias» no momento decisivo, devendo estar disposta a colocar-se em situação de risco, se necessário, no espírito de pró-existência de Jesus a favor dos Homens».<sup>16</sup>

Na Alemanha de Leste, as premissas de Eberhard Tiefensee não são praticamente contestadas, e são inclusive citadas com uma certa frequência. Assim, existem em muitos casos modelos, concepções, tentativas e programas que impõem os pressupostos esboçados. No entanto, trata-se, na maior parte dos casos, de pequenas tentativas. Num tom crítico, a professora de teologia pastoral, Maria Widl, de Erfurt, comenta: «A nova tendência da sociedade em procurar o religioso não se reflecte praticamente nada numa aproximação às igrejas, dado que ela não toma a forma de um

---

<sup>16</sup> Ibid.

*interesse em tornar-se cristão. Isso não mudará senão quando os cristãos tiverem encontrado um caminho à sua «visão do reino de Deus», voltando a um estilo de vida profético».*<sup>17</sup>

## **II. Exemplos**<sup>18</sup>

Quase vinte anos após a queda do muro existem na Alemanha ainda diferenças entre a parte oriental e a parte ocidental e evidentemente também entre a Igreja “do Leste” e a Igreja “Ocidental”. Enquanto que na parte ocidental a Igreja domina de facto extensas áreas, que também implica a chamada de atenção eficiente nos meios de comunicação social, em que não se trata de assuntos de grande alcance, mas sim de chamar a atenção para ideias positivas, a Igreja na parte oriental permanece, até à data, num estranho silêncio. Mas não é pelo facto de não acontecer nada, provavelmente é pelo facto de se ter a sensação de que no exterior não há ninguém que efectivamente se interesse pelo que tem sido feito. Com efeito, os ‘inventores’ existentes na Alemanha de Leste não têm qualquer perspectiva no que diz respeito ao facto de poder haver outros que se interessem pelas suas ideias.

### **A Pastoral**

Para obviar a este facto, introduziu-se pela primeira vez na Alemanha de Leste, em 2006, uma nova forma de intercâmbio com a “PASTORALE! Messe für Pastoral in der Diaspora” (Missa para uma pastoral na diáspora). A segunda edição realizar-se-á em 2009. O objectivo da “Pastorale!” é o intercâmbio de experiências e de ideias, bem como o desenvolvimento de acções com o objectivo de a Igreja poder fazer jus à sua missão tendo em atenção as condições da diáspora na Alemanha de Leste. No programa estão inúmeros workshops, conferências, serviços religiosos com formas invulgares, ofertas culturais e uma exposição. Os convidados são sacerdotes e leigos, voluntários e profissionais, colaboradores da Igreja e membros dos conselhos paroquiais e todos os que se interessam por novidades emanadas da diáspora

---

<sup>17</sup> Citado de: [www.die-pastorale.de/artikel/2905.htm](http://www.die-pastorale.de/artikel/2905.htm)

<sup>18</sup> Como preparação para a «Pastorale», artigos especiais sobre a Diáspora apareceram semanalmente desde Janeiro de 2006 no jornal da Igreja « Tag des Herrn ». Na frente de trabalho, receava-se que fosse difícil encontrar temas e exemplos suficientes para esses artigos. O oposto aconteceu: houve muitos, e mais interessantes, projectos, do que os artigos mostraram. As contribuições foram produzidas sob a direcção do editor-chefe, Matthias Holluba.

na Alemanha de Leste. O evento tem abertura ecuménica. A organização da “Pastorale!” está a cargo de várias instituições da Igreja na Alemanha de Leste e da Obra de S. Bonifácio da Igreja Católica alemã em colaboração com os departamentos pastorais e serviços de assistência religiosa dos bispados de Dresden-Meissen, de Erfurt, de Magdeburg e de Görlitz e do jornal da Igreja “Tag des Herrn”. Do conjunto de ideias propostas foram escolhidas aquelas que parecem revestir-se de interesse para a temática da conferência.

Todos os projectos encontram-se especificados no site: [www.die-pastorale.de](http://www.die-pastorale.de).

### ***Exemplo 1: acesso facilitado – a Noite das Igrejas***

*O projecto:* Subida à torre ou visita à sacristia, concerto de órgão ou exposição, leituras de obras pelos próprios autores ou peças de teatro – as possibilidades de participação são praticamente ilimitadas na “Noite das Igrejas”. Em algumas cidades da região, um evento destes pertence entretanto à agenda das paróquias. Um exemplo é Halle (Saale). Nesta cidade já se realizou pela sexta vez uma noite destas. Mais de 40 igrejas encontravam-se abertas ao público interessado. “As igrejas são os edifícios mais marcantes da nossa cidade com os seus 1200 anos de história. Mais no interior do que no exterior. São espaços que inspiram o visitante a ir além de si próprio: da Terra para o Céu, do solilóquio para o diálogo com Deus, do profano para o santificado, afirma o superintendente Eugen Manser que, em nome do conselho directivo ecuménico das comunidades cristãs e judaicas, endereçou o convite aos munícipes de Halle para participarem no evento.

Muitos não-cristãos da ex-RDA continuam a sentir-se inibidos de entrar numa Igreja. A vantagem da “Noite das Igrejas” é a remoção desta barreira. Por conseguinte, o mais importante é a informação e a apresentação da Igreja como suporte de cultura. Eugen Manser deixa transparecer o facto de haver, no fundo, também um propósito missionário, quando diz, dirigindo-se aos visitantes: “Não tenham receio em arriscar que talvez entrem como descrentes e saíam como crentes.”

*A ideia:* Provavelmente foi o Conselho Ecuménico de Berlim-Brandemburgo que, no ano de 2000, lançou a ideia e convidou pela primeira vez a população para participar numa “Noite das Igrejas Abertas”. Um dos co-promotores, Stefan Förner, do arcebispado de Berlim, afirmou na altura: “As paróquias

que colaboram nesta iniciativa poderão mostrar muito concretamente que estamos a abrir-nos para o mundo. E aqueles que não pertencem à Igreja terão oportunidade de ter a vivência da Igreja num ambiente sincero, aberto e descontraído sem terem de assistir a uma missa ou sem rezear que tenham de tomar qualquer compromisso.”

*O efeito:* As “Noites das Igrejas” tiveram um efeito de íman em relação ao número de visitantes que atinge os milhares. Não existem dados estatísticos sobre o número de alemães da Alemanha de Leste que voltaram a entrar por esta via numa igreja. A Igreja Evangélica na Alemanha publicou uma brochura com ideias para a realização de uma “Noite das Igrejas”.

*Contacto/Material:* brochura com ideias para a realização de uma “Noite das Igrejas” encontram-se no site: [www.ekd.de/download/nachtderkirchen.pdf](http://www.ekd.de/download/nachtderkirchen.pdf).

### ***Exemplo 2: Dia de S. Valentim com bênção***

*O projecto:* No dia 14 de Fevereiro, as igrejas de Erfurt convidam para assistir a um serviço religioso especial: independentemente do facto de estarem casados ou não, de serem cristãos ou não-cristãos – os casais, amigos e todos os interessados poderão assistir no dia de S. Valentim a um serviço religioso ecuménico que inclui a bênção: este serviço religioso é uma oferta para tomar novamente consciência da amizade, do amor recíproco e da relação entre homem e mulher, fortalecendo-os com a bênção de Deus,” consta de um comunicado do bispado de Erfurt relativamente a este projecto. O auge da cerimónia que se realiza numa igreja no centro de Erfurt, é a possibilidade de receber no fim a bênção pessoal. Os celebrantes presentes impõem as mãos sobre o casal e pedem a bênção de Deus. Faz parte do ritual que, durante o serviço religioso, homens e mulheres falem sobre a sua vida em comum.

*A ideia:* Desde a queda do muro, o dia de S. Valentim é também na Alemanha de Leste um feudo dos floristas, vendedores de perfume e de doçaria. O cónego da catedral de Erfurt da altura não quis deixar o dia do santo mártir Valentim apenas à mercê do comércio: “Incomoda-me que os comerciantes estejam a utilizar o S. Valentim para os seus negócios e as pessoas não sabem nada sobre o patrono dos casais e das pessoas amigas,” opinou na altura o cónego, convidando-os, em conjunto com uma pastora protestante, pela primeira vez em 2000 para uma cerimónia deste género.

*O efeito:* “O serviço religioso de bênção para todos os que estão a caminho de uma relação pessoal” – é esta a designação que Reinhard Hauke deu a este serviço religioso, hoje em dia conhecido muito para além da cidade de Erfurt. Existem, por exemplo, ofertas semelhantes em Halle, Leipzig, Dessau, Gera e Zittau. “*As paróquias participantes reconquistaram um ritual, ou seja, ocuparam-no juntamente com outros. A sua competência ritual especial entra aqui em jogo,* afirma o teólogo liturgista Benedikt Kranemann.

*Contactos:* Reinhard Hauke, bispo coadjutor, Herrmannsplatz 9, D-99084 Erfurt, correio electrónico: [rhauke@bistum-erfurt.de](mailto:rhauke@bistum-erfurt.de)

### ***Exemplo 3: o calendário de Advento de Görlitz – nas portas de entrada das casas da cidade***

*O projecto:* Durante a época natalícia, a cidade de Görlitz transforma-se num grande calendário de Advento. Em 24 locais da cidade – jardins-de-infância, escolas, museus, bibliotecas, casas particulares especiais e igrejas – coloca-se nas portas de entrada um número bem visível. Pontualmente às 17.30 horas, os munícipes de Görlitz são saudados, frente à uma das portas, pela *Görlitzer Lichtl* (Luz de Görlitz), uma figura especialmente criada para este calendário. Então abre-se a porta e aparecem histórias relacionadas com o local e as pessoas que ali vivem e trabalham. O respectivo programa é feito pelos moradores da casa. A iniciativa conta com uma média de 150 a 300 visitantes. O recorde foram mais de 500 pessoas. O jornal local acompanha diariamente a acção, chamando a atenção para o respectivo local.

*A ideia:* Quem teve a ideia para este calendário especial de Advento foi Gabriele Kretschmer, coordenadora dos serviços da paróquia de Santiago de Görlitz. “Numa conversa que tive soube por acaso de um calendário de Advento, no qual 24 montras de uma cidade se apresentavam como portas do Advento.” Dois anos mais tarde, encheu-se de ânimo, congregando uma pequena equipa à sua volta que preparou para o Advento de 2002 o primeiro calendário de Görlitz. Em vez dos 30 visitantes que se esperava vieram logo no primeiro dia 300. Gabriele Kretschmer estava e está mais impressionada com o ambiente do que com o número elevado de visitantes: “*Pessoas muito diferentes – crianças e, sobretudo, muitos adultos – procuram dia após dia o local misterioso, deixando-se presentear deste modo. Mesmo não se conhecendo, estabelece-se uma comunidade entre as pessoas à frente das pequenas portas. A virtude de saber esperar, que se foi*



*desaprendendo, voltou a ser um aspecto central. Os adultos dão-se ao luxo de se deleitarem com a expectativa do Advento e com muitos pequenos segredos. As pessoas ultrapassam a barreira que tinham, entrando pela primeira vez numa igreja.”*

*O efeito:* Entretanto foi realizado o sexto calendário de Advento. Em 2005, participaram pela primeira vez casas da vizinha cidade polaca de Zgorzelec. O calendário de Advento de Görlitz serviu já também de inspiração para ofertas semelhantes em outras localidades. Recebeu em 2006 o primeiro Prémio de S. Bonifácio da Obra S. Bonifácio como projecto mais invulgar no âmbito da diáspora.

*Contacto:* Gabriele Kretschmer, Tel. + 49 3581 6490361: correio electrónico: [gabi.kretsch@t-online.de](mailto:gabi.kretsch@t-online.de)

#### ***Exemplo 4: Próximo da vida – Serviços religiosos – “Go Life” em Dresden***

*O projecto:* Sob o título “Go Life” celebram-se em Dresden “serviços religiosos para pessoas que não vão à missa”. Os principais destinatários são pessoas entre os 30 e 50 anos que não vão ou deixaram de ir à missa. Cada serviço religioso está subordinado a um tema diferente (por exemplo: “Jesus Cristo estava também desempregado? Do azar de já não ter de mourejar”), mas o ritual litúrgico vai-se repetindo. A moderação está a cargo de um homem e de uma mulher. Um pároco faz um sermão, pondo-se de seguida à disposição para um “interrogatório cruzado”, no qual podem participar por escrito todos os presentes. Além disso, representa-se uma peça de teatro, há uma oração, na qual podem novamente participar todos por escrito, a bênção e, por vezes, uma entrevista com especialistas.

O elemento mais importante é a música: apresenta-se ao vivo música ligeira contemporânea de incontestável valor. A principal diferença em relação aos serviços religiosos tradicionais reside na linguagem. Os responsáveis fazem os possíveis por formular os conteúdos utilizando palavras e o tom do dia-a-dia. Por esta razão, os moderadores são leigos e o texto do sermão é adaptado pelo grupo orientador à linguagem quotidiana.

*O efeito:* Houve uma repercussão surpreendente. Nos primeiros serviços religiosos realizados até à data participaram em média 200 pessoas, tendo sido cerca de um terço o público-alvo e os outros participantes eram pessoas que, de facto, vão à missa, mas que queriam ter uma vivência nova. A maior

parte das vezes, a sala polivalente do Jardim Zoológico de Dresden estava superlotada. É por esta razão que os serviços religiosos se realizam agora no cinema circular no centro da cidade que é maior (cerca de 1.000 lugares). *“Entendemos o nosso trabalho como um trabalho ‘pré-ecuménico’, i. e. que os nossos serviços religiosos são de índole mais geral do que os nas diferentes igrejas,”* comenta Hansruedi Humm, um dos moderadores, que é católico. O projecto tem de momento o apoio do *Landeskirchenamt* Evangélico (órgão de cúpula da Igreja no respectivo Estado federado), de algumas paróquias evangélicas e de pessoas singulares. Porém, a maior parte do trabalho é realizado por voluntários. Humm conclui: *“Quem participou uma vez num serviço religioso ‘Go life’ dá-se conta da diferença que pode haver entre serviços religiosos, estando mais próximos da vida.”*

Contacto: Hansruedi Humm, correio electrónico: [H.Humm@t-online.de](mailto:H.Humm@t-online.de)

### ***Exemplo 5: “Segui, segui a estrela!”: O presépio vs. Rumpelstilzchen***

Um projecto universitário de índole ecuménica na feira de Natal de Erfurt estreitou-se na época de Advento de 2007. A dinamizadora Maria Widl, professora catedrática de teologia pastoral em Erfurt, esclarece: *“A ideia para uma acção desta natureza foi evoluindo no meu íntimo ao longo de anos. O impulso dinamizador foi efectivamente uma tese de licenciatura, para a qual um estudante tinha feito entrevistas na feira de Natal. O estudante relata as conjecturas de algumas crianças, quando perguntou se sabiam quem ou o que as figuras do presépio representavam. Responderam que havia muita palha, via-se uma mulher, um homem, um bebé e concluíram que se devia tratar do conto de Rumpelstilzchen, o duende que transforma palha em ouro.”* Com efeito, o Natal fascina a maior parte das pessoas, mas cada vez menos pessoas conhecem o significado cristão desta festa.<sup>19</sup>

*“Utilizando uma linguagem combativa, podemos dizer que pretendemos reconquistar uma parte do Natal com as nossas actividades e não entregá-lo àqueles que o transformam em festa do consumo e em happening”* - é assim que a teóloga define o objectivo. Dever-se-á ter a coragem para lançar uma ponte – da festa cristã para a cultura secular. *“Estamos a festejar o Advento – uma época do silêncio, da escuridão, da crescente expectativa.*

---

<sup>19</sup> Um em cada dez alemães não sabe o que Natal quer dizer. Resultado de um inquérito pelo instituto de investigação ‘Forsa’. De acordo, 90% dos questionados sabia que a festa se celebrava por causa do nascimento de Cristo, mas 10% não tinham ideia ou pensavam que havia outras razões. Foram entrevistados 1101 cidadãos alemães.

*Esperamos que Deus venha ao nosso encontro, que se aproxime bem de nós na sua encarnação. E no Natal não celebramos apenas esta encarnação de Deus. Sentimos que Deus está muito próximo de nós e que acompanha a nossa vida. É esta a essência do Natal que as Igrejas têm de voltar a transmitir no meio da cultura. É que esta mensagem dirige-se a todos os Homens.”*

A Prof. Widl não tem qualquer problema em entusiasmar os estudantes para o projecto de Natal. O projecto transformou-se num projecto ecuménico quando um grupo do Instituto de Teologia Evangélica/Pedagogia da Religião aderiu ao projecto com a sua professora Andrea Schulte.

*A ideia:* Este projecto universitário ecuménico na feira de Natal é constituído por cinco projectos individuais, cada um desenvolvido e realizado por um grupo de estudantes:

1. Os visitantes são guiados com auscultadores pela escuridão da catedral de Erfurt, fechada ao grande público (e por isso sossegada), até locais iluminados e obras de arte para dar a conhecer a história bíblica do Natal e a sua mensagem para os dias de hoje.
2. Os colaboradores do projecto criaram na vizinha igreja de S. Severino (*Severikirche*) um oásis de silêncio para se poder descansar do stress pré-natalício.
3. Perto das duas igrejas – na escadaria da catedral – existe a possibilidade de receber pessoalmente a bênção de um sacerdote.
4. “Sons intermédios” ouvem-se na igreja de Todos os Santos (*Allerheiligenkirche*): textos e música alusivos ao Natal como festa do nascimento de Jesus Cristo e ao Advento como época de preparação para esta festa.
5. Também na feira de Natal os estudantes estão em actividade. No presépio na *Domplatz* há um dossiê informativo que explica o significado profundo e a representação do presépio com as suas figuras de tamanho natural. Os futuros teólogos estão à disposição para servir de interlocutores.

O efeito: Os visitantes receberam bem as acções desenvolvidas. Com efeito, crianças, jovens e adultos de todas as idades demonstraram interesse. Como é evidente, na feira de Natal, o projecto também alcançou muitos turistas. Devido aos visitantes externos, a quota-parte de indivíduos com socialização religiosa foi muito mais elevado do que a habitualmente observada na Turíngia, onde apenas 30% da população pertence à Igreja.

Os colaboradores do projecto farão posteriormente uma avaliação científica do mesmo.<sup>20</sup>

*Mais informações/contacto* [maria.widl@uni-erfurt.de](mailto:maria.widl@uni-erfurt.de), tel.: + 49 361 7372571; [caecilia\\_hille@gmx.de](mailto:caecilia_hille@gmx.de), tel.: + 49 177 811800.

### **III. Problemas**

Se estes exemplos têm dado a impressão de que existe um forte vento fresco soprando na Alemanha de Leste a conduzindo às primeiras abordagens de pregação com um tom Pentecostal, então, infelizmente, devo desapontá-lo. Existe um bafo de uma pequena e boa lufada de ar fresco. Parece mais, certamente, um suave sussurro do que uma grande tempestade. Para mim, o principal problema parece residir num peculiar tipo de nostalgia pela qual muitos cristãos não parecem capazes de se desfazer da “mentalidade de fortaleza” da Igreja na República Democrática Alemã.

#### ***Problema 1: (N)ostalgia de Igreja e “mentalidade de fortificação”***

O que é coerente por parte dos membros e ex-funcionários públicos é surpreendente quando se trata de cristãos. Esta nostalgia cria uma imagem ideal da Igreja, como ela, provavelmente, nunca existiu na República Democrática Alemã. Não estamos aqui para fazer verter fora o que foi bom, também, na Igreja da República Democrática Alemã.<sup>21</sup> Mas apesar de todos os “(n)ostálgicos”: houve uma série de problemas nessa época. O período de maior abandono, na Igreja da Europa, só durou 40 anos e criou uma minoria, de entre uma vasta população cristã (pelo menos no que diz respeito

---

<sup>20</sup> Alunos de O-Ton: «Os nossos luminosos estandartes com o mote “segue a estrela” mostraram-eficientes. Estão em todos os lugares do projecto. E, ainda, todos os envolvidos usavam cacexóis amarelos. Até nós nos surpreendemos como as pessoas se nos dirigem tão frequentemente.» Os que se envolveram no projecto também aceitam sugestões e adaptam os seus conceitos, se necessário. Alguns visitantes, por exemplo, desejavam mais iluminação em St. Severi. Para turistas que falassem ingles, uma estudante traduzia o dossier com informação sobre o Presépio e um foi compilado especialmente para crianças. Citações e contributo de Peter Weidemann, Erfurt diocese.

<sup>21</sup> Citações típicas desta atitude: « Oh como as igrejas estavam cheias nesses dias. Que bonito conduzir para Erfurt através da peregrinação de Isabel e que coesão isto dá às nossas comunidades. Mas hoje: necessidade de economizar, fusão de comunidades, venda de edifícios, capelas a fechar, falta de padres. E, o que é mais, os Bispos pregaram muito melhores sermões nesses dias.»

ao número de batismos envolvidos). O cristão activo daquela época tinha pouco a dizer a isto. Comparado com isso, hoje, a redução de tamanho da comunidade é insignificante.

No entanto, para aqueles que permaneceram na Igreja, esta enorme pressão externa gera um acolhedor calor a partir do seu interior. Infelizmente, esse calor pressiona muito pouco para fora. No campo social, este saiu bastante bem, mas, noutros, foi praticamente impossível. A revolução pacífica tem precisamente esse sentido. Não é suficiente para aquecer o forno apenas do interior. Para continuar com este símbolo, o forno deverá aquecer uma sociedade fria e incendiar um sistema miserável. Muitas revoluções pacíficas tinham algum calor detectado na Igreja que queriam trazer para o país. Isto não satisfazia os detentores do poder naquele momento e, para muitos cristãos, tudo ainda era “muito quente”, no começo. No entanto, nesses dias, as Igrejas foram as verdadeiras centrais energéticas do país. Hoje, parece que esse impulso é, de novo, necessário. Embora de forma diferente de 1989. Quando acontece, será capaz de o fazer, sem grandes demonstrações. A força da oração, a coragem do testemunho de fé e das ideias inovadoras, será necessário na nossa sociedade de “acontecimentos com desempenho de diversão”. Como o sal da terra, o cristianismo deve estar pronto para a temporada da sopa da sociedade e, talvez mesmo, para ultrapassar a temporada.

Os problemas a ser enfrentados pela proclamação, hoje, são diferentes dos da época da República Democrática Alemã. No entanto, as circunstâncias de hoje oferecem suficiente espaço livre e oportunidades que, neste momento, infelizmente, não são suficientemente tidos em consideração. A “(N)ostalgia” está a tentar escapar, a fim de retirar-se do desafio.

### ***Problema 2: Ter visões das dificuldades***



“Nós estamos colocando toda a nossa energia no futuro”, podia ler-se pelos visitantes de Berlim, em enormes letras na parede da catedral Hedwig. Além disso, algo realmente muito especial deve ter tido lugar lá dentro quando, até mesmo o imperador do futebol, Franz Beckenbauer, maior do que vida, estava olhando

para a igreja. Ele olha, ainda, como se um gigantesco campo de futebol estivesse escondido sob a sua cúpula. Como o futebol é considerado como uma das religiões oficiais de substituição, o local foi bem escolhido. O slogan é bom – para um fornecedor energético.

No entanto, a questão permanece: O que poderia ser um bom slogan publicitário para o “fornecedor de potência” que está realmente por trás daqueles muros? Onde é que a nossa energia de Igreja está a ir? Que visões é que temos para o nosso país, para o mundo e para a Igreja? É, certamente, verdade que não estamos colocando todas as nossas energias no futuro. Para isso, a Igreja está vivendo muito no passado – e, claro, no presente. É aí que ela é necessária, afinal. No entanto, levanta a questão: que visão tem a Igreja da nossa sociedade de hoje. Neste momento parece “sombria”. Recentemente, o antigo Presidente Federal, Richard von Weizsäcker, lamentou abertamente *“que, infelizmente, as Igrejas têm ajustado apenas ligeiramente a sua produção espiritual em torno desta questão”*.<sup>22</sup> Além disso, mesmo que ela provoque contradição, eu não poderia realmente somar em três frases sobre como nós, como Igreja, gostaríamos que a nossa sociedade fosse.

Vamos imaginar, por um momento que a parede exterior da catedral Hedwige fosse escrita com palavras e visões para o nosso mundo e você, estimado público, poderia contribuir com uma frase. Qual seria? Será que você tem uma já pronta? Uma frase capaz de expressar todos os anseios e esperanças que você tem? Uma frase que torna bastante claro como é a contribuição da nossa igreja pode parecer ao olhar? Eu mesmo tenho de começar a ponderar primeiro. Talvez por esta razão os cidadãos de Berlim deixaram a sua Catedral, por um tempo, nas mãos das pessoas da publicidade, porque os poderes visionários estão um pouco perdidos. Para resolver este problema, temos de pedir ao Espírito Santo para nos dar nova inspiração.

### ***Problema 3: as estruturas da Igreja***

As estruturas pastorais da Igreja na Alemanha e, portanto, na Alemanha Oriental, são predominantemente orientadas para o membro. Missão e

---

<sup>22</sup> Discussão na TV do antigo President Federal Richard von Weizsäcker com o antigo Chancellor Federal Helmut Schmitt, ARD, 12th~June 2007. 10.45 pm.

experiências são mais uma via secundária, comparável a uma aventura infantil, que a maioria das pessoas gosta e aprecia, mas raramente usa. Há, naturalmente, como em toda a Alemanha, muitas propostas, inclusive para os não-cristãos. Muitas das quais ainda funcionam bem. Os bispos também querem a abertura. Esta é, também, uma tentativa, mais ou menos bem sucedida, de vários projectos pastorais.<sup>23</sup> No entanto, o fazer de uma tomada de consciência para toda a gente, de se ser responsável por toda uma sociedade, encontra-se, apenas, muito raramente nas comunidades e secretariados pastorais. Não há lugar, onde todas estas actividades sejam construídas e avaliadas em conjunto. O aconselhamento pastoral e os secretariados nas dioceses estão limitados quanto a ser disponíveis apenas para estes desafios específicos.

Além disso, pensando nos relatórios de estilo de vida, a maior parte dos colaboradores a tempo inteiro da Igreja encontram-se apenas nalguns desses ambientes. Há, evidentemente, “balizas”, como a Igreja Aberta de St. Moritz, em Halle, o ponto de contacto e orientação em Leipzig, a comunidade da Catedral de Erfurt, o especificamente orientado trabalho educacional dirigido a abrir academias de trabalho educacional e educação de adultos. Mas não há um “departamento de inovação” do Leste alemão que trate especificamente das novas experiências ou, até mesmo, de as desenvolver, processar e torná-las públicas. Aqui existe uma necessidade de que o Leste alemão dioceses deve cumprir. Estas são as necessidades que as dioceses da Alemanha de Leste deveriam preencher. Finalmente, embora o sentimento geral seja mais favorável do que nunca, graças ao Papa Alemão, é difícil abandonar trilhos bem conhecidos. Também é importante considerar o facto de os estilos de vida ainda presentes na Igreja não estarem, de todo, infelizes com a situação actual. Porque é necessário alguma coragem para arriscar envolver-se com outros estilos de vida e abandonar os padrões tradicionais de acompanhamento espiritual. É um problema que pode ser remediado com alguma imaginação e coragem. Especialmente porque as ideias já existem em muitos lugares.

#### **IV. Desafios**

No final da conferência, dois desafios estão a ser identificados. Estes são formulados para a Alemanha Oriental a partir do ponto de vista da

---

<sup>23</sup> Diocese de Erfurt. Colocar o evangelho no candelabro; Diocese de Magdeburg: discussões pastorais sobre o futuro; Diocese de Dresden-Meissen: ressurgimento de comunidades.

Alemanha Oriental. Muito provavelmente, eles também terão validade noutros espaços.

### ***Primeiro desafio: Ecumenismo***

Para muitas pessoas irreligiosas, por último – e, afinal, cedendo a usar o termo – a distribuição das Igrejas parece suspeita. Nos exemplos dados, também nós podemos ver que a abordagem foi particularmente bem sucedida quando foi ecuménica. Não é uma questão de maluquices e a pretensão de uma unidade que não existe enquanto tal. No entanto, é uma questão da base, essencial, da Igreja, que ecumenismo, finalmente, é. Parece-me, também, que a Igreja pode abordar as pessoas credivelmente quando as Igrejas actuam conjuntamente. Refiro-me a um ecumenismo que é entendido como unidade na diversidade. Ou, como o bispo Evangélico de Magdeburgo, Axel Noack, expressou: *“A Missão na Alemanha Oriental, hoje, só pode ser ecuménica. Os jovens, sobretudo, porque sem qualquer tipo de conhecimento prévio da fé cristã, não têm nenhum entendimento das diferenças entre as denominações religiosas. A abordagem das pessoas seculares face às igrejas é frequentemente «façam-nos parar, pois eles são apenas a bater nas cabeças uns dos outros». A missão, para nós, significa alegrar-nos com os novos membros que se unem às outras Igrejas, também. Isto nem sempre é fácil; eu amo minha Igreja e, naturalmente, desejo novos membros para nós. No entanto, levamos, realmente, o ecumenismo a sério, nós só podemos ser felizes, pelos outros, também.”*<sup>24</sup>

Evidentemente, há fendas e diferenças entre as Igrejas. No entanto, as diferenças mostram que a verdade é maior do que aquilo que sabemos. No campo do ecumenismo na Alemanha de Leste, há uma notavelmente boa tradição de colaboração. As Igrejas estão a ser confrontados com um desafio que pode, entretanto, ser alcançado.

### ***Segundo desafio: um novo ‘sistema operativo’***<sup>25</sup>

Tornou-se, rapidamente, claro que os «modelos clássicos de comunidades» estão precisamente, e muitas vezes, sobrecarregados no que diz respeito às acções missionárias, às parcerias e às primeiras

<sup>24</sup> Axel Noack, citado de acordo com: [www.oikoumene.org/de/nachrichten/news-management/a/ger/browse/4/article/1722](http://www.oikoumene.org/de/nachrichten/news-management/a/ger/browse/4/article/1722).

<sup>25</sup> Reflexões sobre os desafios da “Patorale” formulados pelo director da Academia, Hans-Joachim Marchio (Halle)



abordagens. Na imagem que o director da academia, Hans Joachim Marchio, formulou para o grupo de preparação pastoral, há necessidade de um novo “sistema operativo”. Tal como acontece com um computador, este novo “sistema operacional” não deve, de forma alguma, deitar fora o velho. Pelo contrário, deve continuar a desenvolver-se o sistema e ajustar as ligações correspondentes, de tal forma que as novas exigências do programa em execução no ‘processador Igreja’ se tornem perfeitamente adequadas. Para continuar com esta imagem, o novo sistema operacional, entendido neste sentido, é essencial para a Alemanha Oriental. A Igreja tem sido sempre uma “comunidade dentro de uma comunidade”, de comunidades territoriais e pessoais, de comunidades de fraternidades e ordens clericais, de centros espirituais e “comunidades escolares”, uma multiplicidade de formas de comunhão. Portanto, especialmente numa sociedade pluralista com a sua acentuada sensação de individualidade e pluralidade, multifacetadas formas de comunidades e associações devem, também, estabelecer e constituir Igrejas, juntos! Viver Deus, hoje, significa sentir com sensibilidade as situações dos seres humanos nos dias de hoje, perceber as suas necessidades, seus anseios e suas esperanças. Isto exige tornar-se inovadora, desenvolver novas e convidativas formas de pensar, sentir e agir na vida de Jesus Cristo. Independentemente de se saber se este caminho está, previsivelmente, a conduzir ao sacramento do baptismo. A vida e exemplo de Jesus devem ser imitados. Evidentemente, não há receita já pronta, mas existe a coragem de experimentar, de ousar, de tomar medidas com confiança em direcção Àquele que chama e pede a evangelização.

Para mim, parece indispensável que, nesta idade do computador, com os seus sistemas operacionais territoriais próprios da Igreja, que os outros “sistemas operacionais” (como a criação de comunidades cristãs temporárias e em dadas oportunidades) devem ser adicionados, em pé de igualdade, ao prevalente “sistema operativo”. Em vista da mobilidade, as diferentes fases da vida, os ambientes e estilos de vida, uma comunidade local pode suportar, apenas, de forma limitada, os desafios missionários e os padrões de qualidade espirituais do tempo presente.

Múltiplas situações de abordagem exigem uma rede de projectos de propostas da Igreja. Assim, para além das comunidades locais, deveria haver comunidades perfil com qualidades especiais: comunidades de transeuntes nas igrejas da cidade, centros clericais, para os meios de comunicação... “Novas coisas estão a desenvolver-se – não consegues vê-lo?” (Isaías 43, 19a). Os

desafios de uma pastoral missionária na Diáspora residem no desenvolvimento de testados exemplos de novas formas de comunidades (com membros denominacional e ideologicamente misturados), para além, e nas, estruturas existentes. Mesmo que isso deva significar comunidades com 'carácter de albergue'. As pessoas vêm, as pessoas vão, talvez alguns vão ficando e algo novo possa surgir. Só uma pastoral com este entendimento da missão, que tem esta abertura, com todas as suas dificuldades, terá a possibilidade de abordar os que, ou de propor a fé para aqueles, que não conseguem fazer nada com as formas tradicionais de se ser um cristão<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> Originado pelo 'Sinus-milieus', Cristãos, (mas não só) de um meio pos-materialista foram chamados, pois é mais provável que tenham um interface e pontos de contacto com os que estão fora da Igreja. De modo diferente dos outros dois ambientes ainda na Igreja, aqui, a alegria de experimentar e a abertura são pronunciadas. O "pós-materialismo" talvez possa ser melhor sucedido na procura de uma forma de falar compreensível e aberta.

# O primeiro anúncio nas práticas francesas de catequese

JÖEL MOLINARIO (\*)

## Introdução

O que os franceses designaram por “laboratório da catequese” iniciado em 2001 e o *texto nacional* (TN)<sup>1</sup> *de orientação para a catequese* (acompanhado de um texto intitulado *Princípios de organização* definindo quatro possíveis modalidades de aplicação, orientações<sup>2</sup>) publicado em 2006, após o reconhecimento da congregação do clero, colocam, actualmente, inúmeras interrogações, quer teóricas, quer práticas. Este notório entusiasmo por estas novas perspectivas de catecismo é acompanhado em inúmeras dioceses por uma profunda reflexão em torno das modalidades de aplicação das novas orientações. Entre as questões debatidas, a do primeiro anúncio suscita, além disso, intermináveis desafios. Monsenhor Dufour, o presidente da Comissão Episcopal da Catequese e do Catecumenato (CECC) expressa a ideia, à sua maneira: “reconheçamos que não sabemos proceder da forma mais adequada”.<sup>3</sup> Nos movimentos, no ensino católico, nos serviços de catequese e de catecumenato, nos conselhos episcopais... nos primeiros projectos diocesanos, a questão está sempre presente: o que é o primeiro anúncio? Existem já práticas do primeiro anúncio? Que novas práticas terão de se instaurar para implementar do primeiro anúncio?

---

(\*) Leigo, doutor em Teologia, lecciona Teologia Catequética no ISCP - Paris. Director-adjunto da Revista *Lumen Vitae*. Membro da Equipa Europeia de Catequese.

<sup>1</sup> Conferência dos bispos de França, *Texto nacional de orientação da catequese em França e princípios de organização*, Bayard, Cerf, Fleurus-Mame, Paris, 2006, 116p.

<sup>2</sup> Uma organização de catequese orientada para todas as etapas da vida, uma organização da catequese por locais e reagrupamentos de vida (este princípio refere-se ao primeiro anúncio), uma organização da catequese articulada ao ano litúrgico. Uma organização da catequese em resposta às solicitações sacramentais.

<sup>3</sup> Na alocução de conclusão do congresso Ecclésia 2007, em Lourdes, a 28 de Outubro de 2007.

A primeira constatação que podemos fazer, desde logo, mesmo antes de um diagnóstico teológico e catequético mais apurado, é que, até agora, os responsáveis catequéticos franceses não se tinham responsabilizado por este aspecto do ministério da Palavra e por conseguinte, o primeiro anúncio apresenta-se, há dois anos, como uma nova questão catequética. Antes de 2005, não era, realmente, considerada como uma questão catequética. Por conseguinte, podemos desde já anunciar que o parágrafo 1.4 do *TN* apresenta uma autêntica novidade para a responsabilidade catequética da Igreja, em França, dado que: “Para exercer a sua responsabilidade catequética, a Igreja necessita de alargar esta escolha da pedagogia de iniciação, de acordo com as formas diversificadas e complementares do ministério da Palavra.»

O quadro teológico de reflexão da Igreja em França situa-se no trilho da Exortação apostólica de Paulo VI, e François Bousquet define-o, claramente, num livro a publicar brevemente: “O acto do anúncio é uma parte do acto de evangelizar e o acto evangelizar é muito mais amplo e complexo que um simples anúncio. Não há evangelização sem anúncio, mas o anúncio não se resume, por si só, à evangelização, porque a Igreja evangeliza, por todo o seu historial: pela sua liturgia, pelas suas orações, pelas suas celebrações sacramentais, pela implementação dos mandamentos, pelo testemunho silencioso remetido ao Evangelho, os seus exemplos de vida cristã... Ao invés, o que seria um anúncio sem o corpo eclesial que a certifica e lhe cria raízes?»<sup>4</sup>.

Relativamente ao quadro pastoral desta reflexão, destacam-se dois níveis. Em primeiro lugar, o alargamento da noção de responsabilidade catequética aos movimentos de acção católica e ao ensino católico; em segundo lugar, a evolução real de uma catequese de encontros de fé orientada para uma catequese de proposta de fé.

Neste contexto, abordaremos o primeiro anúncio de três maneiras. Primeiramente, veremos através dos textos do Magistério como a questão foi levantada e, depois, observaremos como é que evoluíram as práticas catequéticas francesas; por último, desenvolveremos alguma reflexão sobre

---

<sup>4</sup> François Bousquet, “o acto de revelar”, em *O primeiro anúncio*, capítulo 1, Bayard, Paris, 2008, no *DGC* lê-se o seguinte: “Este capítulo apresenta a relação estabelecida entre a catequese e os outros elementos de evangelização, dos quais a referida catequese é parte integrante. O capítulo começa por descrever a relação entre a catequese e o primeiro anúncio, que se realiza na missão.» § 60

as controvérsias catequéticas resultantes deste trajecto da experiência francesa.

### I. 1. Textos de referência: O DGC

Nos documentos do Magistério a expressão “primeiro anúncio” apareceu na Exortação de Paulo VI *Evangelii nuntiandi*, no parágrafo 51, e foi retomada por João Paulo II em *Catechesi tradendae*, no parágrafo 19.

No directório de 1997, a expressão é retomada no parágrafo 61<sup>5</sup> e, em seguida, ajustada, da seguinte forma:

“Frequentemente as pessoas que se reúnem na catequese necessitam, de facto, de uma conversão autêntica. É por isso que a Igreja deseja, em geral, que uma primeira etapa do processo catequético seja consagrada ao despertar da conversão. Na missão *ad gentes*, esta tarefa efectua-se no pré-catecumenato. Na situação que requer a nova evangelização, tem-se recurso à catequese kerygmática que alguns designam por “pré-catequese” porque, ao inspirar-se no pré-catecumenato, apresenta-se como uma proposta da Boa Nova, com o intento de alcançar uma opção de fé sólida.»<sup>6</sup>

O percurso de evangelização é composto por três etapas: o primeiro anúncio, a catequese ao serviço da iniciação cristã, a catequese permanente.

Para a DGC, a revelação está do lado da pré-catequese, acção missionária que tem como objectivo a conversão autêntica. A catequese apoia-se nesta conversão a Cristo, para educar a fé. O primeiro anúncio e a catequese são dois aspectos da Evangelização que constitui a essência, propriamente dita, da Igreja “que existe para evangelizar”. Mantenha-se esta distinção entre o primeiro anúncio e a catequese e saliente-se que a catequese kerygmática se equipara à pré-catequese ou primeiro anúncio.

---

<sup>5</sup> DGC § 61 : “O primeiro anúncio destina-se aos não-crentes e aos que, de facto, vivem na indiferença religiosa. O primeiro anúncio tem como objectivo a revelação do Evangelho e o apelo à conversão. A catequese, que se distingue do primeiro anúncio do Evangelho desenvolve e leva à maturidade a conversão inicial ao educar o convertido na fé e ao incorporá-lo na comunidade cristã. Assim, estas duas formas do ministério da Palavra são distintas e completam-se. “ § 61

“É do dever de todos os cristãos o primeiro anúncio... implicando, por conseguinte: saída, celeridade, desvelo. A catequese pelo contrário, parte da condição proposta, pelo próprio, Jesus: aquele que acreditar”, converter-se-á, decidir-se-á. As duas acções implicam-se mutuamente: ir e acolher, revelar e educar. »

<sup>6</sup> DGC § 62.

## **I. 2. O Texto Nacional de orientação para a catequese em França (TN)**

Merece a nossa atenção uma pequena exegese das diferentes versões dos textos franceses. Os bispos franceses tinham adoptado um primeiro texto, em Novembro de 2005. Sobre o tema que estamos a tratar, começava no §1.3 desta forma: “Efectivamente, nesta área, sabemos que é necessário distinguir o primeiro anúncio da catequese de iniciação, a catequese ao serviço da educação permanente da fé”. Esta passagem foi pura e simplesmente suprimida na versão definitiva. No § 1.4 do texto de 2005 dizia o seguinte:

«1.4. Um exercício diversificado do ministério da Palavra

Seria esperar demasiado da pedagogia de iniciação ao fazê-la carregar, só a ela, todo o peso de uma revelação do Evangelho. Para exercer a sua responsabilidade catequética, a Igreja necessita de se expandir, em paralelo, da catequese de iniciação, para outras formas diversificadas do ministério da Palavra.»

Nesta versão de 2005, o primeiro anúncio não se refere nem à responsabilidade catequética, nem à pedagogia de iniciação. Após a sua adopção pelos bispos franceses, o texto foi enviado à congregação do clero para o *recognitio*.

O TN voltou dez meses mais tarde, com algumas modificações, às quais convém prestar atenção. Para nós, o § 1.4 é muito instrutivo, porque difere, ao mesmo tempo, do *DGC* e do texto enviado a Roma, em 2005. “A Igreja tem necessidade de ampliar esta escolha da pedagogia de iniciação, de acordo com normas diversificadas e complementares do ministério da Palavra.” Nesta versão final, a catequese caracteriza-se pela pedagogia da iniciação (1.3) apresentando-se de 3 formas: o primeiro anúncio, a catequese ordenada e a catequese permanente. Assim, o *TN* atenua a distinção entre a pré-catequese ou o primeiro anúncio e a catequese. O primeiro anúncio deve ser entendido como forma de uma catequese considerada como iniciática e ela faz, inteiramente, parte da responsabilidade catequética da Igreja. O primeiro anúncio faz parte da iniciação cristã. A segunda modificação fica-se a dever à disposição dos parágrafos. Os três aspectos da catequese de iniciação não começam por ordem cronológica. No texto final, a catequese organizada é apresentada, em primeiro lugar; as formas do primeiro anúncio, em segundo lugar e a catequese permanente, em terceiro lugar. Esta nova ordenação dos parágrafos reforça a ideia anteriormente enunciada: o primeiro

anúncio não pode ser considerado fora da responsabilidade catequética da Igreja que inicia para a fé. Estas observações estão longe de ser anódinas, pois, dado ter-se operado um deslize semântico, cabe-nos, a nós, avaliar se corresponde à uma concepção renovada da catequese.

Provisoriamente, deixemos de lado estas observações, para nos interessarmos, agora, pelas práticas e reflexões suscitadas pela ideia do primeiro anúncio.

## **II. As práticas catequéticas significativas das actuais evoluções**

### **Os primeiros projectos diocesanos de catequese<sup>7</sup>**

Numerosas dioceses francesas, na sequência do *TN* (e do *DGC*) ou já publicaram projectos ou orientações catequéticas, ou se encontram em fase de elaboração. Uma leitura ainda não exaustiva destes documentos dá algumas indicações sobre os problemas encontrados e sobre as linhas de orientação adoptadas.

O que surpreende, desde logo, em vários destes textos e sobretudo nos documentos intermédios e nos relatórios das reuniões de trabalho é a dificuldade em definir, com exactidão, o primeiro anúncio e por conseguinte, a dificuldade em a situar num projecto diocesano. Um leitor que não tenha lido o *TN* nem o *DGC* terá muita dificuldade em definir o primeiro anúncio, a partir das leituras dos projectos diocesanos. No entanto, num ponto, haverá consenso; a nova situação da Igreja numa sociedade secularizada implica a reflexão sobre o primeiro anúncio da fé. Saliente-se, igualmente, que para uma grande maioria, o primeiro anúncio não implica a adesão dos destinatários. As abordagens diferem sobre quando é proclamada o primeiro anúncio. Vou indicar algumas.

- Uma abordagem inicial, amplamente difundida, consiste numa apresentação sequencial. Um primeiro anúncio que precede a catequese. O primeiro anúncio, ou primeira evangelização, devendo substituir uma impregnação social, hoje, quase desaparecida: quando se efectuar o primeiro anúncio,

---

<sup>7</sup> Estou aqui muito grato a Isabelle Morel (professora doutorada leccionando no ICP e responsável pelo Serviço diocesano de catequese de Besançon e estou, igualmente, grato a Catherine Saba (docente em Centros de Formação Pedagógica, de Paris e Amien, responsável pelo serviço diocesano de catequese de Amien).

a catequese pode começar. Numa diocese é quase ridículo: efectua-se o primeiro anúncio até ao Dia de Finados e em seguida, inicia-se a catequese!

- Uma abordagem menos sequencial consiste em anunciar que a catequese se encarrega da evangelização. Aqui, o primeiro anúncio é uma parte da missão catequética. A catequese não começa após o primeiro anúncio, este é uma primeira forma de se inserir a catequese.
- Dois textos abordam as coisas com diferentes enquadramentos; quer para dizer que o primeiro anúncio se repete ao longo da vida; neste caso, o esquema sequencial deixa de ser pertinente, quer para dizer que é necessário ouvir primeiro o anúncio, na acepção da primazia, primordial. Neste sentido, assinala-se e destaca-se, prioritariamente, a fé como força de conversão. Tornando-se, evidentemente, isto numa referência constante da acção catequética. Quer seja pela primeira ou pela décima vez, é o núcleo da fé que está em jogo, no primeiro anúncio. Isto facilita a abordagem da actividade dos movimentos. Com efeito, no esquema unicamente sequencial, dificilmente se poderá dizer a jovens dos liceus que terão todos de ouvir, pela primeira vez, o Evangelho de Jesus Cristo. Mas, para eles, mantém-se igualmente a primazia da revelação. O mesmo se aplica ao ensino católico.
- Relativamente à distribuição de tarefas, esboçam-se opções. Para certas dioceses, o primeiro anúncio pertence unicamente ao campo de acção dos movimentos da Escola Católica. A paróquia nunca se responsabiliza. A catequese continua a ser da incumbência da paróquia e o primeiro anúncio da competência dos movimentos. O esquema apresenta-se, aqui, com um carácter mais “espacial” do que temporal.
- Relativamente às opções catequéticas: certas dioceses enquadram o primeiro anúncio na continuidade ou em correlação com a cultura contemporânea ou com o que vivem os destinatários. Havendo outros que insistem na interpelação, são a força do Evangelho e a singularidade da Palavra de Deus que comovem o coração dos homens e das mulheres de hoje.
- Certamente muitas dioceses implementarão uma tensão real acentuando a complexidade de uma acção catequética encarada entre o sequencial e o primordial, entre uma interpelação kerygmática e a presença de Deus em todos os homens descoberta na revelação primordial.



Após esta viagem, um tanto rápida, através dos projectos diocesanos, parece que estes textos se baseiam mais nos quatro princípios de organização que sobre o próprio *TN*. Nos quatro princípios de organização (p. 81), o destaque é dado ao primeiro anúncio que nos leva mais longe... cujo esquema de pensamento é mais sequencial que o *TN*, que insiste mais sobre a coerência da iniciação, sendo o primeiro anúncio um dos aspectos cuja tarefa é despertar o desejo de Deus<sup>8</sup> e uma verdadeira apologética, o que, dificilmente, poderá ser compreendido como apenas um aspecto limitado ao início de uma diligência. Por outro lado, nos quatro princípios de organização, o esquema é igualmente mais “espacial”, os movimentos, as famílias encarregam-se do primeiro anúncio e a paróquia compromete-se mais na catequese ordenada.

### **O ensino católico em França**

Há alguns anos que o ensino católico em França se tornou objecto de uma tomada de consciência eclesial, da sua importância na missão da Igreja.<sup>9</sup> Dois milhões de alunos dos jardins-de-infância às escolas superiores, duzentos mil adultos, professores e corpos dirigentes, o ensino católico foi designados pelo *TN* como o local privilegiado para o primeiro anúncio do Evangelho para a Igreja de França. “A dupla pertença” da Escola Católica, como instituição em parceria com o Estado, tornando um serviço público como a educação, um espaço da Igreja, cujos directores são nomeados pelos cidadãos comuns das localidades, tornou possível o primeiro anúncio do Evangelho a todos respeitando as convicções e a liberdade de responder ao apelo de Cristo. Dois milhões e duzentas mil pessoas estão directamente envolvidas: crianças, jovens e adultos. Também se deverá ter em conta os pais, especialmente nas escolas primárias.

O laboratório catequético lançado pelos bispos franceses, em 2001, suscitou um novo impulso na reflexão sobre as práticas pastorais na Escola Católica. As quatro formas do primeiro anúncio são assinaladas nas práticas educativas da Escola Católica, segundo a comissão pastoral nacional.

---

<sup>8</sup> Observe-se que o despertar do desejo de Deus é uma tarefa atribuída ao pastor na iniciação ao catecismo anunciada no Concílio de Trento.

<sup>9</sup> Sítio: <http://www.enseignement-catholique.fr-pastorale>.

1. Um anúncio do Evangelho dirigida, explicitamente, a todos, no respeito de todos, e sem antever a resposta.
  - a. Ousar afirmar Jesus Cristo
  - b. Testemunhar em seu nome e pela sua Palavra
  - c. Acompanhar uma alegria ou uma dor no testemunho de fé
  - d. Propor testemunhos de vivências cristãs
  - e. Contribuir para a compreensão de uma cultura cristã
  
2. Rer as práticas educativas e os projectos de consolidação, à luz do que, fundamentalmente, os motiva.
  - a. Rer e questionar os projectos e os textos fundadores
  - b. Deixar-se questionar e interpelar pelos pais, pelos alunos, pelos textos inspiradores
  
3. A partir do acto de ensinar
  - a. Os programas (história, literatura, filosofia, arte, biologia, etc.) são locais de questionamento sobre o sentido da existência que podem ser retomados e prolongados numa visão evangélica.
  - b. As situações de fracasso e de sucesso são as ocasiões diárias para implementar uma visão evangélica sobre o ser humano. Avaliar, assim como dar valor a.
  - c. O ensino pratica-se numa comunidade que necessita de leis para uma vida em comum. Qualquer comunidade humana vive com tensões, discordâncias, violências, perdões, retrocessos e aberturas. Tudo isto merece o olhar do Evangelho.
  
4. A qualidade da relação
  - a. Todos, na Escola Católica, são convidados a viver a sua relação com os outros como Cristo que se aproxima, (ouve) como Cristo que encontra, (partilha autêntica) como Cristo que procura a relação (diálogo), como Cristo que chama à conversão (testemunho).

Estes aspectos diversificados do primeiro anúncio na Escola Católica não impedem que uma catequese ordenada e permanente possa ser apresentada em certos estabelecimentos. Isto faz da Escola Católica um lugar onde todos os aspectos da responsabilidade catequética possam ser vividos, e isto, desde longa data, mas até agora os responsáveis da catequese ignoravam-no, ou então preocupava-os pouco. Hoje, a Escola Católica torna-se um dos locais de ensaio para a aplicação do *TN*.

## O catecumenato: lugar da recolha dos primeiros itinerários na fé

Dez mil catecúmenos, dois mil e quinhentos a três mil baptizados por ano, mas as pessoas em vias de conversão interior são ainda mais numerosas. De acordo com os que acompanham o catecumenato, são talvez vinte mil as pessoas a viver uma conversão em curso, mas as situações matrimoniais impedem um grande número de seguir uma diligência catecumenal.

O catecumenato dirige-se a todos aqueles que já tenham sentido o apelo de Cristo. Poderíamos pensar que a pré-evangelização não lhe faz referência. Contudo, o RICA<sup>10</sup> começa, antes da primeira etapa, a designar “o tempo da primeira evangelização”. Os que acompanham os catecúmenos são aqueles que mais escutam o apelo dos que se querem “tornar cristãos”.<sup>11</sup>

Eles escutam, assim, o que se revelou na vida do catecúmeno, sendo o tempo e o espaço do primeiro anúncio. É aquilo que Roland Lacroix designa por “a fé antes da fé”.<sup>12</sup>

Antes de atingir o limiar da Igreja, as pessoas que pedem o baptismo caminham como autodidactas. “Elas não ficaram sem procurar compreender aquilo que as ensurdecia, sem abrir, por vezes, a Bíblia (algumas leram-na, mesmo, completamente, outros leram o Catecismo da Igreja Católica!) sem terem assistido às celebrações cristãs... Os catecúmenos recordam que a experiência da fé é mais vasta que uma experiência “meramente” cristã e que é importante começar pelo início, ou seja, por localizar o que não se formula e não, necessariamente, em crenças pré definidas, mas que indo até à raiz das experiências que se enlaçam, em torno da palavra “crer”.<sup>13</sup>

A tipologia dos encaminhamentos dos catecúmenos permite-nos indicar o que resultou do primeiro anúncio nos futuros baptizados mas é, contudo, difícil conhecer o início de um itinerário crente, de saber o momento do primeiro anúncio.

Com Roland Lacroix<sup>14</sup> poderemos tentar propor alguns sinais de referência.

---

<sup>10</sup> Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, (RICA) tradução francesa 1997.

<sup>11</sup> Título do livro de Roland Lacroix, *Evolução cristã*, coll. tout simplement, éditions de l'atelier, Paris, 2006, 191p.

<sup>12</sup> Roland Lacroix, *ibid*, p.29

<sup>13</sup> Roland Lacroix, *ibid*, p.29.

<sup>14</sup> Roland Lacroix, *Ensaio da tipologia do primeiro anúncio, partir do testemunho dos catecúmenos, ad manuscriptum*.

- O primeiro anúncio ocorre através do encontro com alguém: com uma avó, com uma testemunha que fala da sua fé, de forma mais ou menos explícita.
- O primeiro anúncio advém através de um acontecimento algo inesperado; “senti algo”, “sentia-me tomado por algo, um fluido”... que desencadeia uma pesquisa. Aquilo, também, poderá ser um nascimento, uma morte, uma depressão.
- Depois, há aqueles para quem Deus existe, desde a infância: “Deus está ao meu lado, desde sempre”. Nestes casos, o primeiro anúncio é difuso, em família, na escola católica e, em seguida, um dia dá-se o despertar.
- Para outros, o itinerário é longo, reflexivo e autodidacta, resultado de um percurso que lhes fez ler a Bíblia *textualmente* ou mesmo o Catecismo da Igreja Católica!

Em todos os casos, os catecúmenos recorrem ao termo “despertar” para exprimir o que se passou na sua vida. O despertar corresponde ao momento em que se passa do implícito ao explícito mas, sobretudo, onde nasce a decisão de seguir o itinerário que conduz ao baptismo. É a tomada de consciência de uma maturidade idónea. Este despertar, em que o primeiro anúncio é reconhecido enquanto tal pelos catecúmenos, transforma-se em instância de verificação. Este Deus que me sussurra é o Deus de Jesus Cristo, o Deus da Igreja? O confronto entre aquilo que é sentido pela fé e o Evangelho de Cristo no que se c(r)ystaliza a intuição crente no primeiro anúncio. O itinerário dos catecúmenos mostra-nos, por conseguinte, um percurso complexo, onde a Palavra revela um Deus sem palavra, onde o silêncio é o sussurro de um Deus que já se revelou.

Assim, o acompanhamento catecumenal revela-se como o lugar essencial onde, para a Igreja, se manifesta o imprevisível itinerário que produz no futuro catecumenato a auto-revelação de Deus. O catecumenato acentua como os resultados do primeiro anúncio são incalculáveis e inverificáveis. Podemos, mesmo, dizer que só os catecúmenos ou os reiniciados sabem o que foi para eles o primeiro anúncio.

### **As Re-iniciações**

Não podemos terminar o nosso panorama das práticas sem nos debruçarmos sobre o caso dos Recomeços. Estes não são mencionados

no *TN*.<sup>15</sup> No entanto, a sua experiência da fé coloca uma questão fundamental aos nossos esquemas catequéticos. Com eles, o esquema sequencial cai. O primeiro anúncio pode seguir uma catequese ordenada que não teve repercussão, por diversas razões. O primeiro anúncio poderá repetir-se dez vezes antes de ter qualquer efeito. A experiência dos Recomeços força-nos a prestar atenção àquilo que na fé é uma força de renovação, ao que renasce incessantemente. O itinerário dos crentes na pós-modernidade é sinuoso, caótico e “um bom” primeiro anúncio não alterará nada. A uma “bom” primeiro anúncio pode seguir-se uma boa catequese, no itinerário de um Recomeço. Deixar de acreditar com a fé da Igreja já não é o resultado de uma catequese deficiente, nem da ausência de primeiro anúncio. Corresponde a um itinerário complexo das crenças na pós-modernidade.<sup>16</sup>

### **III. As problemáticas teológicas das novas práticas catequéticas**

#### **Primeiro anúncio e catequese kerygmática**

O nosso percurso nas presentes práticas e abordagens actuais do primeiro anúncio levanta, novamente, uma questão fundamental que o movimento de Renovação catequético tinha reclamado para si, na orla do século XX, e especialmente para os catequistas protestantes de língua alemã, como Joseph Golbrunner, Joseph-André Jungmann ou Gerhard Bohne. O debate foi retomado com C.P. Liège, na França dos anos 50-60.

Na introdução da volumosa recolha das actas da semana internacional de Eichstätt, A.-M. Henry, um dos criadores da revista *Palavra e Missão*, estabelecia claramente uma demarcação entre as duas concepções de revelação no ensino catequético. Chegando, inclusivamente, a indicar aos leitores franceses da obra, que as conferências alemãs lhe pareciam estranhas, assim como a catequese kerygmática de que os autores do Além-Reno falavam, por não corresponder esta às perspectivas francesas. Qual era o problema?

Trata-se, na verdade, de um equívoco baseado em duas orientações pastorais divergentes e eu queria afirmar que nós as voltamos a encontrar,

---

<sup>15</sup> Excepto uma menção no prefácio, *TN*, p.15.

<sup>16</sup> Roland Lacroix, *Pastoral das reiniciações, génese e futuro, partir da experiência de Lyon de Henri Bourgeois*, memória de licença canónica, ISPC, Janeiro de 2008.

hoje. Nomeadamente, para os catequetas de língua alemã, Jungmann e Golbrunner, o desafio da corrente kerygmática de catequese seria de reinvestir teologicamente a novidade das práticas catequéticas procedentes do método de Munique. O método de Munique criava um vazio teológico porque todos os catequistas viam efectivamente que a teologia escolástica da escola não convinha às novas práticas catequéticas. A catequese kerygmática austríaca e alemã enquadrava-se num reinvestimento teológico dos novos métodos. Nem a teologia escolástica nem a teologia liberal edificariam um novo cristão, após o desmoronamento, devido à guerra de 14-18. É em relação à teologia dialéctica de Karl Barth que os catequistas da Europa central vão fundar a renovação catequética. É reencontrando a perspicácia da Palavra que interpela e converte que a catequese assegurará o renascimento do seu método, pensavam estes inovadores. Para Golbrunner e Jungmann, a implicação do catequizado corresponde a uma interpelação deste por uma Palavra que é um anúncio que produz o seu efeito no coração de cada um de nós. A catequese não apresenta uma doutrina, a catequese proclama a Palavra que “regressa” do interior do seu ouvinte. O catequista, pelo seu testemunho do Evangelho, permite que a Palavra aja e converta. Vê-se isto nas concepções alemã e austríaca, o kerygma e a conversão representam constantes da acção catequética, elas não são o limiar da catequese, mas o seu recurso permanente. O Evangelho não converte apenas no início. Converte sempre.

Em contrapartida, na abordagem francesa, o kerygma era entendido como a primeira mensagem dos apóstolos, os preliminares, antes de os resultados do ensino construído pudessem surtir efeito. A concepção francesa era, essencialmente, sequencial, baseada no desenrolar do que vive o catecúmeno: pré-catequese ou pré-catecumenato, catecumenato, catequese baptismal, mistagógica, catequese de aprofundamento. Para Liège e Henry, a noção de catequese kerygmática estava ligada ao primeiro anúncio missionário, no sentido cronológico do termo. Os franceses vão acentuar o fundamento exegético da palavra kerygma, mas não no seu sentido teológico, na sua contestação da teologia liberal e da teologia de escola.

Olhando atentamente para os textos do magistério, vemos que predominou a influência francesa: o § 62 do *DGC* de 1997, como o vimos acima, é o testemunho exacto desta concepção que se expandiu após a semana internacional da catequese e a missão de Eichstätt em 1960 e os artigos de Liège na revista *Catequese*.

Realmente, partilho o ponto de vista Ugo Lorenzi<sup>17</sup>. Este explica que uma passagem tão rápida de uma catequese kerygmática a catequese antropológicas, nos anos 60, resulta de uma ausência de debate e de uma falta de compreensão dos fundamentos teológicos da renovação catequética de língua alemã. Ainda hoje, dado que o debate nunca teve, realmente, lugar, este reemerge à superfície pois as práticas apelam à ajuda. O que é que nós fazemos no primeiro anúncio? Será necessário ser-se previamente convertido para ser catequizado? Ou então, a acção catequética opera de forma eficaz uma conversão permanente? Será que deveremos esperar de uma pré-catequese uma preparação do terreno humano, a fim de poder ulteriormente catequizar e preparar os sacramentos? Far-se-á a preparação numa continuidade com a cultura de modo a que a catequese se torne numa tradução na linguagem da fé, da experiência humana autêntica? Ou então, a acrimónia da Palavra deverá operar, de seguida, a sua função de conversão? Em resumo, os catequistas franceses acreditaram, nos anos 60, ultrapassar definitivamente a corrente kerygmática da catequese; acho que seria melhor se tivessem deixado, de lado, as questões colocadas para enfrentarem melhor outras. Mas hoje ressurgem a complexidade da acção catequética e os franceses, na sequência da *Carta aos Católicos de França (propor a fé na sociedade actual)* tomando consciência da necessidade de que o Evangelho seja escutado na sua diferença, com a sua força de vida e de conversão, não opondo uma frente maniqueísta perante a cultura contemporânea. Nas novas práticas do primeiro anúncio, é a interpelação kerygmática do Evangelho que é procurada, mas despojada das controvérsias catequéticas dos anos 60-70 e as actuais práticas procuram, em simultâneo, a força de intervenção da Palavra produzida, mas igualmente o seu impacto existencial e cultural. Estes afloramentos na responsabilidade catequética, no que se refere ao primeiro anúncio, indicam uma mudança de época. Até agora, os esquemas catequéticos eram pensados, incluindo os modelos antropológicos, sobre um princípio de entrevista da fé considerada mais ou menos presente na sociedade e para as famílias. A catequese procura, então, aprofundar e traduzir na linguagem da Igreja a experiência comum. Hoje, uma catequese de proposta da fé e de iniciação cristã procuram, em simultâneo, o suporte de uma nova teologia kerygmática capaz de ouvir o

---

<sup>17</sup> Ugo Lorenzi, *A herança da renovação catequética e o impacto da palavra na catequese*, volume I, Introdução e capítulos 1-5, Volume II, capítulos 5b-8, Conclusão geral e bibliografia, tese para a obtenção do doutoramento em teologia, director Prof. P. Henri-Jérôme Gagey, Janeiro de 2007, 565p.

impacto da Palavra num mundo plural, e uma teologia capaz de pensar a força da renovação cultural disponível no Evangelho de Cristo que ergue um mundo novo. Em resumo, os catequistas franceses procuram recursos numa teologia da Palavra de impacto e numa teologia política que expresse a vida que o Evangelho dá à cultura contemporânea. Assim, de facto, a atenção por novas práticas, sem estar a gritar pela questão do primeiro anúncio, excedeu o seu único registo cronológico para dar prioridade à singularidade do Evangelho no pluralismo religioso e cultural contemporâneo.

Termino a minha exposição sem conclusão mas com uma derradeira questão de teologia fundamental que as actuais práticas catequéticas enfrentam. O risco de um extrínsequismo teológico continua presente. Diversos textos diocesanos assinalam-no, sem o teorizar, e os teólogos recordam-no e os catecúmenos manifestaram-no. Com efeito, não é pequeno o risco de ver abordar o primeiro anúncio do Evangelho, unicamente, sob o registo do método da eficácia. Neste caso, a revelação seria reduzida a uma mensagem e o primeiro anúncio a “um efeito de revelação”. Como se um bom pregador pudesse, pela sua persuasão, fazer nascer a fé. A fé não se acrescenta, do exterior, a um homem que seja pura natureza. “Deus precede-nos, já se encontra no coração dos homens”, recorda um esboço de texto diocesano.

Se a revelação é possível é, ao mesmo tempo, porque o homem é capaz de Deus e porque Deus tem a iniciativa de se comunicar, ele próprio, aos homens. O conteúdo da revelação é o próprio Deus que se entrega, eis do que o catequista é testemunha.

Deixo aqui este comentário teológico que mereceria uma atenção mais sustentada e um desenvolvimento mais apurado. Por conseguinte, o nosso trabalho de releitura das novas práticas está longe de estar terminado!



# **Mudar a iniciação cristã num estilo de primeiro anúncio.**

## **A experiência do «método a quatro tempos» na diocese de Verona (Itália)**

MAURIZIO VIVIANI (\*)

O modelo tradicional da iniciação cristã é sempre mais difícil de iniciar na fé as jovens gerações, mesmo em Itália. A prática mostra que os caminhos de iniciação cristã são, na verdade, caminhos de conclusão: uma vez celebrada a Confirmação, ou um pouco depois, a imensa maioria dos adolescentes (em média, três em quatro) abandona a Igreja para aí voltar – nos melhores casos – muito mais tarde.

Em numerosas dioceses italianas, trabalhamos desde há mais de dez anos, para renovar o modelo da iniciação cristã, porque ele se comprova como não adaptado à situação pastoral e cultural. Entre as numerosas iniciativas de renovação, há a proposta do «método a quatro tempos», lançado na diocese de Verona. Este método, ainda em gestação, mas suficientemente estruturado e verificado, aceita a exigência da mudança gradual do modelo de iniciação cristã e mostra-se – feliz surpresa! – como uma ocasião de primeiro anúncio e uma *oportunidade* para uma proposta bem articulada e atraente da fé cristã.

### **1. O percurso de evangelização da Igreja depois do Vaticano II**

Para compreender as razões que inspiraram as transformações das pastorais e as experimentações de iniciação cristã, é pertinente relacionar-se o percurso realizado pela igreja italiana no domínio da evangelização, a partir do Concílio Vaticano II.

---

(\*) Sacerdote, Director da Pastoral Escolar da diocese de Verona, Itália. Docente no Instituto Teológico San Zeno e no Instituto Superior de Ciências Religiosas de Verona. Está a concluir o doutoramento na Pontificia Università Salesiana de Roma, sobre o Primeiro Anúncio.

### **1.1. A «primavera catequista»**

A partir do Vaticano II, a catequese italiana vive um período de ouro. Colocámos em marcha o «*Projecto catequista italiano*»<sup>1</sup>, que se revelou um dos melhores frutos da pastoral das últimas décadas. Ele tem a sua fonte na publicação, de parte da Conferência Episcopal, do *Renouvellement de la Catéchèse* (chamado também *Documento de base*)<sup>2</sup>, pedra basilar e texto inspirador de uma renovação original e profunda. Ao inspirar-se nas grandes instituições conciliares, o *Documento de base* precisa as orientações de fundo da catequese, pondo em evidência o cristocentrismo da proposta e renovando a pedagogia catequista (fundada numa dupla fidelidade: a Deus e ao homem).

O *Documento de base* coloca as premissas para abandonar o catecismo na sua «forma escolar» (inserido num dispositivo de iniciação cristã, num horizonte de salvaguarda da fé, dirigido aos pequenos e visando a recepção dos sacramentos). O *Documento de base* sugere sempre a realização de catecismos «para a vida cristã», redigidos para diversas idades, a partir da infância<sup>3</sup>. Os catecismos, experimentados de 1970 a 1984, são definitivamente publicados entre 1988 e 1997. A imensa maioria das paróquias utilizam, servindo-se abundantemente de numerosos itinerários e de materiais em que se inspiram. Os «catecismos para a vida cristã» favorecem a mudança de mentalidade da catequese: da «assimilação da doutrina» passamos à «mentalidade de fé».

De 1970 a metade dos anos 80, registamos uma verdadeira «primavera catequista», plena de entusiasmo e de criatividade, graças à reflexão de numerosos catequetas, ao extraordinário investimento em formação de trezentos mil catequistas e a uma grande produção de materiais. A catequese é o coração e o motor da pastoral italiana: os Bispos outorgam-lhe a sua atenção e um apoio enérgico.

---

<sup>1</sup> Sobre «Progetto catechistico italiano» si veda: G. RONZONI, *Il progetto catechistico italiano. Identità e sviluppo dal Concilio Vaticano II agli anni '90*, LDC, Leumann (TO) 1997.

<sup>2</sup> CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA, *Il rinnovamento della catechesi*, CII, 1988.

<sup>3</sup> Os catecismos oficiais da CEI compreendem: o catecismo das crianças (0-6 anos) entregue aos seus pais; 4 catecismos para as crianças e os pré-adolescentes até à confirmação; dois catecismos para a idade juvenil (um para os adolescentes e um para os jovens); o catecismo dos adultos. No total, são oito testemunhos oficiais.

## 1.2. A fase da evangelização

A meio dos anos 80, damos-nos conta de que a catequese não resolve sozinha, todos os problemas. O entusiasmo dos operadores em pastoral e dos catequistas diminui progressivamente. Sob os golpes silenciosos das mudanças da sociedade e da cultura, o percurso tradicional de iniciação à fé é cada vez menos eficaz e sempre mais inadequado. Isso gera decepção e frustração entre muitos catequistas.

O investimento massivo da Igreja italiana na catequese das crianças não produz os frutos esperados. Mesmo nas zonas nas quais a presença cristã está mais enraizada, registamos «perdas» numéricas significativas: acabada a iniciação cristã, muitos jovens se afastam da paróquia. A juntar a isso o silencioso êxodo de muitos adultos da vida das paróquias e da Missa dominical. Admitimos, mesmo na reflexão dos Bispos, a necessidade de tomar em consideração, não apenas a catequese mas o percurso inteiro da evangelização (e falamos sempre mais frequentemente da necessidade de uma «nova evangelização»).

A reflexão sobre a evangelização prossegue durante toda a década de 90. Os documentos eclesiais destes anos levam a sua reflexão sobre alguns pontos problemáticos, já conhecidos das comunidades cristãs, como desafios: a necessidade de uma evangelização ampla, a partir do primeiro anúncio; a perspectiva missionária de toda a acção pastoral; a atenção sempre mais marcada na iniciação cristã e na sua transformação em perspectiva catecumenal. Três Notas<sup>4</sup> são consagradas à iniciação cristã, a partir de 1997. Nas dioceses italianas, comprometemo-nos nas primeiras e corajosas experimentações de novos percursos de iniciação cristã dos adolescentes.

## 1.3. A fase da «proposta» da fé

Após a «primavera catequista» e após a fase de recuperação da evangelização, a partir da mudança do milénio, a pastoral italiana vive um período de renovação, sobretudo na iniciação cristã. Três documentos contribuem para precisar a direcção da Igreja italiana na primeira década de

---

<sup>4</sup> CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA, *L'iniziazione cristiana. 1. Orientamenti per il catecumenato degli adulti*, LDC, Leumann (TO) 1997; ID. *L'iniziazione cristiana. 2. Orientamenti per il catecumenato dei fanciulli e dei ragazzi*, LDC, Leumann (TO) 1999. ID., *L'iniziazione cristiana. 3. Orientamenti per il risveglio della fede e il completamento dell'iniziazione cristiana in età adulta*. LDC, Leumann (TO) 2003.

*Mudar a iniciação cristã num estilo de primeiro anúncio. A experiência...*

‘Dois mil’. O primeiro é *Nuovo millennio ineunte*<sup>5</sup>: ela convida a Igreja a ser mais aberta ao mundo, num estilo de diálogo e de serviço; as *Orientações* da CEI para a década 2001-2010 (*Comunicare il vangelo in un mondo che cambia*)<sup>6</sup>: elas colocam em evidência a necessidade de dar uma conotação missionária a toda a actividade pastoral; *Telle est notre foi. Questa è la nostra fede. Nota sul Primo annuncio del Vangelo*<sup>7</sup>. Este último documento é o ponto de chegada de um percurso, começado mais de dez anos antes, de redescoberta do primeiro anúncio do Evangelho. A necessidade do primeiro anúncio é reafirmada não somente para pessoas que nunca o receberam, mas também para os baptizados que se afastaram da fé e da Igreja. No documento, afirmamos que o primeiro anúncio deve fazer parte dos itinerários de transmissão da fé, e se encontra recolocado nos percursos da iniciação cristã.

No que diz respeito ao primeiro anúncio em Itália, é oportuno fazer duas observações. Ao nível dos documentos, os aprofundamentos teológicos e pastorais, certamente, não faltam. Nas suas páginas, no entanto, não vemos suficientemente claro *como fazer* o primeiro anúncio e *como mudar* a pastoral na perspectiva do primeiro anúncio. Ao nível da prática, as experiências de primeiro anúncio, dirigidas às pessoas que não conhecem o Evangelho ou que abandonaram a fé há muito tempo, são ainda ocasionais e não suficientemente verificadas. Entre as experiências tentadas, assinalamos os perigos: um certo fundamentalismo na proposta; a raridade da mediação cultural; a acentuação das dimensões doutrinárias ou emocionais da fé. Para além disso, não devemos esquecer o risco de delegar o primeiro anúncio nos movimentos e grupos eclesiais.

Em resumo, uma *tripla mudança* de perspectiva amadurece durante esta década na Igreja italiana, que diz respeito à paróquia, à iniciação cristã e à catequese.

1. *De uma paróquia como «cuidado das almas» a uma paróquia missionária.* Uma pastoral dedicada exclusivamente à conservação da fé e ao cuidado da comunidade cristã é agora insuficiente: é necessária uma

---

<sup>5</sup> GIOVANNI PAOLO II, *Novo Millennio Ineunte. Lettera apostolica al termine del Grande Giubileo dell'Anno 2000*, Paoline, Milano 2001.

<sup>6</sup> CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA, *Comunicare il Vangelo in un mondo che cambia. Orientamenti pastorali dell'episcopato italiano per il primo decennio del 2000*, LDC, Leumann (TO) 2001.

<sup>7</sup> COMMISSIONE EPISCOPALE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, *L'ANNUNCIO E LA CATECHESI DELLA CEI, Questa è la nostra fede. Nota pastorale sul primo annuncio del vangelo*, EDB, Bologna 2005.

*paróquia missionária, 'evangelizante', extrovertida e não centrada nas suas estruturas.*

*2. De um processo de iniciação centrado nos pequenos e 'sacramentalizado', a um processo de iniciação que coloca no centro os adultos e no qual o objectivo não são os sacramentos, mas a vida cristã.* O aumento em Itália de pessoas vindas de outras culturas e de pais que não baptizam os seus filhos, para além dos *reiniciados*, pedem o desenvolvimento da estrutura iniciática centrada no adulto, com uma disposição catecumenal e mistagógica.

*3. De uma catequese para a vida cristã a uma catequese para a evangelização e a proposta da fé tendo como finalidade a conversão.* Como consequência, a catequese é chamada a encontrar o primeiro anúncio no qual o objectivo é a proposta da fé como experiência global de vida.

## **2. O «método a quatro tempos» de Verona**

A mudança, um dos aspectos mais problemáticos da situação pastoral actual italiana. Esta, relativamente a outras realidades europeias, tem características verdadeiramente originais. A situação pastoral italiana tem ainda a sua fisionomia bem precisa e distingue-se pela sua grande vitalidade. No entanto, nesta fase de transição e de transformação do tecido cultural e social, é necessária uma mudança de perspectiva de toda a pastoral, já assinalada nos Documentos eclesiais e realizada apenas em parte.

Toda a mudança pastoral devia produzir-se gradualmente, segundo um projecto e numa direcção precisa. Assim devê-lo-ia ser também para a transformação do modelo tradicional de iniciação, que em Itália é provavelmente mais difícil porque está ainda bem enraizado na mentalidade e nas estruturas pastorais. Neste horizonte de mudança, as experimentações do modelo tradicional de iniciação estão sem dúvida entre as realidades mais significativas e prometedoras da pastoral italiana. Ainda não é possível quantificar o número de paróquias que, ainda que em modalidades diversas, abandonam o sistema tradicional de iniciação baseado no catecismo escolar semanal. De todos os modos, podemos afirmar que quase todas as dioceses estão implicadas nas experimentações. Entre as numerosas experiências de renovação, gostaríamos de descrever aqui brevemente uma: o «método a quatro tempos» da diocese de Verona, uma prática pastoral «equilibrada» nas dimensões de catequese, de testemunho, de relações eclesiais, de celebrações sacramentais.

## **2.1. Os objectivos**

O «método a quatro tempos» não nasceu num escritório: ele é fruto de uma longa elaboração, articulada, parte da observação de algumas experiências postas em prática em algumas paróquias da diocese à qual eu pertenço<sup>8</sup>. Recolhendo a reflexão magisterial e catequista italiana e diocesana das últimas décadas, o método pretende reunir quatro objectivos que, no plano tradicional e escolar ficavam um pouco na sombra:

1. encontrar na comunicação da fé o *papel central da família*, ajudando os pais a redescobrirem uma fé adulta com vista ao testemunho a dar aos seus filhos;
2. favorecer a passagem do catequista *individual* a uma *equipa* de catequistas e de operadores pastorais, e colocar mais em acção a comunidade cristã;
3. oferecer às crianças, não uma lição mas uma *experiência a viver*, por tempos e com as modalidades de catequese, saindo assim da obrigação de uma lição depois da escola ou do infantário;
4. valorizar, no interior da caminhada de iniciação, o *Dia do Senhor* e o *Ano Litúrgico*.

## **2.2. A articulação dos encontros**

O percurso articula-se em vários anos. Cada ano está dividido em etapas mensais. Em cada mês realizam-se quatro encontros, articulados entre eles<sup>9</sup>.

*O encontro dos pais.* Consiste numa proposta de redescoberta da fé por parte dos adultos. No encontro, está previsto também um tempo no qual sugerimos uma forma de comunicar em família que amadurecemos entre os pais. É proposto em cada mês aos pais um itinerário de *carácter transformativo* (não uma série de conferências), ritmado nas etapas do catecismo dos seus filhos.

*O encontro em família.* Os pais proporcionam em casa um encontro com a sua família. Com a ajuda de algumas propostas simples e algum material, tentamos ajudar os pais a testemunhar da fé dos seus filhos, mesmo com momentos explícitos de diálogo, de oração, e de experiências partilhadas.

---

<sup>8</sup> O « método a quatro tempos » foi experimentado, com as oportunas adaptações, mesmo em outras dioceses, entre as quais a diocese de Florença.

<sup>9</sup> Nesta parte seguimos as indicações recolhidas por Antonio Scattolini, Director do Departamento de Catequese da Diocese de Verona.

*O encontro dos filhos.* Prevê-se, um momento relaxado (num sábado de manhã ou num outro momento, nas salas paroquiais), geralmente de duas horas, antes de mais para poder viver um acolhimento sereno; para dar a possibilidade às crianças de partilhar o que viveram em família; para inspirar um momento de síntese e de oração. Este encontro abre-se à eventual presença-intervenção do Pároco, dos pais voluntários (estáveis ou em rotação), dos jovens, dos ministros da eucaristia, dos avós ou de outras pessoas que façam equipa com os catequistas<sup>10</sup>.

*O domingo.* O encontro dá-se ao domingo de manhã, geralmente antes da celebração da Missa (pode mesmo ter lugar a um sábado ou um domingo à tarde). Os pais encontram-se, guiados pelo pároco ou pelo catequista, para verificar a experiência vivida em família e para aprofundar as questões eventualmente abertas. As crianças, durante este tempo, preparam uma oração ou um gesto ou um sinal, para tornar a exprimir durante a Missa algum aspecto do caminho percorrido na etapa, implicando a Assembleia.

### **2.3. Os sete «critérios guia»**

Nestes últimos anos, as dioceses promoveram diferentes verificações das experimentações empreendidas nas paróquias. Fizemo-lo convidando, de tempos a tempos, os catequistas e os Párocos. Em alguns casos, encontravam-se mesmo um ou mais catequetas, convidados a reagir a quente sobre as experimentações apresentadas<sup>11</sup>. De verificação em verificação, especificámos alguns «critérios guia» do método, que estão esquematizados de seguida.

1. A experiência é proposta a todos num clima de total gratuidade. Não pedimos nenhuma «condição» (ninguém diz «se um pai não vem, não há comunhão para o seu filho»). Mesmo os filhos dos pais que escolhem não aderir podem participar na catequese quando está previsto um momento para eles (que funcione da mesma forma mesmo se, evidentemente, em formato reduzido)<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> A experiência sugere que neste momento das crianças é oportuno responder-lhes com um outro de tipo *recapitulativo* em etapa final: na prática realizamos um «Diário de Bordo» (ele pergunta-se: «o que é que me deu prazer para além desta etapa»; «o que descobri de novo»).

<sup>11</sup> Foram convidados, entre outros, Giuseppe Laiti, Enzo Biemmi, Serena Noceti, Ivo Seghedoni e Rinaldo Paganelli.

<sup>12</sup> Foi mostrado – eu cronometro à mão – que mesmo estas crianças não são penalizadas: elas não fazem menos catequese, pelo contrário, elas fazem mais em quantidade e sobretudo, em qualidade.

*Mudar a iniciação cristã num estilo de primeiro anúncio. A experiência...*

2. Um critério de fundo é o de *colocar no centro as famílias* e não apenas as crianças, privilegiando os adultos (sobretudo os papás) a partir do seu papel de pais, encontrando a sua vocação matrimonial (e quando esta ainda não foi escolhida ou ainda que ela tenha afundado, sublinhando a sua vocação *parental*). Aos adultos propomos uma caminhada de fé ritmada na Iniciação cristã dos seus filhos. A tarefa educativa da fé torna-se uma *oportunidade* para a evangelização ou a re-evangelização dos pais, numa formulação adulta que recupera o aspecto ministerial do seu baptismo e do seu casamento. Observando bem, o ponto forte da actividade catequista não é mais a idade escolar, mas sim a idade adulta.

3. Procurámos colocar em evidência as passagens fundamentais de cada ano, de acordo com o critério da essencialização, que deve ter em conta tanto os diferentes interlocutores (adultos e crianças) do seu tempo, como os diferentes pontos de partida de cada um, procurando manter um horizonte de proposta de «primeiro anúncio».

4. A experiência ensina que não podemos pedir às crianças para virem a um catecismo semanal, encurralado entre o infantário e outras mil actividades. É oportuno criar para as crianças espaços *de encontro*, de escuta verdadeira, de diálogo, de experiência (basta pensar no que significaria sair algumas vezes com as crianças que se preparam para a Primeira comunhão, com um ministro da Eucaristia que seria como um avô. São experiências impossíveis de viver em meia hora numa tarde).

5. Parece fundamental não perder a *presença e a função dos catequistas* (talvez em alguma experimentação os tenhamos redimensionado demasiado, investindo exclusivamente no papel dos pais, que são chamados a ser, antes de mais, testemunhas). Aos catequistas, é oferecida uma *formação* adaptada, proposta sob a forma de *laboratório*, para os ajudar verdadeiramente na redescoberta e na reformulação da fé e também para não os deixar sozinhos na difícil passagem de catequistas de crianças a *companheiros de viagem* até dos seus próprios pais.

6. A *Missa dominical* volta a tomar um valor particular porque permite a inserção no percurso do Ano litúrgico, valorizando assim as Solenidades e os Tempos fortes. Esta escolha do domingo favorece a redescoberta de momentos comunitários e de experiências de partilha que a fazem viver como Dia da Comunidade («*Depois da Missa ficamos um pouco mais para comer juntos entre as famílias? A paróquia prepara a massa e de seguida*



*partilhamos o que cada um traz»*). As recaídas são positivas para a Comunidade paroquial e para as Liturgias eucarísticas dominicais, que são mais animadas e com uma melhor participação.

7. Nestes percursos, reafirmamos com força que os *sacramentos* estão «*ao longo do caminho*»; eles não são o «*objectivo*» de: o objectivo é, com efeito, a maturidade cristã relativa a cada idade, quer dos pequenos quer dos adultos. Não fazemos a iniciação aos sacramentos, mas à vida cristã através dos Sacramentos. Tendo em conta a fase de transição na qual estamos e também a forte socialização ainda presente na nossa Diocese, não impedimos, no entanto, a ninguém a celebração dos Sacramentos, propondo, não obstante, uma séria caminhada de fé para quem os quer, adaptando-se às reais possibilidades das pessoas.

#### **2.4. Observações e condições partilhadas**

Durante as verificações promovidas pelo Departamento de Catequese, realizadas com a presença de numerosos operadores da pastoral implicados na experimentação, diferentes elementos dignos de serem assinalados apareceram. Referimos aqui alguns entre os mais significativos.

1. *A preparação do terreno.* Revela-se como decisivo não impor nada desde cima e ajudar a paróquia a amadurecer a escolha de empreender a experimentação da iniciação cristã com os tempos que julgamos necessários. A preparação da paróquia antes da experimentação pode ser longa, até de anos. A preparação é um tempo útil e precioso para começar uma comparação e uma reflexão comunitária (os sacerdotes, os pais, os catequistas e o Conselho pastoral) sobre a importância de uma iniciação cristã global e comprometida. O princípio de *gradualidade* deve ser aceite.

2. *O compromisso e o testemunho dos pais.* Notámos que quando um pai compreende e experimenta a validade da proposta, está mais disposto a comprometer-se pelo seu filho, tanto mais quando ele é pequeno. Assistimos a uma melhoria progressiva dos pais que redescobrem, graças à experiência catequista, uma relação mais rica e completa com os seus filhos. Desta forma a fé reencontra uma palavra na família, e esta última redescobre a sua capacidade testemunhal na vida.

3. *A mediação eclesial dos catequistas.* A experiência mostra que os catequistas formados e devidamente acompanhados sabem ser uma

*Mudar a iniciação cristã num estilo de primeiro anúncio. A experiência...*

mediação eclesial para os pais melhor que os párocos, não por culpa destes últimos, mas pela força comunicativa e testemunhal derivada do facto de que os catequistas são laicos e são pais («*a palavra de uma mãe, vale muito para outra mãe*»).

4. *A qualidade da relação.* Os catequistas e os párocos confirmam que o encontro de catequese colocado num tempo mais longo é diferente pela sua quantidade e sobretudo pela sua qualidade quanto à hora da tarde. Uma atenção fundamental é dada às relações. A Boa Nova recebe um testemunho na relação e cria laços. Os encontros de formação para pais fazem frequentemente nascer novas relações entre os adultos.

5. *O modelo de comunicação.* Pais, filhos, catequistas, párocos e outros operadores de pastoral implicados, experimentam um novo estilo de comunicação da fé, feito não apenas por palavras, mas também e sobretudo, por experiências partilhadas. O modelo de comunicação é multi-direccional: todos contribuem para elaborar os significados fundamentais da fé. Todos são sujeitos implicados: cada um contribui a educar os outros à fé.

6. *A eclesiologia de comunicação.* A eclesiologia não é do tipo hierárquico-piramidal mas de comunhão, de co-responsabilidade de articulação ministerial na identidade comum e na dignidade baptismal. A eclesiologia de comunhão é experimentada por todos aqueles que estão implicados, a vários títulos, na elaboração e na execução da proposta (nos encontros de carácter catequista, litúrgico, diaconal).

7. *A autoridade.* É de uma extrema importância que a autoridade (o Bispo, o Vigário para a pastoral, o Director do Departamento de Catequese) sustente, mantenha e oriente as experimentações na direcção indicada pela diocese. Isto evita que se alimentem das comparações não verdadeiramente construtivas entre as práticas às vezes bastante diferentes das paróquias vizinhas. A experiência ensina que é bom favorecer os esclarecimentos ao nível de uma zona pastoral (entre numeras paróquias limítrofes, num tecido social homogéneo).

8. *A paróquia missionária.* Observamos um compromisso de um novo estilo nas paróquias mobilizadas pela renovação da iniciação cristã: é um estilo de escuta das questões da vida e da fé das pessoas, um estilo de serviço do dom que Deus concede às pessoas, sem as julgar e respeitando os seus ritmos de crença e a sua liberdade de aderir a Jesus Cristo. A

paróquia volta a ser o sujeito global de evangelização: alteramo-nos, mudamos, tornamo-nos mais 'coral'.

9. *As resistências.* É evidente que fortes resistências não faltam. São de três tipos: a uniformidade («*Ou todas as paróquias vizinhas começam ou nós não partimos*»), que não é evangélica; a oferta de puros serviços religiosos («*Dei-lhe os sacramentos e isso é suficiente*»); deixar os adultos numa eterna indiferença porque tememos as suas escolhas («*E se alguém diz não?*»).

10. *As críticas.* Constatamos que as maiores reservas e críticas sobre o «método a quatro tempos» são avançadas por aqueles que não fizeram a experiência. Aqueles que, pelo contrário, a puseram em prática estão decididos a continuar firmemente neste caminho (muitos catequistas afirmam: «*não voltamos mais atrás*»), procurando, claro, sempre corrigir os limites e integrar novas considerações (por exemplo, propor um segundo momento com as crianças, apenas para se reencontrar).

### 3. Algumas reflexões sobre a renovação da iniciação cristã em Itália

As experimentações lançadas na diocese de Verona, confrontadas com outras experiências amadurecidas em contextos pastorais diversos, inspiraram algumas reflexões de fundo sobre a renovação da iniciação cristã<sup>13</sup>.

**a) Para além do sentimento de erro.** Um primeiro elemento que emerge da experiência diz respeito à ultrapassagem, pelo menos parcial, de uma maneira de se comportar, deletéria e sem futuro, que se revela frequentemente entre os catequistas: sentir-se em erro ou atribuir-se as culpas. Muitos catequistas estão convencidos de que o fracasso dos processos de iniciação cristã e da catequese é causado, em grande parte, pela sua incapacidade. Também não é comum ver atribuir os erros: aos jovens, aos pais, à sociedade. A análise da experiência faz sobressair que mesmo se dispomos de catequistas muito competentes ou perfeitos a realidade não mudaria muito. Com efeito, é o *modelo de inculturação da fé* que se encontra fora de tempo: somos obrigados a fazer com um certo modelo de iniciação, de catequese e de paróquia, que ia bem no passado e com uma certa cultura, e que se comprova hoje como inadequado. A ultrapassagem destas atitudes estereis, substituídas por uma maneira adulta

---

<sup>13</sup> Sugerimos nesta parte uma série de elaborações recolhidas pelo frei Enzo Biemmi.

*Mudar a iniciação cristã num estilo de primeiro anúncio. A experiência...*

'de habitar' este período de forte transição, convida a aceitar esta situação com mais tranquilidade, fazendo o que é realmente possível.

**b) A continuidade e a mudança.** Um segundo elemento diz respeito à modalidade da mudança. Pensamos que um dos desafios mais absorventes é relativo ao facto de saber inteligentemente compor a continuidade com a mudança, segundo um critério de gradualidade. Não podemos, obviamente, abandonar (sobretudo em Itália) o passado do qual provimos, com as suas preciosas experiências e as suas ambiguidades, com as expectativas das pessoas e com as estruturas. Mas também não nos podemos dispensar mais de introduzir a mudança, sob a pena de ficarmos presos a uma pastoral asfixiada de conservadorismo. É necessário tentar qualquer passo na direcção de uma mudança pastoral gradual que tenha em conta a situação na qual se encontra. Esta *mudança realista* deve ser acompanhada da capacidade de gerir com sabedoria as múltiplas resistências, quer sejam *exteriores* (relativas à mentalidade e às expectativas das pessoas no caso da oferta pastoral), quer sejam *internas* (os sacerdotes, os catequistas e os organismos pastorais).

**c) A comunidade generativa.** Um terceiro elemento que aparece como determinante é a recuperação da capacidade generativa da Igreja. Na tradição da Igreja, a iniciação cristã foi muito tempo uma «acção sinfónica», mais que acção de uma orquestra. As novas experiências de iniciação cristã baseiam-se sobre o critério de um agir comunitário e permitem assim ultrapassar gradualmente a subdivisão das tarefas e a delegação em branco dada ao catequista. Este pode apoiar-se nos *sujeitos activos*, não apenas nos pais e na família, mas mesmo noutras entidades eclesíásticas, em primeiro lugar o Conselho pastoral. Este é o lugar estratégico no qual deveria amadurecer uma proposta pastoral diferente, numa dimensão sempre mais missionária. O Conselho pastoral deveria ter, antes de mais, uma função de projecção. Ele deveria ser o lugar da transformação da mentalidade, do discernimento e da projecção de uma pastoral orgânica e completa. Nele, os diferentes componentes da comunidade deveriam confrontar-se para estabelecer a *essenzializzazione* (determinar o essencial) das propostas, para decidir o que devemos deixar cair, para promover as escolhas prioritárias, como a retoma da capacidade generativa da comunidade perante as novas gerações e aqueles que devem ainda fazer a sua escolha por Jesus Cristo<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> A nível diocesano, o Bispo, os organismos de decisão e os diferentes departamentos, deveriam amadurecer uma perspectiva comum e de partilha, completa e orgânica de

**d) A inspiração catecumenal.** A inspiração catecumenal constitui um quarto elemento forte das experimentações. Estas tendem a ultrapassar a dupla redução (infantil e sacramental), encontrando a globalidade do processo de iniciação à fé e a estrutura catecumenal, não no sentido formal, mas no seu sentido mais profundo.

Recuperar a inspiração do catecumenato como paradigma da Iniciação cristã não significa tanto repetir servilmente as etapas, mas devolver à fé cristã os seus elementos primordiais: a dimensão de proposta, de escolha livre (de dizer «sim» ou «não»), de conversão e de progressiva conformação ao mistério de Cristo, de testemunho de vida. Encontramos assim o processo global da fé em todas as suas etapas e na sua progressão dinâmica. É um *iter* (itinerário) que poderia levar a comunidade inteira por um caminho catecumenal e de conversão contínua. A comunidade pode assim redescobrir a dimensão missionária da pastoral, passando do cuidado da fé à evangelização, numa das formas historicamente mais eficazes: na forma progressiva da auto-evangelização através da geração de novos crentes. Deve ser lembrado, para além disso, que as experimentações da iniciação cristã dos jovens mostram quanto ela pode ser uma ocasião propícia de realização de um percurso livre com os pais. Estes, implicados e tratados como adultos, mostram geralmente uma disponibilidade inesperada não apenas em considerar ainda mais seriamente o seu dever de educadores mesmo na ordem da fé, mas a ainda reavivar o seu processo de fé.

**e) A valorização do domingo.** O quinto aspecto diz respeito à opção de recuperar o domingo e de valorizar o Ano litúrgico como tempo de iniciação e de mistagogia para toda a comunidade cristã. A mistagogia vem do tempo no qual recolhíamos o sentido do que vivemos na Páscoa, traduzindo-o progressivamente na vida. Ele é a lógica profunda de toda a pastoral eclesial. «Mistagogia» significa «introdução no mistério». Ela é a Igreja que cria no seio dos sacramentos os seus filhos, os incita a entrar continuamente e de forma sempre mais profunda na fecundidade do mistério pascal que eles receberam, através de todas as suas funções pastorais. Nessa caminhada progressiva, a comunidade inteira encontra-se ao domingo como dia do Senhor, que tem o seu centro na Eucaristia. O domingo não é apenas um tempo de treino semanal para viver como cristãos. É, antes de mais, o encontro semanal por excelência, para permitir ao Senhor Jesus continuar

---

ação pastoral, abandonando lógicas concorrenciais e visando decididamente a consolidação da generatividade.

*Mudar a iniciação cristã num estilo de primeiro anúncio. A experiência...*

a ser aquele que oferece a sua vida pela salvação de todos. O domingo é, então, o dia mistagógico fundamental e o ponto de chegada da iniciação cristã.

**f) A perspectiva do primeiro anúncio.** O sexto e último elemento a considerar é a transformação gradual da catequese, de toda a iniciação cristã e da paróquia na perspectiva do primeiro anúncio. Tal perspectiva é claramente indicada pelos documentos italianos destes primeiros anúncios de 'Dois mil'. A nova perspectiva, depois das estações eclesíásticas da «catequese da doutrina cristã» e da «catequese pela vida cristã», é a *passagem* a uma catequese na perspectiva do primeiro anúncio.

A experiência do método a quatro tempos indica a necessidade de pensar o primeiro anúncio como elemento ordinário da pastoral e da catequese (nos cursos para noivos, nos encontros com os pais que pedem o baptismo para os seus filhos, com os adultos que não receberam a Confirmação), sem transformar tudo o que nos transmitiu a nossa tradição particular italiana e, ao mesmo tempo, sem se enganar pensando que as pessoas que aproximámos teriam já amadurecido a adesão a Jesus Cristo. Cada encontro e cada percurso deveria ser a ocasião de encontrar o coração da fé e a sua *gramática essencial*. A mudança consiste, então, não em perturbar as iniciativas pastorais, mas em modificar o objectivo, justamente na perspectiva do primeiro anúncio.

### **Uma mudança possível**

O «método» lançado em Verona é apenas uma das numerosas contribuições apresentadas na Igreja italiana para mudar, de forma gradual e corajosa, o percurso que conduz à fé. Tais contribuições oferecem as indicações preciosas para transmitir com alegria e com entusiasmo a fé às jovens gerações, implicando a Comunidade inteira.

As experimentações empreendidas na diocese de Verona mostram, antes de mais, o compromisso e a grande paixão de numerosos catequistas e párcos para a evangelização, *primeiro dever* das comunidades cristãs. A criatividade e a disponibilidade à mudança de numerosos operadores pastorais favorecem a recolha de sugestões, de propostas e de novas ideias para uma mudança praticável da iniciação cristã.

A experimentação dos «quatro tempos», vivida entre fidelidade à tradição e fantasia pastoral, produz sangue novo, entusiasmo e esperança na vida da Igreja diocesana. Ao mesmo tempo, ela dá aos paroquianos que a

empreenderam uma inesperada capacidade generativa entre as jovens gerações e, ao mesmo tempo, uma força regenerativa para toda a comunidade. O «método a quatro tempos» aparece sempre mais como um novo horizonte no qual se pode colocar o caminho da iniciação Cristã. E não só, já que quem se aplica à experimentação fala sempre mais de um método que favorece – nos conteúdos e no estilo – um primeiro anúncio atraente, belo e desejável do Evangelho, dentro e fora da Comunidade.





# Relatório: Fé e catequese na Polónia (a situação no terreno)

ANNA KRÓLIKOWSKA (\*)

## 1. A SITUAÇÃO

Para caracterizar o contexto sócio-cultural no qual a catequese polaca se faz, evocarei duas citações já com alguns anos mas que permanecem actuais para a Polónia.

“Com efeito, a Europa faz parte já daqueles espaços tradicionalmente cristãos, onde, para além duma nova evangelização, se requer em determinados casos a primeira evangelização. ... Depois, por toda a parte *há necessidade de um renovado anúncio, mesmo para quem já está baptizado*. Muitos europeus contemporâneos pensam que sabem o que é o cristianismo, mas realmente não o conhecem. Frequentemente ignoram os próprios rudimentos da fé. Muitos baptizados vivem como se Cristo não existisse: repetem-se gestos e sinais da fé sobretudo por ocasião das práticas de culto, mas sem a correlativa e efectiva aceitação do conteúdo da fé e adesão à pessoa de Jesus. ...é preciso que as comunidades cristãs procurem *propor uma catequese* adaptada aos diferentes itinerários espirituais dos fiéis segundo as respectivas idades e estados de vida, prevendo-se ainda adequadas formas de acompanhamento espiritual e de redescoberta do próprio baptismo”(João Paulo II, *Ecclesia in Europa*, 46, 47, 51).

“Estas situações da fé dos cristãos reclamam do sementeiro, com urgência, o desenvolvimento de uma *nova evangelização*, sobretudo naquelas Igrejas de antiga tradição cristã, onde o secularismo penetrou mais. Nesta nova situação necessitada de evangelização, o anúncio missionário e a

---

(\*) Licenciada em Ciências Religiosas e doutorada em Ciências da Educação, co-autora de Manuais de religião para a Escola. Lecciona na Escola Superior de Filosofia e Pedagogia, “Ignatianum” em Cracóvia.

catequese, sobretudo aos jovens e aos adultos, constituem uma clara prioridade” (Directório Geral da Catequese, 26).

## A Catequese

No contexto polaco, depois da queda do comunismo, a catequese não se faz mais nas paróquias. Ela passou para as escolas e existe sob a forma de ensino religioso. Deve, por isso, enfrentar as exigências da instituição escolar e, ao mesmo tempo, preencher a sua missão de Igreja.

## A Evangelização

O *Directório Geral da Catequese* define a evangelização como um processo pelo qual a Igreja, animada pelo Espírito, anuncia e divulga o Evangelho no mundo inteiro:

- A Igreja, animada pela *caridade*, impregna e transforma toda a ordem temporal, assumindo e renovando as culturas;
- Ela *testemunha*, entre os povos, a nova maneira de ser e de viver que caracteriza os cristãos;
- Ela proclama explicitamente o Evangelho, através do «*primeiro anúncio*», apelando à conversão;
- Ela inicia na fé e na vida cristã aqueles que, pela «*catequese*» e os «*sacramentos da iniciação*», se convertem a Jesus Cristo, ou aqueles que recomeçam a caminhada no seu seguimento, incorporando uns e outros na comunidade cristã;
- Ela desenvolve sem descanso o dom da *comunhão* nos fiéis, pela educação permanente da fé (homilias, outras formas do ministério da Palavra), os sacramentos e o exercício da caridade;
- Ela não cessa de promover a *missão*, enviando todos os discípulos de Cristo a anunciar o Evangelho, em palavras e em obras, pelo mundo inteiro.

Uma tal compreensão da noção de evangelização define o sentido e a função específica da catequese. A catequese implica uma fé já presente na

pessoa. Esta fé é concebida como uma decisão livre, consciente, em Jesus Cristo Salvador. Pode ser a fé do catecúmeno adulto que se prepara para o baptismo. Pode ser a fé do adulto baptizado que vive a sua vida cristã, que a renova sem cessar. Pode ser a fé das crianças baptizadas que se espera ver progredir para uma fé adulta.

Apesar de tudo, o Directório catequético polaco constata que é difícil dar uma definição clara e precisa de catequese. Cita diversas definições de catequese que existem nos documentos da Igreja. Mas nunca diz explicitamente que a catequese é um edifício fundado sobre a fé. No entanto, sem fé não há catequese.

Como é que se pratica a catequese na Polónia?

Vou delinear uma espécie de fenomenologia da catequese polaca. Podem discernir-se três fenómenos da prática catequética polaca que me parecem constituir falsos caminhos: a catequese – luta; a catequese – calvário; a catequese – armistício. A ordem destas modalidades de catequese não é accidental: o entusiasmo militante do catequista, por causa da adversidade encontrada, transforma-o em atitude mártir para, finalmente, o conduzir ao diálogo com os catequizados. No inverso deste processo, podemos distinguir a catequese – encontro; a catequese – evangelização; a catequese propriamente dita. Vejamos, sucessivamente, estas diversas modalidades da catequese.

### **A catequese luta**

O catequista militante, tendo o sentido do dever, da sua missão e a consciência de possuir a verdade quer, a todo o preço, “converter” os seus alunos. Está estupefacto com a sua ignorância religiosa e o seu afastamento da prática e valores cristãos. Neste contexto, a catequese torna-se um confronto, uma colisão de ideias, uma luta que se ganha ou se perde. Numa tal catequese os alunos são adversários do catequista. Pode-se, por vezes, convencer o adversário, mas é uma situação em que, muito raramente, o adversário se converte. Frequentemente, o “fruto” da luta são feridas do lado dos alunos e do lado do catequista. Assim, a consequência desta catequese é, muitas vezes, a ruptura da comunicação, que é difícil de reparar. A catequese – luta é reiteradamente continuada como catequese – calvário.

### **Catequese – calvário**

Aqui, o catequista foi ultrapassado pela tarefa. O catequista perdeu, já não se consegue organizar, não sabe que iniciativa tomar. A catequese é para ele um calvário, uma dor, uma fonte de sofrimento. Os alunos agridem o catequista. Causam-lhe dor. Ele sofre humilhações por parte dos catequizandos. Os actos de agressão psicológica, e mesmo física, não são raros. Há catequistas que vivem esta situação com espírito de sacrifício pelos alunos. Mas, mais frequentemente, o catequista dá-se conta da insensatez desse sofrimento, pelo que negocia o armistício. É a capitulação.

### **A catequese – armistício**

Esta catequese é conduzida como um tipo de contrato, um acordo social do tipo: “Se vocês viverem comigo estando de acordo, eu estarei de acordo convosco”. É um compromisso em que as partes cessam de lutar, de se confrontar, de se provocar e de se gozar mutuamente para traçarem as vias que cada um pode tranquilamente tomar sem se agredirem. Uma normalidade se instala. Os alunos e o catequista são simpáticos uns com os outros. Mas esta tranquilidade aparente pode, imediatamente, transformar-se numa luta deste que haja a menor tentativa de transgressão das condições do contrato, como por exemplo, uma ou outra exigência dirigida ao aluno. O contrato em questão, com efeito, exige pouco esforço, simplesmente o conformismo. É ao que o catequista chega quando a luta fracassa e o calvário é insuportável.

### **A catequese – encontro humano**

Neste caso, a catequese é vivida como um campo de encontro entre pessoas que vivem em paz, que são amáveis umas com as outras. O que importa é o desejo de se conhecerem mutuamente, de procurarem os pontos comuns. O catequista e os seus alunos consideram-se como companheiros, como sujeitos. Neste contexto, as catequese, bem preparadas, correm bem: há belas discussões, trocas interessantes com os alunos. Olhando de perto damos-nos conta que esta situação de paz se deve à diminuição, à redução das diferenças. Sublinham-se mais os elementos comuns em detrimento dos elementos que poderiam suscitar oposição, levando a deformar a imagem do mundo, da religião ou, então, das relações entre alunos e catequista. Reduz-se, muitas vezes, o conteúdo da fé aos elementos

ligados à cultura. Uma tal catequese tem, sobretudo, uma característica existencial. Mas campo das relações mútuas – porque tende a confinar-se aos pontos comuns – verifica-se ser muito restrito, o que limita o catequista. Então, esta catequese degrada-se como catequese de armistício, a não ser que se desenvolva como catequese de evangelização.

### **A catequese de evangelização**

Um tal tipo de catequese visa anunciar o kerigma, a fazer valer o fundamento da mensagem cristã para a vida. Aqui, a transmissão integral da fé nunca é separada das condições, dos fundamentos que a tornam possível, compreensível. O catequista emprega toda a sua energia e o seu talento para ajudar o aluno a compreender o essencial da mensagem cristã e a construir laços pessoais, conscientes e responsáveis com a pessoa de Jesus Cristo. A catequese de evangelização exige uma boa formação do catequista. Levada a cabo em más condições, por exemplo, sob a forma de ensaio de endoutrinação, arrisca-se a transformar-se numa catequese – luta.

### **A catequese propriamente dita**

Aqui a catequese é considerada o espaço do desenvolvimento da fé. É uma escola de amadurecimento da fé. Ela exige, da parte do catequizado, um esforço de compreensão, de interiorização e de apropriação de uma fé que já lá está e é chamada a desenvolver-se de uma maneira livre e responsável. É unicamente a partir da conversão, isto é, tendo em conta a atitude interior «daquele que crerá», que a catequese propriamente dita tem o seu papel específico de educação da fé (cf. DGC 62).

## **2. OS PROBLEMAS**

### **As vias e os falsos caminhos da catequese escolar**

As investigações científicas<sup>1</sup> e as observações quotidianas permitem-nos constatar que a Polónia é um país de missão. Tal é válido sobretudo

---

<sup>1</sup> Cf. por ex. W. Zdaniewicz, T. Zembruski, *Koeció³ i religijnocææ Polaków 1945-1999*, Warszawa 2000; *Cicha rewolucja. O religijnocæci polskiej m³odzie¿y z ksiêdzem S³awomirem Zarêb¹*, wicedyrektorem Instytutu Statystyki Koecio³a Katolickiego rozmawia Ewa K. Czaczkowska, "Rzeczpospolita", nr 20, 24.01. 2001.

para os jovens. É verdade que existe uma forte tradição cristã, múltiplas formas de prática religiosa, uma catequese sacramental bem desenvolvida, mas tal não nos deve enganar. Por detrás de toda esta actividade religiosa, nem sempre há fé. O que é verdade para o país, em geral, também é válido para a catequese escolar. De um lado, a taxa de participação nos cursos de religião é muito elevada, por outro lado, os grupos são muito heterogéneos. Há jovens empenhados na vida da Igreja. Outros encontram-se afastados da fé e da Igreja, declarando o seu ateísmo. Outros, ainda, zelosos da sua autonomia, manifestam atitudes selectivas face ao conteúdo da fé ou às regras morais ou declaram-se indiferentes. Há também aqueles que exprimem o seu interesse espiritual pelo New Age, as religiões orientais ou as seitas.

Como, neste contexto tão diversificado, realizar as tarefas da catequese? O Directório (DGC, 85-86) enumera seis tarefas:

- *Favorecer o conhecimento da fé*
- *A educação litúrgica*
- *A formação moral*
- *Ensinar a rezar*
- *Educar a vida comunitária*
- *A iniciar à missão*

Estas diferentes tarefas têm por objectivo ajudar os catequizandos a construir a sua vida cristã, segundo os valores do Reino, em resposta ao apelo de Cristo. Mas, como se pode construir uma tal vida sem o fundamento que é a fé? A resposta que se pode formular para a Polónia é a seguinte: mais evangelização na catequese escolar. Esta perspectiva comporta importantes consequências:

### **No que diz respeito aos agentes**

A função do catequista não é a mesma da do professor de religião ou do evangelizador. O Novo Testamento qualifica estes serviços como diferentes: “A uns Ele constituiu apóstolos; a outros, profetas; a outros, evangelistas, pastores, doutores”(Ef 4, 11). Cada ministério implica uma acção, uma formação e talentos específicos.

## **No que diz respeito ao meio**

Se se coloca o acento da catequese na evangelização, é necessário que, ao mesmo tempo se reconheça que esta evangelização ultrapassa, forçosamente o quadro dos programas escolares. A Evangelização é um processo individualizado, que exige muito tempo, flexibilidade, de adaptação. Não é possível fixar a evangelização para esta ou aquela etapa da educação. Assim, no contexto escola é, por vezes, necessário que o catequista, deixe de lado o programa, durante um certo tempo, para acompanhar o processo de conversão. Daí a importância da reconstrução de uma catequese paroquial.

### **3. DESAFIOS PARA A NOVA PRÁTICA**

Qual poderá ser a realização prática do postulado: mais evangelização na catequese escolar?

#### **A formação renovada dos agentes da catequese**

A nova situação da catequese polaca reclama uma formação renovada dos agentes catequéticos segundo os ministérios (cf. Ef 4, 11). Um catequista de hoje deve ser mais evangelizador do que professor de religião. Tal necessita de uma outra formação.

#### **A re-dinamização da catequese paroquial**

Na Polónia a catequese paroquial praticamente não existe. Ela fez-se substituir pela catequese escolar. À excepção de alguns encontros no quadro paroquial, a preparação para os sacramentos faz-se na escola. Mas esta última não é capaz de preencher todas as tarefas catequéticas. Ela não é capaz, sobretudo, de criar um meio favorável à experiência religiosa, à vida comunitária. Então, para a Polónia, é indispensável que se recriem estruturas de catequese paroquial. Esta questão não é fácil de resolver, sobretudo ao nível da organização.

#### **A criação de capelarias escolares**

Para muitas crianças e jovens o encontro com o catequista é o único contacto que têm com a Igreja. Deste encontro depende a imagem da Igreja

e do cristianismo: uma Igreja é interessante ou aborrecida, competente ou não, com uma face humana ou como uma instituição insensível. Para uma criança ou um jovem a Igreja toma a forma do seu catequista. Ora, é difícil dar uma imagem da vida cristã interessante durante duas horas de aula por semana. Daí, a oportunidade e a necessidade de, no contexto polaco contemporâneo, se organizarem as capelarias escolares. Em complementaridade com o ensino religioso e com a renovação catequética paroquial, as capelarias escolares podem preencher, enquanto tais, funções específicas preciosas; por exemplo, poderão organizar retiros escolares, grupos de descoberta bíblica, um acompanhamento espiritual, etc.

### **A organização de retiros residenciais**

Na Polónia, uma forma de evangelização – de primeiro anúncio para alguns ou de novo anúncio para outros – que é praticada são os retiros residenciais. Graças aos retiros e à formação nos movimentos religiosos o catolicismo polaco começa a diferenciar-se de um modo importante: ao lado de um grande grupo de não praticantes e indiferentes constitui-se um grupo considerável de jovens que estão fortemente empenhados nos processos de maturação da sua fé. Os retiros preenchem um papel fortemente precioso nos processos de despertar da fé, o fundamento de uma catequese frutuosa. Um bom exemplo da actividade evangelizadora é representado pela *Escola de contacto com Deus* levada a cabo por jovens jesuítas e com sucesso desde há alguns anos.

#### **Exemplo: ESCOLA DE CONTACTO COM DEUS**

Desde logo, a equipa de jovens jesuítas prepara o encontro no liceu

Eles convidam os jovens para o ginásio

Eles discutem com os jovens

Eles divertem-se

Eles falam da fé

E, no fim, eles convidam os jovens para o retiro

Escola de contacto com Deus

- Trata-se, com efeito, de três dias e meio de aprendizagem intensa da oração de acordo com o método de Santo Inácio de Loyola.



- Dirige-se aos jovens entre os 16-23 anos que desejam viver a sua fé, que é a tradição.

Como é que isso se passa?

- Os jovens saem da sua vida quotidiana para aprofundar a sua vida espiritual, num clima de silêncio e de presença de Deus.
- Os participantes aprendem, antes de mais, a meditação, praticada pelos jesuítas há mais de 5 séculos.
- Os jovens adquirem assim uma nova perspectiva sobre a Bíblia e sobre o sentido da sua vida.

Plano do dia na ECD

- 4 meditações – cada uma iniciada com uma pequena introdução,
- Eucaristia,
- Passeio individual,
- Três refeições,
- Tempos para a leitura da Bíblia,
- 15 minutos de conversa individual com o seu acompanhante espiritual.



# Implicações eclesiológicas

SERENA NOCETI (\*)

## Determinar as coordenadas

Parece-me que a reflexão sobre qual o rosto da Igreja que é exigido pelo primeiro anúncio emergiu, nos últimos dias, em torno de **três planos**, que gostaria de considerar na sua distinção / singularidade e na correlação que entre eles suscitam: a *consciência de Igreja, a forma eclesial, os processos de institucionalização*. São três níveis em interacção: formas e processos dão oportunidade a uma consciência de reversividade, sabendo que a *consciência* não se traduz imediatamente em *processos*; ao mesmo tempo, processos e instituições formam a consciência eclesial e amadurecem-na; não há forma eclesial se não institucionalizada e empiricamente detectável. Considero condição de eficácia o facto de a acção pastoral de renovação se colocar, contemporaneamente, sobre estes três planos, e que se garanta a reflexão sobre como se relacionam estes três níveis e sobre quais são estrategicamente as prioridades a serem definidas.

## Consciência

Uma decisiva conversão missionária da catequese exige, antes de mais, uma mais clara determinação da consciência de Igreja que a apoia e para a qual desejamos caminhar, qualquer que seja o conteúdo da consciência colectiva que a habita, que é o fundamento profundo da forma e da estrutura eclesial e o que é que, juntos, queremos fazer amadurecer.

---

(\*) Doutorada em Teologia pela Faculdade de Teologia da Itália Central, com uma tese sobre a Eclesiologia de W. Pannenberg. Docente de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia da Itália Central, no Centro Teológico Interdiocesano de Camione (Luca) e no Istituto de Ciências Religiosas de Florença. É responsável pela Catequese de Adultos no Secretariado de Catequese de Florença. Membro do Conselho Directivo da Associação Teológica Italiana.

Indicarei como necessários, em especial, **dois traços**, específicos, emergentes na discussão com o cardeal de Lisboa (sobre inculturação/ /transformação da cultura), na homilia do professor Alberich, no confronto com as experiências e na exposição de Bissoli: reconhecer e perspectivar uma opção para uma visão clara de Igreja **NO** mundo; pensar, em segundo lugar uma visão da Igreja escatologicamente definida, como estando relacionado com o Reino, como uma **instituição aberta e em devir**.

O primeiro anúncio deve ser apoiado e sustentado por uma visão como a que está expressa em GS 44: conhecer a linguagem do nosso tempo, a fim de melhor proclamar o Evangelho, mas também para melhor **compreender** o evangelho (de acordo com as novas perspectivas, graças a categorias inéditas, graças a sensibilidades não presentes em gerações precedentes). A partir da escolha de itinerários de primeiro anúncio vivido nesta lógica de escuta autêntica do interlocutor vem a oportunidade para a Igreja de compreender mais profundamente o evangelho através das perguntas, das dúvidas, da resistência, dos preconceitos existenciais que os adultos colocam sempre perante o anúncio do evangélico que a Igreja propõe.

Trata-se de **superar** qualquer nostalgia de cristandade e das **sacralizações** do “já” eclesial, antes mesmo da procura de uma identidade segura que muitos reclamam da Igreja, para aceitar viver segundo uma consciência de uma certa relatividade (no mundo, no reino) e de flexibilidade/ /fragilidade que um cristianismo pós-secular requer. Num contexto que vive segundo “a legitimação da mudança contínua” devemos aprender a pensar a identidade da Igreja, não como uma continuação de um elemento adquirido de uma vez por todas, mas como uma construção progressiva de uma identidade, nunca concluída, como “**ser-no-devir**”. Não sejamos, já, tomados como uma Igreja, porque a verdade será revelada plenamente no cumprimento escatológico, para nós e para todo o resto da humanidade.

### **Forma eclesial**

Os textos neotestamentais citados ontem, bem como a conferência de Jordi d’Arquer, apresentaram-nos uma **ecclesiologia de anúncio**; e referem-se, antes de mais, a uma *forma eclesial* que vem propriamente e, primariamente, definida a partir de um princípio constitutivo, que é, por um lado, princípio histórico de existência e, por outro, princípio hermenêutico permanente para compreender a Igreja: a comunicação da fé (cf. 1 Jo 1:1-4).

O primeiro anúncio é parte do mais complexo conjunto de dinâmicas de comunicação da fé que a fazem existir: o primeiro anúncio caracteriza-se, no que respeita a outras dinâmicas, por estar ao serviço do nascer da fé, naqueles que não são crentes e com aqueles que se expressam no cristianismo (embora admitindo uma pertença), com palavras que demonstram que não lhes foi anunciado o evangelho no seu núcleo de boa nova de salvação em Cristo (cit. Bissoli).

**2.1.** Tornamo-nos, de novo, conscientes do que, anteriormente, era implícito e mediado pela socialização religiosa, e que se o que é anunciado àqueles que não são crentes não o for, a Igreja termina no curto espaço de tempo de uma geração. O princípio vital que faz a Igreja existir é o próprio **anúncio**. Isto leva-nos a restaurar a prioridade dada à comunicação eficaz do evangelho, mesmo verbal, cara a cara, ao adulto, de uma forma dialógica e personalizada, não como uma actividade entre muitas, mas como uma realidade necessária para existir. Falar do primeiro anúncio leva a um “essencial de Igreja”, que tem o seu valor primordial no sentido cronológico, lógico, gerador, e que “ensina” a lógica base para qualquer outra actividade eclesial; para cada momento da vida da Igreja devemos interrogar-nos sobre o tipo de dinâmica comunicativa que estamos a pôr em prática, quais são os temas que a propõem, em que lugares e, em seguida, que forma de Igreja deriva desta tipologia da comunicação; a mediação de conteúdo determinantes / essenciais é dada pelos sujeitos implicados e pelas formas de relação comunicativa propostas e activadas.

**2.2.** O tema do primeiro anúncio leva-nos ao coração de uma das grandes questões da eclesiologia: como pensar a relação entre indivíduos singulares co-constituíntes de um sujeito colectivo e o Nós eclesial. O caso do primeiro anúncio faz-nos perceber a diferença entre a **fé e a profissão de fé**, que tendemos a nivelar: a fé é realidade interior, é entrega autêntica, é obediência vital, o Amem que está no centro do coração da pessoa; professar a fé é, não só, pessoalmente declarar a sua adesão à fé no momento celebrativo, mas também anunciar a todos aqueles que não são crentes que esta se tornou o fundamento e sentido da existência. Só quando a fé é simbolizada e comunicada (verbal e simbolicamente) é que é “co-geradora” da Igreja. Neste sentido, o **critério de pertença** à Igreja [se nos colocarmos no plano propriamente empírico] não é a fé, que permanece no interior, conhecida apenas por Deus, mas a profissão de fé, a fé professada e celebrada

novamente no baptismo. O primeiro anúncio **serve a fé na relação e em ordem** à profissão de fé eclesial.

**2.3.** Por um lado, tudo isto nos lembra que a **fé** cristã é, propriamente, **eclesial** (porque recebida por meio da e na Igreja, que guarda a memória de Jesus) e que, se se pode aceitar Cristo e sua mensagem, mesmo individualmente, não é possível que nos tornemos cristãos se não na Igreja, na vida sacramental, com base na profissão de fé da Igreja. Em segundo lugar, tudo isto também nos ensina a procurar uma forma de Igreja que parta, sempre, da auto-definição (categorizada, tematizada) de cada uma das entidades envolvidas na locução (locutor e interlocutor).

**2.4.** Falar de primeiro anúncio ajuda-nos a redescobrir uma Igreja que vive permanentemente de uma **comunicação na fé e da fé através dos crentes** (dinâmica evangelizadora e re-evangelizadora), e que tem a forma de Igreja como “comunidade hermenêutica” do evangelho nas culturas e graças às culturas.

### **O plano da existência eclesial institucionalizada: processos e estruturas**

Falo de “instituição” no mais amplo sentido sociológico, tendo em atenção as relações institucionalizadas, ao tomar a Igreja como um sujeito empírico, caracterizado pela estabilidade e reconhecimento no contexto histórico e cultural.

A este nível eu daria 3 +1 sugestões, tocando em vários aspectos o cerne da **mediação** (dada sob a forma da proposta, da configuração do sujeito colectivo, do contributo necessário do sujeito locutor) e que pede uma remodelação do nosso rosto de Igreja. Trata-se de uma “re-forma” no sentido etimológico da palavra, de uma **reinterpretação** das instituições já existentes e da **criação** de novas.

**3.1.** o primeiro anúncio penso que pede a passagem para uma Igreja que valoriza e apoia uma **diferenciação** de percursos, de formas de pertença, do nível de consciência tematizada pelos seus membros.

**3.2.** a configuração assumida e a **escolha dos meios** para atingir o objectivo não deve ser contraditório com a mensagem central proclamada (LG 8c); a isso, aqueles que não são crentes são particularmente atentos,

o que nos ajuda a compreender a importância da mediação exercida sobre o plano simbólico.

**3.3.** a forma paroquial (de início e, portanto, também a partir do modelo tridentino) tem garantido sempre dois elementos-chave da *forma eclesial*: a relação entre o **evangelho e o território**, bem como **a forma de Povo de Deus**, fora de qualquer elitismo e de uma eventual redução a critérios homogêneos de pertença para os membros de uma comunidade. O fim da civilização paroquial tridentina convida a repensar os tipos de comunidades em que vivemos a experiência cristã eclesial e que propõem o anúncio evangélico; trata-se de manter e tratar a forma de **povo**, com base numa **livre**, consciente, responsável adesão, confiando a uma “rede” de sujeitos comunitários (como tem sido dito estes dias), a tarefa de uma primeira evangelização. Acho que é, precisamente, a hora de propor, de uma nova forma, esta questão sobre a Igreja de eleição e de Igreja de povo. Faltou, parece-me, nestes dias, um confronto crítico que seria necessário sobre os movimentos, a quem tem sido pedido, nalguns contextos, quase completamente, o primeiro anúncio, e que sugerem que, em muitos casos, pertencer à Igreja é quase como pertencer a uma forma específica de movimento.

**3.4.** mais especificamente, penso que - dado o contexto cultural em que vivemos, que faz da liberdade uma chave de definição no plano antropológico - a nossa Igreja deve configurar-se( mostrar-se e ser) como uma “**mãe da liberdade**”. Sobre esta aposta joga-se muito do futuro da nossa Igreja, como o núcleo do primeiro anúncio mostra. O outro, que encontro, é livre de aceitar a proposta, de a refutar, de a acolher parcialmente, de objectar, recusando-se a aceitá-la, de a aceitar e, em seguida, de sair, etc. Tudo isto resulta chocante para uma Igreja monolítica, mas muito se joga na capacidade da Igreja para se tornar uma “instituição de liberdade” e um “espaço de liberdade co-responsável”.

### **Promover estratégias transformativas**

Se a consciência não se traduz, imediatamente, em formas e estruturas, nasce a questão de quem deveria promover a mudança no plano estrutural e como é que isso pode ocorrer. Mesmo aqui, me parece, que se trata **não** tanto de operar para propor **UM** modelo da Igreja, a que ajustar-se, para replicar com adaptações oportunas. Partir da eclesiogênese da comunicação

da fé (primeira anúncio e comunicação da fé), mostra que o caminho é o de pensar **segundo/em processo auto-constitutivo da Igreja**, à luz do Evangelho para homens e mulheres numa cultura específica, num edificar não predeterminado em todos os seus elementos, mas centrado em torno do princípio essencial que, por si mesmo, é dinâmico.

A reflexão destes dias mostra que o desafio é o de identificar como **prioridade** essas dinâmicas que são primárias do ponto de vista lógico, (mais do que axiológico para o conjunto da fé cristã), para o singular, e o sujeito colectivo sabendo apreender o conhecimento sobre as consequências de médio e longo prazo (no caso da Polónia, delineado nestes dias, parece-me indicativo de como, num prazo bastante curto, a situação da Igreja se alterou substancialmente em relação ao primeiro anúncio). Este não é um tempo para se ser, simplesmente, “realista”; é hora de se ser corajosos e livres “fazedores do inédito”.



# **Algumas perspectivas tiradas da prática observada**

DENIS VILLEPELET (\*)

No domínio das práticas missionárias ou das práticas do primeiro anúncio encontramos-nos no meio do rio. Esta imagem pertence a um filósofo francês que se chama Michel Serres e que compara a educação à travessia de um rio a nado; o rio sendo suficientemente largo para que o nadador não veja a margem que deve alcançar. O momento crucial desta travessia é o meio do rio. É aí que o nadador deverá reunir esforços tanto para voltar à margem de partida como para continuar através do rio desconhecido. Catequeticamente falando, deixamos um rio bem conhecido mas não sabemos muito bem para onde vamos e mesmo se vamos verdadeiramente!

## **Apresentação de uma ferramenta de análise**

Proponho-me ilustrar este julgamento relendo o trabalho que efectuámos a partir de uma ferramenta de análise de instituições. As práticas catequéticas são práticas institucionais. Entendo por instituição, no sentido mais lato da palavra, um colectivo de actores sociais organizado em duração (neste colectivo, exercem-se poderes e cumprem-se funções) para satisfazer uma necessidade social. (Por exemplo, a organização mundial da saúde tem como missão garantir o mais alto grau de saúde ao nível do planeta.) Sem entrar em detalhes, gostaria de precisar que uma necessidade é uma negociação quase permanente entre um requisito institucional e social, expectativas dos indivíduos e um modelo de avaliação. Resumido, uma necessidade social não é a tradução espontânea e imediata de uma expectativa. Um grupo de actores (neste caso, uma igreja) pode ser convencido que tem como função satisfazer uma necessidade espiritual ainda que não corresponda a nenhuma expectativa individual ou colectiva!

---

(\*) Leigo, doutor em Teologia, ISPC, filósofo. Foi director do ISPC - Paris até 2007 onde ainda lecciona. É director do *Espaço Nicodemos* (formação contínua), com grande produção de textos na área de Catequética. Membro da Equipa Europeia de Catequese.

Em vez de falar de instituição, parece-me mais justo evocar a noção de prática institucional. Com efeito, uma instituição não é estática; ela actua continuamente. Ela assemelha-se mais a um organismo vivo do que a uma escultura. Esta prática institucional é atravessada por tensões que participam no seu equilíbrio, sendo fontes de debates, inclusive, de conflitos. Podemos conceber um modelo teórico destas possíveis tensões falando de dois pólos institucionais estruturantes: o pólo do instituído e o pólo do instituinte. Uma instituição gera o equilíbrio entre as forças instituídas e as forças instituintes. O pólo instituído representa a tradição, a herança, a permanência, a memória, a identidade e é movido pela dinâmica do *statu quo* (sempre fizemos assim, então continuamos...) o pólo do instituinte representa as formas de emergência, de evolução, de criação, as forças de mudança e de adaptação e é movido pela dinâmica da iniciativa (se não mudamos, desaparecemos). Para ser claro, uma instituição nunca está totalmente de um lado ou do outro: a identidade institucional depende do equilíbrio que se estabelece entre os dois pólos.

### Esquema de análise

Se regresso ao discurso que tivemos neste congresso sobre a catequese missionária e que releio a partir da ferramenta que acabei de esboçar sobre as práticas institucionais, leva-me a distinguir duas fases. Uma fase efectiva e uma fase projectiva.

#### A fase efectiva:

**O instituído** ←

A sociedade na orientação cristã. O *ethos* da cristandade.

**O instituinte**

A sociedade liberal irreligiosa o cristianismo expulso

As sociedades pós-modernas que conservaram uma certa memória cristã.

#### A fase projectiva:

↓  
**O instituído** ←

A sociedade irreligiosa não é atea mesmo se resiste

**O instituinte**

A capacidade transformadora do cristianismo : a dinâmica missionária do primeiro anúncio

## **Comentário do esquema**

### **1: fase efectiva**

Certas sociedades europeias permanecem sociologicamente cristãs ou pelo menos marcadas por uma certa memória cristã. Mas muitas de entre elas saíram do regime de cristandade no qual a fé cristã coincidia com a identidade e a pertença social. Observa-se aí uma recuperação massiva da Igreja por uma parte substancial da sociedade. O cristianismo institucional é expulso. Mesmo nas sociedades onde existe ainda uma forte tradição cristã (a Itália do norte e a Polónia (Cf. as participações de Maurizio Viviani e de Anna Krolikowska)), a fé não está forçosamente presente e os modelos da iniciação são a rever.

Do lado do instituinte, podemos considerar a apresentação de Guido Erbrich como situação extrema do que se passa nas sociedades pós-modernas. «Se alguém pergunta ‘acredita em Deus’, responder-vos-emos, ‘não! Eu sou completamente normal.’». Mesmo se esta situação irreligiosa é única na antiga Alemanha de leste, ela caracteriza, para muitos, a parte ocidental da Europa. É uma boa concentração sintomática do que se passa por todo o lado. A sociedade irreligiosa e liberal europeia conduz a um processo extra cultural da fé cristã. A subjectivação dos comportamentos sociais, o valor decisivo do respeito das liberdades individuais formam uma sociedade de indivíduos que preconizam uma autonomia democrática sem transcendência.

### **2: fase projectiva: o novo instituído e as forças instituintes da fé cristã**

É o contexto sócio-cultural, económico e político desta sociedade irreligiosa e liberal que nos impõe, de facto, a dinâmica missionária do primeiro anúncio. Mas para ir nesta direcção, não se deve enganar no prognóstico: não é a sociedade pós-moderna que é instituinte, mas o cristianismo que se pode inscrever nesta sociedade como qualquer coisa de radicalmente novo. Uma tal mudança de perspectiva supõe várias coisas:

1. Evitar fixar o olhar negativo sobre esta sociedade. Ninguém está excluído da vontade salvadora universal de Deus. Este Deus criador não abandonou esta terra e a encarnação não parou na ressurreição! Não partamos com esta ideia de que existe um suposto afundamento dos valores.

2. Esta sociedade irreligiosa é uma possibilidade para um novo cristianismo considerado como força de transformação e de humanização. O cristianismo pode tornar-se um elemento dinâmico num processo de mutação: a experiência cristã pode fazer emergir novas atitudes culturais. Em vez de falar de primeiro anúncio, seria necessário reflectir melhor sobre as mediações para expor a força de renovação e de interpelação do Evangelho. Como nos dizia Guido Erbrich: «nas sociedades semelhantes, o cristianismo não tem nada a perder, tem tudo a ganhar ao correr riscos.»

3. Numa situação fortemente instituída, o cristianismo pode tornar-se fortemente instituinte na condição de reconhecer que ele foi, em primeiro lugar, posto de lado por forças instituintes que funcionam muito bem sem ele e contra as quais ele não pode quase nada. O instituinte pós-moderno e liberal torna-se o instituído a partir do qual o cristianismo pode trabalhar mas de forma diferente da de antes.

### **Conclusão: trabalhar de maneira diferente!**

Esta conclusão não pretende ser exaustiva; ela agrupa alguns pontos ouvidos nas múltiplas trocas deste congresso sobre este «trabalhar de maneira diferente».

- Não tenhamos medo de moldar e de experimentar os modelos de integração do Evangelho na vida dos indivíduos irreligiosos. As experiências múltiplas, incoativas, não generalizáveis que testemunham da força profética do Evangelho e praticam o bem! É aconselhado a este propósito, sair da visão do reino de Deus.
- Estar convencido que é sempre algum ou alguns – em pessoa – quem se expõe no anúncio. Essa atitude supõe descontrolo, gratuidade, desinteresse, autenticidade, verdade...
- Em todas as situações, é o destinatário quem decide sobre o que é um primeiro anúncio. Esta dinâmica do primeiro anúncio pode tomar vários caminhos. O da simples presença e do acolhimento graças à ocasião do encontro. O do convite à descoberta; podemos recorrer aqui aos exemplos da noite das igrejas e a de S. Valentim. Enfim, este primeiro anúncio pode efectuar-se de forma pró-activa: por exemplo, podemos nos referir ao método a quatro tempos de Verona.

# **A conversão missionária da catequese**

## **Proposta da fé e primeiro anúncio**

ANDRÉ FOSSION, S.J. (\*)

No final deste congresso, foi-me pedido para analisar o conceito de «primeiro anúncio» a partir das conferências, relações de experiências, encontros e debates que tiveram lugar ao longo deste congresso.

### **Uma problemática emergente**

A problemática do «primeiro anúncio» encontra o seu enraizamento no contexto cultural contemporâneo onde a fé não vai mais para além de si própria. Com efeito, não estamos mais no período dessa cristandade durante a qual o quadro social era ele próprio portador da fé. A sociedade secularizou-se não apenas no plano da vida pública mas também, amplamente, no plano da vida privada. Vivemos hoje numa sociedade laica, pluralista, secularizada que, de si, não é anti-religiosa, mas situa todas as convicções no domínio da livre adesão. Esta situação sócio-cultural desperta forçosamente a dimensão missionária da catequese. De onde, a problemática da proposta da fé e, mais precisamente ainda, a do «primeiro anúncio».

### **Dois obstáculos**

Mas, o que é o «primeiro anúncio»? Dois obstáculos devem ser evitados na resposta a esta questão: uma definição demasiado longa e uma definição

---

(\*) André Fossion é sacerdote jesuíta, professor no Centro Nacional Lumen Vitae. Ensina também Ciências Religiosas nas Faculdades Universitárias de Namur. Foi director do Centro Lumen Vitae de 1992 a 2002 e presidente da Equipa Europeia de Catequese de 1996 a 2006. É colaborador regular na revista Lumen Vitae. Dirigiu e participou na redacção de cerca de vinte manuais catequéticos para o ensino religioso. É responsável pelo site de documentação e de formação à distância de Lumen Vitae <http://www.lumenonline.net>.

demasiado curta. A definição demasiado longa consistiria em sustentar que a proclamação do Evangelho, em definitivo, é sempre, um primeiro anúncio já que o Evangelho ressoa de maneira sempre nova, estando inserido na vida do crente, e que o caminho da fé está sempre a recomeçar. É verdade que o Evangelho é sempre novo e que o crente nunca está no limite do seu caminho de fé. Mas, dizer em consequência que estamos sempre e em todo o lado no «primeiro anúncio», seria esvaziar o conceito da sua especificidade e passar ao lado da sua pertinência particular para o contexto de hoje. A definição demasiado curta, por oposição, consistiria em confinar o «primeiro anúncio» na proclamação da fé, breve e calorosa, de tipo kerigmático, às pessoas predispostas a ignorá-la, com o objectivo de suscitar uma conversão imediata, sem duração, sem debate, sem múltiplas mediações. Nesta hipótese curta, o primeiro anúncio reduz-se a um estilo de pregação directa na praça pública bem como nas relações pessoais.

### **Uma proposta de definição**

Entre estes dois obstáculos, aqui está a proposta de uma definição longa, no entanto, objectiva do «primeiro anúncio»: *o primeiro anúncio designa os enunciados da fé cristã, sob as formas variáveis, que, em contextos determinados, favorecem e tornam possíveis os primeiros passos na fé entre aqueles e aquelas que estão afastados dela.*

Explicitemos cada um dos elementos desta definição.

- O «primeiro anúncio», na definição proposta, é relativo aos primeiros passos na fé. Por outras palavras, um anúncio é «primeiro» quando ele é entendido pelo interlocutor como solicitando-o a dar os primeiros passos na fé. Primeiro anúncio e primeiros passos na fé estão, então, intrinsecamente ligados.
- Pode ser questionada a definição de «enunciados da fé» no plural. Isto para sublinhar que não há uma forma única de «primeiro anúncio». Este pode tomar, efectivamente, formas diversas e variáveis. Por outras palavras, «o primeiro anúncio» dá lugar a uma pluriformidade de enunciados da fé susceptíveis de aí favorecer os começos.
- O primeiro anúncio «torna possível» os primeiros passos na fé. A expressão «torna possível» pretende sublinhar que não estamos aqui numa relação de força ou de conquista, mas de proposta e de liberdade. Ou seja, o

primeiro anúncio implica da parte da testemunha uma atitude espiritual e de não controlo. A testemunha não tem o poder de transmitir a fé e de converter. Ela está entregue ao imprevisto, ao inesperado, ao risco da liberdade. Ela abre o jogo, mas é o outro que, no seu foro íntimo, decide ou não de aí entrar, o mais possível mesmo com o desconhecimento da testemunha.

- Os destinatários do primeiro anúncio são aqueles e aquelas que estão – ou foram – «afastados da fé», ou seja, aqueles e aquelas que, por circunstâncias e por vários motivos, são estrangeiros para a fé cristã, porque têm outras convicções, porque a contestam, porque estão separados ou apenas porque a ignoram. A expressão «afastados da fé» não implica nenhum julgamento de valor. As pessoas «afastadas da fé», na realidade, podem estar todas próximas de Deus e em plena convivência com o Reino a partir do momento em que vivem no espírito das bem-aventuranças. E na hipótese de elas estarem afastadas da fé, é talvez por motivos justos, porque a fé tal como lhes era proposta estava distorcida, falseada e não os fazia viver mais. O afastamento, de facto, da confissão da fé cristã não impede que Deus esteja próximo de todos, que todos sejam «capazes de Deus» e possam ter o desejo.
- A expressão «em contextos determinados» pretende sublinhar a complexidade e a diversidade sócio-histórica das situações. O anúncio da fé e a conversão ao Evangelho nunca se limitam a uma relação «eu»/«tu» mas inscrevem-se sempre no interior de contextos mais vastos onde intervêm múltiplos factores e actores quer sejam pessoais ou institucionais. O anúncio do Evangelho como os caminhos da fé não advém sem o apoio de numerosas mediações culturais bem como eclesíásticas.

### **A aplicação**

Depois da explicitação de cada um dos elementos da definição proposta, continuemos a nossa reflexão sobre a natureza do «primeiro anúncio» interrogando-o com um conjunto de questões relativas à sua aplicação. Como, para quem, por quem, onde se manifesta o primeiro anúncio? O que diz e em que condições?

- *Como se manifesta o primeiro anúncio?* As formas do primeiro anúncio são múltiplas. Ele pode tomar uma forma *narrativa* e *testemunhal* quando a testemunha conta a sua própria história e mostra vontade de acreditar.

Ele pode tomar uma forma *kerigmática* quando a testemunha enuncia a fé cristã de maneira breve, inteligente e calorosa, simultaneamente. Ele pode tomar, pelo contrário, uma forma *expositiva*; um catecismo para adultos ou uma obra de teologia podem, com efeito, fornecer um primeiro contacto com a fé e suscitar e desejo de acreditar. Há também uma forma de primeiro anúncio *dialógico* (ou *apologético*, no sentido positivo do termo), no quadro de um debate, de uma troca de argumentos entre as pessoas que se interrogam juntas sobre o sentido da vida e se esforçam por dar conta das suas convicções. O primeiro anúncio pode tomar ainda uma forma *litúrgica*; a liturgia dos cristãos é frequentemente procurada por pessoas que estão afastadas da fé e ela pode exercer para elas o papel de um primeiro anúncio. Por fim, há ainda uma forma *cultural* de primeiro anúncio. Conservar, no próprio campo cultural, a memória do cristianismo, os traços da sua história, o seu património de arte, os seus valores éticos, o seu tesouro de espiritualidade, a sua reflexão filosófica e teológica, é permitir aos cidadãos encontrar a tradição cristã, de tomá-la livremente ou mesmo de a tornar sua.

- *Para quem?* Como foi referido anteriormente, aqueles e aquelas que estão afastados da fé são os destinatários do primeiro anúncio. Mas um destinatário é também um interlocutor que escutamos, que aprendemos a conhecer, que tem direito à palavra, com quem entramos em relação amistosa. O primeiro anúncio também não poderia existir sem uma primeira escuta, ou seja, sem uma escuta fundamental do outro para que ele seja verdadeiramente uma pessoa reconhecida na interlocução. Neste sentido, a testemunha deve também deixar-se ensinar por aqueles a quem ele se dirige e aprender com eles. Com efeito, não o esqueçamos, a testemunha é sempre precedida, onde chega, pelo Espírito do Cristo ressuscitado. Ela é chamada a discernir os traços do Espírito já espalhado por toda a sua carne e a deixar-se evangelizar por aqueles que ele deseja evangelizar. Ser-lhe-á também necessário discernir as representações de Deus distorcidas, falseadas, mutiladas, que bloqueiam ou impedem a fé em Deus e, no que diz respeito àqueles para quem o Evangelho pode aparecer verdadeiramente como um primeiro anúncio libertador. Nesse sentido, o primeiro anúncio será frequentemente contemporâneo de uma aplicação em trabalho de representações de Deus para que a fé no Deus do Evangelho se torne possível, compreensível e desejável para além das imagens que o puderam obscurecer, inclusive desnaturalizar, ao longo da história. O primeiro anúncio irá, assim,



frequentemente, a par com um paciente trabalho de desaprendizagem de representações deformadas de Deus para que o Evangelho possa aparecer verdadeiramente e novamente como uma Boa Nova.

- *Por quem?* Quem leva o primeiro anúncio? As pessoas, os sujeitos particulares, certamente. Se a fé é uma adesão pessoal, como se poderia ela transmitir sem relações de pessoa a pessoa. Hoje, mais do que nunca, o encontro pessoal de testemunhas significativas é determinante para os primeiros passos na fé. Mas são também as comunidades que são portadoras do primeiro anúncio pelo seu estilo de vida, o seu espírito, as suas uniões, as suas celebrações, os seus projectos e os seus compromissos no seio da cidade. As instituições eclesiais como tais são igualmente responsáveis pelo primeiro anúncio, não apenas pelos seus discursos na praça pública mas também pela sua forma de governação e de funcionamento. Os funcionamentos institucionais são chamados a deixarem-se moldar pelo espírito evangélico. A esse respeito, o desafio, hoje, é que as pessoas, as comunidades e as instituições contribuam juntas, sem distorção, para tornar a fé possível, compreensível e desejável aos olhos dos nossos contemporâneos.
  
- *Onde?* Quais são os lugares do primeiro anúncio? São em primeiro lugar, *ad extra*, os lugares de carácter social: os lugares de vida, de proximidade, de tempos livres, de trabalho, de cultura, de formação, os média. Nesses lugares, apresentam-se dois desafios pastorais. Trata-se, por um lado, de favorecer uma cultura do debate, uma cultura da procura do sentido aberta ao diálogo e à diferença no objectivo comum de uma maior humanização. Trata-se, por outro lado, de desenvolver uma pastoral cultural na qual o objectivo é o de manter a memória cristã no seio da cultura para que a tradição cristã permaneça um recurso disponível, uma interrogação e uma proposta oferecida às liberdades. *Ad intra*, os lugares eclesiais são também chamados a ser espaços de primeiro anúncio na medida em que, em conformidade com o Evangelho, são permeáveis e acolhedores ao seu contexto social. As celebrações das comunidades cristãs, as suas actividades caritativas ou culturais, os seus compromissos humanitários, os seus espaços de formação e de partilha, não se poderiam abrir, de forma deliberada e concertada, aos simpatizantes e a todos os hóspedes passageiros, e isso, num espírito de fraternidade incondicional, sem controlo nem proselitismo?

- O primeiro anúncio *de quê?* A questão aqui diz respeito ao conteúdo do primeiro anúncio. Três parâmetros podem intervir na resposta a esta questão. Em primeiro lugar, a problemática do outro: quais são essas questões? E em função dessas questões, quais são os conteúdos da fé que seria oportuno referir em primeiro lugar? Segundo parâmetro: o que é que, na fé cristã, me fala e me faz viver e que eu gostaria de partilhar e de invocar em primeiro lugar? Terceiro parâmetro: o que é que está primeiro na mensagem cristã? Quais são as afirmações essenciais do cristianismo que condicionam uma primeira e justa compreensão da sua mensagem? A este respeito, não é inútil, para a testemunha, distinguir entre a pregação de Jesus e a pregação sobre Jesus. A pregação de Jesus era inteiramente centrada nas bem-aventuranças, no reino de Deus que se aproximou e no reconhecimento de um Deus Pai que nos autoriza as maiores esperanças. A pregação sobre Jesus é centrada no mistério pascal, na sua morte, na sua ressurreição, na sua identidade de filho de Deus e de salvador da humanidade. Estas duas pregações, evidentemente, não se podem separar. Uma deixa-se entender no campo da outra e vice-versa: o kerigma pascal não se pode compreender sem o kerigma e a acção de Jesus. Também a testemunha deve poder articulá-los estreitamente considerando cada vez, de acordo com as circunstâncias, a melhor forma de se abrir à inteligência da mensagem cristã.
  
- *Em que condições?* A condição de qualquer primeiro anúncio, é que não seja somente precedido, acompanhado, seguido pela caridade, mas que seja também, na sua própria enunciação, um acto de caridade. O primeiro imperativo da vida à procura de Cristo é a tradição da caridade: a preocupação com os pobres, o cuidado com aqueles que sofrem, o combate pela justiça, o compromisso por um mundo mais humano, são, a primeira exigência que os cristãos terão de assumir, mesmo em nome da sua fé, como um fim em si. E é neste crescente que esta tradição da caridade abre, torna possível e acredita o anúncio explícito do Evangelho. O anúncio evangélico é assim indissociável da prática da caridade. E ele é, nele próprio, um acto de caridade. Já que a testemunha, anunciando o evangelho, oferece ao outro, por amor por ele, o que ela tem de melhor. Ela testemunha isso, em primeiro lugar, não para o converter, mas, antes de mais, para lhe manifestar o amor gratuitamente no qual ele é amado sob o olhar de Cristo. Neste sentido, o primeiro anúncio não tem como primeira finalidade a conversão do outro. Ele é, em si próprio e para si próprio, um acto caritativo para o outro. E se a sua conversão advém,

será como um crescente esperado, mas numa lógica de gratuidade e de alegrias suplementares.

Terminemos, sublinhando que a problemática do primeiro anúncio ultrapassa, de todas as formas, o campo específico da catequese. Ela implica a aptidão de todo o corpo eclesial em articular o primeiro anúncio na pluralidade das suas formas. A este respeito, podemos fazer promessas para a aplicação concertada de uma pastoral geral do primeiro anúncio.



*Congresso da  
Equipa Europeia  
de Catequese  
Lisboa – 2008*





# Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

## 13

### **The conversion dimension of Catechesis Debates and practices about the relation between faith and the first announcement in Europe**

**Welcoming speech** [157-159]

D. TOMAZ DA SILVA NUNES

**Opening speech** [161-167]

ENZO BIEMMI

**The missionary conversation of catechesis. The situation  
and the challenges of the mission in today's Europe** [169-177]

D. JOSÉ DA CRUZ POLICARPO

**The missionary conversation of catechesis.  
A challenge set by catechumenate** [179-200]

P. JORDI D'ARQUER I TERRASA

**The missionary conversation of catechesis. The "First  
Proclamation" in the original christian community** [201-217]

CESARE BISSOLI

**Listenings of experiences** [219-274]

GUIDO ERBRICH

JOËL MOLINARIO

MAURIZIO VIVIANI

ANNA KROLIKOWSKA

**Final synopsis of the three observers** [275-291]

SERENA NOCETI

DENIS VILLEPELET

ANDRÉ FOSSION



## Welcoming speech

D. TOMAZ DA SILVA NUNES (\*)

Dear participants in the Lisbon Congress  
of the European Team of Catechesis,  
Ladies and Gentlemen,

Portugal, standing on the western edge of Europe and by the Atlantic, is a crossroad and a place of shelter for people in motion or looking for settling, moved by multiple interests: usually, looking for a better life or professional fulfilment, to invest or negotiate and for tourism. Lisbon is a big centre where these paths converge.

Portugal, though traditionally a country of emigrants, has been, in the last decades, one of the most affected European countries by the arrival of an impetus of immigrants coming from every continent, which the country tries to integrate.

The reception of foreigners, the dialogue and sharing of experiences and the meeting of diverse cultures are marked characteristics of our manner of being and of acting, both in the civilian field and in the life of the Christian communities. This is our way of being in the world.

Thus, we are honoured and happy to, in the name of His Eminency, The Cardinal-Patriarch of Lisbon, receive the European Team of Catechesis.

Precisely ten years ago, in this exact place, the VIII European Forum of Religious Education in Schools took place, promoted by a group, also private in character, which gathers representatives from the ecclesial organizations

---

(\*) Auxiliary Bishop of Lisbon. President of the Episcopal Commission for Christian Education.

## *Welcoming speech*

of Religious Education in Schools, especially from the dioceses of the European capitals, as well as renowned specialists.

Today we have among us this other European group to discuss catechesis, a subject that, although different from Religious Education in Schools, complements it.

The suggested theme for this congress – “The missionary Conversion of Catechesis” – is greatly opportune and decisive for the Church in modern Europe. Truly, there are multiple difficulties we face and before which not always we manage to give adequate and prompt reply, due to the lack of readiness by the pastoral agents and adequate pastoral subsidies.

The cultural mutations of this highly secularised Europe and the new challenges thrown before this Church, which must be faithful to its missionary essence; the frailty and lack of responsibility of many families in the field of education and transmission of faith; the multiple situations of those that approach the Church requesting Baptism; the diversity of paths in faith taken by the Christians, and their needs for formation; the abandonment by many teenagers and young people during the catechetical course of their Christian initiation; and the absence of fidelity in many of those celebrating the sacraments of Christian initiation – these are some of the challenges requiring urgent and innovative answers from the Church.

Relating to this, recently the Holy Pope Benedict XVI, in his speech to the Portuguese bishops during the *ad limina* visitation, questioned them about the opportunity of checking for “the effectiveness of the modern pathways of initiation”, before the growth in the number of “non practising Christians”. This is a matter that largely surpasses our borders and that the Pope had already mentioned in his Post Synodal Exhortation *Sacramentum caritatis* (n. 18).

I believe the “missionary conversion of Catechesis” will demand, from the start and always, the conversion to Jesus Christ and His Gospel of the parents, the shepherds, the catechists and other Christian educators. And it must have room, in a visible way, on all of them, for the love and fidelity to the Church, translated into a life of communion in prayer, in the attention to the word, in frequenting the sacraments and in the fidelity to the doctrine.

From this congress we expect a lot, from to the quality of the lecturers and the wealth of sharing experiences that are already opening up new ways to a missionary catechesis. Live it with enthusiasm and hope. And profit, within reason, to be sociable and enjoy this beautiful city and its diocesan Church. Under the clearheaded guidance of its shepherd, the Cardinal-Patriarch D. José Policarpo, this Church wants to persist in “using evangelization as an expression and announcement of charity”.



# Opening speech

ENZO BIEMMI (\*)

The missionary dimension of catechesis. The meeting of the EEC at the heart of the question of the first proclamation.

It is with great joy that I open this Congress of the EEC. We have a long history dating back to 1950 which over the years has occasioned the meeting of directors of Centres and Institutions and of the principal representatives of European nations who have been engaged in catechetical reflection and praxis.

## **1. The theme of the Congress: a common concern in the churches and in European catechetical reflection**

Our Congress tackles a theme which during our time of preparation we formulated as follows:

«The problem of the “proposal of faith” has become central to catechetical reflection and practice. It has to do with a change of paradigm in catechesis. Western culture has definitively left behind a regime of *Christianitas*, in which the Christian faith coincided with social belonging: to be a good citizen meant to be a good Christian, and vice versa. The logic and disposition of the transmission of faith were operated in this context by osmosis, by a kind of “sociological immersion”.

Within a multi-ethnic and a multi-religious culture that considers freedom and personal realisation as undisputed values, Christian faith is no longer an asset. It can only be a matter of freedom and choice. Traditional catechesis has specialised in “nourishing faith”, a faith that was already there. It is

---

(\*) Brother of the Holy Family Congregation. Has a degree in catechetical pastoral and is doctor in Theology (ISPC, Paris) and in Religious History and Anthropology (Sorbonne, Paris). He is the Institute of Religious Science of Verona Director and the President of the European Team for Catechesis.

almost unable to “propose faith”. The dynamics of the “proposal of faith” or of “first proclamation” demands of Christians and of catechists a new logic, and new attitudes and competencies.

In Europe the new cultural context of freedom may constitute an opportunity for a new Christianity, a Christianity not of a sociological kind, but of the order of grace and freedom. This demands of the Christian community a new capacity for witnessing and “proposal”. This demands that catechesis retrieves its original missionary dimension.

The theme of the “proposal of faith” or of “first proclamation” in a missionary perspective is loaded with theological, catechetical and pedagogical challenges that deserve careful reflection».

The theme of “missionary conversion in catechesis” is at the centre of current ecclesial concerns and catechetical reflection.

a) At the level of the universal church the theme of the “new evangelisation”, dear to John Paul II, had great importance in the Jubilee Year 2000 and was given a new impetus in the Apostolic Letter *Novo millennio ineunte*, with its evocative invitation to “Put out into the deep” (*Duc in altum*), to engage in a new evangelisation and inculturation of the faith.

b) At the level of the European church we remember in particular the engagement of the French bishops in the *Lettre aux Catholiques de France* (1997)<sup>1</sup> and the innovative guidance of the *Texte national pour l’orientation de la catéchèse en France* (2006)<sup>2</sup>, a text which encourages the formation of missionary communities, places the Paschal Mystery at the centre and presents Christian initiation in a way which is fundamentally theological and pedagogical.

In the same year, 2006, the Belgian bishops published a document important for the renewal of catechesis: *Devenir adulte dans la foi. La catéchèse dans la vie de l’Eglise*,<sup>3</sup> which establishes the first proclamation

---

<sup>1</sup> LES ÉVÊQUES DE FRANCE, *Proposer la foi dans la société actuelle. Lettre aux catholiques de France*, Paris, Cerf 1997; trad. it.: I VESCOVI DI FRANCIA, *Proporre la fede nella società attuale. Lettera ai cattolici*, Torino-Leumann, Elledici 1998.

<sup>2</sup> LES ÉVÊQUES DE BELGIQUE, *Devenir adulte dans la foi. La catéchèse dans la vie de l’Eglise*. Série “Déclarations des évêques de Belgique”, n. 34, Bruxelles; ID., *Volwassen worden in geloof. Catechese in het leven van de kerk*. Reeks Verklaringen van de bisschoppen van België, nieuwereeks, n. 34, Brussel, LICAP.

<sup>3</sup> LES ÉVÊQUES DE BELGIQUE, *Ne savez-vous donc pas interpréter les signes des temps? (Cf. Mt. 16,3b)*. Bruxelles, LICAP, 2007.

as the basis for all catechetical activity, followed by an invitation to a positive dialogue with contemporary culture in the document *Ne savez-vous pas interpréter les signes des temps?* (2007).<sup>4</sup>

Similar in inspiration and intensity is the work of the Italian Bishops, inspired by the pastoral orientations for 2001-2010, outlined in the document *Comunicare il vangelo in un mondo che cambia* (2001)<sup>5</sup>, made more concrete in the three small booklets on Christian initiation and in the document on the missionary aspect of the parish, and culminating in the pastoral note on first proclamation *Questa è la nostra fede* (2005).<sup>6</sup>

The two most recent pastoral plans of the Spanish bishops take the same direction, insisting on the necessity of the first proclamation and on the priority of initiatory catechesis.

The German bishops' document, *La catechesi in un mondo in cambiamento (Katechese in veränderter Zeit)* 2004, reaffirms the necessity of a fundamental concentration on the missionary dimension of catechesis with an invitation to go beyond the classical distinction between catechesis and first proclamation.

We could continue to cite the documents of different hierarchies sharing a common missionary inspiration which goes beyond the European churches and which was recently confirmed by the Latin American bishops in their important document *Aparecida [Appearance]*.

In recent years catechetical reflection has stood alongside and often inspired the pastoral orientations of the different hierarchies. We remember particularly the Conventions of the ISPC, the first of which took place in 2003 *La catechèse en pleine mutation*. Lumen Vitae has recently celebrated its 50 years of existence with a conference called *A société plurielle, transmission nouvelle*, which has demonstrated a stimulating moment of a synthesis and a perspective on the task of catechesis today. The work of reflection of these two European centres (ISPC and Lumen Vitae) is certainly the most significant in Europe today; but they are not isolated. The work of catechetical institutes and the reflections of the different associations of

---

<sup>4</sup> CEI, *Comunicare il Vangelo in un mondo che cambia. Orientamenti pastorali dell'episcopato italiano per il primo decennio del 2000*, 29 giugno 2001.

<sup>5</sup> COMMISSIONE EPISCOPALE CEI PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, L'ANNUNCIO E LA CATECHESI, *Questa è la nostra fede. Nota pastorale sul primo annuncio del Vangelo*, 15 maggio 2005.

<sup>6</sup> COMMISSIONE EPISCOPALE CEI PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, L'ANNUNCIO E LA CATECHESI, *Questa è la nostra fede. Nota pastorale sul primo annuncio del Vangelo*, 15 maggio 2005.

catechists pursue the same fundamental awareness of the theme of missionary conversion in catechesis.

The theme of “proposal of the faith” moving from a “catechesis of framework [structured]” to a “catechesis of engendering [growth]”, the need for a “paradigm shift in catechesis”, the missionary thrust of catechesis and the theme of “first proclamation” are already familiar and are the basis of the catechetical grammar of communication between catechists and those in charge of catechesis.

## **2. The necessity for a clarification of theory: the questioning of the traditional understanding of catechesis**

The reflection in our Congress is inserted into this lively picture of change as in the notion expressed by Henri Deloitte: “Everywhere things are moving a little. The way of doing catechesis has not yet significantly evolved in the western world but one can say that one makes it one’s business”.

As catechist and as those in charge of catechesis, we would want to contribute our reflections first of all on the necessity of a clarification of theory. What do we mean by “first proclamation”?

To make our work more fruitful, we could formulate a first hypothesis in answer to this question.

The *Direttorio Generale della Catechesi* (1997) distinguishes three functions of the ministry of the Word, the call to faith, initiation and ongoing formation in faith. The first function occurs, according to this document, through the first proclamation (n 51). Catechesis then becomes in principle distinct from the first proclamation in as much as it “develops initial conversion and brings it to maturity”. But the document immediately offers a precision: in the present context catechesis must often have a missionary dimension (52). It speaks of a “kerygmatic catechesis” (61). The GDC affirms in conclusion that “the boundary between these two activities cannot be easily defined” (62). In the light of this hesitation about terminology, we can pick up what the Belgian bishops say. In the previously cited document *Devenir adulte dans la foi*, they say that “strictly speaking the first proclamation is different from catechesis”, but a little further on they admit that “that which in pastoral practice we often call catechesis ought rather to be called first proclamation” (24). The same bishops, in a pastoral letter “*Grandir dans la foi*” (2007), take a further step: “the first proclamation is important not only at the beginning of the life of faith. As if afterwards the gospel could no longer touch us with its radical newness!” They conclude that catechesis and first



proclamation remain strictly bound together, the one always supports and leads the other. Finally in the *Texte National* the French bishops say that “This proclamation is called “first” because it calls to faith and leads to the threshold where conversion is possible.”

We can formulate the following hypothesis. The notion of catechesis has undergone a semantic slip with regard to its traditional function. This slip has occurred in three phases: its distinction from the first proclamation which places it as a later development; its positioning alongside first proclamation which makes it distinctive yet parallel; its qualitative meaning which sets it within first proclamation. We have moved then from a spatial and linear concept of the relationship between catechesis and first proclamation (which is based on the time of their occurrence) to a circular, qualitative concept which makes both forms present in as much as in every situation and stage of life, and also after conversion, there is need of a first proclamation and so of a form of catechesis we can call “kerygmatic”, which has as its primary objective and ultimate end the proposal of faith and the invitation to conversion.

The title of our Congress points us clearly in this direction. We aim through an exploration of this theme of first proclamation to understand in what sense catechesis can assume a missionary dimension.

The three key presentations will help us in this process.

His eminence Cardinal Policarpo will draw our attention to the task of evangelisation in present day European culture. Jordi d’Arquer will say how from his point of view the catechumenate can be a powerful interpreter for catechesis, helping it to have a more initiatory character. We have asked Cesare Bissoli to help us revisit the practice of first proclamation in the early church as it is offered to us in the New Testament texts. Therefore attention to the changed cultural situation and a revisiting of the biblical sources and exploration of the practice of the church in the earliest centuries seem to be useful paths to explore in our work.

The hypothesis we have formulated demands that we clarify anew the task of catechesis without dissipating it and yet keeping it attentive to the new cultural situation and to the new challenges.

### **3. The value of a careful observation of ecclesial practice**

A second contribution that we want to place in this workshop of catechesis is that which comes from the sharing of and critical observation of the experience of first proclamation in our various countries.

The topic we address is not only or primarily theoretical: it concerns the actual practice of evangelisation in the church. Now the practice of “first proclamation” is commonly unheard of in a Europe with a thousand years of Christianity. We believe that when the church is confronted by unknown challenges regarding its primary task of evangelisation, it does not resolve such challenges by sitting down at table, thinking about it and writing a document. We are convinced that the Holy Spirit is always a step ahead and that much more is achieved in Christian living than in Christian reflection. In other words, we are certain that in Europe the practice of first proclamation is going on even if it is not being noticed and systematic reflection is lacking. We want therefore to learn from critical observation of actual practice. We have chosen four examples: France (Joël Molinaro), Italy (Maurizio Viviani), Poland (Anne Krolikowska) and East Germany (Guido Erbrich).

With regard to the practice of the church, we can formulate a second hypothesis that the practice of first proclamation is diverse and that different forms and solutions are found for different situations. We could put it like this: in a plural Europe, a plurality of first proclamations. Indeed while there are common elements, there are marked internal differences in areas known for a strong christian tradition, areas where there has been a process of “extra-culturation” of the faith and areas in which for many years the Christian faith has been clandestine and has been exposed directly to a post-modern context without a necessary time of meditation.

#### **4. Questions to help our reflection**

To make the work of our Congress more profitable and to keep in mind the two objectives aforementioned (clarification of theory and critical observation of practice) we can pose three questions to help us proceed in good order.

*a) How is the traditional task of catechesis modified by the requirements of the first proclamation? How do we understand these terms? Is the hypothesis of the semantic slip (outlined above) true? What does this mean?*

We have asked André Fossion to keep an eye on the process of the clarification of theory during the Congress and as the first of three observers to give us his reflections at the end.

*b) The practice of first proclamation is changing the traditional task of catechesis.*

*Is the hypothesis of differentiated practice outlined above true? What are the constants and differences in practice? To what in particular is our attention drawn?*

We have asked Denis Villepellet, the second observer at the Congress, to give back to us at the end of our work some pointers which emerge from practice and which invite us to refrain from keeping our options within our own boundaries and to allow ourselves to be instructed by the experience of others.

- c) The third question is concerned with the conditions necessary to move catechesis in a missionary direction.

*What kind of church requires "first proclamation"? Why does "first proclamation" demand a reform of the church community and in which direction?*

We have asked Serena Noceti, an ecclesiologist and our third observer, to offer us her convictions about the renewal of the church necessary for it to take on a catechesis of first proclamation.

### **Convention or Congress?**

As you will have noticed, I have kept till now the traditional title of our meetings of EEC, Congress.

Congress means a meeting of people who gather, know one another, and share experiences. This has been the style and main objective of the meetings of EEC from the beginning. At the same time, in recent years, the need has grown for our meetings to help us deepen our reflection. In fact the recent meetings have seen a development from the traditional congress to a conference without losing the meaning and value of "reunion". The invitation I address to all of you is to keep a balance of these three dimensions: relationships, reflection on theory and observation of practice and, by no means least, the experience of the church that we live together. We are people with mutual appreciation and value, who can reflect together, who are above all believers and who live their time of grace "in the church". I think that the balance between these three dimensions will ensure that we find the most useful answers to our theoretical questions.

It is my wish and hope that we can help one another in the task that interests and motivates us all: the proclamation of the gospel of Jesus Christ to the culture we love as our own and which we wish to serve by offering our humanity and our faith.



# **The missionary conversion of catechesis. The situation and challenges of mission in modern day Europe**

D. JOSÉ DA CRUZ POLICARPO (\*)

## **I – The missionary dimension of evangelization**

1. In general, every apostolic action of the Church is missionary because it is faithfulness to the mission received from the Lord. John Paul II, by issuing the challenge of a new evangelization, gives it the great characteristics of every faithfulness to mission: a new ardour, creativity in methods and capacity to address oneself to concrete men, modern man in his cultural framework.

But in the semantic evolution of religious language, the word «missionary» characterises the spreading of the Gospel in cultural and social frameworks that are not defined by the Christian vision of man and life, and where adherence to the project of Jesus Christ, in Church, is not supported by the surrounding culture, which means cultural disruptions. This sense of the word «missionary» comes from a vision of society in which the cultural framework was strongly focused in the Christian idea of man and human life, and catechesis spontaneously matched the educational approach as a whole.

This cultural framework of Christianity does not exist today, if it ever existed in Europe. And this represents the great challenge presenting itself to evangelization and catechesis in Europe nowadays: to detach from a cultural framework of Christianity and announce faith and build the Church in a cultural framework whose values and understanding of life do not identify with the Christian perspective any more.

---

(\*) Cardinal Patriarch of Lisbon.

Society does not identify itself with the Church any more and this one must not give in to the temptation of radically condemning society. This would be the manifestation of a power over society that the Church does not have any more. Church must instruct Christians so they may live in this society in a constructive way, as «leaven in dough», believing in the transformative ability of Christian authenticity, and attentive to the possible convergence between Christian values and those of society as it is. Furthermore, so they know that societies and cultures may evolve and transform and that living Christianity is a force of transformation. In the transformation of Christians, the challenge which presents itself to the Church is the challenge of Christian authenticity, which does not condemn society nor takes on an attitude which might be seen as the manifestation of a lost power. A living Church, which bets on the evangelic authenticity of Christians in the actual life of the members of society, is a force of humanisation and a dynamic element in the process of cultural mutation.

2. It is about resuming and continuing to deepen the great intuition of «l'aggiornamento» of Vatican II, which, before the new demands of the mission in a world that has deeply changed, is inspired by the Apostolic Churches of the first millennium: a Church identified with the mystery of Christ, the true light of peoples which must shine over the face of the Church (L.G. No.1); a Church that is a people in communion that finds in the force of love and the community the momentum of its vitality for the mission; a Church that knows how to read the «signs of the times» as well as is able to discern openings and chances for the Kingdom in the main areas of society (G.S. no. 4 and 11); a Church attentive to the realities of this world, looking at them with love, sensible to the joys and hopes, to the sadness and anxiety of modern men (G.S. no. 1) ; a Church that lives and gets nourishment from the Word of God and the sacraments; a Church at the same time bold and prudent to find the new paths to announce Jesus Christ.

From the Apostolic Church we learn that everything begins, as a new birth, in a moment of discovery of Jesus Christ, the living, and of the radical decision of following Him, of living life with Him. We are preparing to celebrate the 2000 years of the birth of Paul, the Apostle. He is a mobilizing example of the force represented by this changing in life, by letting oneself be owned by Christ. In his mission he will always be clearly conscious that catechesis, as a way to learn to know and live with the Lord, means this first mobilizational and decisive announcement of the living Christ. He understood and teaches

us that catechesis is not only learning, but a long path in learning to live in community and savouring Christian life, and, after a long way, arriving at the density of Christian experience by being able to know the Lord, to understand all things in a new way.

## **II – To evangelize in a cultural framework marked by secularism**

3. A deep cultural mutation has been happening in Europe and, from Europe, has been spreading to the whole of western humanity, as we call it. This evolution of western culture is becoming more and more complex due to globalization. The adjectives of this cultural evolution are many but each and every one of them is incapable of defining it in its whole: they make reference to secularism, illuminism, rationalism, and so on. We adopt here the adjective secularist because in its root there is a concept accepted by Christian thought: the secular dimension. But when, in order to state the fair autonomy of secular realities – pertaining to «hoc saeculum» - we purge them from any transcendence, considering a total autonomy of man, we make a new faith from secularism, a new anthropology, a new moral inspiration. In what concerns evangelization, secularism has provoked a deep disruption in the transmission of faith. In a report prepared for the Plenary Assembly of the **Pontifical Council of Culture**, we may read: «The 2002 Plenary Assembly, by deepening the reasons for the deep disruption in the transmission of faith in secularised societies, has highlighted the ruining consequences of the thrust given by secularism to the social tissue composed by centuries of traditional cultures: it succumbs, leaving man to fend for himself, unattended, deprived of the compass that enabled him to orient his life according to values deeply rooted in his being».

This does not mean that all life and culture today are secularized. The main values are rooted in Christianity and Christians are still greatly numbered in the heart of these societies. But all this has been unable to prevent this disruption. Let us cite, again, the report above mentioned: «However, it is convenient to point that secularism in society isn't as spread as it is hinted by the media and the dominant culture (...). Paradoxically, the popular culture infused with Christianity is alive in many places, especially outside the big cities, but it isn't truly active, hardly present in social life, and, because of this, incapable of influencing it. Many of those that state being catholic are infused with the surrounding culture, their behaviour is more and more secularized and they seem allergic to every moral reference».

This disruption in the transmission of faith is an element of concern to take into account when one tries to find the new ways to convey faith in this cultural context. Next we will present a few concrete examples of this disruption and the interpellations that derive from them in terms of design of evangelization.

### **Disruption between rationality and intelligibility of faith**

4. The key element which has triggered this cultural mutation has certainly been the euphoria of logical reason, which was greatly responsible for the scientific approach. This one, as it extended into technics, was able to transform everyday life for people and societies. This triumph of reason has made man believe himself capable of handling his destiny: he feels he is capable of doing everything and solving everything, he feels he is the source and master of his truth, the judge of morality, the sole responsible for his own fulfilment and happiness. Before this triumph of the abilities of reason, which assures total autonomy of man, God does not have room anymore. From in-existent He becomes useless, without any role in the life of man and his history. God does not have room in the horizon of rationality, because every rational truth must be verifiable. He is thrown into the sphere of subjectivity. Let us quote a text by Joseph Ratzinger: «This Europe, since the Renaissance, and, in an accomplished way, after Illuminism, has developed this scientific rationality (...) which, presently, in a deeper way, thanks to the technical culture that science has made possible, lets its mark everywhere and in everything. And, as a consequence of this form of rationality, Europe has developed a culture that excludes God from public conscience in a way unknown to humanity up to the present day. This exclusion takes place either when He is absolutely denied, or when His existence is considered as impossible to demonstrate, uncertain and, therefore, pertaining to the sphere of subjective choice, irrelevant for public life»<sup>1</sup>.

This rationalist mentality deeply influences people, families, and youngsters and renders the communication of faith difficult. Faith in God

---

<sup>1</sup> J. RATZINGER, *A Europa de Bento na crise de culturas*, pg. 24. [T.N. This citation and reference (of which the translation would be "Benedict's Europe in the Crisis of Cultures") are translated from the Portuguese edition into French by the author of the conference.]



and in His Son Jesus Christ cannot be founded in this rationality, which demands certainty based on evidence. The truths of faith are easily refused because they appear to be irrational. But then we must rate as irrational every other human way of achieving knowledge: love, symbols, beauty and aesthetic emotion. These are pathways to get to the understanding and knowledge about reality in which reasoning does not take place but that may be accepted and integrated in human rationality.

Christian education must establish this intelligibility of faith, which if it isn't rational in the positivist meaning of the word, is not, so far, irrational. It is reasonable. The religious experience is verifiable and reason is also an ability to gather knowledge that is not originated by it. It is easier to love God than to understand Him or justify Him, and this experience of love reveals itself as a powerful source of knowledge, of God and man. Faith has its place in the most global dimension of human rationality. Without establishing this intelligibility of faith, it will not take its place in the framework of human intelligence and freedom.

### **Disruption between the abilities of man and the conscience of his weakness and his need of God's help**

5. The triumph of reason and of its limitless abilities has led to the vision of life as the exclusive result of the natural abilities of man: man can only count on himself to succeed in life – happiness and disgrace are the result of his abilities and freedom.

This optimism empties the cross of Christ, as stated by Saint Augustine in his controversy against Pelagius. It truly is a «neo-pelagianism». However, the Christian understanding of human life is that of life lived with God, who has become God with us in His Son Jesus Christ. In order to be able to fully achieve his natural abilities, man is in need of the force of God's Spirit. The disruption between nature and grace, which in history has had opposing manifestations (Pelagian optimism and Lutheran pessimism), seems to be solved in modern culture by annulling grace and by focusing the possibility of success in human abilities and freedom. It is a new naïve synthesis that is called into question by the long history of suffering and aggression to human dignity. Christianity offers another synthesis, that of the recovery of the human natural abilities, developed to the full with the help of God, who knows well our grandeur and our frailties.

### **Disruption between freedom and responsibility**

6. One of the main ideas nowadays is the decisive and absolute value of individual freedom. Allied with the autonomy of reason, and through the exercise of his freedom, man chooses his freedom, decides on moral options, becomes the centre and judge of history. This conception of freedom, which is mostly considered as a right of the individual, leads to an individualistic vision of life that eliminates the communal dimension or portrays it as relative. This dimension is the only one that demands freedom to be held in the individual responsibility that each person has towards the others, the needed framework of love and brotherhood.

This is not absolutely negative and has the advantage of giving emphasis to the dignity of freedom, one of our dynamics whereby is expressed our similarity to God. Saint Paul teaches that Christ has freed us to freedom. Educating for freedom is a definite dimension of every Christian learning. In Christ, true freedom is not «do whatever you want», but the ability to discern in the paths of good what is the best, to listen to others (the first being Jesus Christ, God among us in the adventure of life), the ability to discern and accept truth. The exercise of freedom is more personal than individual, adjusted to the community. This cultural evolution, which started by relegating God to the field of the subjectivity of individuals, has taken the same procedure with truth, morality and, finally, with freedom.

### **Disruption between scientific mentality and morals**

7. A strictly individual vision of morals is serious, as it compromises or actually prevents communal morals, based upon valuable moral values to the whole of the community. But there is a more disturbing background: the scientific mentality, adopted by everyone through the technical revolution, incapable of defining the moral rules for everyone, emphasises the subjective dimension of morals, which is, however, incapable of being the truly human answer to the threats of technics itself. I quote, once again, J. Ratzinger: «The moral force hasn't grown to the rhythm of scientific development, on the contrary, it has diminished, because the technical mentality has relegated morals into the sphere of subjectivity, when we are in need of a public morals, one which will know how to answer to the menaces that hover the existence of everyone of us. Today, the true danger, the most serious, is found exactly in this unbalance between the technical possibilities and the moral energy.

The safety we all need as a previous condition for our freedom and dignity cannot come from technical control systems, but only from the moral strength of man. Wherever this one cannot be found or is insufficient, the power man has acquired will become, more and more, a power of destruction»<sup>2</sup>. Humanity, nowadays, does not find in the subjective morals of individuals the moral strength it needs to face the threats that weigh over it.

### **Disruption between the present and the final future of man**

8. The human drama is located, in this cultural vision, in the closed horizon of this time and this world (*hoc saeculum*). The horizon of eternity, the only one that announces the full achievement of man – for us, Christians, undeniably connected to Jesus Christ and his resurrection – doesn't have room anymore. It is appalling: more and more, the number of those contemporary to us that do not believe in eternal life grows. That deprives our existence in time of its depth and dignity, as experience of hope.

If everything goes by and ends, why stake on the perennity of final values? If our present is not one with our future, let us live day by day, let us profit from the transitional, let us change paths every time it seems convenient to us now.

The Report of the Pontifical Council of Culture, quoted before, summarises this «deep disruption in the transmission of faith felt by secularised societies» stating that «Europe is scarred by a triple wound: of memory, of imagination and of the sense of belonging. Memory is wounded because the new generation, who lives the now with no anchor in the past, lacks the experience of fait and the sense of history. Imagination is wounded by the invasion of mediocre televised proposals, which is added to the absence of contact with the great Christian artists in history. The sense of belonging is wounded in a true lack of love felt by many towards the Church, their homeland and also towards the two thousand year Christian culture of the continent».

All these disruptions are also manifested in the disruption between the institutions responsible for education: family, school, Church and society. The institutions that frame the children and youths contradict, in practice, the values given by Christian education. For example, how many of those

---

<sup>2</sup> *Ibidem*, pg. 22.

families that still have their infant babies baptised, guarantee the Christian initiation of their children?

### **III – Catechesis in this cultural framework**

9. All these disruptions caused by cultural mutation demand creativity and boldness in the catechetical pathways. More than ever, introduction to faith must make sure there is a Christian experience that creates the foundations for new cultural attitudes; more than ever, faith must become culture, a new culture. The one we have described is not able to found a Christian existence; at the most it prevents and excludes it.

The **School Model** of catechesis, conceived as learning, following the rhythms of scholarship, is no longer adapted. Many children and youths do not follow catechesis with the practice of religious experience due to the disruption between the family and the community of believers.

All catechesis must adapt to the rhythm of the new evangelization, must be part of the procedure of introduction to Christianity, starting by discovering the richness of the three sacraments: baptism, confirmation and the Eucharist. This means following a way of discovery and fidelity in the joy of experiencing a new life. This can only be done inside a community, in a group that walks together, that, at the same time, discovers Christ and his Church, that experiences the demands of love, the force of communion and the joy of beginning a new life, source of a new understanding of every reality in life. The catechumenal rhythm is highly recommended for catechesis, as parents and children must learn to look at the moments in which they take the path together. The catechist assumes the dimension of the shepherd that guides his flock towards the springs of life.

### **The importance of the kerygmatic announcement**

10. But before one commits to a path of discovering the news of Christian experience, one must discover Jesus Christ, letting oneself be captivated by Him, being able to change everything to follow Him. It is the fruit of the testimonial of faith. Testimonies have an irreplaceable role. But where are they? The Report mentioned above states: «secularism manifests itself today at the very heart of the life of the Church, thus denaturing, from the inside

and in depth, Christian faith, and, as a consequence, the lifestyle and behaviour of believers, dramatically weakening the testimonial of faith».

A missionary evangelization must systematically resume a kerygmatic pastoral that we have forgotten in a context of Christianity. It is a pastoral of conversion, not only moral conversion, but conversion to Jesus Christ, starting point in a Christian path.

One of the aspects of this pastoral creativity is the conversion of language, which consists not only of matters of language, but of a deep attunement with the actual men and women of this world. This applies itself to a larger dimension of the pastoral activity of the Church. «One of the consequences of secularisation is the growing difficulty of passing on the faith through catechesis, school, family and preaching. These traditional means of transmission of faith are having a hard time in fulfilling their fundamental role, because language has conditioned the substance of the message: the 'ecclesiastical language' born from the cultural separation between the clergy and the people, and 'the secularised language' by a clergy diluted in the dominant culture of empty speech, characterised by subjectivism and relativism, are incapable of speaking of faith and its richness. Clergymen and laymen excel, in certain countries, in the use of an out of phase language as in relation to everyday language, whereas catechesis is sometimes reduced to learning 'how to be good', with no reference to the experience of friendship lived with Christ, source of Christian life, which is thus reduced to simply being a form of secular humanism».

I end, once more, with a quote from the Report of the Pontifical Council of Culture: «Without the testimonial of Christian life, religious practice is progressively abandoned for a religion «à la carte», with no adhesion to the dogmas of faith. This is not only about a simple abandon of the sacramental practice, as in other times, or an absence of vitality of the faith, but about something that deeply touches its roots. This transit of belonging to the occasional, from regular practicing to host, and, at the level of conviction, from stable to pendular, is characteristic of the process of secularisation and must be reversed by an adapted pastoral».

This new world represents, without any doubt, a new challenge to Christ's Church: to convert and let itself be sent into mission, as in the days of Pentecost.



# **The missionary conversion of catechesis. A challenge set by catechumenate.**

JORDI D'ARQUER I TERRASA (\*)

## **1. Introduction**

It is of topical interest in all our dioceses and churches: how to renew catechesis?, how to give it a true missionary impulse?, how to respond to the weak faith of such a great number of baptized people?, how can we help to make a true Christian initiation? These questions and so many others resound in our debates, in our analyses of reality. We have trouble finding adequate answers. But it is also true that we are living in a historic moment, a capital moment. It is a fact that the catechumenate is an increasing reality all over Europe, even in the most traditionally catholic churches, and that it will be as a time bomb which will dynamite all our catechetical and pastoral cohesion. As Mgr. Walter Ruspi pointed out at the time of the "Interdiocesan Catechesis Days" in Barcelona, in 2002, the Second Vatican Council left us two liturgical and pastoral treasures: the Roman Missal and the RICA. The first one has been largely and deeply used, notwithstanding some errors and doubts. The second one, though, remains ignored; to confirm this let us just ask in how many sacristies one can find this ritual and we will realize that it is a document ignored by the Church.

In this paper we will examine the situation we set out from, we will recall the basic elements of the catechumenate and we will try to point out some possible lines of action or at least a catechetical and pastoral reflexion.

---

(\*) Priest of the Diocese of Sant Feliu de Llobregat (Barcelona), where he is the Catechesis and the Catechumenate delegate. Has a degree in Systematic Theology from the Faculty of Theology of Catalonia and prepares his doctoral thesis on missionary catechesis in the Urbaniana Pontifical University of Rome. Member of the European Bureau of the Catechumenate, the European Team for Catechesis and member of the Episcopal Advisory Council Subcommittee for the Catechesis, Spain.

## **2. Where we come from and where we are going to**

In this part of the introduction of our paper, it is necessary, even though it is about a question which we know perfectly, to glance through the history of catechesis, since Trento till today. Actually there has always been catechesis in the Church, because there has always been and there still is the handing down of faith from generation to generation, from a believer to a brother who wishes to grow in the Christian life, to become a Christian. Since the missionary sending of Jesus to our days, catechetical action has always existed, although with different models and forms.

The current model of catechesis is the fruit of the context of Trento, very distant from the model suggested by the Second Vatican Council. Let us analyse their distinctive features.

In the context of the Council of Trento, many catechisms appear, i.e., books that make catechetical action easier. But, why? Quite simply as the result of a sudden awareness of the need for instruction, for Christian training, to fight against the growing illiteracy. The Church and also the civil society encouraged the edition of catechisms addressed to all kinds of people, with the purpose of spreading information. Basically, there was the idea that it was necessary to have a larger and better knowledge, in order to live faith in a firm and authentic way<sup>1</sup>.

The first one to realize that and to wish to find a solution was Martin Luther, who was aware of the weak formation of the clergy and encouraged the writing of a catechism (1529) for the Clergy and the parents, so that they could have a useful instrument for the instruction of believers or of their children.

Another person to think about that was Canisius Saint Pierre, who wrote around 1555 several catechisms, by order of the Emperor, with a purely academic purpose, some with a question and answer structure. These catechisms are a kind of theological summaries.

Another one was Saint Robert Bellarmine, who wrote a short catechism, in 1597, to be learned by heart and thereafter to be explained in such a way that faith could be seen as a logical and reasonable matter. This catechism had

---

<sup>1</sup> Cfr. LÄPPLÉ, ALFRED, *Breve storia della catechesi*, ed. Queriniana, Brescia 1985.



an enormous success: more than 300 editions were made in 50 different languages.

But the catechism which, in my opinion, had the greatest influence was the catechism of the Council of Trento, from 1566. It was addressed to the Parish priests and it wanted to give a strong impulse to the catechetical formation, through instruction and religious education.

Other catechisms published later were quite successful and widely used: among these are the ones written by father Gaspar Astete, father Jerome Ripalda, Pope Pious X, etc....

Why have I made this brief summary? For the simple reason that, according to me, the current catechetical model is the result of this historical period. Our current catechetical model arises from the will expressed during the time after the Council of Trento which aimed especially at the Christian formation and education. These days, when catechists and people responsible for catechesis express the idea of «unschooling» catechesis, don't we mean that it is necessary to create a catechetical model which corresponds to another context (Counter-Reformation) and with other aims (to form believers)? If we really want to evangelize in Europe, if we want our catecheses to become a true Christian initiation, we must find and develop new catechetical models.

But, in which direction can we go? Which ways should we follow? Which are the vectors of these new coordinates? We know as a fact that the Second Vatican Council did not devote much time to the catechetical reflection. Maybe its concern was more with catechumenate than with catechesis. But I believe that the little that was said about catechesis is too important to be relegated to a second place.

The Council spoke about catechesis in the Decree on the pastoral ministry of the bishops, "Christus Dominus", specifically in its number 14, where it is written:

*It's the Bishops' responsibility to make sure that catechesis, whose purpose is to provide men with a living, explicit and active faith, explaining it through the doctrine, will be taught to children, adolescents, young people and even adults, in a careful, attentive way. The order and method for this teaching will be adopted in accordance, not only with the subject matter, but also with the*

*character, the age, the skills and the life conditions of the listeners.; it will be based on the Holy Scripture, the Tradition, the Liturgy and the life of the Church. The Bishops will also be responsible for the training of the catechists, making sure they are utterly prepared for their task: they will have to master the doctrines of the Church and to have theoretical and practical knowledge of the laws of psychology and the subjects of pedagogy. The Bishops must also make an effort to restore or create the conditions for the catechumenate of adults.*

In this text there are some significantly new ideas.

First of all the fact that the addressees are not only children, teenagers or young people, but also adults. We all know that it is one of the catechetical innovations during the post-conciliar time, which was emphasized by the Catechesis General Directory, as it places adults as the first target of catechesis, in chapter II of the fourth part. And also as it reminds us of the fact that the *catechesis for adults, addressed to men capable of a fully responsible dedication, must be regarded as the privileged form of the catechesis, to which all the others - not less necessary -, are subordinated, in a certain way. That implies that the catechesis which is addressed to the other age groups must refer to it and be part of a coherent project of diocesan pastoral.* (CGD 59)

Secondly, the fact that the purpose of catechesis is people's faith appears to me like a striking and extraordinary innovation, of which we have not yet drawn all the consequences. Indeed, it is a Council statement that *It's the Bishops' responsibility to make sure that catechesis, whose purpose is to provide men with a living, explicit and active faith, explaining it through the doctrine, will be taught to children, adolescents, young people and even adults, in a careful, attentive way.* Let us focus on the fact that not only should faith be the object of catechesis, but also that it should be *living, explicit and active.* This sentence requires a more detailed "interpretation".

As a matter of fact, the goal of any catechetical action is faith and, to reach this goal, catechetical instruction is required. In other words, faith is the goal and catechetical instruction is the means which helps to achieve this goal. This perspective is completely new. Until now it was generally accepted that faith was already there just waiting to be shaped by the most appropriate contents, which would supply a ground for the existing faith. I believe that the Council has made a true copernican twist which has not yet been assumed by the Church, perhaps on account of the inertia of the past models.

The Catechesis General Directory expresses it in another way when it says that the *final goal of the catechesis is to put somebody not only in contact but in communion, in intimacy, with Jesus Christ. All the evangelizing activity tends to favour the communion with Jesus Christ. From the "initial" conversion of a person to the Lord, brought about by the Holy Ghost with the first announcement, catechesis offers to give a ground to this first response and to make it grow. It is a question of helping those who have just converted to "... get to know this Jesus to whom they have just given themselves up: to know his "mystery", the Kingdom of God it announces, the requirements and the promises contained in his evangelic message, the paths which he traced for whoever wants to follow him".* (CGD 80). Or also that the *commitment to Jesus Christ develops in the believers the desire to know Him better and to be identified with Him. Catechesis introduces them to the knowledge of faith and to the learning of Christian life, leading them through a spiritual route which involves "a progressive change of mind and uses", made of renouncements and fights, but also of joys that God gives without limit. The disciple of Jesus Christ is then ready for a profession of living, explicit and active faith,* (CGD 56). Once more, we are reminded that the goal is living, explicit and operative faith. And that the catechetical instruction is only a means to lead to this goal.

But, how can this faith be living, explicit and active? Let us go deeper in this reflexion. In my opinion, **living** is synonymous with conscious, dynamic, self reflected: i.e. it is the fruit of a sincere conversion to the Lord. I believe that, when the Council says that faith must be living, it reminds us that in what refers to catechesis all our efforts should aim at the heart or the spirit, i.e., inwardness, by promoting a Christian spirituality. It is relevant to recall in this context what the decree on the missionary action *Ad Gentes* says in its number 14:

*Those who received from God through the Church the faith in Christ (3) must be admitted to the catechumenate in liturgical ceremonies. The catechumenate does not consist of a simple display of dogmas and rules, but it is a training stage for Christian life as a whole, and a learning process which is organized in a convenient way: learning process and training stage through which the disciples are linked to Christ their Lord. The catechumens must thus be initiated in the mystery of salvation and in the practice of evangelic ways, and introduced by sacred rites, celebrated at successive times (4), in the life of the faith, of the liturgy and of the charity of God's people.* (AG 14).

It is odd that when the Council has to make a description of the catechumenate they use the word and the concept of “noviciate” (at least in the Spanish version), certainly with a very clear intention. After all when we think of a noviciate or of the sacerdotal formation in a Seminary, we always think of a “long” time, a time when there is not only the doctrinal formation. Following this line of thought, you don’t, for example, explain to a novice only the life of the founder, the history or the charisma of the religious congregation, i.e., you don’t just convey ideas or concepts, but your main concern should be that he or she might have a spiritual formation. The fact that the concept of “noviciate” is used to refer to catechumenate, gives you quite a number of clues. To stress the fact that it is not a question of a *simple display of dogmas and rules* (Cf. AG 14), tells you something else. That is the reason why today this dimension of spiritual formation is a challenge in our catechetical devices.

We could now detain ourselves in the reading and analysis of number 19 of the RICA (which we will do later) where we are reminded that the catechumens must be *guided not only with a suitable knowledge of the dogmas and the commandments, but also in the intimate knowledge of the mystery of salvation*, but we must continue with the analysis of the underlined terms on the modality of faith, according to the Second Vatican Council.

The faith must be **explicit**, in the words of the Council, i.e., clear, well grounded, with sufficient knowledge to justify it, making possible the proclamation of faith in a reasoned and reasonable way. This means, it is crucial to set the foundations of the faith which is referred by the Council when they say that *one must teach with the necessary order* (CD14), and also the Catechesis General Directory, when it states that *catechesis is an organic and systematic formation of the faith* or also that *catechesis is an essential basic learning process, centered on the core of the Christian faith* (CGD 67). That is well assumed in our catechetical devices, because quite an effort is made to provide intellectual education. We supply a great amount of knowledge, but it is not easy helping people to actually live faith, maybe due to the past, when much more importance was given to “correct knowledge” than to “correct acting”, in the hope that the first one would lead the second one. The present situation reveals that maybe this might be more difficult than it used to be.

And finally the Council reminds us that faith must be **active**, i.e., coherent, practical. Faith must be transformed into life. If faith and life diverge in several ways, that means that faith is shallow, that it is not deeply rooted in the inner

self, that there is no truthful and deep conversion. Faith must, to be effective, have an effect on daily life, with testimony of life and confession of faith, as Pope Paul VI adverts, when he states that the *Good news proclaimed by the testimony of life should then be, sooner or later, proclaimed by the word of life* (EN 22). And this is very hard for us. It is difficult for us to get our catecheses to make a true change in the life of our addressees possible.

These three dimensions of faith – living, explicit and active match the three dimensions of the human being which are the heart, the head and the hands. The heart, which corresponds to living faith, refers to Christian spirituality, with the ability for inwardness, for prayer, and the love towards God and towards brothers. The head, which corresponds to explicit faith, expresses the ability for intellectual learning, the acquisition of knowledge, the training of the memory, the reasoning. And the hands, which correspond to the active faith, convey the attitude of service, of generous and solidary action, do good to all. These three parts or dimensions of the human being correspond exactly to the three dimensions of the catechist's learning process: to be, to know and to know how.(Cf.CGD 238)

This short and quick revision of the fruits, so to speak, of the Council of Trento and the impulse given by the Second Vatican Council, enabled us to perceive some of the keys which could renew the catechesis, by giving it a more missionary look.

### **3. A short synthesis of the stages of the process of catechumenate**

After this historical account, which points at new ways to be explored that could renew the catechesis in a more missionary direction, I think that it is necessary to throw a panoramic glance on catechumenate to find other keys, other indicators, other tracks.

An essential clue, not only because it is required by the title of this paper, but also out of loyalty towards the Catechesis General Directory, is in the first place the establishment and development of catechumenate in our dioceses, as an institution and also as a vital proposal for any catechetical and pastoral project, then the deepening in the catechumenate main characteristics. Indeed, as referred by the Catechesis General Directory:

*The model of any catechesis is the baptismal catechumenate. It constitutes the specific training by which the adult converted to faith is led to the baptismal profession of faith during the Easter Vigil. This specific training*

*The missionary conversion of catechesis. A challenge ...*

*must inspire the other forms of catechesis, in their objectives and their dynamism.*

*The catechesis for adults, addressed to people capable of a fully responsible dedication, must be regarded as the privileged form of the catechesis, to which all the others - not less necessary -, are subordinated, in a certain way. That implies that the catechesis which is addressed to the other age groups must refer to it and be part of a coherent project of diocesan pastoral. (CGD 59)*

This is the reason why, in the light of this number of the Catechesis General Directory, we realize that catechumenate must really be the model of any catechesis; and it states not only that, but also that catechesis must be inspired by catechumenate mainly in what refers to its objectives and its dynamics. So we find in this number of the directory the reasons to talk about the catechumenate of adults in a special way.

Let us then focus on the phases of catechumenate.

#### *Pre catechumenate*

The first phase of catechumenate is the one of the pre catechumenate<sup>2</sup>, sometimes also called phase of evangelization. It corresponds to the whole of the pastoral action and to the whole dimension of the faith testimony which the Church can give. In other words, it refers to the quiet and sometimes unnoticeable multiplicity of evangelization actions developed by the Church. In fact, evangelizing is a permanent concern for us.

During this phase of pre catechumenate, the person is in the constant need of a first presentation of the Christian mystery. To present the elements of the Christian faith in such a way that this person - who has already heard the call of faith, with the help of the multiplicity of actions that have just been mentioned - can express clearly a first conversion<sup>3</sup>. So that he can, at a certain point of the formation process, say "yes, I want to be a Christian!"

#### *Catechumenate*

The second phase is the phase of catechumenate<sup>4</sup>, strictly speaking. It is the training phase. But the RICA in its number 19 announces that this formation

---

<sup>2</sup> Cfr. RICA Prev. Obs. 9-13.

<sup>3</sup> specially RICA Prev. Obs. 10.

<sup>4</sup> Cfr. RICA Prev. Obs. 14-20.

must have four ways. And I believe that this number is important, because it indicates that we ought not to follow one way alone, but four different, though simultaneous, ways. Thus this number of RICA says:

The catechumenate is a long time during which the candidates get from the Church the necessary formation for their conversion and their faith to become mature, which may require several years. Four measures must be implemented to accomplish this:

1. An appropriate, progressive and integral catechesis, ensured to priests, deacons, catechists and other laics, in accordance with the liturgical year and backed up by celebrations of the Word. It will not only guide them towards a good knowledge of the dogmas and commandments but will also fulfil their own request to get an insight into the mystery of salvation.

2. The opportunity to get familiar with the practice of Christian life. The testimony and the assistance of those who have introduced them, their godparents and the whole christian community, will help them to improve their ability to pray to God with ease, to express their faith, to live in the hope of Christ in every occasion, to let themselves be led by the Holy Spirit and to practise brotherly love to the point of self-denial. Therefore "the new converts undertake a spiritual journey during which, already in communion with the mystery of death and resurrection, through faith, they change from the old man into the new man who aims at his perfection in Christ. This changing, which involves a progressive change of mind and uses, with its social consequences, must occur and develop little by little during the time of the catechumenate. As the Lord, in whom they believe, symbolizes their contradictions, it is not rare that the converts experience situations of breakings and separations, but also of the joys that God gives without limit".

3. Liturgical rites which, little by little, purify them. Mother Church supports them in their journey as well as the blessing of God. (...) Besides, they can already take part in the liturgy of the Word with the congregation, which prepares them even better for their future participation in the eucharist. It is established that in a congregation catechumens should be dismissed before the Eucharistic celebration and this is a procedure to be maintained, unless this causes any difficulties: in fact they must wait until their christening to be able to take part in the worship of the new Alliance under sacerdotal surveillance.

4. Testimony. Once “the life of the Church is apostolic, the catechumens must also learn to contribute actively by giving testimony of their life and their profession of faith to the evangelization and the construction of the Church”. (cfr. *Ritual of the Christian initiation of adults. Paris Desclée/Mame 1997, RICA 19/N. 103 of the French edition*)

As we see it, this training phase requires an *appropriate, basic, integral, approach to catechesis*, which means an introduction to Christian faith. But there should be no other catechetical moment and this is the new idea brought by catechumenate. We have to recognize that for a long time when we spoke about catechesis, we stressed the introduction of the Christian mystery and the passing of knowledge on to children, young people and adults. Catechumenate stands for the idea that there are three other ways besides catechesis which are also important. These three other ways are equally fundamental and necessary. Otherwise we will not be able to help the person to become a true disciple of Christ.

The second way is the *exercise of Christian life*, learning to find out that being a Christian means to love your fellow-beings, to forgive, to be interdependent, it means that you need to change your attitude, the way you act and the way you are. To be a Christian is a matter not only of ideas, but especially of a lifestyle which should be put into practice. Being a disciple represents “a progressive change of feelings and practices” (cfr. RICA 19). This Gospel that we present must be gradually absorbed by this person so that she acquires a really evangelic nature. And that, as you can certainly see, is more complicated. Catechumenate helps us to realize that the training of a Christian is not as simple as we believe it is.

The third way is *to help catechumens to get acquainted with the advisable liturgical rites*, i.e., the participation in the liturgy and in the prayer of the Church. What is intended is not just that they watch a celebration or a prayer, but that they learn how to live in communion with the Lord, how to live this spiritual dimension of Christian life. The prayer should not be an isolated moment, as it sometimes occurs with catechesis, when we say a prayer at the beginning or the end of catechesis, but it must be a true meeting with the Lord, a sincere dialogue with Him. It is meant that those who follow catechesis learn how to do it inside the Church, which is the community of the baptized in Christ, of the disciples of the Lord. What we really wish is to make this person fall in love with Jesus. He knew her - a little like the couples who start



to know each other- but if this person wants to become a true disciple of Christ, this means that she has to be deeply in love with Him.

And the fourth way suggested by the RICA is *to also learn to contribute actively to the evangelization and the construction of the Church by giving testimony of their life*, to cooperate with the mission. To help to understand that to be a Christian is not a private matter, but that I must give evidence of my faith to other people. This missionary element, testimonial of the Christian life, should not be “learned” at the end of the process, but it must be present from the beginning.

For that, these four ways must be present throughout catechumenate. This phase is logically the longest. To turn the four ways to account requires a long time.

*Purification and illumination.*

The third phase is the one we call of purification and illumination<sup>5</sup>. This stage is perfectly delimited, it lasts exactly the period of Lent. This stage of purification and illumination lasts forty days exactly. It is mostly about a spiritual preparation. The training for this was completed during catechumenate and at the time of the reception of the sacraments of Christian initiation - baptism, confirmation and eucharist - one needs a spiritual preparation. And it is especially important that there is the second conversion, as mentioned in the RICA<sup>6</sup>. There had already been a first conversion at the beginning of the process, during the time of the fore catechumenate, when this person expressed her sincere desire to become a Christian. And now a second conversion is necessary, a clear and decided option for Christ and the Church before receiving the sacraments of the Christian initiation.

To help me explain this phase, I often use the image of the painter or the sculptor. When you watch somebody finishing a table or a sculpture, you have the feeling that the table or the sculpture are ready, that they are beautiful, even if this feeling is influenced by your personal taste. But, when you talk to the artist and you congratulate him, you see him take the palette and the brush again, or the hammer and the cutting tools, to go back to a cloud, a tree, a face. He goes back to improve the work of art which he created. In a certain way this phase of purification and illumination also represents a time

---

<sup>5</sup> Cfr. RICA Prev. Obs. 21-26.

<sup>6</sup> Cfr. RICA Prev. Obs. 22-23.

to improve to the last details. That is why we talk about purification, as during the training phase the person has realized that to become a true disciple of Christ, she still needs to improve certain elements that do not abide by what the Church believes, lives or celebrates. But it is also a time of illumination to prepare the body, the spirit, the heart, the whole person to receive God's blessing, the baptism, the confirmation and the eucharist.

### *Mystagogy*

The fourth phase is that of the mystagogy<sup>7</sup>. This phase lasts through Easter time, but it can be extended in time, with a double perspective.

On the one hand it is a time to enjoy the received gifts, on the other hand the time of mystagogy is a time for reflexion. It's different to introduce Christian faith or talk about Jesus to someone who's "pagan", who has not yet received the gift of christening, from introducing it to someone who has received God's blessing through christening and who's already God's son or daughter. The faith of Mystagogy is thus a time during which it would be necessary to recapture Christian faith in its wholeness. We don't address ourselves to a person in order to explain the meaning of being a Christian, but we address ourselves to a brother, to a person who belongs to the Church who is a God's son or a daughter. What we do with this person, this neophyte, is to share our faith, which is the faith of the Church.

Here are the four phases of the catechumenate: pre catechumenate, catechumenate, purification and illumination, and mystagogy. I would like to cover the contents of catechumenate from every possible angle to identify the different key points which will help us to cast some light on cathechesis in such a way that it may fulfill its missionary dimension. Even if only as an example let us see some strong points of the primitive catechumenate for today and then the new features revealed by the catechumenate.

### *Traces from the primitive catechumenate we can use today*

First of all, the primitive Church considered that being a Christian required a serious process which could not be feeble or empty, as if the important goal was to get a large number of baptised people, but that it was necessary to convey faith in a significant and important way.

---

<sup>7</sup> Cfr. RICA Prev. Obs. 37-40.

Secondly, faith demanded maturity. To ensure this process, taking part in the celebrations and the life of the community should not be minimized.

The fall of the catechumenate coincides paradoxically with the reduction of the church claims.

Thirdly, it was necessary to be “exclusive”, not being possible to give the baptism immediately to those who came asking for it. If we read the texts from the Fathers of the Church, we realize that certain people, because of their profession or personal condition/status, cannot be accepted to the catechumenate and, therefore, cannot receive the baptism<sup>8</sup>.

And finally we have to reassure the level of conversion. It has to be a full, from the heart, by actions, character and a way of life conversion. This conversion would imply the wish of a new life<sup>9</sup>.

I believe these four principles that can be found on the primitive church catechumenate and we have considered as a way of living, make perfect sense nowadays.

#### *Characteristics raised by catechumenate*

After having described catechumenate and having noted some principles from the ancient catechumenate, let us go back to this work's theme: how can catechumenate renew catechesis? In my opinion, there are some elements from catechumenate that may contribute to catechesis. Such elements, joined to catechesis, may help us put into practice the recommendations of the Catechesis General Directory.

#### *Progressive*

The concept of progression is one of the principles that catechumenate brings to the Church. Catechumenate, taken as a process developed in phases, emphasizes progression, which implies that we have to learn to talk about developing stages rather than organising classes. Perhaps we have to “unschool” catechesis<sup>10</sup>. To programme the different stages of the way people have to go through and the corresponding rites, at the same time as we let

---

<sup>8</sup> Cfr. DUJARIER, MICHEL, *Breve historia del catecumenado*, ed. Desclée de Brouwer, Bilbao, 1986.

<sup>9</sup> Cfr. CAVALLOTTO, GIUSEPPE, *Catecumenato antico. Diventari cristiani secondo i padri*, ed. EDB, Bologna, 2005<sup>2</sup>.

<sup>10</sup> DERROITE, HENRI, *Initiation et renouveau catéchétique. Critères pour une refonte de la catéchèse paroissiale*, en DERROITE, HENRI, *Catéchèse et initiation*, ed. Lumen Vitae, Bruselas 2005, pp. 57-85.

their own faith grow by progressive stages. This is a process organized in sequential stages, situations and propositions presented to each member of the group<sup>11</sup>. The primitive Church had already considered that, to be a good Christian, it would be necessary to go through a serious process<sup>12</sup>, which could not be feeble or empty and faith had to be transmitted in a significant and important way, if meant to assure an important increase of the baptised members.

### *Spiritual*

A fourth principle would be the spiritual principle which I have already talked about when I have spoken of the four ways. During the last years we talked about the catechesis and maybe of the four ways of RICA 19, and we realised that we have a lack of more dimensions to be Christians. We might have already thought about it but we needed to prove it to ourselves. To initiate someone, we cannot only give him a catechism, because the ways of faith aren't just in our heads but they are inside of us, inside our spirit. We have to help this person so that he can get a clear opinion about Jesus and be converted to Him. Faith cannot be taught, it must be felt, lived and confessed. We have to "work" the different dimensions of the human being: head, heart, hands, but especially the heart, more exactly the spirit.

### *Conversion*

The baptismal catechumenate relies on the principle of the permanent conversion. The RICA describes a permanent conversion process<sup>13</sup>. The full dimension of conversion, of spirituality, of intense Christian life has to be very important. And we have to find a way of working it intensively in our churches. Faith demands maturity. To achieve it the conversion has to be profound, from the heart, the behaviour, and the way of life and from our own character. In order to have a great number of baptised, we must never accept living in a less profound way, but it is necessary to ensure a truthfull conversion so that people can take part in celebrations and in the life of the community. A conversion which reveals a true and clear option for God the Father, the Son and the Holy Spirit.

---

<sup>11</sup> REICHERT, JEAN-CLAUDE, *Pédagogie d'initiation et pédagogie de l'initiation*, Lumen Vitae 51 (2006) 319-331.

<sup>12</sup> ALBERICH, EMILIO - GIANETTO, UBALDO (coords.), *Andate & insegnate. Manuale di catechetica*, ed. Elledici, Turin 2002 (pp. 239-267).

<sup>13</sup> SINWELL, JOSEPH P., *Le catéchuménat baptismal. Pour un renouveau de l'éducation religieuse*, en Lumen Vitae 51 (2006) 245-252.

*Adapted*

Mr Andrea Fontana says that the period of ready-to-use is over<sup>14</sup> and we should recover the designers from the past. The tailor made the suit just for you. The catechumens who arrive in large number let us do that too: to adjust to their personal circumstances, to their needs, to their worries, to their anxieties, to their rhythm<sup>15</sup> and therefore to build that Church which can be adjusted to each one of us. I think this is a very important element which can be present in other areas of the pastoral action. That ability to adjust to the circumstances of each person will become more and more important and necessary, and this is highlighted by catechumenate.

We have talked about some of the principles or criteria released by the catechumenate which can and should renew the catechesis. For this reason and in the light of the Second Vatican Council and the Catechesis General Directory, it is necessary and critical to restore catechumenate in our Churches, so that the pastoral action, analyzed, revised and thought through, may succeed in the renewal of our catechesis in a progressive, real and truthful way.

#### **4. Reception, Discernment and Attendance**

I believe these three words - Reception, Discernment and Attendance – tell us something very important related to the Christian initiation process and, therefore, related to the Catechesis. We have to accept the fact that there are key concepts and so we have to take that into account on our Catechetical devices.

*Call and Reception*

On the journey of faith it is obvious that there is a call, an initial moment when a person decides to begin his way. Nowadays, more than ever, we have to pay attention to those moments. To assume that there are no “announcements” or “angels’ visits” or that God’s Spirit does not take any action in this world, is a big mistake. So the different pastoral members and all Christians should pay attention, keep their ears open, to be able to understand inner experiences.

---

<sup>14</sup> FONTANA, ANDREA, *L’Iniziazione Cristiana degli adulti: urgenze e obiettivi*, (pp. 138-139), en: BENZI, GUIDO e GIUNGI, TARSICIO (eds.), *Diventare Cristiani. L’iniziazione cristiana tra problemi e ricerca di nuove vie*. Ed. Elledici, Turin 2004.

<sup>15</sup> FOSSION, André, *Le catéchuménat, modèle inspirateur de toute catéchèse*, en *Lumen Vitae* 51 (2006) 253-267.

We often ask ourselves why someone asks questions about faith. Maybe because, one day, this person was in a mass and became impressed by the homily or because one day he read a specific book, or because his friends and colleagues are Christians and their way of life led him, as a person, to ask questions, etc.... There is always a specific event, an initial moment that demands an answer.

An answer that should be given, in a friendly and genuine reception on our Assembly. Even if we talk about reception we still have lots of things to do. We still have a long way to go through for a good reception in our churches.

And to know how to receive others implies to pay attention to other people's lives so that our evangelic testimony echoes in their innerself. And that type of personal attention means love. And we only truly know someone when we love him.

#### *Conversion and Discernment*

In someone's life there is a conversion moment. A moment which, as Henry Bourgeois says when he describes the different ways to find out if God truly exists, is also a "decision" that happens when "we decide to believe despite the evilness and the mysterious darkness". Henri Bourgeois, also tells us that in a person's life there is a sort of "first event". In fact, Henri Bourgeois says "the catechumens who become believers see faith as a gift. That traditional expression means an experience to them, because they cannot exactly justify the reason why they came to believe, even if they realise that this reason is not logical. God plays a part in it, He is the one who comes alive in us. He is inside us, although He is not a part of us"<sup>16</sup>.

For that it is necessary to distinguish what the catechumen is feeling. It is obvious that any conversion, immediate or progressive, demands a discernment, i.e. the wisdom to pay attention to what the catechumen is living, helping him to grow in his faith.

#### *Maturation and attendance*

For Henri Bourgeois the catechumenate has a real important characteristic: to be a Christian, time is needed, and using Tertulien's well known words "we are not born Christians, we become Christians", focusing on the need to

---

<sup>16</sup> BOURGEOIS, Henri, *Teología catecumenal*, col « Biblioteca litúrgica » nº 31, ed. Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona 2007 [original francés: BOURGEOIS, Henri, *Théologie catéchuménale*, ed. Éditions du Cerf, Paris 2007].

programme a process, “with a limited time” which will guide the person through the growth of his faith. This process requires an attendance. Henri Bourgeois says that “*the initiation process is guided and followed by at least one person who is prepared and available (skilled to manage the whole process, stages, etc.) In other words, there is no initiation without someone who is able to carry it out*”, or, “*there isn't such a thing as a self-initiation*”. If we don't take these measures, although the results are obvious, the initiation process appears weak and submitted to all the problems of today's life. That is why it is important that on the entire initiation process would be present what Henry Bourgeois explains as the “principle of recurrence”, according to which the essential components of faith must be present all the time to stay strongly in the catechumen's heart. If it is not done, we have to think about starting again. We have to “make those who went through the narrow doors go through them once more, to repeat a succession of experiences related to each other, to take their time to allow faith to manifest itself”<sup>17</sup>, in the words of Henry Bourgeois.

## 5. Possible Pastoral Objectives

More than of pastoral objectives we should be speaking of pastoral suggestions towards a possible renovation of catechism. I would like to emphasize that these pastoral suggestions are on the same level as the pastoral ideas, or, to be more precise, the same level of dreams or pastoral ideas; we do acknowledge that dreams do sometimes come true. It is not a matter of being more or less important: it's rather a brainstorm of ideas what I'm presenting you, wishing of course that we grasp a way of putting them into practice. Or even design and articulate new processes of catholic catechism with a neat missionary presence.

1. From a “*Catechumenal catechesis*” to a “*Catechetical Catechumenate*”, meaning to go through truthful processes of Christian initiation. Nowadays, in several European countries, we have put into practise different programmes of Christian initiation. For instance, in Spain, from 1998 onwards, after being published by the bishops the document “Christian Initiation. Reflexions and Guidance”<sup>18</sup>, they have wanted to boost the building of catechetical itineraries

---

<sup>17</sup> BOURGEOIS, Henri, *Teología catechumenal*, col « Biblioteca litúrgica » n° 31, ed. Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona 2007 [original francés: BOURGEOIS, Henri, *Théologie catéchuménale*, ed. Éditions du Cerf, Paris 2007].

<sup>18</sup> LXX ASAMBLEA PLENARIA DE LA CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *La Iniciación cristiana. Reflexiones y orientaciones*, ed. EDICE, Madrid 1998.

mainly directed to children's initiation as well as of adults. Later, this line of acting has become stronger with the publication of two other documents concerning the initiation of non baptised people, adults<sup>19</sup> as well as children<sup>20</sup>. But this richness of documents and of acting does not mean that the programmes reach a true and authentic Christian initiation. In fact, Spain has a rich tradition in what catechumenate catechesis is concerned but if we closely analyse these programmes we realise that the adjective catechumenal doesn't always correspond to the foundations of the Catechumenate. We can state that throughout the eighties we would call "Catechumenate" to a model of catechesis mainly addressed to adults seeking a more active doctrine implying those to whom it was addressed to but that wasn't really inspired by RICA, with its distinctive characteristics. Over this period the catechumenal process has applied to an effective christening and, step by step, to every kind of catechesis. The thus called "catechumenal inspiration" represents the wish to turn the catechesis into a process of thorough initiation, meaning an initiation within the dimensions of the Christian faith: knowledge of the Mystery of the Christ, conversion to evangelic life, the discovery of a prayer, lively celebrations and evangelic commitment<sup>21</sup>, even if we fail to achieve this goal.

Right now, we are facing the same danger as before. We can talk of a catechesis of Christian initiation, we can design catechetical itineraries which in fact are not such. The same thing can happen; the expression "Christian initiation", it might be no more than an adjective void of a reality; even if there is a real thrive to renovate catechesis and to promote processes that allow initiating in the faith children, adolescents and adults, in the end it all remains the same. We ought to ask ourselves if we really set new models of catechesis which imply a process liturgical and catechetical, responsible for broadening faith and becoming a true disciple of the Christ within the Church of the world and according to the RICA.

We should find a way of talking about Christian initiation without mentioning the adjective, it should be a reality. That is the reason why I say that recovering

---

<sup>19</sup> LXXXVIII ASAMBLEA PLENARIA DE LA CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *Orientaciones pastorales para el catecumenado*, ed. EDICE, Madrid 2002.

<sup>20</sup> LXXXIII ASAMBLEA PLENARIA DE LA CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *Orientaciones pastorales para la iniciación cristiana de niños no bautizados en su infancia*, ed. EDICE, Madrid 2004.

<sup>21</sup> LOPEZ, Jesús "Catechumenal, catequesi", en *Diccionario de Catequética*, 143-144.



catechumenate is and it should be a fundamental criteria in order to develop the processes of Christian initiation which leads baptised and non baptised to the communion with the Christ and to the maturity of the Faith. May the Christian initiation be inspired by the catechumenal baptism, may it be truthful, have its method, its own identity. The catechumenate is, and it should be a highlight to understand what is and should the Christian initiation be.

The thrives and the options may be pastoral – the need for an evangelisation in the countries of ancient Christianity – theological – improving the faith, the ecclesiastical action and the missions – which take us to rethink our pastoral practice – and socio-cultural – as an answer to the growing pluralism and secular tendency of our societies<sup>22</sup>. This option, however, should find its grounds in the catechumenate baptism, the RICA.

This is the reason why the most recent restoration of the catechumenate should allow, step by step, the Christian initiation to be guided by the catechumenate. That's the reason why I speak of a catechetic catechumenate, to set each aspect in its right place and to put the stress where it should be. Henri Bourgeois has very well put it: *"the catechumenate used by adults has become a reference in the itinerary made by children."*<sup>23</sup>

**2. To structure catechesis according to the given steps of catechumenate** so that the families may acknowledge and be conscious of it. At first, we would only refer to the steps concerning small references of the catechumenate. Later, we would introduce a skills examination which would set the passage from one step to another and therefore would establish different itineraries with different timings. To start designing different itineraries according to the phase the person is in.

**3. To structure catechesis of children and of adolescents in a three part programme:** three years, three terms where each has a clear topic. The first term should concern the catechetic Formation (head), the second term the spirituality (heart) and the third term action or service (hands). The first topic is what we usually do. The second one would develop into retreats, celebrations, vigils and prayers, etc... The third term should follow actions of

---

<sup>22</sup> ALBERICH, Emilio "Catecumenat modern", en *Diccionari de Catequètica*, 147-150.

<sup>23</sup> BOURGEOIS, Henri, *Teologia catecumenal*, col « Biblioteca litúrgica » n° 31, ed. Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona 2007 [original francés: BOURGEOIS, Henri, *Théologie catéchuménale*, ed. Éditions du Cerf, Paris 2007].

charity and voluntary work. All these, would repeat each and single year for, at least, three years. To accomplish this, the catechesis classes should last longer, maybe two hours, dealing then with the three dimensions of the human being.

4. *To establish a monthly or a term journal to keep parents informed.* This journal would establish if they had reached given objectives. It should be made by the catechist, together with the priest and given to the parents and godparents. This would help parents to become aware of how their children are progressing and would avoid “mechanisation” by the time the sacraments of Christian initiation are received.

5. *To reinforce cultural visiting* in order to create bonds, a truthful and open dialogue with Christians of different communities. This would allow combining both group work and exchanges within the local parishes and would gather the presence of different ecclesiastic movements. It would be most important if these visits are rendered to parishes with remarkable cultural and artistic patrimony.

6. *To reinforce a true catechesis within the family*, meaning, a catechesis between parents and children. To improve parents’ responsibility in the Christian initiation of their children, according to the commitment they have assumed once married and when they baptised their children. Parents would then withdraw from the parish a responsibility that has always been their own. Parents would come to the catechesis classes and would themselves pass onto their children their faith, establishing a process of real catechumenate, with catechesis classes, celebrations, rites, following the four ways of the RICA 19.

7. *To consecrate Lent to the preparation of the parents, godparents to the baptism of the children.* Baptisms would only be celebrated during Easter time, Sundays during mass or in community celebrations within the Christian community. This preparation would have its rites (with scrutiny and exorcisms) inspired by the RICA. At the same time, it would offer a mystagogic time to those who would choose so.

I would like to add a rather interesting and suggestive element. Michael Duggan and Maureen Kelly, in their book “*The christian initiation of children. Hope for the future*”, promote the possibility of enlarging the number of

catechesis sessions from about 20 to as much as 52. Not by multiplying the sessions, but by empowering the Sunday rhythm and giving to the families some materials to be worked on within the family, keeping on the reflexion started each Sunday with the Word of God. These materials should be able to offer children the possibility of experiencing God and Jesus. That is to say, as we were reminded by the *Ad Gentes* decree, not to learn dogma and truths “about” Jesus, but to get acquainted “with” Jesus, to know him in person.<sup>24</sup>

8. *May the preparation to marry have a neat catechumenal characteristic, helping groom and bride to deepen their faith in Christ, dead and reborn, basis of the married life. To take advantage of the fact that they should set the date a year in advance. This would allow the possibility of making the arrangements focused not only in the marriage itself but mainly in the development of Christian faith which should be renovated and strengthened. To program a catechumenal itinerary for the preparation to marry.*

## 6. Conclusion

It is most difficult to draw a solid conclusion. It is definitely a work that is to be done among us all. Henri Bourgeois, in his *Catechumenal Theology*, states: “*We realise that the practice of the catechumenate has a word to say concerning the catechesis, the discovery of the Church, the ethics and the spiritual experience. It is absolutely essential that these teachings, always evolving, express themselves, change, are discussed and deepen*”. And, moreover, “*the practice of catechumenate is one of the ways to evangelise*.”<sup>25</sup> Thus, we echo again the words of the Catechesis General Directory, when it says that *nowadays evangelisation situation establishes that the two actions, the missionary call and the catechesis of initiation are to be designed in a coordinate way and offered to the church through a project of evangelisation both missionary and catechumenal. These days the catechesis should be acknowledged as an outcome of an efficient missionary call. The Decree Ad gentes – which situates the catechumenate within the missionary action of the Church – is a valuable reference to the catechesis. (CGD 277)*

---

<sup>24</sup> DUGGAN, Robert D. and KELLY, Maureen A., *The christian initiation of children. Hope for the future*, ed. Paulist Press, New York/ Mahwah, 1991.

<sup>25</sup> BOURGEOIS, Henri, *Teología catecumenal*, col « Biblioteca litúrgica » nº 31, ed. Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona 2007 [original francés: BOURGEOIS, Henri, *Théologie catéchuménale*, ed. Éditions du Cerf, Paris 2007].

We do have the criteria, we do have the keys and also the clues. Now, it is up to us all, pastors and catechists, to launch ourselves into work. May the Lord who said to his disciples: “Go, among all nations and gather disciples, baptise them in the name of the Father, the Son and the Holy Spirit, and teach them how to follow what I have taught you. I shall be with you until the end of time.” (Mt 28, 19-12), be with us, blessing us with His Spirit to wisely take from His teachings *new and old things* (cf. Mt 13, 52), but mainly new and renovating things.

# **The missionary conversion of catechesis. The "First Proclamation" in the original Christian Community.**

CESSARE BISSOLI (\*)

The Church continuously needs to find her identity, especially when the historical situation becomes a challenge for her, that involves her to find out the means and her capacity to realize her own commitments, and hence the very legitimacy of the Church itself. The memory of the roots thus becomes a memory that is vital. Hence the re-reading of its origins is not a luxury, not even a pure archaeological research, but an act of vital memory, with marked dogmatic and pastoral repercussions. It is in this perspective that we present this paper with the intention of clarifying ideas better, to overcome stereotyped pamphlets, by carefully examining the sources.

## **I. INDICATIONS OF METHOD. FOR A CORRECT HARMONY WITH THE TIMES OF THE NT**

### *1.1 In the search for sense*

a) I am aware that the title of this paper could provoke in the exegetic a certain discomfort, and hence demands for a clear explanation.

In fact the question of the first proclamation in the actual sense is *a problem that came up in the laboratory of the catechist*<sup>1</sup>, starting from the

---

(\*) Priest, has a degree in Sacred Scripture from the Pontifical Biblical Institute in Rome and a doctorate in Theology by the Pontificia Università Salesiana. Professor in Biblical and Catechesis, is a consultant of the Congregation for the Clergy, coordinator of the Italian Biblical Apostolate, a member of the European Catechesis Team and the European Forum for Religious Education and has published extensive work, especially in the area of Biblical Studies.

<sup>1</sup> Cfr Gevaert J, , *Prima evangelizzazione. Aspetti catechetici*, Elledici, Leumann (Torino) 1990, 34-37

so-called *kerigmatic* reform of the 30s (J.A.Jungmann) with the purpose of reviving a catechetical practice (catechism) with a doctrinal bent which however was always less efficacious. Perhaps, today, more than before, at least in those countries of ancient Christianity, we are fully aware of that. From this the obligatory appeal to go to the roots.<sup>2</sup>

b) But going to the *roots*, or the *times of the NT*, one notices at once that the apostles were more aware of the need to proclaim rather than making a theory regarding the first proclamation; they were fully interested in the practical realization of the proclamation with passion (*parresia*) and consigned globally the fruit of their activity in the 27 books of the NT.

A researcher, hence, finds it difficult to respond with precision to the usual questions in the field of catechesis: what is 'first' and what is 'second' in the service of faith? Does the first proclamation, understood, as is obvious, in the ontological sense, hold a chronological priority as well, i.e. the 'first' in the temporal sense?

Was there a pre-evangelization before evangelization? And the catechesis, how was it differentiated from the first proclamation? Who then was the type of non believer to whom was directed the missionary preaching? Were they, in majority, the Hebrews and the observing proselytes?

c) The reason for the difficulties in giving a precise answer lies in the fact that there was a profound theological-temporal fusion between the 'before' and the 'after' Easter-event, between the historical times of the events and their written-elaboration (this is particularly true of the Acts of the Apostles, traditionally considered the main attestation of the first *kerigma* and on the other hand strongly influenced by the theological elaboration of Luke).<sup>3</sup> In

---

<sup>2</sup> The approach to the Bible today is different from the optic of kerigmatic catechesis. Today it is not a question of announcing the kerigma to the believers who are the subjects of catechesis, but of proclaiming it to the non-believers, as a decisive step for every deeper catechetical investigation.

<sup>3</sup> Today, in the NT theologies, there are two prevalent positions on the collocation and development of apostolic preaching: those who recognize, in the Church of the origins, a certain organic profile of the first proclamation (C.H.Dodd, L. Goppelt, P. Stuhlmacher); others do not see it so clearly, hence they limit themselves to exposing in a unitary way the post-Paschal preaching of Jesus, by examining it either in the testimonies of the gospels or in the Letters, in particular those of Paul ( J. Gnika, H. Hübner, G. Strecker) (cf . Segalla G., *Teologia biblica del NT*, Elledici, Leumann (Torino) 2006, 220-221)

synthesis, from the NT we receive a global content, in which every definition of first proclamation is within a determined historic-theological context. If we say, therefore, that the first proclamation has as central nucleus the memory of Jesus crucified and risen, it finds itself in close company with a bunch of other elements that deepen and enrich it. It is basically the application of the law which sustains the understanding of the NT, of the Gospels in particular: every work, every narration is strictly related to a vital (existential) ambience (*Sitz im Leben*) which supports and explains it.

*Some consequences:*

- To appeal to the NT to know the first proclamation means, in the first place, to accept as area of research the whole NT, in as much as it is the product of the apostolic proclamation, the basis of every proclamation in the Church, which means to see traces of it in the archaic parts of the Acts of Paul (as is usually done), but also in the elaborated treatment, again of Paul, of 1 Peter and also of the Letters of John, etc.
- But it is legitimate to hold a more concise reading of the sense of first proclamation within the NT itself, by distinguishing the contents according to a hierarchy of truths (not rarely within a priority also historical) which the same NT recognizes. Thus it is commonly accepted that in the preaching of the Acts there is an archaic thread which re-echoes immediately the first origins of the Church. It is a question of distinguishing without separating, and that which is distinguished is to be understood within contexts of vital, existential elements.
- In the third place, on this theme, as for every other theme on which we question the Scriptures, we do not receive straight and direct answers as prescriptions ready for use, but rather basic motivations and orientations to be *incultured* creatively in our situation.
- Thus there opens in front of us a chapter on pedagogy of faith which, aware of the present debate on the building up of the first Christian communities between the years 30 and 50, brings us to fix as first thing the apostolic preaching, with its scale of terms and documents, in its institutional profile (II) and successively to collect the quality of this service (III), in order to conclude with some annotation of the catechetical type (IV).

## II. THE APOSTOLIC PREACHING: PRESENCE AND MODALITY OF THE FIRST PROCLAMATION

In a noted article of the fifties, P. Benoit – but together with him we recall also the research done by his contemporary C. H. Dodd on the apostolic preaching – studying that which is called *kerigma* or initial proclamation, after examining the biblical texts, made a synthetic judgment which is still valid today: “Beyond the inevitable divergences – so very fruitful – that characterize the theological elaborations of the various authors of the NT, there exists a fundamental datum (=the *kerigma*) from which all begin, on which all construct and which all begin to preach when they desire to convert the world to the belief in Christ. This datum present in their lips and their writings, has formulation already very homogeneous, deriving from the same simplicity of the message and from the frequency of its repetition”.<sup>4</sup>

In fact if the message is simple and unitary, the way to reach and express it as it merits, drawing it from the vital womb of a church and not making it an abstract formula of truth, appears more complex. In other words, that usual way of saying that the first proclamation or *kerigma* of the death and resurrection of Jesus is true, but poor, because it is cut off from its vital genesis.

Concretely, from Benoit and Dodd onwards, in a way always more articulate and profound, the diverse pieces of the global mosaic we can propose are as follows: the genesis of the Church in its origins (2.1), the elements that constitute it (2.2), the configuration of the first proclamation or *kerigma* (2.3; 2.4), the contents which express it (2.5).

### 2.1 “The Church in its origins as a community of living memory”<sup>5</sup>

a) The *memory* of Jesus, sealed by the experience of the risen Lord, stands *at the origin of the Church* and in this Church is conserved, cultivated and lived. The Church appears as a community of living memory. We read

---

<sup>4</sup> *Le origini del simbolo degli apostoli nel Nuovo Testamento*, in *Esegesi e teologia*, Paoline, Roma 1964, 476(orig., *Les origines du symbole des apôtres*, in *Exégèse et théologie*, vol. 2, Cerf, Paris 1961, 193-211. V. also Dodd C.H., *La predicazione apostolica e il suo sviluppo*, Paideia, Brescia 1973 (orig *The Apostolic Preaching*, Oxford 1935).

<sup>5</sup> It is the formulation of G. Segalla; here we make use of his line of thought expressed in his recent and excellent *Teologia biblica del NT*, cit., 222-270 (here 222).



the idealized narration of its beginnings in Jerusalem and later in Palestine (Antioch...) in the first chapters of the Acts (1-10) and have traces of it in the Letters of Paul.

b) The first community has as *central and authoritative nucleus* “the Twelve” with Peter as head: it constitutes the historic-symbolic nucleus which has the function of transmitting the testimony of the resurrection and the whole public mission of Jesus: his conduct of life, his actions and his words. “This original intention which closely binds the configuration of the community to the memory of the historical Jesus and to the testimony of his resurrection has to be taken seriously”<sup>6</sup>. The first discourse of Peter on Pentecost, Ac 2, and later in the house of Cornelius, Ac 10, with their coating, commonly recognized as archaic, are clear confirmation of the same.

c) This Christian community manifests a dense conscience of itself: it self-defines as “Church (of God)” (Ac 5,11) with the desired reference to the *qahal* or assembly of the OT (Dt 5,22), and is perceived as *the community of salvation* convened by God through Jesus, the Messiah, the nucleus to whom Israel ought to aggregate itself, as they are also called to the eschatological salvation. The eschatological tension, basically ecclesiological (and also Hebrew), strongly marks the *kerigma*. The waiting for the coming of the Lord enters in the definition of the first proclamation, but its theological and existential intensity do not seem to be rightly understood today, a rather extraneous datum.

d) Also from the beginnings there took place a *dramatic turning point* that marks in a specific way the missionary vocation of the Church and her very preaching: the official Judaism rejects the intention of the Twelve as a betrayal of the Torah and of monotheism itself. This brings about a fundamental process of openness of the Church to the pagans, “baptized in the name of Jesus Christ” (Ac 2,39; 10,48) who thus become part of the “Church of God” as the Hebrew Christians. We know the stages: Peter with Cornelius, then the Jewish Greeks of the Diaspora with its centre in Antioch, where we find Paul and Barnabas, and finally the entry in mass of the ‘gentiles’. This determined a theological bend and a pastoral determination of fundamental importance: a progressive overcoming of Jewish rigidity as well as the affirmation of the

---

<sup>6</sup> O.c., 224.

rooting of the memory of the Risen Jesus in the biblical patrimony. The recurring leitmotiv "*according to the Scriptures*", which we notice set in the formulas of the first proclamation, affirms what we mentioned above; later, from the pastoral point of view, in the council of Jerusalem were set not a diversity of proclamations, but certainly two diverse strategies of the mission: that of the Hebrews, reserved for Peter, James and John, and that of the pagans, consigned to Paul (Ga 2, 9-10), with a necessary, different modulation of the same *kerigma*.

## *2.2 The facts that build the Church*

a) In this historical framework of the origins there remains to mention the process with which the "Church of God" builds itself: it is such a vital ambience that stimulates and sustains the proclamation. First of all we notice a clear *missionary exigency*: just as the Master has done, it is necessary to continue to 'say' his gospel which is now but the same person of the Lord. The missionary tension itself colours everyone of its specific acts. Usually it is called in the texts of the NT with the term "evangelize" (gospel, evangelization).<sup>7</sup>

b) Such evangelization comprises, and intimately united, *the Word, the sacrament, the life*. A clear attestation of it we find in Acts 2: the advent of the Spirit is the act of the begetter (2, 1-13); the preaching of Peter is the solemn proclamation (*kerigma*) of the death and resurrection of Jesus that motivates and invites to follow him (2,14-36) (preaching that has its own continuity in the *didachè* or successive catechesis); the welcoming takes place through conversion, ratified by baptism (2, 37-41); finally, begins a new life, personal and communitarian, which expresses itself in a new praxis of love capable of destroying all social inequalities and religious divisions (2, 42-47). "All of these three important pillars (preaching, conversion/baptism, and new life) point to the memory of Jesus and are qualified by this memory".<sup>8</sup>

Before turning more directly to the identity of the proclamation, we notice the strict interdependence between these acts. So to say, they enter to form part of the first proclamation which refers to the founding events, generate attitudes, arouse behaviours, and produce continuity of belongingness and style of life following in the steps of the first community.

---

<sup>7</sup> The article of P.-A. Liégé, *Évangélisation*, in *Catholicisme*, IV, 1954, col 755-764 is still (considered) fundamental.

<sup>8</sup> Segalla, o.c., 238.

Keeping this frame in view, in order to guarantee the authenticity and completeness, some speak today of pre-evangelization. Some hold that this is necessary, but it is to be mentioned that it is difficult to separate it from evangelization: just think, for example, only of Paul's discourse at Athens (Ac 17,16ff.). It is better to say that where such a thing takes place, it is an evangelization *in progress*.

### 2.3 The *kerigma*, the 'second memory' of Jesus.

a) Today in a moment of structuring the theology of the NT and concerning the central and unifying axis of the galaxy of the 27 books, many propose, *the thread of a vital memory*, of which is subject the original or apostolic community.

Hence underneath the usual temporal scanning "mission of the historical Jesus – apostolic preaching – creation of the writings", is evident the working of a vital interaction between the three moments, which brings about a triple form of memory: the "first memory" which is the basic memory, regarding the earthly mission of Jesus, which is followed by the event of the resurrection; the "second memory", which is called the Easter *kerigma*, which will be followed by the "third memory" (the writing of the 27 books of the NT)<sup>9</sup>.

Always taking into consideration always of the memory of the same Jesus, it ought to be said that every level of memorial is indispensable: hence it would not be possible to say that the narration (story) of Jesus of the gospel is more important than *kerigma* of the Easter Jesus or of the theology of the single books, or that the *kerigma* renders secondary the memorial of the earthly Jesus and that is negligible the theological elaboration of the diverse books, or vice versa. The meaning to be communicated is that of the theology of Mark, or of Paul, or of John instead of the rest. In reality evangelization accomplishes itself with the totality of the levels, and the first proclamation, conjoined usually with the *kerigma*, integrates itself with the others.

b) On the other hand, of these three levels of memorial, a specific attention is given to the "second memory", to the memory of the *kerigma*, because it deals with a component of fact that appears in the apostolic Church from the day of Pentecost. That is, with the event of the resurrection of Jesus the

---

<sup>9</sup> Idem, 73-85.

Church has been implicated in, by an unheard of event, but real, that founds and reveals the definitive truth of the person of Jesus. The resurrection therefore is not understood as a fact for coming closer to the life and death of Jesus, but as interpretative criteria and historically completing all that precedes and follows, and all the more, that which stimulates and influences the first memory (it is known that of the earthly Jesus all is presented in the light of Easter) and together is influenced (the Risen is Jesus of Nazareth and in his death lies the secret of his resurrection), for which death and resurrection form the unitary *kerigma* of Easter.

c) The first predication encloses all that which is found in the formulae dispersed in the various texts: the more ancient formula is "*Jesus Christ is risen from the dead*" (cf. Mt 28,6; Mk 16,1; Lk 24, 6.34; Ac 2,24; 3,15; 13,34; 17,31; 1Co 15,4; 1Th 4,14).

The formula that is most known, very ancient as well as dense, is the known *kerigma* of 1 Co 15,3-8, definitely pre-Pauline in origin ("I have transmitted that which also I have received") where strictly united are resurrection, death for the sins, the connection of both to the Scriptures, the reference to multiple attestations (apparitions) of historical order, from which all follows the prospective of a happy future eschatology and therefore the validity of the choice of faith in the Lord Jesus. A theological constellation constitutes itself around the memory of the Risen Jesus, by giving to the *kerigma*, that is proclaimed, a weight of which perhaps little is attended to.

d) The *kerigma* in fact is like a *seed which grows and develops what is implicitly present in itself*.

The books of the NT are authorized comments of this. So is noted the passage which is completed by the affirmation of the resurrection of Christ as revenge against the ignominious death at the hands of the Jews (cfr Ac 2,23-24), to the affirmation of the resurrection precisely thanks to the death of Christ in as much as revealing of the great love which he manifests in it for us (Ga, 2,20; Jn 3,16), for which death is included as an essential factor of the *kerigma*, but although an unfortunate event, it is testimony of an unheard of love.

Also the increasing reference to the Scriptures allows all the more to collocate and comprehend the *kerigma* in the great project of salvation by

God who embraces the whole history. This leads to the recalling of the action of the Trinity and to explicate the required attitudes (conversion), fulfilled in the rite of passage, of Baptism into a new life. We have already mentioned it and we shall see it further in the successive expressions.

In the meanwhile we can conclude that the “memory of the resurrection of Jesus becomes a focal point and a catalyst of theological truths, which connect his person with the world and the human history: the death and resurrection as a unitary and transcendent event, the resurrection as elevation and glorification of Jesus, the elevation of the Christian to new creature, and, finally, the unification of history in the retrospective of the creation and in the prospective of the *Parusia*, in function of reconciliation, and human and cosmic peace”.<sup>10</sup>

To enter into the *kerigma*, according to the NT, is not certainly to enter by the easy door, obviously, of the Christian faith, but from the highest point of view, extraordinarily elevated, which consists in seeing and understanding all. For this evangelization does not only serve as a step in the process of becoming Christians, but will be constant light for every service of the Word, also of catechesis and permanent formation. In this sense every proclamation is called to transpire the first proclamation. In particular the first proclamation (which brings about the gift of faith) wants with it a specific phase of *mystagogy* (gift of faith reached by the first proclamation).

#### 2.4 The expressions of the memory of Jesus. The forms of *kerigma*

In reality there does not exist any book of the NT in which we find the *kerigma* in its pure state. The authors have tried to describe it in the ecclesial traditions, the so-called pre-writing, starting from “The catechism of the primitive Christianity” of A. Seeberg (1903). The actual research brings to significant orientations, of which we give in synthesis the results.

a) As we have said, the *kerigma* represents the ‘second memory’ of the content of faith, or the memory of Jesus of Nazareth, i.e., the risen Lord, formulated by the Church in the living of her mission. The *kerigma* appears therefore – it’s important to underline it – not as repetition of some revealed truth, but as *reply to the memory of Jesus*, a thought-out reply, accurately

---

<sup>10</sup> Cfr. Segalla G, *o.c.*, 215; 217.

formulated, solemnly proclaimed, devoutly celebrated in her cult, lived out in her daily life. It is implicit, but so evident, the existential involvement of the one who announces and the one who listens.

b) For this vital responsorial character, the *kerigma* is expressed diversely in the single communities, remembering in general lines that in the Church of its origins there existed a *socio-religious pluralism* as much as the Christian proclamation opens itself to the peoples, therefore more marked in the Hellenistic world (of Paul) than in that of the Judaic. Classical example of this is the differentiation of the *kerigma* for the Hebrews and for the gentiles. Peter, who speaks in Jerusalem, and Paul, in Athens, would make exemplary icons. It regards not making separations and antagonisms, since as common basis it makes use of a Hellenistic Judaism, matured already in times before Jesus (M. Hengel), anchoring instead the distinction of the same proclamation to the differences of situation.

c) Sign of this pluralism are the many expressive forms. Four are the principal forms, which can be ascertained through the historic-critical method: the narrative forms, the brief formulas, the formulas of faith, and the hymns. A word on each of these.

- *The narrative form* is concentrated in the Book of the Acts: although recognizing the profound elaboration by Luke, original traditions, particularly emerging in three emblematic narrations, interrelate with one another: the event of Pentecost with the discourse of Peter (v. above in 2.2), Peter in the house of Cornelius (Ac 10, 34-43), Paul in Antioch of Pisidia (Ac 13, 16-41). It can be noticed, especially in the first two cases, the reference to the life of Jesus as source of saving significance which requires the decision of faith. Hence it is clear that the second memory cannot nourish itself from the first memory of the earthly Jesus, to whom hence is irresistibly attracted in the orbit of the first proclamation. There cannot be the first integral proclamation without the narration of the history of Jesus. It is what they do in extended form in the four gospels, i.e., the true *kerigma* extended to their own roots. Precisely for this intrinsic connection, today reflecting on the apparent absence in the original *kerigma* of the motif of the Kingdom of God so dear to Jesus, attempt is made to recuperate the presence in the significance to give to the resurrection and to the eschatological openness, decisive signs for the coming of the Kingdom.

- In the second place there are the *short formulas and the formulas of faith*. They are diversely considered by experts, but have as essential content Jesus as Lord and his mission of salvation, with an implicit invitation to personal participation.

The *short formulas (or kerygmatic formulas)* synthesise the traditional faith. It is thought that their origin has been from the liturgical celebration, in particular Baptism. The most noted texts of reference are: 1Co 15,3-8 (already seen), 1 Co 11, 23-25 (regarding Eucharist); Rm 1,1-7 (prologue to the Letter); Rm 3,25; 4,25; 1Th 1,9-10; 1P 2,22-24. They confirm the will to guarantee an orthodox fullness of ideas in conducting one's life.

*The formulas of faith (or formulas of confession)* involve directly the person who pronounces it. The shortest and most ancient is "Jesus, Lord (*Kyrios*)" (1 Co 12,3) with a deep biblical (God as Lord in the OT) and testimonial resonance (only Jesus is the Lord, and not the emperor of Rome).<sup>11</sup>

- Finally there are the *Christological hymns*. The three major ones are: Ph 2,6-11; Col 1,15-20; Jn 1,1-18. Short hymns (doxologies) or traces of them are seen in 1 Tm3,16; Heb 1,3; 1 P 1,18; 3,18.22. Today it is considered that the 'second memory' is more innovative than the 'first memory' of Jesus. They are the more elevated and involving form in the celebration of the memory of Jesus, in as much as they express it not so much as chronicle of dates, but, going through the marvellous works of Christ, 'they sing him very intensely' as "inaugural event", with the power of the new-born state. As hymns, with singing included, to be expressed in assembly, they become means for enthusiasm and action. They represent the first unitary celebrative answer to the narration and proclamation of the memory of Jesus. In certain sense it is here that the *kerigma* finds its better breath, indicates its nature of enthusiastic reflection of the faith and provokes all the more the involvement of the participants.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Other texts : Ac 8,37; 1Th 4,14; 1Co 8,4-6; 16,22; Rm 10,91; 1Jn 2,22, 4,15, Heb 13, 21, 2P 3, 18, Ep 4,4-5.

<sup>12</sup> Today it is recognized that these hymns contain the quality of "intra-testamental generative module" in as much in the horizon of their poetic content (celebration of Christ as inaugural event) they configure the interior structure of the 27 books of the NT. So to say, without the hymns the understanding of the kerigma and the successive books more than being erroneous, appears to be cold, lifeless, extrinsic. Cfr. E. Haulotte, *Formation du corpus du Nouveau Testament. Recherche d'un 'module' génératif intratextuel*, in C.Theobald (dir.), *Le canon des Écritures.(...)*, Cerf, Paris 1990, 225-439. V. SegallaG., o.c. , 251; 266-8.

### *2.5 The kerygma in its context. Final synthesis*

For reasons of completeness, we will gather together simply the material contents that emerge from the multiple forms of the *kerygma* or (first) evangelization. In truth it is more of an artificial operation, because precisely in the *kerygmatic* phase of the proclamation the medium (as context and as expressive modality) enters to be essential part of the message, for which we shall refer to the successive point for a more elaborate systematization.<sup>13</sup>

- The fact of a proclamation that communicates something to someone becomes the door of entrance.
- Such a proclamation takes place through direct personal testimony or is transmitted within a community of living persons, with a multiplicity of narrative forms, doctrinal (short formulas) and hymns, in adherence with the different religious and cultural situations.
- The person of Jesus Christ, as risen from the dead (Jesus the Lord), remains at the centre, through the work of God (the Father) in the decisive action of the Holy Spirit.
- It represents the final act of a life history which starts off with the Baptism of John.
- With the opening to a future of definitive or eschatological fulfilment of salvation.
- According to a plan intended by God ('according to the Scriptures') which includes as permanent prophecy the history of Israel.
- The effect is liberation from condemnation and the gift of salvation of the person, in his new situation as son of God, in his journeying towards eternal life.
- He who receives the proclamation is invited to make a decision to assume the serious profile of a conversion (*metanoia*) from all that is not of Jesus

---

<sup>13</sup> The experts of catechetical have tried to cut [per thread and per sign] the profile of the first proclamation or first evangelization by referring it to esteemed and paradigmatic NT citations like 1Th 1,9-10, considered the most ancient textual form, Ac 14,15-17; 17,16-34; Heb 6,1-2; cfr Gevaert J. , *Prima evangelizzazione*, 63-71



the Lord, in order to be fully of Jesus the Lord, through the sacrament of Baptism, the belongingness to the community and the assumption of a style of Christian life - with continuity in the catechistic, sacramental (Eucharist) understanding and of a life of fraternity. In the permanent influence of the Holy Spirit.

### III. THE QUALITIES OF THE KERIGMA IN THE NT. A JOURNEY TOWARDS IDENTITY.

3.1 “*The first proclamation*” is a modern term which – in the NT – has its substantial basis *in the kerygma*. This has its roots in the apostolic preaching that followed after the resurrection of Jesus from the dead, to find later diversified codification in all the books of the NT. The Christian of the origins without the *kerygma* or the first proclamation would have missed the very fundament of the edifice of faith, the key of his understanding, that is, the reason for being believers, but without the totality of the edifice constructed in the 27 books of the NT, the same kerygma would have remained fragmented and partial, inadequate to tell how believers should be.

In effect the *kerygma* which has as its centre the death and resurrection of Jesus, knows two interpretative expansions and therefore very pertinent as well.

- The first is given by the earthly life of Jesus with his mission of the Kingdom, always recognised as the ‘cause’ of Jesus and which originates with him and with him continues
- The second expansion goes further, comprises the history of Jesus as prophecy, while the future has already begun with the eschatological-messianic times that assure his (second) coming.  
“According to the Scriptures” is the official point of this historic-theological passage from yesterday to tomorrow within which we understand ‘the today’.

It is to be kept in mind that the expressive and content-wise conclusion of the trajectory of the *kerygma* is the Symbol of the apostles.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Is the thesis of P. Benoit, a.c., 486-487.

The attributive roll to the dynamism of the 'memory' in the elaboration of the contents of the NT appears to explain better the complex process and manifest the existential incidence.

3.2 The *kerigma* is more than a static datum, a blocked statement of doctrinal truth, is instead a solemn proclamation (*kerigma*) of the Gospel of God who is Jesus Christ (Gospel, evangelization are the predominant terms), i.e., *proclamation of an unheard "inaugural Event", is charged with a dynamic power, as a big bang* from which originate the mission and the life of the Christian community. This brings to some annotations:

a) In the heart of the confession of faith, 'Jesus the Lord' resounds one who is victorious, of vibration, of enthusiasm, because, as in the song of Mary in Es 14, the overcoming of great obstacles like sin and death as alienation from God is proclaimed, and the assertion of Jesus as the absolute protagonist for the salvation of every man.

There is also a *polemic resonance* for those who have attempted to prevent him even to the point of killing him: the Lord is one who is risen from the dead. And death, expressed preferentially in the NT (Paul) with the figure of the cross, is to be understood not as a terrible and horrible handicap to be forgotten as early as possible as a nightmare, but as a proof of total love, from which comes the resurrection. Since the love of man, even to the extend of giving his life, is powerful, Jesus is the Lord of life. The cross is the essential foundation of the resurrection. The resurrection is the authentic and accomplished hermeneutic of the cross.

b) Because of the promise of salvation that brings with it, the *kerigma* is by its own nature an *appealing proclamation* and therefore it is a call to make a free choice which goes from conversion to a progressive identification with the mystery of Jesus the Lord, thanks to Baptism and the Eucharist, through adhesion to the Church. The first proclamation is rooted within the life of a community, to which it is announced and in which, as an event between persons, it configures itself and lives. In the name of the Father, of the Son Jesus Christ, of the Holy Spirit. In an atmosphere of fervour, of joy as the Pascal *Exultet*.

c) *The kerigma and the mission of the Church* are indissolubly united: the Church exists for the proclamation and the proclamation gives the genuine

profile of the Church of Jesus Christ. The diverse localization of the proclamation attested by the NT, from Jerusalem to Samaria to the confines of the world (Rome), state the historical truth of this *kerigma* which by nature is missionary. The Spirit of Jesus or the Holy Spirit becomes the director of this *kerigma* and of its works.

3.3 *The kerigma reflects the ambient of composition* without which its understanding remains abstract and can be fatally manipulated. This aspect is placed in prominence from the plurality of the expressive forms, from the diversified connotations of the proclamation (the Hebrew world and the pagan world), from the progressiveness in the same process of proclamation (cf 1Co 3, 1-3; Heb 6, 1-3).

The 27 books of the NT are not anything but amplified codifications of the *kerigma* (Mark with a special connotation, qualified by someone as the 'gospel of the catechumen'), but always in a circularity for which it passes from Jesus as Lord of the first proclamation to Lord as Jesus of the gospels.

All this expressive variety indicates at the same time the "great mystery" announced by the *kerigma*, the full acceptance of which takes place through initiation, and together with it the necessity for creative adaptation (*inculturation*) in times, places, and persons. One can reach Jesus through one way only, but it cannot be said in the same manner.

#### IV. PASTORAL REFLECTIONS

4.1 We started off with the awareness of certain uneasiness in having to confront themes arising from the agenda of modernity, with the fear of being under *the pressure of having to discover from the origins of Christianity a systematic and well defined frame* which responds to our question on the first proclamation, almost a sort of password with guaranteed effect. Actually that is not materially possible, on the level of critical research, due to differences from the cultural and pastoral points of view, but also for an intrinsic, dogmatic and pedagogical exigency, i.e., to leave to the Church the possibility for a healthy creativity in finding ways that are more adapt. The pluralism of the origins is a precious indicator. There exists the possibility of being materially faithful to the NT, but not being existentially faithful. The contextual component renders real the first proclamation. The first proclamation is that which resounds as such for those who have received it and it is seen as such from the way they have received. Here it would be very

useful to make a confrontation with the various forms of the first proclamation that are in use in the Christian communities of today.

4.2 On the other hand, wisely observes Dodd, the *danger* of "extracting from the NT some passages that seem to have a 'modern' form and proclaim that they are the "permanent element" due to their apparent congeniality with our mentality is subdued. The commitment to follow systematically the confrontation with the gospel of the first Christian community, also in the forms and positions that are less congenial to the modern mentality, inevitably brings us to reflect not only on the gospel but also on our preconceived positions".<sup>15</sup>

4.3 *In the actual situation* of communication of faith, the first proclamation receives from the origins a precious input: the genesis of faith manifests itself, *thanks to an intense interpersonal rapport*, between Jesus and the disciples, between the Apostles (Peter, Paul) and the first Christians. This underlines the fact that in the proclamation what is of primary importance is not information, but a vital and radical relationship, which can be truly described as "generation". In such a process it is necessary to recognize that it is already the effect of first proclamation which opens up ones attention towards it.<sup>16</sup>

4.4 *In the field of catechistical communication*, the *kerigma* is not proposed as a formula closed in itself, but as a window that opens itself to the totality of the Gospel, by offering a hierarchical and articulated principle, under whose light is to be understood everything, namely: the Lord is Risen, because he died in that way...since he lived in that way..., according to the great plan of God, according to the Scriptures. This calls for a personal involvement with multiple experiences: proclamation, liturgy, community life under the sign of communion and service, cultural adaptation.

In this way, one can fruitfully go from the exploration of the first proclamation in the Bible to the way to present the Bible in service of the first proclamation.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> *La predicazione apostolica*, 88.

<sup>16</sup> Cfr Theobald Ch., *C'est aujourd'hui le "moment favorable". Pour un diagnostic théologique du temps présent*, in *Une nouvelle chance pour l'Évangile. Vers une pastorale d'engendrement*, Lumen Vitae-Novalis, Bruxelles 2004, 47-72.

<sup>17</sup> Cf. Bissoli C., *La Bibbia nella prima evangelizzazione*, in *Catechesi* 71(2002)16-23.

*Bibliographical indications*

Benoit, *Le origini del simbolo degli apostoli nel Nuovo Testamento*, in *Esegesi e teologia*, Paoline 1964, 476 (orig., *Les origines du symbole des apôtres*, in *Exégèse et théologie*, vol 2, Cerf, Paris 1961, 193-211).

Dodd H.C., *La predicazione apostolica e il suo sviluppo*, Paideia, Brescia 1973 (orig. *The Apostolic Preaching*, Oxford 1935)

Gevaert J., *Prima evangelizzazione. Aspetti catechetici*, Elledici, Leumann (Torino) 1990.

Gnilka J., *I primi cristiani. Origini e inizio della Chiesa*, Paideia, Brescia 2000 (orig. *Die frühen Christen. Ursprünge und Anfang der Kirche*, Herder, Freiburg..., 1999).

Liégé P.-A., *Évangélisation*, in *Catholicisme*, IV, 1954, col. 755-764.

Schmitt J., *Prédication apostolique*, in *DBS*, VIII, 1972, col. 246-273.

Segalla G., *Teologia biblica del NT*, Elledici, Leumann (Torino) 2006.



# Basic approaches to the first steps of proclamation in East Germany

## Preliminary reports

GUIDO ERBRICH (\*)

Ladies and Gentlemen,

Probably it was not haphazardly that you decided on the four field reports concerning the approach to the first steps of proclamation, which will be discussed in this congress on the missionary dimensions of catechesis. As I am assuming that amongst us there are pessimistic as well as optimistic viewpoints of the present situation of the Church, I suggest a preliminary report on the situation in East Germany, where both approaches will be considered.

### ***a) pessimistic version : worst case Church scenario***

When questioned about the situation of the Church in the former German Democratic Republic (GDR) the evangelical religions sociologist, Ehrhart Neubert, answered:

*“What we took over from the German Democratic Republic in 1990 regarding the Church is extensive destruction. I cannot be calmed by an illusion. In Berlin, only about one percent of young people still belong to the Church. I could say more, for the process of erosion has gone much further. We know that during the era of the German Democratic Republic, the Church would have broken down organisationally without money from the West and that today we would not be viable. That is the catastrophe of the Church.*

---

(\*) Guido Erbrich studied theology at Erfurt, Prag and New-Orleans during 1990-1996. Now he is director of studies (Studientleiter) in the academy of the diocese of Dresden-Meißen and director of the “Catholic Adult Education of Saxonia”.

*Why do we not just accept this? From these ruins, from this pain which I feel we must search why this happened and how we can deal with this.”<sup>1</sup>*

***b) optimistic variant: a pastoral field experience as an exemplary model***

If someone in East Germany to the question “do you believe in God” receives the answer “no, - I’m quite normal”, they will most probably have met precisely the sort of person theologians label as “unreligious”. Whoever then in this setting understands the following quotation from the West German pastoral theologian, Dieter Emeis should take notice, for it is curious that this alleged initial post communist position should also have a meaning for the West. *“There is a certain experience in the new West German states that becomes important for the former ones ... already the former states are now carefully observing when some new form of liturgy is being applied in East Germany ... as also special offers for non-Christians ..., who are searching for meaning and expecting an encouragement for their life.”<sup>2</sup>*

This quotation seen from another point of view, quite clearly tells an East German: “There where we (East Germans) are now, you (West Germans) will soon be”. The present exceptional circumstances in East Germany are the anticipation of a situation, which could become reality in the whole of Germany, and to which many would like to shut their eyes. In certain circumstances, there are also experiences, which are interesting in the European context and if only to be prepared for the end of supposed popular Churches and dogmas of faith.

The situation in East Germany is therefore at least a challenge to the whole of Germany. Only in the Czech Republic and in Sweden is there a similar (non) religious environment of a comparable size. There the experience in the “former GDR” can help find a possible dialogue for a first proclamation approach.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Ehrhart Neubert in the research commission « Aufarbeitung von Geschichte und Folgen der SED-Diktatur in Deutschland » of the German Bundestag on the situation of the Church in the former German Democratic Republic..

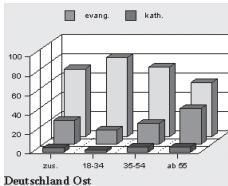
<sup>2</sup> Dieter Erneis, newspaper interview in « Tag des Herrn » 2/2004.

<sup>3</sup> Compare report by Paul M. Zulehner and Hermann Denz « Wie Europa lebt und glaubt » (Vienna 1993).



## I. Situation

### Situation 1: Data, history, setting



The present situation in **East Germany** is the result of a historically almost unique process. Within only 40 years, a centuries-old Christian environment collapses like a house of cards. Plainly expressed in figures: 95% Christians in 1949 to - positively estimated - 25% Christians of the total East German population in 2008.

Irrespective of the question as to how Christian a popular Church environment is a reality and could be so,<sup>4</sup> this “religious catastrophe” has taken place here and the Church so far has still not recovered from it. Neither is a recovery in the traditional Church meaning in sight.

Today we act on the assumption that there are about 4% Catholics and about 21% Evangelical Christians in East Germany. The tendency is downwards, since the figures for Church funerals are above the figures for baptisms.<sup>5</sup>

A survey describing the whole German situation can be seen in the life-priority report “Religiöse und kirchliche Orientierungen in den Sinus-Milieus 2005”. It describes how the Catholic Church in German society is less and less present. Moreover, it is registered at the most in three of the ten social life-styles in Germany. They are those of the traditionally rooted and the conservative life-styles of the bourgeois middle-class and, in part only, the post materialists.<sup>6</sup> With these results the report, commissioned by the

<sup>4</sup> A typical East German Diaspora joke about the Bavarians and their Church : « *Bayern ? Lauter Katholiken, wenig Christen* ». (*Bavaria : full of Catholics, few Christians*). It makes the point from the point of view of the Diaspora that: The Church does not necessarily produce a Christian environment. It is also understandable in the setting since East Germany today is as unreligious as the Bavarians are Catholic.

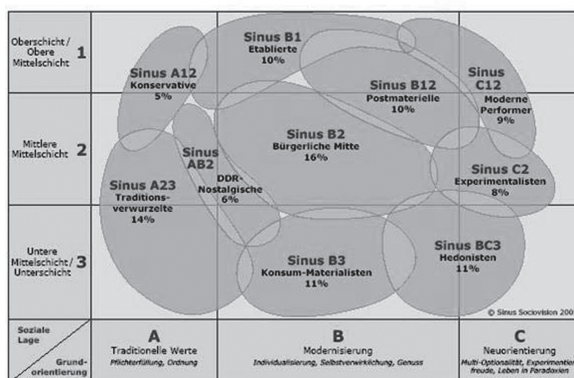
<sup>5</sup> For an impressive description of the East German situation see : the article « Gott nach dem Kommunismus » from the pastoral Forum in Vienna « Religion und Kirchen im Ost (Mitte)Europa. Deutschland-Ost” (Karl Gabriel, inter alia; Ostfildern 2003).

<sup>6</sup> The Church therefore is above all a point of reference of people who believe in traditional values, such as doing one’s duty, order and family. Church doctrines still apply and connection to the local parish is strong. Church attendance is regular or often at Sunday services and people desire a sociable, harmonious, “loose” and not too moralising and politising “church family”.

pastoral commission of the German conference of Catholic bishops, confirms as suspected in the Church and obvious for years, that there is a massive withdrawal of further parts of society from the Church.<sup>7</sup>

## The Sinus life-style report in Germany 2005 Social situation and basic orientation

Die Sinus-Milieus® in Deutschland 2005  
Soziale Lage und Grundorientierung

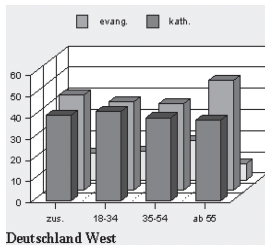


The gain of knowledge from this study compared to analysis attempts carried out before now comes from the fact that it becomes much clearer as to which people have become “Church distant” and which ones recognise the Church and for which reasons.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Most of those consulted among the modern and younger populations associate Church with backwardness, immobility and small-mindedness – and have little connection to church services and commitment. On the other hand, the report finds potential in people with a more modern life-style. In a post-modern environment there often seems to be a certain sympathetic potential behind the harsh criticism. Thus, many of those questioned wished for a Church that is not hidden but appears self-confident and using modern methods. The report recommends taking more into consideration various social priorities, life-styles and attitudes and to be better geared towards various target audiences. Important too should be “stylistical openings” concerning music, aesthetics and forms of church services. General view of the report [www.wochenzeitung.paulinus.de/milieu.htm](http://www.wochenzeitung.paulinus.de/milieu.htm). The handbook “Religiöse und kirchliche Orientierungen in den Sinus-Milieus 2005” can be obtained at MDG, Postfach 201417, D-80014 Munich, also: [www.mdg-online.de](http://www.mdg-online.de).

<sup>8</sup> «The report also helps to confirm a change in perspective: the ten life-styles questioned focus their view on the Catholic Church and formulate their demands and their questions. Read from this point of view, the report helps to give a sharper insight and motivates new considerations in the planning of the pastoral.» (Summary quoted from a press release by the archbishopric of Cologne.)

For East Germany, this approach based on market research is rather unusual. The result of there no longer being any or not much attachment to the Church in many life-styles will certainly not be a great surprise to anyone. In the meantime, “generations of Christians” have become those adults for whom this worldwide almost unique “non-religious» situation belongs to normality and hardly causes any shocks.



For comparison: the situation in **West Germany** In the West, too there is a decline of confessional attachment, however not in the same dimensions so far as in East Germany. In the West, about 42% are Evangelical (East 20%), 40% Catholic (East 4%) and 23% without any religion (East 70%).

### ***Situation 2: No reason for pessimism – approaches for a first proclamation***

The Viennese pastoral theologian, Paul Michael Zulehner, writes: “*The situation of the Catholic Church is, statistically speaking, so precarious that in taking risks, it can lose nothing, only gain. This small tight-knit Church is in the interesting situation of possibly becoming a pioneer-like missionary Church.*” To put it concisely, Zulehner is claiming that the Church in East Germany is tentatively trying to cope. Nevertheless, these requirements are there and are partly taken as examples. Zulehner amplifies: - and with that, after having described the situation, we arrive at the starting position of the first proclamation:

*It (i.e. the Church in East Germany) can take big chances by meeting up with people who have become atheists, with religious illiterates, when testing how to make the Gospels enter into the biography of people who – through no wickedness or fault of their own – have never even been in contact with the Gospels. East Germany and similarly the Czech Republic are so to speak pastoral biotopes, where such things can be tried out which could become crucial for the survival of the Church in Europe.”<sup>9</sup>*

In his perspicacious conference “Religiously Deaf“, the Erfurt philosopher and priest, Eberhard Tiefensee, talked about pastoral consequences. He

<sup>9</sup> Interview in « Tag des Herrn », edition 6/2001 : Project : “Aufbruch” on the religious situation of the former Eastern block.

describes East Germany as a “missionary country”, where, for the first time, Christian preaching is encountering a stable non-religious environment. Annoyingly, this setting has so far proved to be highly resistant to missionary efforts of all kinds. Unfortunately, because of this, over the years a certain mentality has developed within the Christian community that can hardly be considered as “missionary”. *“Most members of the Church ... tend, within the framework of the Diaspora with its family-like community structure, towards a perpetuation of proven fortress-mentality, which however need not exclude public engagement of the individual. All in all, a more or less veiled helplessness prevails. Helplessness however is not resignation, although at times it may well appear as such.”*<sup>10</sup> However, Tiefensee continues, *“in no way is the awareness extinct, that the task of Christians is also to adapt, if necessary, the status quo...”*<sup>11</sup>

For these changes, he specifies prerequisites calling for a different approach to proclamation. They are more readily comparable with the slogan of the French bishops: “Proclaiming the faith in today’s society”.<sup>12</sup>

In a nutshell, Tiefensee calls for:

All initiatives - whether called mission, evangelising or re-evangelising - must be careful that they:

- a) do not underestimate the abyss between the ecclesiastic proclamation
- b) and the non-Christians who are being addressed
- c) that they abstain from depreciating the other side and that they clarify their goal without hiding their own weaknesses.”<sup>13</sup>

***a) Not to underestimate the abyss between the ecclesiastic proclamation and the non-Christians being addressed***

This abyss is usually underestimated, “as both sides have only a limited capacity to put themselves in the place of the other. ... Many an experience

---

<sup>10</sup> Eberhard Tiefensee, « Religiös unmusikalisch » quoted according to [www.uni-erfurt.de/tiefensee/Relig%F6s\\_unmusikalisch.pdf](http://www.uni-erfurt.de/tiefensee/Relig%F6s_unmusikalisch.pdf).

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> («Proposer la foi dans la société actuelle») (“Proposing the Faith in today’s society”) is the title of discussions started by French bishops in their country in 1994 with “Letter to the Catholics in France”.

<sup>13</sup> Eberhard Tiefensee, « Religiös unmusikalisch » quoted from [www.uni-erfurt.de/tiefensee/Relig\\_i%F6s\\_unmusikalisch.pdf](http://www.uni-erfurt.de/tiefensee/Relig_i%F6s_unmusikalisch.pdf). The beginning of Tiefensee’s somewhat shortened text, going as far as remark 16.

of those who have consistently taken up service to evangelise East Germany or even only lead a group of first-communicants or a confirmation group, are on the same line: “ the learning effect, as far as can be recognised, often sets in only with the preacher himself.” The orientation crisis, even a huge vacuum of a sense of meaning which was feared, and “by many missionary initiatives perhaps even hoped for”, after the collapse of the Marxist-Lenin philosophy in East Germany did not generally-speaking happen. The East German setting has proved to be surprisingly consistent and panic-resistant as much in the field of moral concepts as well as in questions of life orientation - and as lastingly unreligious.”<sup>14</sup>

**b) restrain from depreciating the other side**

This admittedly is already difficult in view of the continuous negotiations ('unreligious', 'undenominational', 'agnostic'). To be particularly avoided is the assumption of a supposed drop in values in an 'unreligious' society.<sup>15</sup>

**c) The Church must clarify its goals without hiding its own weaknesses**

What does the Church do and achieve in a “non-religious” environment? Where are its duties?

*“Perhaps we should try to use a sort of ecumenism with regard to the third ‘religious denomination’ of those without a denomination. For unreligious*

---

<sup>14</sup> Tiefensee continues: « nor do the 'border situations' so emphatically evoked by an existentialist theology, lead to religious contemplation or reversal. East Germans are, after two dictatorships,...as a rule sufficiently trained to take things as they are, that is to adjust and to 'muddle through'. An answer to fundamental questions of meaning would not be nor is it expected, either in everyday life or in extreme circumstances – which ... also makes the question superfluous for many. In the light of the massive appearance of the species "homo areligiosus", an anthropology which defines man as incurably religious is faced with a hard ordeal...When at least half the East Germans declare themselves as not believing in a higher being nor praying in an emergency situation, then they are unreligious.”

<sup>15</sup> Tiefensee amplifies: The existing social moral concepts show a different picture. “In this case it is a matter of an inconsistent conglomeration of moral concepts which are often miles away from their implementation, but eastern Germans do not significantly fall out in any points within the whole of Europe, as European comparative studies clearly show. The question is what purpose this empirically study of moral concepts which is difficult to follow actually fulfils. Above all, it probably serves to valorise personal importance and to avoid self-critical reflection on personal disabilities – known as the splinter in the eye phenomenon.”

*people are not godless – an attribute to be carefully avoided -, since no-one is excluded from God's universal salvation plan. But God comes first, and then the missionary.”*

Admittedly, it needs especially patient, intensive and calm attention to find traces of acts of God on the other side and to follow them up.

Probably, for a start, it must be decided if in the first instance it is about preaching as a membership promotion, as enforcement of principles or as agency for God's philanthropy, all of which does not exclude the other, but is not the same thing by far. “For people will return all the more readily within the Church, the more they can feel that Christians and the Church act towards them with no ulterior motives (with regard to the institutions from which they come), want their best even if and especially when they do not integrate. The Church therefore must not yield to the temptation, at the crucial moment of ordering ‘retreat and self-security’ but must be ready, if need be, to take the risk in the sense of the proexistence of Jesus for the good of mankind.”<sup>16</sup>

Eberhard Tiefensee's claims are hardly challenged in East Germany and are readily quoted.

Thus in many places there are models, beginnings, trials and programmes living up to the proposals outlined. However, for the moment most of them are small attempts. The Erfurt pastoral theologian, Maria Widl, notes critically: “*The new social trend to what is religious goes past the Church practically without a trace, because being a Christian does not appear as interesting. That will only change, when the followers of Christ find a prophetic way of life through their ‘Vision of the kingdom of God’.*”<sup>17</sup>

## **II. Examples<sup>18</sup>**

Even after nearly twenty years after the fall of the Wall, there are differences in Germany between East and West and therefore naturally also between

---

<sup>16</sup> Ibid. End of the long condensed form of the quotation.1

<sup>17</sup> Quotation taken from: [www.die-pastorale.de/artikel/2905.htm](http://www.die-pastorale.de/artikel/2905.htm)

<sup>18</sup> In preparation of the »Pastorale », weekly articles about special Diaspora projects will appear as from January 2006 in the Church newspaper « Tag des Herrn ». In the forefront, there were fears that it could quickly become difficult to find enough themes and examples for these articles. The opposite happened: there were far more interesting and innovative projects than the articles foreseen. The contributions were produced under the direction of the chief editor, Matthias Holluba.

the “Eastern” and “Western” Church. While the Church in the West manages to draw media attention over large distances, where no big themes but rather attention seeking for good ideas are intended, the Church in the East has remained in curious silence up until now. Not because nothing happens, but probably rather from a feeling that out there no-one is interested anyway in what has been done. East German inventors simply cannot imagine that anyone else could be interested in their ideas.

### ***The Congress “Pastorale”***

To remedy this, a new form for the East of exchange with the “PASTORALE! Mass for pastoral in the Diaspora” was tested for the first time in 2006. The second edition will take place in 2009. The concerns of the “Pastorale!” are exchanges of experience and ideas as well as the development of actions to enable the Church under East German Diaspora conditions to live up to the expectations of its mission. On the programme, there are numerous workshops, conferences, out of the ordinary Church services, cultural proposals and an exhibition. Invited are volunteers and fulltime workers, priests and lay people, Church workers and Church councils and all those who are interested in what is new in the East German Diaspora. The event is ecumenically open. The “Pastorale !” will be presented by several church institutions in East Germany and the Boniface Action of the German Catholics in collaboration with the pastoral departments and spiritual guidance offices of the dioceses of Dresden-Meissen, Erfurt, Magdeburg and Görlitz and the Church newspaper “Tag des Herrn”. From the pool of ideas envisaged, those which seem interesting for the theme of the conference have been selected. Details of all the projects can be found on [www.die-pastorale.de](http://www.die-pastorale.de).

### ***Example 1: Low level: Church Night***

*The project:* Climbing the tower or visiting the sacristy, organ concert or exhibition, play or book reading - the possibilities of participating in a “Church Night” are practically unlimited. By now, in some of the towns of the area such a night firmly belongs to the schedule of the Churches. An example: Halle an der Saale. Such a night has by now taken place six times. Over 40 Lord’s houses were open to those who were interested. «Churches are the most conspicuous buildings in our 1200 year-old town. Even more so from the inside than from the outside. They are spaces which motivate visitors to

rise above themselves, from earth to Heaven, from inner monologue to dialogue with God, from the profane to the sacred”, says Superintendent Eugen Manser who has invited the inhabitants of Halle to this Night in the name of the ecumenical leading circle for the Christian and Jewish communities.

Many East German non-Christians are still shy of entering a church. The advantage of a “Church Night” is to help overcome these inhibitions. For this reason, it firstly concerns informing and presenting the Church as the bearer of culture. That ultimately the wish is also missionary, Superintendent Manser admits when he cunningly tells visitors “just take the risk of entering as a non-believer and perhaps coming out as a believer!”.

*The idea:* It was probably the Ecumenical Council of Berlin-Brandburg who in 2000 first called for the participation in a “night of open churches”. One of the co-initiators, Stefan Förner, from the Berlin archbishopric, said at the time: “the communities who take part in this mission, can show quite concretely that we are opening up to the world. And those who do not belong to the Church, can for once experience a harmless, open and relaxed Church atmosphere without the fear of immediately having to join in a Church celebration or a monopolisation.”

*The impact:* “Church nights” have become a tourist attraction. The number of visitors has risen to thousands. There are no statistical surveys as to how many East Germans have in this manner once again entered a church for the first time. The German Evangelical Church has issued a brochure with ideas for the organisation of a “Church Night”.

*Contact / material:* Brochure with ideas for a Church night on [www.ekd.de/download/nachtderkirchen.pdf](http://www.ekd.de/download/nachtderkirchen.pdf).

### ***Example 2: St. Valentine's: a blessing for partnerships***

*The project:* On 14<sup>th</sup> February the churches in Erfurt throw an invitation for a special church service: whether married or not, whether Christian or not - couples, friends and all those interested - can come to an ecumenical divine service with a blessing. A communication by the Erfurt diocese notes about this project: “This service is an offer to become aware again of the friendship, the shared love and partnership between a man and a woman and to strengthen it through God's blessing”. The highlight of the celebration, which takes place in a church in the city centre, is the possibility of receiving



an individual blessing at the end. The priests present spread their hands above the couple and ask for God's help. Part of the ritual consists of the men and women in the service giving an account of their life together.

*The idea:* Since the turning point in East Germany, St. Valentine's too, is a domain for selling flowers, perfumes and confectionery. The priest at the Cathedral at the time did not however want to abandon the commemoration day of the holy martyr to commerce alone: "It bothers me that traders use St. Valentine's for their business, without people knowing anything about the patron saint of couples and friends", he said at the time and, together with an Evangelical woman minister, issued an invitation to such a celebration for the first time in the year 2000.

*The effect:* "The celebration of God's blessing for all those who are en route in a partnership" - this is the description Reinhard Hauke has given to the divine service - has today spread far beyond Erfurt. There are, for example, similar celebrations in Halle, Leipzig, Dessau, Gera and Zittau. "The Churches involved have thereby recovered a sector of the ritual and respectively now occupy it together with others. Thus they have added their specific ritual competence to it", says Benedikt Kranemann, the Erfurt liturgy specialist.

*Contact:* auxiliary Bishop Reinhard Hauke, Herrmannsplatz 9, D-99084 Erfurt, e-mail: [rhauke@bistum-erfurt.de](mailto:rhauke@bistum-erfurt.de)

### ***Example 3: The Görlitz Advent calendar – On the town's front doors***

*The project:* During Advent, the town of Görlitz becomes one big Advent calendar. In 24 places in the town - kindergartens, schools, museums, libraries, special private houses and churches - the front doors are marked with a big number. At 5.30 pm precisely the inhabitants of Görlitz are welcomed in front of one of these doors by the Görlitz "Lictl", a figure created especially for this Advent calendar. The door then opens, and behind it, there are stories about the place and the people who live and work there. The occupants of the house prepare the respective programmes. On an average, the number of visitors is between 150 and 300 people, the record being over 500. The local newspaper accompanies this activity and draws attention to the place concerned.

*The idea:* The idea for this special Advent calendar came from Gabriele Kretschmer, a community consultant of the St-Jakobus authorities in Görlitz. “During a discussion I casually heard about an Advent calendar whereby 24 shop windows in a town presented Advent doors.” Two years later, she plucked up her courage, gathered a small team round her and prepared the first Görlitz Advent calendar for Advent 2002. Instead of the 30 visitors expected, 300 turned up on the first day. Even more than by the stream of visitors, Gabriele Kretschmer is especially impressed by the atmosphere. “*People of the most different kinds, children and especially many adults set out day by day to search for the secret place and just enjoy it. Even if they do not know each other, companionship arises at the doors. The forgotten capacity of anticipation is again discovered. Adults indulge in Advent expectation and many small secrets. People surmount their fear of the unknown and enter a church for the first time.*”

*The effect:* In the meantime, the sixth Advent calendar has taken place. For the first time, in 2005, houses from the Polish neighbouring town of Zgorzelec also participated. The Görlitz Advent calendar has also inspired similar offers elsewhere. It received the first Boniface prize of the Work of Boniface for the most unusual 2006 Diaspora project

*Contact :* Gabriele Kretschmer, tel. +49 3581 6490361; email : [gabi.kretsch@t-online.de](mailto:gabi.kretsch@t-online.de)

#### ***Example 4: near to life – “Go Life” – divine services in Dresden***

*The project:* Under the heading of “Go Life” in Dresden, there are “divine services for people who never assist”. This is addressed to people aged between 30 and 50 who do not or no longer go to a church service. The services have a different theme each time (e.g. “Jesus also jobless? The bad luck of not having a job) and a recurrent sequence. A woman and a man present them. A clergyman gives a sermon and then presents a “cross-questioning” in which those who participate in the service can take part in writing. Apart from that, there is a play, the “prayer”, in which the participants again can share in writing, then the blessing and sometimes an interview with specialists.

The most important element is music. Pieces of music from upmarket contemporary entertainment music, played live. The fundamental difference from the conventional services lies in the language. Those in charge make

an effort to phrase the contents with everyday words and inflections. For this reason, the hosts are laymen and the group of leaders adapts the preacher's text to everyday language.

*The effect:* The response is amazing. So far, 200 people on average have attended the ten church services. About one third of them were target audiences, the others rather people who do in fact assist in church services but wished to make new discoveries. The multipurpose room in the Dresden zoo was usually overcrowded. Therefore, the services now take place in the round cinema (seating about 1000) in the centre of Dresden. *"We take our "work" to be 'pre-ecumenical', meaning that our church services are more general than in the respective Churches"*, says Hansruedi Humm, who is a Catholic and one of the two presenters. Currently the Evangelical National Church office, some Evangelical church communities and individual persons back the project. The main part however is done on a voluntary basis. Humm says: *"whoever has once taken part in a 'Go-life' church service realises how different a divine service can be, close to life."*

Contact : Hansruedi Humm, email : [H.Humm@t-online.de](mailto:H.Humm@t-online.de)

### ***Example 5: "Follow the star!": Crib against Rumpelstilzchen***

An ecumenical University project had its premiere at the Christmas market in Erfurt during Advent 2007. The initiator, the Erfurt pastoral theologian, Maria Widl, says: "The idea for such an activity had been growing within me for many years. What finally triggered off the impulse was a final year project for which a student made interviews in the Christmas market. In it, he noted the suppositions of some pupils about whom or what the crib figures represented. There was a lot of straw to be seen, a woman, a man, a baby. The pupils therefore reasoned that it was all about the fairy-tale of Rumpelstilzchen". Christmas fascinates almost everyone, but less and less people know the Christian reason for this festival.<sup>19</sup>

*"If we want to formulate this in a militant manner, then with our activities we want to conquer back a part of Christmas and not abandon it to those*

---

<sup>19</sup> Every tenth German does not know what Christmas means. Result of a survey carried out by the opinion research institute 'Forsa'. According to this, 90% of those questioned knew that the feast was celebrated because of the birth of Christ, 10% however had no idea or believed that there were other reasons. In all, 1001 German citizens were questioned.

*who take it for a consumer festival and a happening”, the pastoral theologian says, defining the target. We must dare build bridges – from the Christian festival to the secular culture. “We Christians now celebrate Advent – a time of silence, of darkness, of growing expectancy. We are waiting for God to come towards us, to come to us very closely, to become man Himself. Moreover, at Christmas, we do not only remember this becoming of man. We experience how close God is to us and accompanies our lives. That is the quintessence of Christmas and it must be told repeatedly by the Churches in the midst of culture. After all this message holds for all people.”*

Professor Widl had no trouble inspiring students with the project for the Christmas market. It became ecumenical when a group from the Institute of Evangelical Theology / Religious pedagogy joined in with their professor, Andrea Schulte.

*The idea:* This “ecumenical University project at the Christmas market” consists of five individual projects, each one to be developed and performed by a group of students.

1. Visitors are led in a self-guided audio tour through the darkness of the Erfurt cathedral, closed to the general public (and therefore quieter), towards illuminated places and works of art in order to learn about the biblical story of Christmas and its message for today.
2. In the neighbouring Severi churches, the participants in the project have created an oasis of peace, in order to recover from pre-Christmas stress.
3. Not far from the two churches, on the steps of the Cathedral, there is the possibility of obtaining a personal blessing from a priest.
4. “In-between” sounds can be heard in the Church of All Saints: texts and music that introduce Christmas as the feast of the birth of Jesus Christ and Advent as the time of its preparation.
5. The students are also active at the Christmas market itself. Next to the Christmas crib on the cathedral square an information folder explains the background and the display of the crib with its life-size figures. The theologians on hand are available for discussion.

*The effect.* The visitors to the Christmas market accepted the activities. Children, adolescents and adults of all ages willingly allowed themselves to be addressed by the activities. Obviously, the project also touched the many tourists to the Christmas market. Because of the outside visitors, the proportion of those who are churchgoers is said to be usually higher than in Thüringen, where only about 30% of the inhabitants belong to a Church. A scientific analysis will be made later by the participants of the project.<sup>20</sup>

*Further information /contact:* [mariawidl@uni-erfurt.de](mailto:mariawidl@uni-erfurt.de), tel: +49 361 7372571 ; [caecilia\\_hille@gmx.de](mailto:caecilia_hille@gmx.de), tel.: +49 177 811800.

### **III. Problems**

If these examples have given the impression that there is a strong fresh wind blowing in East Germany conducting the first approaches of preaching with a Pentecostal roar, then I must unfortunately disappoint you. There is a waft of a small good breath of fresh air. It certainly resembles more of a gentle whisper than a mighty storm. To me the main problem seems to lie in a peculiar sort of nostalgia by which many Christians do not seem able to discard the “fortress mentality” of the Church in the German Democratic Republic.

#### ***Problem 1: ‘Church (n)ostalgia’ and ‘fortification mentality’***

What is coherent for former party members and civil servants is astonishing when it concerns Christians. This nostalgia creates an ideal image of the Church such as it probably never existed in the German Democratic Republic.<sup>21</sup> We are not here to spout off about what was also good in the Church of the German Democratic Republic. But in spite of all the

---

<sup>20</sup> O-Ton Students: « *Our luminous yellow banners with the motto ‘follow the star’ proved to be the most effective. They hang in every place of the project. In addition, all those involved wear yellow scarves. We ourselves are surprised how often people address us*”. Those involved in the project also accept suggestions and adapt their concept, if necessary. A few visitors, for example, wished for more subdued lighting in St. Severi. For English-speaking tourists a student translated the information folder about the Christmas crib and a special one was compiled specially for children. *Quotations and description from Peter Weidemann, Erfurt diocese.*

<sup>21</sup> Typical quotations of this attitude: « *Oh, how the churches were full in those days. How lovely it was to drive to Erfurt for the Elisabeth pilgrimage, and what cohesion this gave to our communities. But today: need to economise, community mergers, sale of buildings, chapel closures, lack of priests. And what’s more, the Bishops preached much better sermons in those days.*”

‘(n)ostealgie’: there were any number of problems then. The period of the biggest Church abandonment in Europe only lasted 40 years and created a minority out of a country-wide Christian population (at least as far as the number of baptisms were concerned). The active Christians of that time had little to say to this. Compared to that, today’s dwindling of the community is of negligible size.

However, for those who remained in the Church, this enormous external pressure generated cosy warmth inside. Unfortunately, this warmth could press outwards only very little. In the social field, this fared quite well, but elsewhere it was practically impossible. The peaceful revolution had precisely this in view. It is not sufficient to heat the oven only for the interior. To stay with this symbol, the oven should warm up a cold society and fire up a miserable system. Many peaceful revolutions had sensed some warmth in the Church that they wanted to bring to the country. This did not suit those in power at that time and for many Christians then it was still “too hot” in the beginning. However, in those heady days the Churches were the true power plants of the country. Today it seems that such a boost is again necessary. Though differently than in 1989. When it does come, it will be able to do without big demonstrations. The strength of prayer, the courage to bear testimony to faith and novel ideas will be necessary in our society of “fun of performance of events”. As the salt of the earth, Christianity must be ready to season the soup of society and perhaps even to over-season it.

The problems to be confronted by the proclamation today are different from the ones at the time of the German Democratic Republic. However, circumstances today offer enough free space and opportunities, which at present unfortunately are not sufficiently taken into consideration. ‘(N)ostealgie ‘ is trying to escape in order to withdraw from this challenge.

### ***Problem 2: Having visions of the difficulties***



“We are putting all our energy into the future” could be read by visitors to Berlin in huge letters on the Hedwig cathedral.

Moreover, there really must have been something very special going on inside when even the football emperor, Franz Beckenbauer, larger than life, was looking into the church. It even looks as if a

gigantic football is hiding under its dome. As football counts as one of the official replacement religions, the place was well chosen. The slogan is good - for an energy provider.

However, the question remains: What could be a suitable advertising slogan for the 'power supplier' that is really behind those walls? Where does our Church energy go? What visions do we have for our country, for the world and for the Church? It is surely not true that we are putting all our energy into the future. For that, the Church is living too much in the past - and of course in the present. That is where it is needed after all. Nevertheless, it begs the question: what vision does the Church have of our society today? There at the moment it looks "overcast". Recently, the former Federal President, Richard von Weizsäcker, openly deplored "*that unfortunately the Churches have only slightly adjusted their spiritual production concerning this question*".<sup>22</sup> Moreover, even if it provokes contradiction, I could not really sum up in three sentences as to how we as a Church would wish our society to be.

Let us imagine for a moment that the outer walls of the Hedwig cathedral were described with words and visions for our world and you, esteemed audience, could contribute with a sentence. What would it be? Would you have one ready? One sentence expressing all the yearnings and hopes that you have? One sentence making quite clear how our church contribution can look the part? Even I have to start pondering first. Perhaps for this reason the Berlin citizens left their Cathedral to the publicity people for a while, because the visionary powers have become somewhat lost. For this problem, we must ask the Holy Spirit to give us new inspiration.

### ***Problem 3: the Church structures***

The pastoral Church structures in Germany and therefore in East Germany, too, are predominantly member-orientated. Mission and experiments are more of a sideline, comparable to an adventure playground that most people like and appreciate but rarely use. There are naturally, as everywhere in Germany, many propositions, also for non-Christians. Many of which even work well. The bishops too want the opening. This is also

---

<sup>22</sup> TV-discussion by former Federal President Richard von Weizsäcker with former Federal Chancellor Helmut Schmitt, ARD, Tuesday, 12th June 2007, 10.45 pm.

attempted, more or less successfully, with various pastoral projects.<sup>23</sup> Nevertheless, the active-making awareness for everyone of being responsible for the whole society is found only seldom in the communities and pastoral offices. There is no place where all these activities are bunched together and evaluated. Counselling and pastoral offices in the dioceses are limited to be available only to these specific challenges. Moreover, thinking of the life-style report, most of the full-time Church collaborators are to be found only in two and a half of these environments. There are of course, “beacons” such as the Open Church of St. Moritz in Halle, the orientation contact point in Leipzig, the Cathedral community of Erfurt, the specifically directed open educational work of academies and adult education. But there is no East German “department of innovation” which specifically deals with the new experiments or even develops them, processes them and makes them public. Here there is a need that the East German dioceses should fulfil. Finally, although the medial mood thanks to the German Pope is as favourable as never before, it seems to be very difficult to abandon well-worn tracks. To be considered also is the fact that the life-styles still registered in the Church are not all that unhappy with the present situation. For it needs quite some courage to risk getting involved with other life-styles and to abandon traditional paths of spiritual guidance. It is a problem that can be remedied with some imagination and courage. Especially since the ideas already exist in many places.

#### ***IV. Challenges***

At the end of the conference, two challenges are to be identified. These are formulated for East Germany from the East German point of view. Most probably, they will also have validity beyond.

##### ***First Challenge: Ecumenism***

To many “unreligious” people, finally to use the term after all, the distribution of the Churches seems suspicious. In the examples too we could see that the approach was particularly successful when it was ecumenical. It is not a question of eyewash of pretence unity that does not exist as such. However, it is a matter of the basic essence of the Church, which ecumenism is after

---

<sup>23</sup> Erfurt diocese. Putting the gospels on the candleholder; Magdeburg diocese: pastoral discussions about the future; Dresden-Meissen diocese: communities breaking up.



all. It also seems to me that the Church can address people credibly when the Churches act jointly. I mean an ecumenism that is understood as unity in diversity. Or, as the Evangelical bishop of Magdeburg, Axel Noack, expresses it: "*Mission in East Germany today can only be ecumenical. Young people, mostly without any kind of previous knowledge of the Christian faith, would have no understanding of the differences between the religious denominations. The approach of secular people towards the Churches is often rather 'do stop it; they are just hitting each other round the head'. Mission for us means to rejoice over new members for other Churches, too. This is not always easy; I love my Church and naturally wish new members for us. However, if we really take ecumenism seriously, we cannot but be happy for others, too*".<sup>24</sup>

Of course, there are cracks and differences between the Churches. Nevertheless, differences show that the truth is bigger than what we know. In the field of ecumenism in East Germany, there is a notably good tradition of collaboration. The Churches are confronted with a challenge that can in the meantime also be met.

### ***Second challenge: a new 'operating system'*<sup>25</sup>**

While preparing the pastoral it became rapidly clear that the 'classical models of communities' are precisely often overburdened with regard to missionary actions, partnerships and first approaches. In the image that the academy Director, Hans Joachim Marchio, formulated for the pastoral preparation group, there is a demand for a new 'operating system'. As with a computer, this new 'operating system' should in no way throw out the old one. On the contrary, it should continue to develop the system and adjust the corresponding links in such a way that the new demands of the programme running on the 'Church processor' become perfectly suitable. To continue with this image, the new operating system, understood in this sense, is essential for East Germany. The Church has always been a 'community within a community', of territorial and personal communities, of communities of fraternities and clerical orders, of spiritual centres and 'school communities', a multiplicity of forms of communion. Therefore, especially

---

<sup>24</sup> Axel Noack, quoted according to : [www.oikoumene.org/de/nachrichten/news-management/a/ger/browse/4/article/1722](http://www.oikoumene.org/de/nachrichten/news-management/a/ger/browse/4/article/1722).

<sup>25</sup> Thoughts on the request of the "*Patorale*" formulated by the Academy director, Hans-Joachim Marchio (Halle)

in a pluralistic society with its pronounced sense of individuality and plurality, multifaceted forms of communities and associations should also establish and constitute Churches together ! To live God today means to feel with sensitivity the situations of present-day human beings, to perceive their needs, their longings and their hopes. This demands becoming innovative, developing novel and inviting forms of thinking, feeling and acting in the life style of Jesus Christ. Quite independently of whether this will foreseeably lead to the sacrament of baptism. Jesus' life example must be imitated. Admittedly, there is no ready-mix recipe, but there is the courage to experiment, to dare, to take steps with confidence towards Him who calls for and demands evangelisation.

To me it seems indispensable in this computer age with its territorial operating systems in the Church, that other 'operating systems' (such as creating Christian communities temporarily and at given opportunities) should be added on an equal footing to the prevalent 'operating system'. In view of the mobility, the different phases of life, environments and life-styles, a local community can cope only in a limited way with the missionary challenges and spiritual quality standards of the present time. Multiple situations of approach demand a network of projects of Church propositions. So, besides the local communities, there should be profile communities of special quality: communities for passers-by in the city churches, for clerical centres, for the media .... "New things are developing - can you not see" ? (Isiah 43, 19a). The challenges for a missionary pastoral in the Diaspora lie in the development of tested examples of new forms of communities (with denominationally and ideologically mixed members) with, besides and in existing structures. Even if this should mean communities with 'hostel character'. People come, people go, perhaps some will stay and something new will emerge. Only a pastoral with this understanding of mission, which has this openness with all its difficulties, has the possibility of addressing those, of proposing the faith to those who cannot do anything with the traditional forms of being a Christian.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Originating from the 'Sinus-milieus', Christians (but not only) from the post-materialistic milieus are called upon, because they are most likely to have an interface and points of contact with those outside the church. Unlike the other two milieus still within the Church, here the joy of experimenting and openness is also the most pronounced. The 'post-materialists' might also succeed best at finding a comprehensible and open way of speaking.

# First announcement in the French catechetical practices

JÖEL MOLINARIO (\*)

## Introduction

What the French called the “building site of the catechesis”, which opened in 2001 and the *national text* (TN<sup>1</sup>) *of orientation for the catechesis* (accompanied by a text entitled *Principles of organization*, which defines four possible methods of application of the orientations<sup>2</sup>) published in 2006 after the *recognitio* of the congregation of the clergy, raise today a large number of questions at the same time theoretical and practical. An obvious enthusiasm for these catechetical new prospects, is accompanied in many dioceses by an intense reflection on the modes of enforcement by the new orientations. Among the discussed questions, that of the first announcement causes exchanges to be finished moreover it. Mgr Dufour, president of the episcopal commission of the catechesis and catechumenate (CECC) expresses it with its manner: “let us acknowledge that we do not know well to make”.<sup>3</sup> In the movements, in catholic teaching, in the services of catechesis and catechumenate, in the episcopal councils... in the first diocesan projects, the question is present everywhere: what first announcement? Do there exist already practices of first announcement? Which new practices are necessary to found in order to implement a first announcement?

---

(\*) Layman, doctor in Theology. Teaches Catechetical theology at the ISPC - Paris. Co-Director of the “Lumen Vitae” Journal. Member of the European Team for Catechesis.

<sup>1</sup> Conference of the French Bishops, *Texte National d'orientation de la catéchèse en France et principes d'organisation*, Bayard, Cerf, Fleurus-Mame, Paris, 2006, 116p.

<sup>2</sup> An organised catechesis for each life stage, organised by place and life regrouping (this principle is related to the first announcement), an organisation which must be articulated with the liturgical year, one which responds to the sacramental requests.

<sup>3</sup> In the speech for the conclusion of the 2007 Ecclésià congress in Lourdes, on Octobre 28, 2007.

The first report that we can make from the start, before even a more precise theological and catechetical diagnosis, it is that up to now, the French catechetical persons in charge had not dealt with this aspect of the ministry for the Word and consequently the first announcement has appeared for two years like a new catechetical question. Before 2005, it was hardly regarded as a catechetical question. We can already thus say that paragraph 1.4 of the *TN* presents a real innovation for the catechetical responsibility for the Church in France since: "To put out its catechetical responsibility, the Church needs to deploy this choice of the pedagogy of initiation according to the diversified and complementary forms to the ministry for the Word."

The theological framework of the reflection of the Church in France is located in the wake of the apostolic Exhortation of Paul VI, François Bousquet clearly defines it in a book to be appeared soon: "The act to announce is part of the act of evangelizing, and the act of evangelizing is much fuller and complex than the announcement itself. There is no evangelization without announcement, but the announcement is not only summarized with it with the evangelization, because it is by all its life that the Church evangelizes: by its liturgy, its prayer, its sacramental celebrations, its implementation of the commands, its quiet testimony returned to the Gospel, its examples of Christian life... Conversely what would be an announcement without the body connected with the church which authenticates it and gives him roots?"<sup>4</sup>

As for the pastoral framework of this reflection, it is located on two plans. Firstly the widening of the concept of catechetical responsibility to the movements for catholic action and catholic teaching, secondly real evolution of a catechesis of maintenance of the faith towards a catechesis of proposal of the faith.

We will approach the first announcement in this context in three manners. Firstly, we will see through the texts of magistère how the question was put, then we will observe how French catechetical practice evolve/move and finally we will release some catechetical problems derivid from this crossing of the French experience.

---

<sup>4</sup> François Bousquet, « The Act of Announcing », in *La Première Annonce*, chapter 1, Bayard, Paris, 2008. In the CGD we read this: "This chapter presents the relationship of the catechesis with the other elements of the evangelization of which it is integral part. It starts by describing the relationship between the catechesis and the first announcement, which is carried out in the mission." §60

## I. 1 From the texts of reference: *The CGD*

In the documents of the magister, the expression “first announcement” appeared in the Exhortation of Paul VI *Evangelii nuntiandi* in paragraph 51 and was taken again by John Paul II in *Catechesi tradendae* in paragraph 19.

In the directory of 1997, the expression is included in paragraph 61,<sup>5</sup> then specified as follows:

“Often the people who reach the catechesis in fact need an authentic conversion. This is why the Church wishes, in general, that a first catechetical stage of the process be devoted to cause conversion. In mission ad gentes, this task is carried out in the pre-catechumenate. In the situation which requires the new evangelization, one has recourse to the kerygmatic catechesis that some call “pre-catechesis” because, while taking as a starting point the pre-catechumenate, it is a proposal of the Gospel, for a solid option of faith.”<sup>6</sup>

Three stages form the course of evangelization: first announcement, catechesis with the service of Christian initiation, permanent catechesis.

For the CGD, the announcement is side by side with the pre-catechesis, the missionary action whose purpose is authentic conversion. The catechesis is based on this conversion with Christ to educate the faith. First announcement and catechesis are two aspects of the Evangelization which is the centre of the Church “which exists for evangelizing”. Let us retain this distinction between first announcement and catechesis and notice that the kerygmatic catechesis is comparable with the pre-catechesis or first announcement.

---

<sup>5</sup> CGD § 61: “The first announcement is intended to the unbelievers and for those who in fact, live in the religious indifference. Its aim is the announcement of the Gospel and the call to conversion. The catechesis, which is distinguished from the first announcement of the Gospel, develops and carries the initial conversion into maturity by educating the convert to the faith and by incorporating him in the Christian community. Thus, these two forms of the ministry for the Word are distinct and complementary.” § 61 “The first announcement which is duty of each Christian... consequently engages to leave, to hasten, to propose. Catechesis on the contrary, set by the condition of Jesus himself: that who will believe”, who will convert, who will decide. The two actions are called mutually: to go and welcome, to announce and educate.”

<sup>6</sup> CGD § 62.

## **I. 2 the National Text of orientation for the catechesis in France (TN)**

A small interpretation of the various versions of the French texts deserve our attention. The French bishops had adopted a first text in November 2005. On the subject which concerns us, it began in § 1.3 like this: "We know well that it is necessary to distinguish in this first field announces, catechesis of initiation, catechesis to the service of the further education of the faith". This passage was purely and simply removed for the final version . In § 1.4 of the text of 2005 it is said:

"1.4 a diversified exercise of the Ministry of the Word one could not wait too much of a pedagogy of initiation to make him immediately understand the Announcement of the Gospel. its catechetical responsibility, the Church needs to deploy, along side with the catechesis of initiation, other diversified forms of the ministry of the Word."

In this version of 2005, the first announcement is not related either with the catechetical responsibility, or the pedagogy of initiation. After its adoption by the French bishops, the text was sent to the congregation of the clergy for the recognition.

The TN returned ten months later with some modifications to which one should pay attention. The § 1.4 is very instructive for us, because it differs at the same time from the CGD and the text sent to Rome in 2005. "The Church needs to deploy this choice of the pedagogy of initiation according to the standards diversified and complementary to the ministry of the Word." In this final version, the catechesis characterized by the pedagogy of initiation (1.3) is based on 3 aspects: first announcement, ordered catechesis and permanent catechesis. Thus, the TN attenuates the distinction between pre-catechesis or first announcement and catechesis. The first announcement must be understood as a form of a catechesis considered as initiatory and it entirely makes part of the catechetical responsibility of the Church. The first announcement belongs to Christian initiation. The second modification comes from the fitting of the paragraphs. The three aspects of the catechesis of initiation do not begin in the chronological order. In the final text, the ordered catechesis is given in first place, the forms of first announcement secondly and the permanent catechesis in third place. This new scheduling of the paragraphs reinforces the already stated idea: the first announcement cannot be considered apart from the catechetical responsibility of the Church which

initiates with faith. These remarks are far from being alleviating because a semantic slip took place, it's up to us to see whether it corresponds to a renewed design of the catechesis or not.

We temporarily leave aside these remarks, to get concentrated now in the practice and the reflections caused by the idea of first announcement.

## **II. Significant catechetical practices of the current evolutions**

### **The first diocesan projects of catechesis<sup>7</sup>**

Many French dioceses, following the TN (and the CGD) either already published projects or catechetical orientations, or are in the process of development. A not yet exhaustive reading of these documents gives some indications on the encountered problems and the adopted policies.

What strikes from the start in several of these texts, and especially in the intermediate documents and the reports of work meetings, is the difficulty of defining the first advertisement exactly and, thus to locate it in a diocesan project. A reader who would not have read the TN nor the CGD, could hardly define the first announcement based on the readings of the diocesan projects. However, there is a common consensus; the new situation of the Church in a secularized society implies the reflecting of a first announcement of faith. Note that, for a large majority, the first announcement does not imply the adhesion of the recipients. Once this is proclaimed, the approaches differ. I will point out some of them.

- A largely widespread first approach consists of a sequential presentation - a first announcement which precedes the catechism. A first announcement or a first evangelization before a social impregnation which has almost disappeared today. This means that once the first announcement is carried out, the catechism can start. In a diocese it is almost caricatural: one makes first announcement until All Saints' day and then the catechism begins!
- A less sequential view consists in saying that catechism is responsible for evangelization. Here, the first announcement is part of the catechetical

---

<sup>7</sup> For this part I owe much to Isabelle Morel (teaching doctorandus with the ICP and the person in charge of the diocesan Service of catechesis of Besançon, and also to Catherine Sheba (teaching in the Training teaching Centers of Paris and Amien and the person in charge of the diocesan service of catechesis of Amien).

mission. The catechism does not begin after the first announcement but, it's an elementary way of making catechesis.

- Two approaches with different views; one which affirms that sequential diagram is not that pertinent as first announcement is repeated throughout life, meaning that it is necessary to firstly understand the basic meaning of faith. Thus, in this case, it is faith that primarily acts as a form of conversion. This obviously becoming a constant reference of the catechetical action. Be it the first time or the tenth, it is faith which is important in the first announcement. This facilitates the approach to life of the movements. Indeed, in the only sequential diagram, one can hardly say to young beggars at school age, that they will firstly have to hear the Gospel of Christ. Nevertheless the first announcement remains essential for them as well. The same applies to catholic teaching.
- Options take shape as chores are allocated. For certain dioceses, the first announcement belongs only to the sphere of activity of the movements, EC., the chaplaincies. The parish does not take charge at any time. The catechism remains the responsibility of the parish, the first announcement within the competence of the movements. Here the diagram is more «spacial» than temporal.
- Catechetical options: certain dioceses think of the first announcement in continuity or in correlation with the contemporary culture or that where recipients live. Others, insist on the interpellation, in the force of the Gospel and the singularity of the Word of God who triumphs over the heart of men and women of today.
- Consequently, several dioceses implement a real tension, intensifying the complexity of a catechetical action caught between the sequential one and the essential one, a kerygmatic interpellation and the presence of God in any man that primarily reveals the announcement.

After this little fast voyage through the diocesan projects, it seems that these texts are based more on the four principles of organization than on the TN itself. In the four principles of organization, (p81) the stress is laid on the first announcement which leads further... thus, diagram from thought is more sequential than TN, which insists more on coherence of the initiation whose first announcement is an aspect, with the task to wake up the desire of God<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Let us notice that the recognition of God's will is a task assigned to the priest in the introduction of the catechism of the Council of Trente.



and true apology, which can with difficulty be included/understood like an aspect only limited to the beginning of a step. In addition, in the 4 principles of organization, the diagram is also more “spacial”, the movements, the families undertake the first advertisement and the parish is more committed in the ordered catechism.

### **Catholic teaching in France<sup>9</sup>**

After a few years, catholic teaching in France has become the object of an awakening connected with the importance of the Church’s mission. Two million pupils of nursery schools to universities, 200.000 adults, teachers and executives who have been designated to catholic teaching by the TN as a place, par excellence, of the first announcement of the Gospel for the Church of France in the TN. “Dual membership” of EC., as an institution in partnership with the government rendering an educational public service and as a place of the Church whose executive staff is named by ordinary place, makes the first announcement of the Gospel possible for all, in what concerns the convictions and freedom to answer the call of Christ. 2.200.000 people are concerned directly: children, young people and adults. The parents are also to take into account, especially in the primary classes.

The catechetical building site launched by the bishops of France in 2001 caused a new dash in the reflection on the pastoral practices in EC. Four forms of the first announcement are localized in the educational practices of EC, according to the National Commission of pastoral.

1. An announcement of the Gospel addressed to all, explicitly, in respect of each one and without damaging the answer.
  - a. To dare to say Jesus-Christ
  - b. To make present by its name and its Word
  - c. To accompany joy or sorrow in testimony by faith
  - d. To propose evidence of Christian existences
  - e. To contribute to the understanding of a Christian culture

---

<sup>9</sup> Site : <http://www.enseignement-catholique.fr-pastorale->

2. To re-read the educational practices and the established projects in the light of what basically justifies them.
  - a. To re-read and question the projects and the text founders.
  - b. To allow oneself to be questioned and challenged by the parents, the pupils of the inspiring texts.
3. From the act of teaching
  - a. The programmes (history, literature, philosophy, art, biology, etc) are questionable places about the sense of existence which can be again extended into an evangelic view.
  - b. The failure and/or success situations are the daily moments to implement an evangelic view on a person. To evaluate in order to give value.
  - c. Teaching is practiced in a community which requires rules of living together. Any human community experiences tensions, clashes, violence of forgiveness, folds and openings. All these deserve the glance of the Gospel.
4. The quality of relation
  - a. Each one in EC is invited to live his/her relationship with the others like the Christ who approaches (listening), as Christ who meets (genuine share), as Christ who calls for conversion (testimony).

These diversified aspects of the first announcement in EC. do not prevent that an ordered and permanent catechism can be proposed in certain establishments. This made of EC. a place where all the aspects of the catechetical responsibility can be experienced for a long time, but up to now, the people responsible for catechism have been unaware of it or haven't been concerned with it. Today, EC becomes one of the laboratories for the implementation of the TN.

#### **Catechumenate: place of reflection for the first steps in faith.**

There are 10.000 catechumens, 2500 to 3000 are baptized each year, but those in interior conversion are still much more. According to the guides of the catechumenate, they are perhaps 20.000 living close to conversion, but matrimonial situations prevent a great number from taking that step.

The catechumenate is addressed to those which have already heard the call of Christ. We could think that pre-evangelization is not related to it. However, "the time of the first evangelization", starts before the first stage of

RICA<sup>10</sup>. The guides of catechumens are most capable to understand those who want “to become Christian”<sup>11</sup>. They interpret what turned to be the time and the space of the first announcement. It is what Roland Lacroix names “the faith before the faith”<sup>12</sup>.

Before reaching the threshold of the Church, people who desire baptism walk on as autodidacts. They are in a permanent search inside of themselves, reading the Bible sometimes (some read it even entirely, others read the CEC!), attending Christian celebrations... the catechumens recall that the experiment of faith is more extensive than a “purely” Christian experiment and then it is important to start with the beginning, i.e. make a clear distinction between general beliefs and primary experiences which are tied to the word “to believe”<sup>13</sup>, and should be prized.

The typology of routes of the catechumens enables us to point out what is considered to be the effect of the first advertisement to the future baptized, “it is however difficult to know the beginning of believing, to know the moment of the first announcement.”<sup>14</sup> With Roland Lacroix we can however try to propose some reference marks.

- A first announcement was done through the meeting of somebody: of a grandmother, a witness speaking about his faith in a more or less explicit way.
- A first announcement, unexpected, appeared through an event such as a birth, a death, a depression; “I felt something”, “I felt taken by some kind of strength”... which starts the search for a meaning.
- Then there are those for whom God is there since childhood, “God is by my sides since always”. The first announcement in this case is shown in the family, Catholic school and then one day there is a revelation.
- For others, the way is long, reflexive and self-educated, fruit of an impulse which made them read the Bible *in extenso* or even the CEC!

---

<sup>10</sup> Rituel de l'Initiation Chrétienne des Adultes, (RICA) french translation 1997.

<sup>11</sup> Roland Lacroix's title, *Devenir chrétien (Becoming a Christian, NT)*, coll. tout simplement, éditions de l'atelier, Paris, 2006, 191p.

<sup>12</sup> Roland Lacroix, *ibid.*, p.29

<sup>13</sup> Roland Lacroix, *ibid.*, p.29

<sup>14</sup> Roland Lacroix, *Essai de typologie de la première annonce, à partir du témoignage des catéchumènes, ad manuscriptum.*

In all the cases, the catechumens use the term “click” to express what occurred in their life. It corresponds to the moment when the implicit becomes explicit, but especially when is born the decision to follow the way which leads to baptism. It is the awakening of a consolidate maturity. This revelation recognized by the catechumens as the first sign is transformed into a checking moment. This God who is deaf inside of me, is this God of Jesus-Christ, God of the Church? Confrontation between the sense of faith and the Gospel of Christ is what C(H)ristalises the belief in the first announcement. The route of the catechumens thus shows us a complex course, where the Word reveals God without words, where the silence is a whisper of a God who had already communicated.

In face of this, the catechumen attendance appears to be an essential place where, in the opinion of the Church, the unforeseeable route appears, which provides for the future catechumen the auto-communication with God. The catechumenate emphasises that the results of the first announcement are incalculable and unverifiable. We can even say that only the catechumens or those who are starting again know what was for them a first announcement.

### **Starting again**

We can not conclude our overview of practices, without analysing the case of those starting again, not mentioned in the *TN*<sup>15</sup>. Their experiment of the faith however raises a fundamental question within our catechetical patterns. With them, the sequential diagram falls. A first announcement can happen after a well-organized catechesis which did not have sufficient echo for several reasons. A first announcement can be repeated ten times before having any effect. The experiment of Starting again forces us to pay attention to what in the faith is called a force of revival, what appears unceasingly. The route of the believers in post-modernity is sinuous, chaotic and “a good” first announcement would change nothing there. “A good” first announcement can follow a good catechesis in the route of someone Starting again. Not to believe with the faith of the Church doesn’t mean an inadequate catechesis, nor an absence of the first announcement, it corresponds to a complex route of believing in post-modernity<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Except for a note on the introduction, *TN*, p.15.

<sup>16</sup> Roland Lacroix, *Pastorale des recommençants, genèse et avenir, à partir de l'expérience lyonnaise d'Henri Bourgeois*, memory of canonical licence, ISPC, January 2008.

### III. Theological issues of the new catechetical practices

#### *First announcement and kerygmatic catechesis*

Our journey in the practices and the current approaches of the first announcement opens a fundamental question which the Revival catechetical movement has took to his account at the dawn of the twentieth century and in particular for catechists of German language like Joseph Golbrunner, Joseph-Andre Jungmann or Gerhard Bohne among Protestants. The debate was taken again with Pa Liégé in France, in the years 50-60s.

In the introduction of the bulky collection of the acts of the international week of Eichstätt, AM Henry, one of the creators of the journal *Word and Mission*, clearly traced a line between two conceptions of the announcement in catechetical teaching. He even says to the French readers that German conferences will appear strange to him, in what concerns the kerygmatic catechesis, mentioned by those authors from over-Rhin, don't seem to correspond to the French perspectives. What is the problem?

In fact, all of this is a misunderstanding which lays on two divergent pastoral orientations and I would like to say how we find them today. For the catechists of German language, Jungmann and Golbrunner in particular, the stake of current kerygmatic of the catechesis was theologically to reinvest in the innovation of the catechetical practices resulting from the method of Munich. This method created a theological gap, because all catechists realise that scholastic theology was not appropriate for the new catechetical practices. On the other hand, Austrian and German kerygmatic catechesis corresponded to a theological reinvestment of the new methods. Neither the scholastic nor the liberal theologies were able to create a new Christian, after the collapse due to the first world war.

It is in terms of the dialectical theology of Karl Barth that catechists in Central Europe will base the catechetical renewal. In rediscovering the edge of the Word which challenges and converts that catechesis ensures its revival, as thought these innovators. For Golbrunner and Jungmann, the implication of those catechized corresponds to an interpellation of someone by a Word which is a sign, and grows inside of each one. Catechesis does not present a doctrine, it proclaims the Word that is already inside of its listener. The catechist by his testimony of the Gospel allows the Word to act and convert. German and Austrian conceptions show that the kérygme and conversion are important bases of the catechetical action; they are not the threshold of

the catechesis but its permanent resourcing. The Gospel converts not only in the beginning, but always.

On the other hand in the French approach, the kerygme was considered to be the first message of the apostles, a precondition before the built teaching can be effective. The French concept was primarily sequential, based on the unfolding of what is a catechumen: pre-catechesis or pre-catechumenate, catechumenate, baptismal catechesis, mystagogical, catechesis of deep reflection. For Liégé and Henry, the concept of kerygmatic catechesis was related to the first announcement missionary, in a chronological sense of the term. French will accentuate the exegetic base of the word kerygme, but not its theological direction in its dispute of liberal theology and the theology of the school.

Watching closely the texts of the magisterium, we see that the French influence prevailed: the § 62 of the *CGD* of 1997, as we had earlier, is the exact witness of this concept which spread after the International Week of catechesis and Eichstätt mission in 1960, and the articles of Liégé in the *Catechesis* magazine. Actually, I share the point of view of Ugo Lorenzi<sup>17</sup>. It explains why the fast passage of a kerygmatic catechesis to anthropological catechesis in the sixties is the result of an absence of debate and a lack of understanding of the theological bases of the catechetical renewal of German language. So that today, since the debate never really took place, it emerges because practices demand it. What do we make in the first announcement? Is it necessary to be converted already to be catechized? Or the catechetical action operates in a *performatif* way a permanent conversion? Should we expect a pre-catechesis preparation of the human field in order to be able to catechise later on and prepare for the sacraments? Is the preparation done in continuity with the culture so that catechesis becomes a translation into the language of faith of the authentic human experience? Or the edge of the Word has to continue its function of conversion? In short, the French catechists, in the sixties, separate the current kerygmatic of the catechesis, I think rather that they had left aside some questions for better confront others. But today the complexity of the catechetical action re-appears and

---

<sup>17</sup> Ugo Lorenzi, *The Heritage of the Catechetical Revival and Performatif Character of the Word in Catechesis*, volume I, Introduction and chapters 1-5, Volume II, chapters 5b-8, general conclusion and bibliography, thesis for obtaining the doctorate in theology, directing Prof P. Henri-Jerome Gagey, January 2007, 565p.

the French, following the *Letter to the Catholics of France (a propose of faith in current society)*, become aware of the need for the Gospel to be understood in its difference with its force of life and conversion, while not showing a manichean front face towards contemporary culture. In the new practices of the first announcement, it is the kerygmatic interpellation of the Gospel which is required, but removed from the catechetical controversy of the years 60-70, experts of today research at the same time the *performatif* force of the Word that is produced, but also its existential and cultural impact. These guesswork in the catechetical responsibility about the first announcement indicate a change of era. Up to now, the catechetical patterns were thought, including anthropological models on a principle of maintenance of the faith, regarded as more or less present in society and for the families. Catechesis is then concerned in looking further into and represent in the language of the Church, the ordinary experience. Today, a catechism based on the proposal of faith and Christian initiation seeks for the supports of a new kerygmatic theology able to hear the edge of the Word in a pluralistic world and a theology capable of evaluating the strength of the cultural renewal that the Gospel of Christ offers, which sustains life in this new era. In summary, the French catechists seek resources in a theology of the *performatif* Word and a political theology which is capable to say why the Gospel is synonym of life in contemporary culture. Thus, in fact, in the new practices, the question of the first announcement is no longer a simple chronological register and the singularity of the Gospel is appraised in religious pluralism and cultural context.

I end my talk, without a conclusion, by a last question of fundamental theology that the current catechetical practices face. The risk of a theological extrinsécisme is always present. Several diocesan texts noticed it without theorizing, the theologians recall it and the catechumens expressed it. Indeed, we take the risk to approach the first announcement of the Gospel only based on method and effectiveness. In which case, the announcement would be reduced to a message and the first announcement to the results of that message. As if the good preacher could by his persuasion give birth to the faith. Faith is not added outside a man who is pure nature. "God precedes us, He is already in the heart of each man", points out an outline of the diocesan text. If the announcement is possible, it is at the same time because man is capable of God and because God has the initiative of communicating Himself to man. The content of the announcement is God himself, and this is what the catechist is witnessing.

*First announcement in the french catechetical practices*

There I leave this theological remark which deserves a more constant attention and a more precise development. Our work of reassessment of the new practices is far from being completed!



# **Changing Christian initiation in a precatechumenate perspective**

The “four phase method” experience in the diocese  
of Verona (Italy)

MAURIZIO VIVIANI (\*)

The traditional model of Christian initiation encounters growing difficulties in initiating young generations into faith. This is applicable to Italy as well. Facts show that Christian initiation processes are actually ending processes. Once they have received confirmation, or some time later, the strong majority of adolescents (one out of four, on average) leave Church, to go back to it much later in life – if they do at all.

Many Italian dioceses have been working on renewing the Christian initiation model for over a decade. The reason is that it is no longer adequate to the pastoral and cultural scenario. Among the numerous renewal initiatives we have the “four phase method” proposal, in progress in the diocese of Verona. Although still in fieri, this method is sufficiently structured and proven. It apprehends the need for a gradual change in the Christian initiation model. Surprisingly it is a way to experience the precatechumenate and a chance to (re)propose Christian faith in a pleasant and structured manner.

## **1. The evangelization process of Italian Church since Vatican II**

To comprehend the reasons behind pastoral transformations and Christian initiation experiments, it would be useful to remember the evangelization path followed by the Italian Church, starting from the Second Vatican Council.

---

(\*) Priest, Director of the School Pastoral at the diocese of Verona, Italy. Teacher at the Theological Institute San Zeno and the Theological Institute of Religious Science of Verona. Is currently completing a doctorate at the Pontifical Salesian University of Rome, on the First Announcement.

### **1.1 Catechism “in blossom”**

After the Second Vatican Council, Italian catechesis experiences a thriving time. The “*Italian catechistic project*”<sup>1</sup> begins and shows to be one of the most fruitful pastoral products of the last few decades. The *incipit* of this project is the publication of “*The Renewal of Catechesis*” (also known as *Basic Document*)<sup>1</sup> by the Episcopal Conference. This text represents a milestone and provides inspiration for an original and profound renewal. Inspired by the great conciliar intuitions, the *Basic Document* points the fundamental lines of catechesis, highlighting a proposal focused on christocentrism and a renewal of catechistic pedagogy (based on a dual faithfulness: to God and to human beings).

The *Basic Document* sets the ground to move on from “a text book approach” of catechism (seen as a Christian initiation tool with a view to foster faith, addressed to children and aimed at receiving the sacraments). Also it suggests to write catechisms “for a Christian life”, with editions addressed to various age groups, starting from children<sup>2</sup>. The catechisms tried out from 1970 to 1984 are finally published from 1988 to 1997. They are used by the majority of parishes, together with numerous teaching lines and tools, definitely inspired by them. “Catechisms for a Christian life” nurture a change in the catechesis mentality, i.e. moving from “learning the doctrine” to “having a mentality of faith”.

From 1970 to the middle 80s catechism is in full blossom. It is enthusiastic and creative, thanks to the ideas of many catechists, to the extraordinary investment in training three hundred thousand catechists and to high subsidies. Catechesis is at the core of Italian pastoralship and is its driving force. It gains Bishops’ attention and energetic support.

### **1.2 The evangelization phase**

In the middle 80s it becomes clear that catechesis cannot solve all problems by itself. Gradually pastors and catechists lose their enthusiasm. Society and culture are silently but strongly changing. As a result the traditional journey of initiation into faith sees its effectiveness and adequacy flagging down, to the disappointment and the frustration of many catechists.

---

<sup>1</sup> ITALIAN EPISCOPAL CONFERENCE. *The renewal of catechesis* (Il rinnovamento della catechesi). Published by Edizioni Conferenza Episcopale Italiana. Rome 1970.

<sup>2</sup> The CEI official catechisms include: catechism for children (aged 0-6), given to their parents; 4 catechisms for children and pre-adolescents up to confirmation; 2 catechisms for youths (1 for teenagers and 1 for young adults); catechism for adults. Eight official texts in total.

The Italian Church invests massively into catechesis for children, without obtaining the envisaged results. Even the areas with a strongly rooted Christian presence experience numerous “losses”, since many teenagers step back from parishes after completing their Christian initiation. On top of that, several adults abandon parish life and Sunday Mass silently. The necessity of rethinking not only catechesis, but the entire evangelization process becomes obvious and is shared by Bishops as well (the need for a “new evangelization” gains relevance as a topic of discussion).

All the way through the 90s evangelization is thoroughly thought over. The ecclesial documents of those years consider some problematic areas, which Christian communities have already taken on board, as challenges. These are: the need for a broad evangelization, starting from precatechuminate; the missionary scope of the whole pastoral action; the growing attention paid to Christian initiation and its transformation into a catechumenal perspective. Three Notes<sup>3</sup> are devoted to Christian initiation as of 1997. In Italian dioceses new Christian initiation paths for youths are first and courageously experimented.

### 1.3 The faith “proposal” phase

Following the blossoming phase of catechism and the relaunching phase of evangelization, since the new millennium the Italian pastoralship has lived a time of renewal, especially in terms of Christian initiation. Three documents contribute to establishing the direction of the Italian Church during the first decade of the 21st century. The first one is the *Novo millennio ineunte*<sup>4</sup>, which invites the Church to be more open to the world through dialogue and service; the *Orientations* by the Italian Episcopal Conference for the period 2001-2010 (*Communicating the Gospel to a changing world*)<sup>5</sup>, which stresses how the entire pastoral activity needs to have a missionary nature; *This is*

---

<sup>3</sup> ITALIAN EPISCOPAL CONFERENCE, Christian initiation 1. *Orientations for catechumenate in adults* (Orientamenti per il catecumenato degli adulti), LDC, Leumann (Turin) 1997; ID. Christian Initiation. 2. *Orientations for catechumenate in children and adolescents* (Orientamenti per il catecumenato dei fanciulli e dei ragazzi), LDC, Leumann (Turin) 1999. ID. Christian Initiation. 3. *Orientations for a reawakening of faith and the completion of Christian initiation in adults* (Orientamenti per il risveglio della fede e il completamento dell'iniziazione cristiana in età adulta), LDC, Leumann (Turin) 2003.

<sup>4</sup> JOHN PAUL II, “Novo Millennio Ineunte”. Apostolic letter at the close of the Great Jubilee of the Year 2000

<sup>5</sup> ITALIAN EPISCOPAL CONFERENCE (CEI), *Communicating the Gospel in a changing world. Pastoral orientations of the Italian bishops for the first decade of the 21st century* (Comunicare il Vangelo in un mondo che cambia. Orientamenti pastorali dell'episcopato italiano per il primo decennio del 2000), LDC, Leumann (Turin) 2001.

*our faith. Note on the First announcement of the Gospel.* The latter is the result of a rediscovery path of the first Gospel announcement, started over a decade earlier. The need for the precatechumenate is reiterated, a precatechumenate to be proposed to people who never experienced it, as well as to christened people who moved away from faith and from Church. The document states that precatechumenate should be included in faith transmission paths and placed back into Christian initiation paths.

Pertaining to precatechumenate in Italy, it would be useful to point out two things. Documents provide sufficient pastoral and theological in-depth examinations. However they do not indicate precisely enough *how to implement* the precatechumenate and *how to change* the clergy in a precatechumenate perspective. In terms of procedures, precatechumenate experiences, addressed to people who are not familiar with the Gospel or to people who have been detached from faith for a long time, are still sporadic and not sufficiently monitored. The experiences in progress present some risks, like a rather fundamentalist proposal; insufficient cultural mediation; emphasis on the doctrinal and emotional dimensions of faith. Furthermore we should not ignore the risk of placing precatechumenate under the direction of ecclesial movements and groups.

To summarize, *the threefold change* in perspective that the Italian Church is maturing in this decade concerns parishes, Christian initiation and catechesis.

1. *From a "soul nursing" parish to a missionary parish.* Pastors can no longer aim exclusively at the preservation of faith and at the care of Christian community. We need a *missionary parish*, an evangelizing and extrovert parish no longer focused on structures.
2. *From an initiation process focused on children and on sacraments, to an initiation process focused on adults, whose target is Christian life and not sacraments.*

In Italy there is a growing number of people of other cultures and of parents who do not have their offspring christened, on top of people who go back to initiation. Therefore the adult-centered initiation structure needs to be expanded and be conferred a catechumenal and mystagogic approach.

3. *From a Christian life-oriented catechesis, to a catechesis focused on evangelization and on the proposal of faith to reach conversion.* Therefore catechesis is summoned to recover precatechumenate, in order to propose faith as a global life experience.

## 2. The “Four phase method” of Verona

Change is one of the most problematic aspects of the present Italian pastoral scenario, which is rather original compared to the reality of other European countries. The Italian pastoral scenario preserves its specific features and stands out for its great vitality. However, this transition and transformation phase of the cultural and social fabric forcibly requires a change in the entire pastoral perspective, as pointed out in the ecclesial Documents. This change is only partially implemented.

Each pastoral change should be implemented gradually, according to a project and with a precise direction. The same should be said pertaining to the traditional initiation model, something that is probably more difficult in Italy since it is still deeply rooted in the pastoral mentality and structures. In this route to change, experimenting the traditional initiation model is probably one of the most meaningful and promising aspects of the Italian pastoralship. It is not possible as yet to determine how many parishes are moving away from the traditional initiation model – with various modalities – based on weekly catechism classes. However we can state that almost all dioceses are in an experimenting phase. We will briefly describe one of the many renewal experiences, i.e. the “four phase method” of the diocese of Verona. It is a balanced pastoral procedure concerning catechesis, testimony, ecclesial relations and sacramental celebrations.

### 2.1. Objectives

The “four phase method” did not stem from a round table discussion. It is the product of a long-thought and well-constructed process, based on the observation of the experiments implemented by some of the parishes of the diocese<sup>6</sup>. The method takes in the ideas of the Italian Church, catechesis and dioceses developed during the last few decades, to reach four goals. In the traditional and text-book approach system these goals were on a second plan.

1. *reassign family its pivot role* in the communication of faith, by helping parents to rediscover faith in adult terms, so that they are able to transmit it to their offspring;

---

<sup>6</sup> The “four phase method” was experimented – with appropriate modifications - in other dioceses as well, like in the diocese of Florence.

2. foster the move from a *sole* catechist to a *team* of catechists and pastors and make the Christian community more interactive;
3. offer children a catechistic *life experience* rather than a class, organized according to a given schedule and methods. In this way the idea of the compulsory one-hour class after school is put aside.
4. give more relevance to the *Day of the Lord* and the *Liturgical Year* within the whole initiation journey.

## **2.2 Meeting schedule**

The process is organized over several years. Every year is split into monthly stages. Every month four meetings are held as follows<sup>7</sup>:

*The parents' meeting.* It proposes a rediscovery of faith in adulthood. During the meeting parents are given advice about how they can transmit what they are discovering to their family. Every month parents are suggested a *transformation path* (not a series of conferences), structured on the basis of their children's catechism.

*The family meeting.* At home parents moderate a meeting with their family. By providing material and proposing basic hints we try to help parents to transmit faith to their children, via conversations, by praying together and sharing experiences.

*The children's meeting.* It is planned in a relaxing situation (Saturday morning or at some other time, in the parish classrooms). Usually it lasts a couple of hours. In this way we can convey a serene and welcoming experience, give children the chance to share what they experienced at home, synthesize it and pray. A parish priest can take part in the meeting, as well as parents on a voluntary basis (permanently or on a rota), youngsters, Eucharistic ministers, grandparents or other people working as a team with catechists<sup>8</sup>.

*Sundays.* The meeting is held on a Sunday morning, usually one hour before Mass (sometimes it can be held on a Saturday or Sunday afternoon). Parents meet, moderated by the parish priest or by a catechist, to see how the experience lived at home went and discuss any open question further. In

---

<sup>7</sup> This stage follows the indications given by Canon Antonio Scattolini, Director of the Catechistic Office of the Diocese of Verona.

<sup>8</sup> By experience we know that, at the end of the stage, it is useful to make a summary of this meeting with children. Basically we keep a "Logbook" (we ask children what they liked the most during this phase and what they discovered)

the meantime children prepare a prayer, or an act or a sign, so as to express some aspects of the process they covered in their meeting during Mass and with the involvement of participants.

### 2.3 The seven “guidelines”

Over the last few years the experiments carried out in the parishes of the diocese were *verified*. In order to do so, catechists and parish priests were invited. Sometimes one or more catechists attended the presentation and verification of the experiments, to give their immediate impression<sup>9</sup>. By examining the various experiments the method “guidelines” were established. They are summarized as follows:

1. Everybody is made to *feel totally free* to take part in the experience, and never “on the condition that...” (it is nowhere stated that *if some parents do not participate their children cannot receive first communion*). Also children whose parents decide not to attend can take part in catechesis when time comes. (it still works, although obviously not as much)<sup>10</sup>.
2. *Placing families at the core*, not only children, is a basic criterion. The main focus are adults (fathers in particular), seen first of all as parents, nurturing their vocation as a couple (in the case of unmarried or divorced adults the focus shifts on their vocation as parents). Adults are proposed a faith journey structured on their children’s Christian initiation. The educational task of faith becomes a chance to evangelize or re-evangelize parents. It is reformulated in adult terms, reinserting the ministeriality of christening and marriage. By taking a closer look, we realize adulthood is at the core of catechism, not childhood or adolescence.
3. We tried to spot the fundamental moments of each year, by synthesizing them and keeping the various interlocutors in mind (adults and children), along with their different timing and starting points. We tried to remain faithful to a precatechumenate proposal.
4. We know by experience that children cannot be asked to go through catechism classes in between school and thousands of other activities.

---

<sup>9</sup> Canon Giuseppe Laiti, Bro. Enzo Biemmi, Serena Noceti, Canon Ivo Seghedoni and Father Rinaldo Paganelli were invited, along with other people.

<sup>10</sup> It is proven, mathematically, that these children are not penalized either. They do not follow catechesis to a lesser extent, rather to a larger one, both in terms of quantity and, above all, of quality.

Creating *spaces where people can meet* is a sensible thing to do for children. Spaces based on real listening, on dialogue and experiences (let us just think of how useful it would be for children preparing for First Communion to go and visit an elderly person with a Minister of Eucharist. They cannot live such an experience during their 30-minute afternoon class).

5. *Catechists' presence and function* must not be lost (maybe in the experiments of some parishes their role has been reduced excessively, to invest exclusively in the role of parents, summoned to engage in testimony, first of all). Catechists are offered a suitable *training*, proposed in *laboratory* format. In this way they can be helped to rediscover and reformulate faith. They can be supported in the difficult move from being children's catechists to becoming parents' *journey companions* as well.
6. *Sunday Mass* reacquires a special value, since it provides the means to join the journey of the Liturgical Year. Solemnities and the events of the Liturgical Year are, in this way, emphasized. Sundays favour the rediscovery of communal moments and of the sharing of experiences. It can be seen as a Day of the Community as well ("*Shall we have lunch together after Mass? At the parish they will make pasta and everybody can bring something from home*"). It is interesting to see how this can have a positive impact on the parish community and on Sunday's Service, which becomes more lively and with a greater attendance.
7. During these paths it is pointed out that sacraments are "*along the way*" and are not its "*goal*". As a matter of fact the goal is Christian maturity at any age, both in childhood and in adulthood. There is no initiation into Sacraments, but into Christian life through Sacraments. Considering the current transition phase and the fact that people in our diocese socialize strongly still now, nobody is prevented from celebrating Sacraments. However we propose a serious journey of faith to the ones who want to embrace it, adapting it to people's actual possibilities.

#### **2.4 Shared observations and conditions**

During the verification process promoted by the Catechistic Office, carried out with several pastors who are taking part in the experiments, we noticed various relevant elements. Following are some of the most significant ones.

1. *Preparing the ground*. It is fundamental not to dictate anything and support the parish to come to the decision of undertaking the Christian initiation



experiment according to the most suitable timeline. The parish might need a long time, even a few years, to get ready for the experiment. Getting ready is a precious and useful time for the community to exchange notes and have new ideas (priests, parents, catechists and the pastoral committee) concerning the importance of a global and involving Christian initiation. We must accept that things need to be done *gradually*.

2. *Parents' commitment and testimony.* We noticed that when parents reckon the proposal is valid and have a chance to prove it, they are more willing to commit for their children, and the younger the child, the more they commit. Parents are seen to find progressive gratification by discovering a richer and more comprehensive relation with their children, thanks to the catechistic experience. In this way faith finds its place back in families, who rediscover their testimonial possibilities in life.
3. *Catechists' ecclesial mediation.* By experience we know that trained and duly supported catechists can act as ecclesial mediators for parents, better than parish priests can. Without taking any merit away from them, catechists are lay and parents themselves, hence they have testimonial and communicative strength ("*mothers treasure another mother's words*").
4. *The quality of relations.* Female catechists and parish priests confirm that catechism placed in a wider spectrum is different from the afternoon class, in terms of quantity and, above all, quality. Relations are particularly observed. The Gospel is transmitted through relations and generates relations. During training meetings for parents, adults often build new relations.
5. *The communication model.* Parents, children, catechists, parish priests and other pastors involved in the process, experiment a new way of communicating faith, not only through words, but through actions and shared experiences above all. The communication model is multi-directional. Everybody contributes to the elaboration of the fundamental meanings of faith. Everybody is involved. Everyone contributes to educate other people to faith.
6. *Ecclesiology of communion.* We do not have a hierarchic / pyramidal ecclesiology, rather an ecclesiology of communion, shared responsibility and ministerial organization, within our communal identity and baptismal dignity. Everybody involved in the proposal development and

implementation – at different levels - experiences the ecclesiology of communion (through catechistic, liturgical and diaconal meetings).

7. *Authority.* It is most important that the persons in charge (the Bishop, the Vicar of the Clergy, the Director of the Catechistic Office) support, encourage and guide experiments through the direction given by the diocese. In this way we can avoid non-constructive comparisons between the procedures implemented by neighbouring parishes. Said procedures are sometimes rather different. We know by experience that it is useful to clarify things at parish level (among various neighbouring parishes, in a homogeneous social fabric).
8. *The missionary parish.* Parishes implementing the Christian initiation renewal process are adopting a new style. It entails listening to people's questions about life and faith, providing service as God's gift to people, without judging them and respecting their growth rhythm and freedom to embrace Jesus Christ. The parish resumes its role as a global evangelization entity. It moves, changes and becomes more choral.
9. *Resistance.* Obviously a strong resistance is experienced. We have three types of resistance: uniformity ("*Either all neighbouring parishes begin or we do not get started*"), which is not evangelic; the offer of mere religious services ("*I just gave them the sacraments.*"); being permanently indifferent to adults because their choices might not be the ones we envisage ("*What if someone says no?*")
10. *Criticism.* We noticed that major reserves and criticism on the "four phase method" come from the ones who did not experience it. Conversely the ones who experimented it are resolute to proceed on this road (many catechists state they would never go back), although they always try to correct its limits and integrate new points (e.g.: the proposal of a second meeting with children, if it is nothing but getting together again).

### **3. Some thoughts on the Christian initiation renewal in Italy**

Experiments started in the dioceses of Verona, compared against other experiences grown in different pastoral contexts, stimulated some in-depth considerations on the Christian initiation renewal<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> In this part we summarize various observations gathered by Bro. Enzo Biemmi.

- a) **Beyond the sense of guilt.** One of the first elements rising from this experience is the overcoming – partially at least - of a destructive and blocking attitude that many catechists often have, i.e. they feel guilty or put the blame on somebody else. Many catechists believe the unsuccess of Christian initiation and catechesis is due, to a great extent, to their incompetence. Often they can be seen putting the blame on kids, parents and society. The experience analysis shows that things would not change much, even with competent or perfect catechists. It is actually the *enculturation model of faith* that is out of time. We are forced to stick to an initiation, catechesis and parish model that suited the past and a given culture, but is inadequate today. By overcoming this unproductive attitude and replacing it with an adult approach to this time of strong transition, we can accept we are part of this scenario more serenely and do what we can realistically do.
- b) **Continuity and change.** The second element concerns the modality of change. We believe one of the most committing challenges resides in the balanced and intelligent co-existence between continuity and change, to be developed gradually. Obviously we cannot abandon our past (especially in Italy). Nor can we abandon its precious resources and ambiguities, people's expectations and structures. At the same time we cannot be exempted from introducing change, or we would be stuck to a feeble and conservative pastoralship. It is necessary to try to move some steps towards a gradual change, attentive to the situation we are living in. This *realistic change* must be accompanied by the ability of managing resistance wisely, whether it is external (people's mentality and expectations in terms of pastoral offer) or internal (of priests, catechists and pastoral entities).
- c) **A generative community.** A third and fundamental element is the recovery of the Church generative capacity. In the Church tradition Christian initiation had been a "symphonic work" for a long time, rather than a soloist's action. The new Christian initiation experiences are based on the criteria of communal action. As such they allow to gradually move beyond the idea of splitting tasks and "leave it" to catechists. Catechists are joined by parents and families, as well as by other ecclesial entities, as the Pastoral Committee first of all, acting as *active entities*. This is the strategic place where pastors should mature a different approach, in a growing

missionary dimension. The Pastoral Committee should have a planning function, first of all. It should be the place for mentality transformation, for discerning and planning an organic and integrated pastoralship. It should measure the various components of community to agree on the synthesis of proposals and decide what to leave behind in favour of priority choices, like the generative capacity of community facing new generations and people who have still not chosen Jesus Christ<sup>12</sup>.

- d) **Catechumenal inspiration.** Catechumenal inspiration is the fourth strength of experiments. Experiments want to overcome the dual limitation (focusing only on children and sacraments) to go back to a global process of faith initiation and to a catechumenal structure. Not formally speaking, but in its deepest meaning. Re-embracing catechumenate inspiration as the paradigm of Christian initiation does not imply a passive repetition of its stages. It rather means to give Christian faith its indispensable elements back, i.e. proposing, giving free choice (of saying “yes” or “no”), converting, progressively embracing the mystery of Christ, conveying the testimony of life.

The global process of faith is regained in all its stages and dynamic progression. It is an itinerary that could involve the whole Community in a catechumenal journey of continuous conversion. In this way the Community can rediscover pastors’ missionary dimension, moving from *cura fidei* to evangelization. This can be done in one of the most effective ways, i.e. the progressive self-evangelization via evangelization, and self-generation via the generation of new believers. Furthermore Christian initiation experiments addressed to youths demonstrate that implementing a free itinerary with parents is a most useful opportunity. When parents are involved and treated as adults they become unexpectedly prone to consider their educational task even more seriously, in terms of faith as well. Also they become prone to restart their journey into faith.

- e) **Assigning Sundays their value.** The fifth element is the choice of giving value to Sundays and to the liturgical year, seen as a moment of initiation

---

<sup>12</sup> At diocese level the Bishop, decision-making bodies and all offices should create a shared, integrated and organic project with regards to pastoral action. They should leave competition behind and only focus on the strengthening of the Church generative capacity.

and mystagogy for the whole Christian community. Mystagogy becomes the moment in which the meaning of Easter is comprehended, to be progressively transported into life. It is the profound logic of the whole ecclesial pastoralship. "Mystagogy" means "entering mystery". It is Church generating its children via sacraments. It is Church bringing them to delve continuously into the fecundity of the Eastern mystery they received, at a profound level, via its pastoral functions. In this progressive journey the whole community gathers on Sundays, the day of the Lord, centered on Eucharist. Not only is Sunday a training day for a Christian life, but above all it is the weekly appointment *par excellence*. It allows our Lord Jesus to continue being the one who gives his life to save us all. Therefore Sunday is the main mystological day and the accomplishment of Christian initiation.

- f) **The precatechumenate perspective.** The last element left to consider, the sixth one, concerns the gradual transformation of catechesis, of the whole Christian initiation and of parishes in a precatechumenate perspective. The Italian documents of the beginning of the 21st century clearly show this perspective. The new perspective, following the ecclesial seasons of "Christian doctrine catechesis" and "catechesis for a Christian life", means *moving* to a catechesis seen in a precatechumenate perspective.

The experience of the four-phase method shows it is necessary to see the precatechumenate as an ordinary element of clergy and catechesis (during pre-nuptial courses, meetings with parents who would like to have their children christened, meetings with adults who have not received confirmation as yet). At the same time our particular Italian tradition must not be changed radically. We must not delude ourselves that people we approach have already matured the idea of embracing Jesus Christ. Each meeting and each itinerary should be an occasion to restore the essence of faith and its *essential grammar*. Therefore changing does not mean to overturn pastoral initiatives, but rather to adjust the target in a precatechumenate perspective.

### **A possible change**

The "method" applied in Verona is only one of the many contributions that the Italian Church is giving us to make us change our journey to faith gradually and courageously. These contributions offer precious guidelines to

enable us to communicate faith to youths joyfully and enthusiastically, with the involvement of the entire community.

Experiments carried out in the diocese of Verona show how many catechists and parish priests commit to evangelization and with great passion. This is the *main task* of Christian communities. Thanks to many pastors' creativity and willingness to change we are able to gather advice, proposals and new ideas to change Christian initiation in a workable way.

The "four-phase" experiment, faithful to tradition and open to pastoral innovation, is bringing new lymph, enthusiasm and hope to the life of diocesan Church. Also, the parishes that are experimenting it are developing an unexpected generative capacity in their relation with young generations. They are experiencing a regenerative strength at community level. The "four-phase method" does seem to be a horizon for the Christian Initiation journey. Experimenters describe it as a method favouring – both in terms of content and style – a pleasant, beautiful and desirable First Announcement of the Gospel, both inside and outside the community.

## Report: faith and catechesis in Poland (field analyses)

ANNA KRÓLIKOWSKA (\*)

### 1. The situation

To describe the social-cultural background of the Polish catechesis, I will read you two quotations with a few years but still present in Poland.

“Indeed, Europe is now one of those traditionally Christian places which, in addition to a new evangelization, require in some cases a first evangelization. ...Everywhere, then, *a renewed proclamation is needed even for those already baptized*. Many Europeans today think they know what Christianity is, yet they do not really know it at all. Often they are lacking in knowledge of the most basic elements and notions of the faith. Many of the baptized live as if Christ did not exist: the gestures and signs of faith are repeated, especially in devotional practices, but they fail to correspond to a real acceptance of the content of the faith and fidelity to the person of Jesus. ... Christian communities need to work at *proposing a catechesis* adapted to the varying spiritual journeys of the faithful at different ages and in different life situations, and to provide for suitable programmes for spiritual accompaniment and for the rediscovery of one’s own Baptism” (John Paul II, *Ecclesia in Europa*, 46, 47, 51).

“These concrete situations of the Christian faith call urgently on the sower to develop *a new evangelization*, especially in those Churches of long-standing Christian tradition where secularism has made greater inroads. In this new context of evangelization, missionary proclamation and catechesis, especially of the young and of adults, is an evident priority” (General Directory for Catechesis, 26).

---

(\*) BA in Religious Science and Ph.D. in Science Education, coauthor of manuals for the religious education in the Schools. Teaches at the Philosophy and Pedagogy School in the “Ignatianum” University, Krakow. Member of the European Team for Catechesis.

## The Catechesis

In the Polish context, after the fall of Communism, the catechesis takes no longer place in the parish. It is taught in schools where it exists under the name of religious teaching. It has to face the demands of School as an institution and at the same time attain the mission of the Church.

## The Evangelization

The *General Directory for Catechesis* defines evangelization as a process in which the Church, inspired by the Holy Spirit, announces and spreads God's Word throughout the entire world:

- the Church, inspired by *charity*, involves and transforms the temporal order, assuming and renewing cultures;
- it *testifies*, among the people, a new way of being and living that defines the Christians;
- it proclaims explicit God's Word, through the «*first proclamation*», appealing to conversion;
- it initiates in faith and Christian life those who, by «*catechesis*» and «*initiation sacrament*», convert themselves to Jesus Christ, or those who take back His steps, incorporating all of them in the Christian community;
- it develops without rest the gift of *communion* among the believers, for the permanent education of faith (homilies, other forms of Word ministry), the sacraments and the exercise of charity;
- it never ceases to promote the *mission*, sending all of Christ's disciples to announce God's Word, in words and actions, throughout the world.

Such understanding of the notion of evangelization defines the meaning and specific function of catechesis. Catechesis implies a faith already present within the person. This faith is conceded as a free, conscientious decision in Jesus Christ our Saviour. It can be a faith of the adult catechumen preparing himself for baptism. It can be the faith of the baptized adult who lives a Christian life and renews it endlessly. It can be the faith of baptized children who hope to progress into an adult faith.

Nonetheless, the Polish Catechetical Directory states that it is very difficult to establish a precise and clear definition of catechesis. It quotes several definitions of catechesis that exist in the Church's documents. However, it never says explicitly that catechesis is building grounded in faith. Even so, without faith there is no catechesis.



How do you practice catechesis in Poland?

I am going to define a phenomenology of the polish catechesis. One can define three trends in the polish catechetical practice, which, in my opinion, are incorrect: the catechesis – struggle; catechesis – torment; catechesis – armistice. The order of these methods of catechesis is not casual: the enthusiasm of the catechesis activist due to the difficulties transforms him in a martyr that will lead him to the dialog with the catechized. On the other hand, we can distinguish the catechesis – encounter; catechesis-evangelization; catechesis in its essence.

### **Catechesis as struggle**

The catechesis activist with his sense of duty, mission and the conscience of possessing the truth wants to “convert” his students at all cost. He is amazed by their religious ignorance and their seclusion from the Christian values and practice. In this context, catechesis becomes a confrontation, an ideological fight, a struggle that he sometimes wins and other times loses. In such a catechesis, the students are opponents to the catechist. You can convert your opponent but that rarely happens. Usually these fights cause “wounds” in both sides and so the consequence of this catechesis is a disruption in communication, which is hard to repair. Catechesis – struggle is continually reiterated as catechesis – torment.

### **Catechesis – torment**

Here the catechist was overwhelmed by the task. The catechist has lost and can no longer organize or take the initiative. The catechesis is for him a torment, a pain a source of suffering. Students assault the catechist and cause him pain. He suffers humiliations from the catechized. There are cases of physical and psychological harassment. There are catechists who live throughout this situation with a spirit of sacrifice for their students. However, more often the catechist takes conscience of the idiocy of this suffering and negotiates the armistice. It is the capitulation.

### **Catechesis – armistice**

This catechesis is conducted like an agreement, a social contract that says: “If you live with me in agreement, I will agree with you.” It is a compromise in which both parts agree to stop the fights, the confrontations, the

provocations and mocking to establish ways that they can take without harming each other and normality is established. Students and catechist are nice with each other. However, this apparent tranquillity may, immediately transform into a struggle whenever someone tries to breach the contract, for example, a new demand to the students. The contract demands little effort, it only takes a certain conformity. It is the final level of a catechist when he loses the struggle and the torment is unbearable.

### **Catechesis – human encounter**

In this case, catechesis is lived as a common ground of gathering among people who live in peace and are kind to each other. The most important aspect is the desire to know each other and discover common points. The catechist and students consider themselves as companions. In this context, the catechesis is well prepared and there are interesting discussion and exchange of ideas among students. Looking closer at this situation, we realize that the peaceful situation has caused the reduction and diminution of the differences. The common elements are underlined in opposition to the elements that could cause a fracture. This situation leads to a dysfunctional image of the world, religion or even the relations between students and catechist. The content of faith is reduced to cultural elements, which lead to a catechesis with an existential feature. In the field of mutual relations – as it tends to confine to the common ground – it is very restrict, which limits the catechist. Then this catechesis is degraded into an armistice catechesis unless it develops into an evangelization catechesis.

### **Evangelization Catechesis**

This kind of catechesis aspires to achieve the *kerigma* in order to fundament the Christian message for life. Here the full diffusion of faith is never separated from the fundamentals that make it possible and understandable. The catechist uses all of his energy and talent to help the student to comprehend the basics of the Christian message and build personal, responsible and conscious bonds with Jesus Christ. The evangelization catechesis requires a good formation from the catechist. When endeavoured under the wrong conditions, for example, as an indoctrination thesis, it may lead to a catechesis – struggle.

## Catechesis in its essence

Here catechesis is considered as an opportunity to develop faith. It is a school where faith is matured. It demands from the catechized an effort of understanding, internalization and approach to faith already inside him that needs to develop in a free and responsible form. It is only through this conversion and having in mind a posture “he who believes” that the catechesis in its essence has its specific role in the education of faith (DGC 62).

## 2. The problems

### The paths and false ways of the school catechesis

The scientific investigations<sup>1</sup> and the everyday observations allow us to say that Poland is a country for a mission. That is valid especially for young people. It is true that there is a strong Christian tradition, multiple forms of religious practice, a well-developed sacramental catechesis but we should not be misguided by this situation. Behind all this religious activity, there is not always faith. What is true for the country is also true for the school catechesis. On one side the attendance rates are very high in these courses, on the other side, the groups are extremely heterogenic. There are teenagers truly committed with life in Church and others completely detached from faith and the Church, declaring their atheism. Other teenagers are conscious of their autonomy, manifesting selective attitudes towards their faith, their moral rules or simply indifferent. There are others who express their spiritual interest in New Age, oriental religions or cults.

How to carry out the catechesis tasks in such a diversified context? The Directory (DGC, 85-86) numbers six tasks:

- fostering the knowledge of faith
- the liturgical education
- moral formation
- teaching to pray

---

<sup>1</sup> Cf. por ex. W. Zdaniewicz, T. Zembruski, *Koeció³ i religijnoœæ Polaków 1945-1999*, Warszawa 2000; *Cicha rewolucja. O religijnoœci polskiej m³odzie¿y z ksiêdzem S³awomirem Zarêb¹*, wicedyrektorem Instytutu Statystyki Koecio³a Katolickiego rozmawia Ewa K. Czaczkowska, “Rzeczpospolita”, nr 20, 24.01.2001.

- teaching how to live in a community
- indoctrinating to the mission.

These tasks intend to help the catechized to build their Christian life according to the values of the Kingdom in a response to Christ's appeal. However, how to build such a life without this fundament named faith? The answer designed for Poland is: more evangelization in school catechesis. This perspective has the following consequences:

### **As far as the agents are concerned**

The function of the catechist is not the same as the Religion teacher or the missionary. The New Testament qualifies these services as being different from each other: Eph 4, 11 "And his gifts were that some should be apostles, some prophets, some evangelists, some pastors and teachers". Each ministry implies a specific action, formation and talents.

### **As far as the environment is concerned**

If you set evangelization as the catechesis centre, at the same time it is necessary to recognize that this evangelization overcomes the school programs. Evangelization is an individual process that demands a lot of time, flexibility and adjustment. It is impossible to place evangelization in one of the educational stages. Then in the school context, it is sometimes necessary that the catechist places the school program aside in order to follow the conversion process. That is the importance of reorganising the parish catechesis.

## **3. CHALLENGES OF A NEW PRACTICE**

Which is the practical realization of the postulate: more evangelization in school catechesis?

### **The reiterated tuition of the catechesis agents**

A new context in the polish catechesis claims for reiterated tuition of the catechetical agents according to the ministries (Ef 4,11). Today's catechist must be more than a missionary or Religion teacher; therefore, it requires another kind of tuition.

### **The re-organization of the parish catechesis**

In Poland the parish catechesis is almost non-existing. It was replaced by school catechesis. With the exception of a few gatherings in parochial context, the preparation for the sacraments is done at school. Nevertheless, school cannot fulfil all the catechetical assignments. Specially, it cannot create a favourable atmosphere for a truly religious experience and life in a community. It is indispensable for Poland to restructure the parochial catechesis. It is not an easy issue to solve, especially as far as the organization is concerned.

### **The creation of school chaplaincies**

For many children and teenagers the catechist is the only contact that they have with the Church. Of this contact relies the image of the church and Christianity: the Church is interesting or boring, competent or not, it has a human face or it is an insensitive institution. For a child or teenager the Church is represented by their catechist. It is very difficult to give an interesting image of the Christian life during a two hours lesson a week. Therefore, it is important in the Polish context to organize school chaplaincies. Complementarily to the religious teaching and the renewal of the parochial catechesis, the school chaplaincies can carry out important and specific functions such as school retreats, biblical study groups, spiritual guidance, etc.

### **The organization of residential retreats**

In Poland, an evangelization form – of first proclamation for some or new proclamation for others – that is used is the residential retreats. Thanks to the retreats and the establishment of religious groups, the Polish Catholicism is starting to distinguish itself in an important way: next to a large group of non-practitioners and indifferent there is a considerable group of teenagers who are strongly committed in their process of faith development. The retreats have a very important role in the processes of faith arousing that are the nucleus of a significant catechesis. A good example of this evangelist activity is the *Approach to God School* organized for some years by young Jesuits with a lot of success.

Example: APPRAOCH TO GOD SCHOOL (Power Point presentation)

The team of young Jesuits prepares the meeting in the High School  
They invite the teenagers to the gym  
They discuss with the teenagers  
They have fun  
They talk about faith  
Moreover, in the end they invite the teenagers to a retreat.

Approach to God School

- in effect, it is three and a half days of intense pray, learning according to the method of St. Inácio de Loyola.
- Its target are young people between the ages of 16 and 23 who wish to live their faith according to tradition

How does this happen?

- The teenagers leave their daily routine to fathom their spiritual life in an atmosphere of silence and in God's presence.
- First, the participants learn the meditation method used by the Jesuits for more then 5 centuries.
- The teenagers acquire a new perspective on the Bible and the meaning of life.

Daily Plan in the AGS

- 4 meditations – each one initiated by a small introduction
- Eucharist
- Individual walk
- Three meals
- Bible reading periods
- 15 minutes of individual talk with his/her spiritual mentor.

# Ecclesiological implications

SERENA NOCETI (\*)

## Determining coordinates

It appears to me that, in the last few days, the reflexion upon which face of the Church is demanded by the first announcement has emerged around **three** planes that I would like to consider in their distinction/ singularity and in the correlation they create among themselves: the *conscience of Church*, the *ecclesial form*, the *institutionalization processes*. These are three levels in interaction: forms and processes give opportunity to a conscience of reversivity, knowing that *conscience* doesn't translate immediately into *processes*; at the same time, processes and institutions create the ecclesial conscience and mature it; there is no ecclesial form if it isn't institutionalized and empirically detectable. I consider a condition for efficacy the fact that the pastoral action of renovation places itself, nowadays, on these three planes, and that there is a guarantee of reflexion on how these three levels relate to each other and on which are the strategic priorities that must be defined.

## Conscience

A decisive missionary conversion of catechesis demands, first of all, a clearer determination of the conscience of Church that supports it and towards which we wish to go, whichever the contents of the collective conscience that dwells in it, which is the profound fundament of the ecclesial form and structure, and what is it that we wish to mature together.

---

(\*) Doctor of Theology from the Faculty of Theology of Central Italy, with a thesis on the ecclesiology of W. Pannenberg. Professor of Systematic Theology at the Faculty of Theology of Central Italy, the Camione Inter-diocesan Theological Center (Luca) and the Institute of Religious Science, in Florence. It is the director of the Secretariat of Adult Catechesis in Florence. Member of the Governing Board of the Italian Theological Association.

I will present as particularly essential two specific traits emergent in the argument with the cardinal of Lisbon (about enculturation/ transformation of culture), in professor Alberich's homily, in the comparison between the experiences and in Bissoli's presentation: to recognise and perspectivate an option for a clear vision of the Church **IN** the world; second, to think an eschatologically defined vision of the Church, as related to the Kingdom, as an **open and becoming institution**.

The first announcement must be supported and sustained by a vision similar to the one presented in GS 44: to know the language of our times in order to be able to best proclaim the Gospel, but also to better **understand** the Gospel (according to the new perspectives, thanks to unpublished categories, thanks to sensibilities that were not present in earlier generations). From the choice of first announcement itineraries lived in this logic of authentic listening to the interlocutor comes the opportunity for the Church to deeply understand the Gospel through the questions, the doubts, the resistance, the existential prejudices that the adults always present before the evangelical announcement proposed by the Church.

It is about **overcoming** any nostalgia of Christendom and the **sacralisations** of the ecclesial "already", even before looking for a safe identity that many ask from the Church, to accept living according to the conscience of a certain relativity (in the world, in the kingdom) and flexibility/ frailty that is required by a post-secular Christianity. In a context that lives according to "the legitimation of continuous change" we must learn to think the identity of the Church, not as the continuation of an element acquired once and for all, but as a progressive building of an identity, never concluded, as "**being-in-becoming**". Let us not already be taken as a Church because the truth will be fully revealed in the eschatological fulfilment, to us and the rest of humanity.

### **Ecclesial form**

The neotestamental texts quoted yesterday, as well as Jordi d'Arquer's conference, present us with an **ecclesiology of announcement**; and, first of all, refer to an *ecclesial form* that is proper and primarily defined from a constitutive principle, that is, on the one side, historical principle of existence, and, on the other, permanent hermeneutical principle to understand the Church: communication of faith (cf. 1 Jo 1:1-4).

The first announcement is part of the most complex set of dynamics of communication of faith that give being to it: the first announcement is



characterized, in what concerns other dynamics, as being in the service of the birth of faith, in those that are not believers and with those that express themselves in Christianity (although admitting to belonging), with words that demonstrate that the Gospel was not announced in the core of good news of salvation in Christ (quot. Bissoli).

**2.1.** Again, we are aware of what before was explicit and mediated by religious socialization and that if what is announced to those who are not believers is not, the Church will end in the short span of a generation. The vital principle that gives the Church its very own existence is the **announcement** itself. This leads us to restoring the priority given to the efficient communication of the Gospel, even if it's verbal, face to face, to the adult, in a dialogic and personalized way, not as an activity among others, but as a reality necessary to exist. To talk about the first announcement leads to an "essential of Church", that has its primal value in the chronological, logical, generator sense, and that "teaches" the basic logic to any other ecclesial activity; for every moment of the life of the Church we must question ourselves about the type of communicative dynamics we are setting in motion, which are the themes that propose it, in which places and, after that, what type of Church derives from this typology of communication; the mediation of determining/ essential contents is given by the implicated subjects and by the ways of communicative relationship proposed and activated.

**2.2.** The theme of the first announcement takes us to the heart of one of the main subjects of ecclesiology: how to think the relationship between singular individuals co-constituent of a collective subject and the ecclesial Us. The matter of the first announcement allows us to understand the difference between faith and **profession of faith**, which we tend to level: faith is inner reality, authentic surrender, vital obedience, the Amen that is at the centre of a person's heart; professing faith is not only personally declaring one's adhesion to faith in the celebratory moment, but also announcing to all those who are not believers that this has become the fundamentals and sense of existence. Only when faith is symbolized and communicated (verbal and symbolically) it is "co-generator" of Church. In this sense, the **criteria of belonging** to the Church [if we place ourselves in the properly empiric plane] is not faith, which remains inside, known only by God, but the profession of faith, the faith professed and celebrated anew in baptism. The first announcement **serves faith in relation and in order** to the ecclesial profession of faith.

**2.3.** On the one hand, all this reminds us that the Christian **faith** is, properly, **ecclesial** (because received by means of and in the Church, that keeps the memory of Jesus) and that, if one may accept Christ and his message, even individually, it is only possible to become Christian in the Church, in sacramental life, based on the profession of faith of the Church. Secondly, all this also teaches us to look for a way of Church that always sets from self-definition (categorized, thematised) of each one of the entities evolved in locution (speaker and interlocutor).

**2.4** Talking about first announcement helps us rediscover a Church that permanently lives from a **communication in faith and of the faith through the believers** (evangelizing and reevangelizing dynamics), and that has the form of Church as “hermeneutical community” of the Gospel in the cultures and thanks to the cultures.

### **The plane of institutionalized ecclesial existence: processes and structures**

I use “institution” in the widest sociological sense, taking into consideration the institutionalized relationships, and the Church as an empirical subject, characterized by the stability and reconnaissance in the historical and cultural context. To this level I would give 3+1 suggestions, covering in several aspects the core of **mediation** (given under **the** form of proposal, **of the** configuration of the collective subject, **of the** necessary contribution of the speaker subject) and that asks for the remodelling of our face of Church. This concerns a “re-form” in the etymological sense of the word, a **reinterpretation** of the institutions already in place and the **creation** of new ones.

**3.1.** I think the first announcement asks for the passage into a Church that values and supports a **differentiation** of resources, ways of belonging, the level of conscience thematised by its members.

**3.2.** the assumed configuration and the **choice of means** to attain the goal must not be contradictory to the central proclaimed message (LG 8c); the ones who are not believers are particularly alert to that, which helps us understand the importance of mediation exercised on the symbolic level.

**3.3.** the parochial form (from the beginning and, thus, also from the tridentine model) has always assured two key-elements of the *ecclesial*

*form*: the relationship between the **Gospel** and the **territory**, as well as **the form of People of God**, outside any elitism and an eventual reduction to homogenate criteria of belonging for the members of a community. The end of the tridentine parochial civilization invites us to rethink the types of communities in which we live the ecclesial Christian experience and that suggest the evangelical announcement; this is about maintaining and caring for the form of **people**, based on a **free**, conscious, responsible adhesion, entrusting to a “net” of communitarian subjects (has it has been said these days) the task of a first evangelization. I think it is precisely about time to propose in a new way this matter about the Church of election and the Church of people. We have lacked these days, it seems, a needed critical confrontation about the movements, to whom the first announcement has been asked, in certain contexts, almost completely, that suggest that, in many cases, belonging to the Church is almost like belonging to a specific form of movement.

**3.4.** more specifically, I think that – given the cultural context we live in, that makes from freedom a definition key on the anthropological plane – our Church must configure itself (show itself and be) as a “**mother of freedom**”. On this wager we gamble a lot of the future of our Church, as is shown by the nucleus of the first announcement. The other one I meet is free of accepting the proposal, of refuting it, of partially welcoming it, of objecting, refusing to accept it, of accepting it and then leaving, etc. All this results in something shocking to a monolithic Church, but a lot is gambled in the capability of the Church to become an “institution of freedom” and a “space of co-responsible freedom”.

### **Promoting transformative strategies**

If conscience doesn't translate itself, immediately, into forms and structures, gives birth to the matter of who should promote change in the structural plane and how that may occur. Even in this case, it seems to me that this is **not** so much about operating to propose **A** model of Church, but adjusting to reply with opportune adaptations. Setting forth from the ecclesio-genesis of the communication of faith (first announcement and communication of faith) shows that the way is that of thinking **according to/ in self-constitutive process of the Church**, in light of the Gospel for men and women in a specific culture, in an edification not predetermined in all its

### *Ecclesiological implications*

elements, but centred around the essential principle which, in itself, is dynamic.

The reflection of these days has shown that the challenge is that of identifying as **priority** those dynamics that are essential in the logical point of view (more than axiological for the set of the Christian faith), for the individual and the collective subject, being able to seize the knowledge of the consequences on the medium and long term (in the case of Poland, presented these days, seems to me significant that, in a very short span, the situation of the Church has been substantially altered in what concerns the first announcement). This is not a time to simply be “realistic”; it is time to be brave and free “makers of the original”.

## **A few perspectives taken from the observed performance**

DENIS VILLEPELET (\*)

On the field of missionary performances or performances of the first announcement, we find ourselves in the middle of the river. I've borrowed this image from a French philosopher called Michel Serres who compares education to swimming across a river; this river being large enough for the swimmer not to see the bank he must reach. The crucial moment in this crossing is the middle of the river. There, the swimmer will have to expend as many efforts on returning to the departing point as on moving forward towards the unknown bank. Speaking catechetically, we leave a well known bank but we don't really know where we are going, even if we really go there!

### **Presentation of a tool for analysis**

I offer to illustrate this judgement by rereading the work we have done from the point of view of a tool for analysis of institutions. The catechetical performances are institutional performances. By institution, using the largest sense of the word, I mean a collectivity of social performers organised within a certain amount of time to satisfy a social need (in this collectivity, powers are carried out and functions are fulfilled). (For example, the mission of the World Health Organisation is to assure the highest degree of health around the planet). Without giving details, I would like to state that a need is an almost permanent negotiation between a social and institutional requirement, individual expectations and a model of expertise. In short, a social need is not the spontaneous and immediate translation of an expectation. A group of performers (in this case, a Church) may be convinced that their function is to satisfy a spiritual need even though it does not match any individual or collective expectation!

---

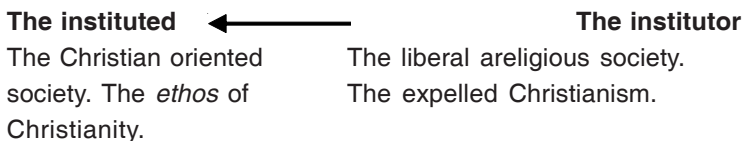
(\*) Layman, doctor of theology (1SPC) and philosopher. Was Director of 1SPC - Paris until 2007, where he has academic duties. Is the Nicodemus Space director (long term training), with large production of texts in the catechetical field. Member of the European Team for Catechesis.

Rather than talking about institution, it would be fairer to evoke the notion of institutional performance. Truthfully, an institution is not static; it continuously acts. It closely resembles a living organism rather than a masonry stone. This institutional performance is crossed by tensions that take part in its balance, while being the source of debates, that is, conflicts. We may model these possible tensions speaking of two structuring institutional poles: the pole of the instituted and the pole of the institutor. An institution generates the balance between instituted forces and institutor forces. The instituted pole represents tradition, heritage, permanence, memory, identity and is moved by the dynamics of the *status quo* (we have always done it like this, so we continue...). The pole of the institutor represents the ways of emergence, evolution, creation, the forces of change and adaptation and is moved by the dynamics of initiative (if we don't change, we perish). To be clear, an institution isn't always on one side or the other: the institutional identity depends on the balance established between both poles.

**Model of analysis**

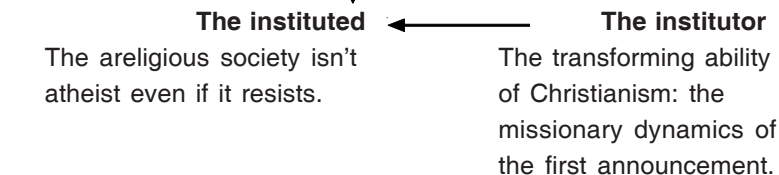
If I resort to the speech we've had in this congress about missionary catechesis and I reread it on the point of view of the tool I have just outlined on the institutional performances, I am led to perceive two phases. One phase is effective and the other projective.

**The effective phase:**



The post modern societies that have kept a certain Christian memory.

**The projective phase:**



## Interpretation of the model

### 1. Effective phase

Certain European societies remain sociologically Christian or, at least, branded by a certain Christian memory. However, many among them have left the Christian regimen in which the Christian faith coincided with the identity and social belonging. We may observe there a massive withdrawal from the Church by a substantial part of society. The institutional Christianity is expelled. Even in those societies where still remains a strong Christian tradition (northern Italy and Poland – cf. the presentations by Maurizio Viviani and Anna Krolikowska), faith isn't necessarily present and the initiation models are to be revised.

On the side of the institutor, we may consider the presentation by Guido Erbrich as an extreme situation about what happens in post modern societies. «If someone asks you “Do you believe in God?”, the answer will be “No! I'm absolutely normal.”» Even if this areligious situation is unique in the old Eastern Germany, it mostly characterises Western Europe. It is an adequate symptomatic concentrate of what happens elsewhere. The areligious and liberal European society leads to a process of extra culturation of the Christian faith. The subjectivation of social behaviours, the decisive value of the respect for individual freedoms generates a society of individuals that preaches a democratic autonomy without transcendence.

### 2. Projective phase: the new instituted and the institutor forces of the Christian faith.

It is this sociocultural, economical and political context of this areligious and liberal society that truly forces upon us the missionary dynamics of the first announcement. But in order to go there, one must not make a wrong prognosis: the post modern society is not institutor but Christianity is, which can inscribe itself into this society as something radically new. Such change of perspective presumes several things:

1. Avoiding looking at that society in a negative way. No one is excluded from God's will of universal salvation. This creator God has not abandoned the world and the incarnation has not ended with the Resurrection! Let us not leave with the notion that there is a supposed collapse of values.
2. This areligious society is a chance for a new Christianity considered as force of transformation and humanisation. Christianity may become a

dynamic element in a mutation process: the Christian experience may cause the surfacing of new cultural attitudes. Rather than talking about first announcement, it would be better to reflect upon the meditations in order to exhibit the force of renewal and of interpellation of the Gospel. As Guido Erbrich told us: «in similar societies Christianity has got nothing else to lose, it has everything to gain in taking risks. »

3. From a highly instituted situation, Christianity may become highly institutor on the condition of recognising that at first it has been uninstituted by institutor forces that function perfectly without it and against which it cannot do much. The post modern and liberal institutor has become the instituted from which Christianity may work but differently from before.

**Conclusion: working differently!**

This conclusion does not intend to be exhaustive; it gathers a few points presented in the multiple exchanges of this congress on this «working differently».

- Let us not fear gambling and experimenting with models of integrating the Gospel in the life of areligious individuals. Multiple experiences, inceptive, not able to be generalised that testify the prophetic force of the Gospel and do good! It is advisable for this to come out of the vision of the kingdom of God.
- Be certain that it is always someone – in person – that is exposed in the announcement. This attitude supposes humility, gratuity, unselfishness, authenticity, truth....
- In every situation, it is the receiver who decides what a first announcement is. This dynamics of the first announcement may borrow several pathways. That of the simple presence and reception thanks to the opportunity of the meeting. That of the invitation to discover – here we may remind the examples of the night of the churches and St. Valentine's. Lastly, this first announcement may be made in a proactive way: for example, we may refer to the four-time method of Verona.



# Echoes from the Congress

ANDRÉ FOSSION, S.J. (\*)

At the end of this congress, I was asked to particularize the concept of «first announcement» from the conferences, reported experiences, exchanges and debates that took place during the gathering.

## Emergent set of problems

The set of problems related to the «first announcement» is rooted in the contemporary cultural context where faith is not enough in itself. We are no longer, in effect, in that Christian time during which the social framework was in itself a bearer of faith. The society has become secularised not only on the level of public life but also, largely, on the level of private life. Today we live in a laic, plural, secular society that, in itself, is not anti-religious, but places every conviction in the domain of free adhesion. This socio-cultural situation truly stimulates the missionary dimension of catechesis, hence the set of problems of the proposal of faith and, more precisely, that of «the first announcement».

---

(\*) Jesuit priest, teaching in the International Centre Lumen Vitae. He also teaches religious sciences in Namur's University Colleges. He was director of the Lumen Vita Centre from 1992 to 2002 and president of the European Team of Catechesis from 1998 to 2006. He is the author of *Lire les Ecritures* (Lumen Vitae, 1980), *La catéchèse dans le champ de la communication*, (Collection Cogitatio Fidei, Cerf, Paris, 1990), *Dieu toujours recommencé. Essai sur la catéchèse contemporaine*, (Lumen Vitae, Cerf, Novalis, 1997), *Une nouvelle fois. Vingt chemins pour recommencer à croire*, (Lumen Vitae, l'Atelier, Novalis, 2004). He is a regular collaborator of the Lumen Vita magazine. He has directed and taken part in the writing of about 20 catechetical manuals for religious teaching. He is responsible for the site of documentation and distance learning of Lumen Vitae <http://www.lumenonline.net>

## Two obstacles

But what is the «first announcement»? Two obstacles must be avoided when answering this question: a too wide definition and a very narrow one. The too wide definition would be to sustain that the spreading of the Gospel is definitely always a first announcement, for the Gospel always resonates in a new way. In this is comprised the life of the faithful and that the efforts of faith are always a restart. It is true that the Gospel is always new and that the faithful never reaches the end of his path in faith. But, to state, henceforth, that one is always and everywhere in «first announcement», would be emptying the concept of its specifics and sidestepping its particular pertinence in today's context. The overly narrow definition, in contrast, would be confining «the first announcement» to the brief and warming, kerygmatic in type, proclamation of faith to the people that are supposed to ignore it, aiming to achieve an immediate conversion, without delay, without debate, without multiple meditations. In this narrow hypothesis, the first announcement is reduced to a style of direct preaching in the public square also in personal relationships.

## A suggestion of definition

Between these two obstacles here is the proposal of a wide definition but nevertheless precise of «first announcement»: *the first announcement designates statements of Christian faith, under changing forms, which, in precise contexts, favour and make possible first steps in the faith among those that are apart.*

Let us explain each of the elements of this definition.

- The «first announcement», in the suggested definition, relates to the first steps in faith. In other words, an announcement is «first» once it is heard by the interlocutor as an appeal to try the first steps in faith. First announcement and first steps in faith are, therefore, intrinsically connected.
- We must reflect upon the use of «statements of faith» in the plural. This is to accentuate that there isn't a unique form of «first announcement». It may effectively take diverse and changing forms. In other words, «the first announcement» gives room to a plurality of statements of faith.

- The first announcement «makes possible» the first steps in faith. The phrase «makes possible» enhances the idea that this isn't a relationship of power or conquest, but of proposal and freedom. The first announcement, in other words, implies from the witness a spiritual attitude of unselfishness. The testimony does not have the power to instil faith and to convert. It is delivered against the unexpected, the unanticipated, the risk of freedom. It opens the game, but it is the other who, in his own self, decides to enter it or not, most times even without the knowledge of the witness.
  
- The receivers of the first announcement are those that are – or made themselves - «apart from faith», that is, those who, due to circumstances and varied motives, are foreigners to the Christian faith, because they have other beliefs, because they argue against it, because they have detached themselves or simply because they ignore it. The phrase «apart from faith» does not imply any value judgement. People «apart from faith» may, in reality, be really close to God and deeply connected to the Kingdom once they live within the spirit of bliss. And on the chance that they have distanced themselves from faith, it is maybe due to fair reasons, because faith, such as it was presented to them, was biased, false and didn't make them live. Distancing from the Christian profession of faith doesn't mean that God isn't close to everyone, that people are not «capable of God» and that they may not desire it.
  
- The phrase «in precise contexts» emphasises the complexity of and the socio-historical diversity of situations. The announcement of faith and the conversion to Gospel are never restricted to a connection «I»/ «you» but are always inscribed inside vaster contexts where multiple factors and performers intervene, whether they are personal or institutional. The announcement of the Gospel as the direction to faith must have the support of several cultural as well as ecclesiastical mediations.

### **The outset**

After explaining each one of the elements of the proposed definition let us proceed with our contemplation of the nature of «the first announcement» asking several questions on the subject of its outset. How, for whom, by whom, where is the first announcement manifested? What does it say and under which terms?

- *How* does the first announcement manifest itself? The varieties of the first announcement are multiple. It may take on the shape of *narrative* and *testimony* when the witness tells his/ her own story and creates the desire to believe. It may take on a *kerygmatic* shape once the witness presents the Christian faith briefly, intelligently, warmly all at once. On the contrary, it may take an *expository* shape; a catechism for adults or a theological work may provide a first contact with faith and stir the desire to believe. There is also a *dialogical* way of first announcement (or *apologetic*, in the positive sense of the word), in the framework of a debate, an exchange of arguments between people that question themselves together about the sense of life and try hard to account for their convictions. The first announcement may also have a *liturgical* shape; the Christian liturgy is often frequented by people that are apart from faith and it may have in them the effect of a first announcement. Lastly, there is yet a *cultural* shape of first announcement. To entertain, in the cultural field itself, the memory of Christianity, the traces of its story, its artistic patrimony, its ethical values, its treasure of spirituality, its philosophical and theological thought, it is also to allow the citizens to meet the Christian tradition again, to freely drink from it or even to make it their own.
  
- *For whom?* As it has been said above, those that are apart from faith are the receivers of the first announcement. But a receiver is also an interlocutor one listens to, one learns to know, who has the right to speak, with whom one establishes a friendly relationship. Also, the first announcement could not exist without a first listening, that is to say without the fundamental listening of the other, so that they may truly become an acknowledged person in the interlocution. In this sense, the witness must allow themselves to be taught by those they address and learn from them. Let us not forget, actually, the witness is always preceded by the Spirit of Christ resurrected, wherever they go. They are called upon to discern traces of the Spirit already spread over every flesh and to let themselves be evangelised by the very same they desire to evangelise. They must also distinguish between biased, false, mutilated representations of God that block or prevent faith in God, and according to which the Gospel may truly appear as a liberating first announcement. In this sense, the first announcement will usually be contemporary to a presentation of the depictions of God so that faith in the God of the Gospel may be possible, understandable and desirable beyond the images that may have shaded it, even deformed it, throughout history. Thus, the first

announcement will often pair up with a patient work of unlearning the deformed representations of God, so that the Gospel may appear truly and afresh as Good News.

- *By whom?* Who carries the first announcement? People, particular subjects, of course. If faith is a personal adhesion, how could it be passed on from one person to the other without a relationship? Today, more than ever, the personal meeting with significant witnesses is paramount for the first steps into faith. But also the communities are carriers of the first announcement through their style of life, their spirit, their gatherings, their celebrations, their projects and their commitments within the city. The ecclesiastical institutions as such are also responsible for the first announcement, not only through their speeches on the public square but also through their way of government and operation. The institutional operations are called upon to allow modelling by the evangelical spirit. The challenge, on this matter, today, is that people, communities and institutions may concur together, without distortion, to make faith possible, understandable and desirable on the eyes of our contemporaries.
  
- *Where?* Which are the places of the first announcement? On the first place, *ad extra*, these are the places of society: the places of life, proximity, rest, work, culture, education, the media. In these places, two pastoral challenges are presented. On the one side, one must favour a culture of debate, a culture of looking for an opening to dialogue and to difference in the common aim of a wider humanisation. On the other side, one must develop a cultural pastoral with the aim of keeping the Christian memory within the culture, so that the Christian tradition remains an available resource, an interrogation and a proposal offered to freedoms. *Ad intra*, the ecclesiastical places are also called upon to become places of first announcement on account that, or conformingly to the Gospel, they are permeable and warming for their social environment. Couldn't the celebrations of the Christian communities, their caritative or cultural activities, their humanitarian commitments, their spaces of education and sharing, open up in a deliberate and concerted way, to the supporters and every passing host, and this on the spirit of unconditional fraternity, without control or proselytism?
  
- The first announcement *of what?* This question concerns the content of the first announcement. Three parameters may intervene in the answers

to this question. First, the questioning of the other: which are these questions? And related to these questions, which are the contents of faith that should opportunely be presented first? Second parameter: what, in the Christian faith, speaks to me and makes me live and that I'd love to share and deserves first place? Third parameter: what comes first in the Christian message? Which are the essential statements of Christianity which condition a first and fair understanding of its message? On this subject, it isn't pointless, for the witness, to distinguish between Jesus' preaching and preaching about Jesus. Jesus' preaching was wholly centred on the beatitudes, on the kingdom of God that is near and on the acknowledgment that there is God our Father who allows us the greatest hopes. Preaching about Jesus is centred on the paschal mystery, on his death, his resurrection, his identity as the son of God and saviour of humanity. Neither preaching, of course, can be separated. One can be heard in the field of the other reciprocally: the paschal kerygma cannot be understood without Jesus' kerygma and action. Also, the witness must be able to closely articulate both, each time taking in consideration, according to circumstances, the best way to open up to the intelligence of the Christian message.

- *Under which conditions?* The condition of every first announcement is that it may not only be preceded, joined, followed by charity, but it may also, in its own enunciation, be an act of charity. The first imperative in life as followers of Christ is the tradition of charity: to care for the poor, to help those who suffer, to fight for justice, to commit to a more humane world, are a first demand that Christians are called upon to shoulder, in the name of their faith, as an ending in itself. Also that tradition of charity must open, render possible and give credit to the explicit announcement of the Gospel. The announcement of the Gospel is thus indissociable from the practice of charity. And it also is, in itself, an act of charity, because the witness, when announcing the gospel, gives the other, through love, the best they have. The witness does not testify, initially, to convert but, mostly, to freely convey the love he is given under the care of the Christ. In this sense, the first announcement doesn't aim at first to convert the other. It is, in itself and for itself, an act of charity towards the other. And if from this conversion is achieved, it will be as an expected addition, but within a logic of supplementary gratuity and happiness.

Let us finish by underlining the fact that the set of problems of the first announcement overflow, on all sides, the specific field of catechesis. It implies the ability of the whole ecclesiastical body to articulate the first announcement with the plurality of its forms. In this respect, we may appeal to a concerted implementation of a general pastoral of the first announcement.





## PARTICIPANTES DO CONGRESSO



A. Slavko Snoj  
Albertine Ilunga Nkulu  
Alfonso Francia  
Alojzije Hoblatj  
André Fossion  
Anna Królikowska  
Antonio Alcedo Ternero  
D. António Francisco Santos  
Antonio Scattolini  
Augusto Arruda Cabral  
Benoit Malvaux  
Carl-Mario Sultana  
Mons. Celso Iruzubieta  
Cesare Bissoli  
Ciro Sarnataro  
Cristina Sá Carvalho  
Daniel Denis  
Denis Villepelet  
Emilio Alberich  
Enzo Biemmi  
Flavio Pajer  
Franc Zorec  
Franca Feliziani  
Giancarla Barbon  
Guido Erbrich  
Guy Vanhoomissen  
Ilse Cornu  
James Gallagher

Janez Vodicar  
Jean-Claude Reichert  
Jesús Sastre García  
Joël Molinario  
Johan Van Der Vloet  
Jordi D'Arquer i Terrasa  
Jose Luis Quijano  
José Luis Saborido Cursach  
José Maria Pérez Navarro  
Joseph Nero  
Josip Baricevic  
Luciano Meddi  
Ludvik Drimal  
Luis Maria Benevides  
Luiza Ciupa  
Maria Ângela Baptista  
Maria Helena Calado  
Maria José Bruno  
Maria Luísa Paiva Boléo  
Maria Teresa Vicente Ramos  
Marie-Josée Thilmany  
Maurizio Viviani  
Mihaita Roca  
Nazar Duda  
Paulo Malícia  
Pawel Nowatkowski  
Peter Humfrey  
Ralph Sauer  
Regina Borschel  
René Camilleri  
Rinaldo Paganelli  
Rosangela Siboldi  
Salvatore Barbeta  
Salvatore Curro  
Serena Noceti  
Stanko Gerjolj  
Stijn Van den Bossche  
D. Tomaz Silva Nunes  
Ubaldo Montisci  
Walter Ruspi  
Werner Simon



